A SEQUÊNCIA DA SÉRIE INICIADA COM

EU SOU O NÚMERO QUATRO

O LIVRO QUE ORIGINOU O FILME

A VINGANÇA DOS SETE

PITTACUS LORE

intrínseca

OS LEGADOS DE LORIEN

LIVRO CINCO

P I T T A C U S L O R E

TRADUÇÃO DE JOANA FARO



Copyright © 2014 Pittacus Lore

TÍTULO ORIGINAL
The Revenge of Seven

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Marilia Lamas

FOTO DO AUTOR
Howard Huang

ARTE DA CAPA
Craig Shields

DESIGN DA CAPA
Ray Shappell

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-628-3

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br




intrínseca



OS EVENTOS NESTE LIVRO SÃO REAIS.

NOMES E LUGARES FORAM MODIFICADOS
PARA PROTEGER OS SEIS LORIENOS,
QUE CONTINUAM ESCONDIDOS.

OUTRAS CIVILIZAÇÕES REALMENTE EXISTEM.

E ALGUMAS QUEREM DESTRUIR VOCÊS.

CAPÍTULO UM

O PESADELO ACABOU. Quando abro os olhos, não há nada além da escuridão.

Estou em uma cama, disso eu sei, e não é a minha. O colchão enorme se molda perfeitamente a meu corpo, e por um instante me pergunto se meus amigos me levaram para uma cama maior na cobertura de Nove. Quando me espreguiço, meus pés e mãos não chegam nem à beirada da cama. O lençol que me cobre é mais escorregadio que macio, quase como se feito de plástico, e irradia calor. Noto que não é apenas calor, mas também uma vibração constante que alivia meus músculos doloridos.

Por quanto tempo dormi, e onde estou, afinal?

Tento me lembrar do que aconteceu, mas tudo o que vem à mente é minha última visão. Parece que passei dias em um pesadelo. Ainda sinto o fedor de borracha queimada de Washington. Nuvens de fumaça cobrindo a cidade, um lembrete da batalha travada ali. Ou da batalha que será travada ali, se a visão se tornar realidade.

As visões. Será que são um novo Legado? Nenhum dos outros tem Legados que os fazem acordar traumatizados. Será que são profecias? Ameaças enviadas por Setrákus Ra, como os sonhos que John e Oito tinham? Serão avisos?

Sejam o que forem, gostaria que parassem de acontecer.

Respiro fundo algumas vezes para me livrar do cheiro de Washington, embora saiba que é tudo imaginação. Pior que o cheiro é lembrar cada pequeno detalhe, até a expressão horrorizada de John quando me viu naquele palco com Setrákus Ra, condenando Seis à morte. Como eu, ele estava preso na visão. Eu estava impotente, detida entre Setrákus Ra, autonomeado regente da Terra, e...

Cinco. Ele está do lado dos mogadorianos! Preciso alertar os outros. Sento-me de repente, tonta — levantei rápido e cedo demais —, e pontos cor de ferrugem flutuam à minha frente. Pisco para afastá-los, com os olhos grudentos, a boca seca e a garganta dolorida.

Não estou mesmo na cobertura.

Meu movimento deve ter disparado algum sensor próximo, porque aos poucos as luzes do quarto vão ficando mais fortes, até o cômodo ficar banhado por um leve brilho vermelho. Olho em volta à procura da fonte de luz e descubro que pulsa de veios entrelaçados às paredes cromadas. Sinto um calafrio quando vejo que o quarto tem um aspecto funcional, severo, sem qualquer decoração. O cobertor fica mais quente, como se quisesse que eu voltasse para debaixo dele. Eu o empurro.

Estou em um lugar mogadoriano.

Rastejo pela cama imensa — maior que um SUV, grande o bastante para um ditador mogadoriano de três metros descansar com conforto — até meus pés descalços penderem sobre o piso de metal. Estou usando uma longa camisola cinza bordada com vinhas pretas e espinhentas. Estremeço ao pensar que me vestiram essa camisola e me deixaram aqui descansando. Podiam ter me matado, mas em vez disso colocam um pijama em mim? Na visão, eu estava sentada ao lado de Setrákus Ra. Ele me chamou de herdeira. O que significa? É por isso que ainda estou viva?

Não importa. O fato é que fui capturada. Eu sei. E agora, o que vou fazer?

Chego à conclusão de que os mogs devem ter me transferido para uma de suas bases. Só que este quarto não se parece com as terríveis e minúsculas celas que Nove e Seis descreveram depois de sua captura. Não, esta deve ser a distorcida ideia de hospitalidade dos mogadorianos. Estão tentando cuidar de mim.

Setrákus Ra quer que eu seja tratada mais como hóspede que como prisioneira. Porque, um dia, deseja que eu comande a seu lado. Ainda não entendo a razão, mas só estou viva por causa disso.

Ah, não. Se estou aqui, o que aconteceu com os outros em Chicago?

Minhas mãos começam a tremer e lágrimas ardem em meus olhos. Tenho que escapar. E preciso fazer isso sozinha.

Então deixo o medo de lado. Deixo de lado as persistentes visões de uma Washington dizimada. Deixo de lado a preocupação com meus amigos. Deixo tudo de lado. Preciso ser uma tela em branco, como era quando lutei pela primeira vez com Setrákus no Novo México, como era durante as sessões de treinamento com os outros. Acho mais fácil ser corajosa quando não tenho que pensar nisso. Se agir por instinto, talvez consiga.

Corra, imagino Crayton dizendo. *Corra até eles ficarem cansados demais para persegui-la.*

Preciso de algo para usar contra eles. Olho em volta em busca de qualquer coisa que possa servir como arma. Ao lado da cama há um criado-mudo metálico, o único outro móvel do quarto. Os mogs deixaram para mim um copo d’água que não sou idiota de beber, embora esteja morta de sede. Ao lado do copo há um livro muito grosso com a capa de couro escorregadio que lembra pele de cobra. A tinta da capa parece chamuscada, e as palavras são fundas e ásperas nas extremidades como se tivessem sido impressas com ácido em vez de tinta.

O título é *O Grande Livro do Progresso Mogadoriano*, inesperadamente em inglês. Sob ele há uma série de formas angulosas e marcas confusas que presumo

serem a língua mogadoriana.

Pego o livro e o abro. Cada página é dividida ao meio, inglês de um lado e mogadoriano do outro.

Eu me pergunto se esperam que eu leia.

Fecho o livro com força. O importante é que é pesado e posso usá-lo como arma. Não vou transformar nenhum guarda mogadoriano em uma nuvem de cinzas, mas é melhor que nada.

Saio da cama e vou até o que presumo ser uma porta. É um painel retangular cortado na parede laminada, mas não há maçaneta ou botões.

Na ponta dos pés, ando até a porta, imaginando como vou abri-la, e escuto um zumbido vindo de dentro da parede. Deve ser um sensor de movimento, como o das luzes, porque a porta se ergue assim que me aproximo, desaparecendo teto adentro.

Não paro para me perguntar por que não estou trancada. Segurando com força o livro mogadoriano, saio para um corredor tão frio e metálico quanto o quarto.

— Ah — diz uma voz feminina. — Você acordou.

Em vez de guardas, uma mogadoriana está sentada em um banco do lado de fora de meu quarto, obviamente me esperando. Acho que nunca tinha visto uma mog do sexo feminino antes, e sem dúvida nunca vi alguém como ela. Com rugas na pele clara ao redor dos olhos, por incrível que pareça a mog de meia-idade tem uma aparência inofensiva, com seu vestido longo de gola alta, semelhante a algo que uma das irmãs usaria em Santa Tereza. Sua cabeça está raspada, com exceção de duas tranças pretas compridas na parte de trás do crânio, e o restante do couro cabeludo é coberto por uma elaborada tatuagem. Em vez de ser desagradável e cruel como os mogs com quem já lutei, ela é quase elegante.

Paro diante dela, sem saber o que fazer.

A mog olha de relance para o livro que estou segurando e sorri.

— E pronta para começar seus estudos, pelo que vejo — diz ela, levantando-se. A mog é alta, esguia e lembra um pouco uma aranha.

Parada diante de mim, ela se inclina em uma elaborada mesura.

— Senhora Ella, serei sua instrutora enquanto...

Assim que ela baixa a cabeça o suficiente, bato com o livro em seu rosto com toda a força.

O golpe a pega de surpresa, o que acho estranho, porque todos os mogs que já encontrei estavam prontos para lutar. Ela solta um grunhido e cai no chão, fazendo esvoaçar o tecido de seu vestido sofisticado.

Não paro para ver se a fiz perder os sentidos ou se ela está tirando uma arma

de algum compartimento secreto da roupa. Corro sem saber para onde, lançando-me pelo corredor o mais rápido possível. Meus pés descalços ardem por causa do chão de metal, e meus músculos começam a doer, mas ignoro o incômodo. Tenho que sair daqui.

Pena que as bases secretas mogadorianas nunca têm uma placa indicando a saída.

Faço uma curva, depois outra, disparando por corredores quase idênticos. Agora que escapei, espero ouvir sirenes tocando, mas nada acontece. Também não ouço pesados passos mogadorianos atrás de mim.

Quando estou começando a ficar cansada e pensando em diminuir o ritmo, uma porta se abre à direita e dois mogadorianos saem. Esses são mais parecidos com os que estou acostumada — corpulentos, usando uniformes de combate pretos e me encarando com olhos pequenos. Contorno-os correndo, embora nenhum dos dois faça qualquer tentativa de me pegar. Na verdade, tenho a impressão de ouvir um deles rir.

O que está acontecendo aqui?

Consigo sentir os dois soldados mogs me observando correr, então me enfio no primeiro corredor que vejo. Não sei se estou andando em círculos ou o quê. Não há qualquer luz do sol ou barulho exterior, nada que indique que estou me aproximando de uma saída. Não parece que os mogs sequer se importam com o que faço, como se soubessem que não tenho chance de escapar.

Diminuo o ritmo para recuperar o fôlego, percorrendo com cuidado esse último corredor estéril. Ainda estou segurando o livro — minha única arma — com força, e começo a ter cãibra nas mãos. Eu as balanço e saio correndo.

À frente, uma ampla arcada se abre com um zumbido hidráulico; é diferente das outras portas, mais larga, e há estranhas luzes cintilantes do outro lado.

Luzes cintilantes, não. Estrelas.

Quando passo por baixo da arcada, o teto de metal dá lugar a uma bolha de vidro, a sala totalmente aberta, quase como um planetário. Só que real. Vários consoles e computadores saem do chão — talvez o lugar seja uma espécie de sala de controle —, mas os ignoro, atraída pela vista vertiginosa da extensa janela.

Escuridão. Estrelas.

A Terra.

Agora entendo por que os mogadorianos não me perseguiram. Sabem que não tenho para onde ir.

Estou no espaço.

Eu me aproximo do vidro, pressionando as mãos sobre ele. Sinto o vazio do lado de fora, o interminável e gélido vácuo do espaço entre mim e a orbe azul

flutuante a distância.

— Glorioso, não é?

Sua voz estrondosa é como um balde de água fria. Viro-me e forço as costas contra o vidro, sentindo que o vazio atrás de mim deve ser melhor que encará-lo.

Setrákus Ra está atrás de um dos painéis de controle, observando-me com uma sugestão de sorriso no rosto. A primeira coisa que noto é que ele não está tão grande quanto estava quando o combatemos na base de Dulce. Mesmo assim, Setrákus Ra é alto e imponente, com o grande corpo coberto por um austero uniforme preto, guarnecido e decorado com várias medalhas mogadorianas. Três pingentes lóricos, que ele tirou dos Gardes mortos, pendem de seu pescoço, emanando um sutil brilho cobalto.

— Vejo que já pegou meu livro — diz ele, indicando minha clava do tamanho de um dicionário. Não tinha percebido que o estava segurando contra o peito. — Embora não da forma que eu esperava. Por sorte, sua tutora não ficou gravemente ferida...

De repente, em minhas mãos, o livro começa a soltar um brilho vermelho, assim como o fragmento que peguei na base de Dulce. Não sei como estou fazendo isso, ou sequer se sou eu que estou fazendo.

— Ah — diz Setrákus Ra, observando com a sobrancelha erguida. — Muito bem.

— Vá para o inferno! — grito, e jogo o livro brilhante nele.

Antes que o livro chegue perto de atingi-lo, Setrákus Ra ergue a imensa mão e o para no ar. Vejo o brilho com que infundi o objeto desaparecer aos poucos.

— Ora, ora — repreende ele. — Acho que já chega.

— O que quer de mim? — grito, com lágrimas frustradas enchendo meus olhos.

— Você já sabe — responde ele. — Eu lhe mostrei o que está por vir. Assim como um dia mostrei a Pittacus Lore.

Setrákus Ra aperta alguns botões no painel de controle diante de si e a nave começa a se mover. Aos poucos, a Terra, parecendo ao mesmo tempo incrivelmente distante e tão próxima que eu poderia esticar a mão e tocá-la, flutua por meu campo de visão.

Percebo que não estamos indo em direção a ela; estamos girando sem sair do lugar.

— Você está a bordo da *Anúbis* — entoa Setrákus Ra, com um toque de orgulho na voz áspera. — A capitânia da frota mogadoriana.

Quando a nave completa a volta, eu perco o ar. Estendo a mão e pressiono-a contra o vidro para me apoiar, com os joelhos repentinamente fracos.

Do lado de fora, orbitando a Terra, está a frota mogadoriana. Centenas de

naves — a maioria longa e prateada, mais ou menos do tamanho de um pequeno avião, iguais às que a Garde descreveu já ter enfrentado. Mas entre elas há pelo menos vinte enormes naves de guerra que fazem as demais parecerem pequenas — vultuosas e ameaçadoras, com canhões giratórios emergindo de suas estruturas angulosas, cravados no incauto planeta abaixo.

— Não — sussurro. — Isto não pode estar acontecendo.

Setrákus Ra se aproxima, e estou chocada demais pela visão desesperadora para me mover. Com suavidade, ele cobre meu ombro com a mão. Sinto a frieza de seus dedos pálidos através da camisola.

— Chegou a hora — diz ele, olhando a frota comigo. — Enfim, a Grande Expansão chegou à Terra. Vamos comemorar juntos o progresso mogadoriano, minha neta.

CAPÍTULO DOIS

DA JANELA QUEBRADA do segundo andar de uma fábrica abandonada de tecidos, observo um velho de sobretudo puído e calça jeans suja se agachar na porta do prédio fechado com tábuas do outro lado da rua. Quando se acomoda, o homem tira do casaco uma garrafa dentro de um saco de papel e começa a beber. Metade da tarde já se passou — estou de vigia —, e ele é a única pessoa que vi nesta parte abandonada de Baltimore desde que chegamos aqui ontem. O lugar é silencioso e deserto, e ainda assim é melhor que a versão de Washington da visão de Ella. Ao menos por enquanto, não parece que os mogadorianos nos seguiram de Chicago.

Ainda que, em teoria, não seja preciso. Já existe um entre nós.

Atrás de mim, Sarah bate o pé. Estamos no que um dia foi o escritório do capataz, com poeira para todo lado e tábuas do piso inchadas e mofadas. Eu me viro bem a tempo de vê-la franzindo a testa para os restos de uma barata sob seu tênis.

— Cuidado. O chão pode desabar — digo a ela, não inteiramente de brincadeira.

— Acho que seria pedir demais que todas as bases secretas de vocês fossem em coberturas, não é? — pergunta Sarah, encarando-me com um sorriso irônico.



Passamos a noite nessa velha fábrica, com os sacos de dormir sobre o piso de tábuas afundadas. Ambos estamos imundos, já faz alguns dias que tomamos nosso último banho de verdade, e o cabelo louro de Sarah está visivelmente sujo. Continuo achando-a linda. Sem ela a meu lado, talvez eu tivesse perdido a cabeça depois do ataque em Chicago, quando os mogs sequestraram Ella e destruíram a cobertura.

Faço uma careta ao me lembrar disso, e o sorriso de Sarah some de imediato. Afasto-me da janela e vou até ela.

— Essa falta de informações está me matando — digo, balançando a cabeça. — Não sei o que fazer.

Sarah toca meu rosto, tentando me consolar.

— Pelo menos sabemos que não vão machucar Ella. Não se a sua visão estiver certa.

— É — desdenho. — Só vão fazer uma lavagem cerebral e transformá-la em uma traidora como...

Eu me calo, pensando em nossos amigos desaparecidos e no vira-casaca com quem viajaram. Ainda não tivemos notícias de Seis e dos outros, não que seja fácil entrarem em contato conosco. Todas as suas arcas estão aqui e, presumindo que pudessem tentar se comunicar conosco por métodos mais tradicionais, não saberiam onde nos encontrar, já que tivemos que fugir de Chicago.

Só sei que tenho uma nova cicatriz na perna, a quarta desse tipo. Não dói mais. No entanto parece um peso. Se a Garde tivesse ficado separada, se não tivéssemos desfeito o feitiço lórico, essa quarta cicatriz teria simbolizado minha morte. Em vez disso, um de meus amigos morreu na Flórida, e não sei como, quem ou o que aconteceu com os outros.

Sinto que Cinco ainda está vivo. Ele estava ao lado de Setrákus Ra na visão de Ella, um traidor. Deve ter feito os outros caírem em uma armadilha e agora um deles não vai voltar. Seis, Marina, Oito, Nove — alguém se foi.

Sarah envolve minha mão com a sua, massageando-a, tentando aliviar um pouco da tensão.

— Não consigo parar de pensar naquela visão... — digo, sem terminar a frase. — Tínhamos perdido, Sarah. E agora parece que está mesmo acontecendo. Como se este fosse o começo do fim.

— Isso não significa nada e você sabe disso — responde Sarah. — Por exemplo, o Oito. Ele não tinha algum tipo de profecia de morte? E sobreviveu.

Franzo a testa, sem dizer o óbvio, que Oito pode ter morrido na Flórida.

— Sei que as coisas parecem ruins — continua Sarah. — E, quer dizer, realmente estão, John. Claro.

— Belo incentivo.

Ela aperta minha mão, com força, e arregala os olhos para mim como quem diz *cale a boca*.

— Mas quem está na Flórida é da Garde — continua ela. — Eles vão lutar, vão continuar em frente, e vão vencer. Você precisa acreditar, John. Durante seu coma em Chicago, não desistimos de você. Continuamos lutando e valeu a pena. Quando parecia que tínhamos perdido, você nos *salvou*.

Penso no estado de meus amigos quando enfim acordei em Chicago. Malcolm estava fatalmente ferido, e Sarah, muito machucada. Sam estava quase sem munição e Bernie Kosar, desaparecido. Tinham arriscado tudo por mim.

— Vocês me salvaram primeiro — respondo.

— É, óbvio. Então retribua o favor e salve nosso planeta.

Ela diz isso como se não fosse nada de mais, o que me faz sorrir. Puxo Sarah para perto e a beijo.

— Eu amo você, Sarah Hart.

— Também amo você, John Smith.

— Hã, também amo vocês...

Eu e Sarah nos viramos e vemos Sam parado na porta com um sorriso constrangido no rosto. Acomodado em seus braços está um enorme gato laranja, um dos seis Chimæra que nosso novo amigo mogadoriano trouxe consigo, atraídos até nós pelos uivos de Bernie Kosar no telhado. Ao que parece, a galha que BK pegou da arca de Oito era algum tipo de totem para Chimæra usado para guiá-los até nós, como um apito lórico para cachorros. Quando partimos para Baltimore, usamos estradas secundárias, sempre nos certificando de que não estávamos sendo seguidos. A viagem na van superlotada nos deu tempo bastante para pensar em nomes para nossos novos aliados. Sam insistiu que chamássemos esse Chimæra de Stanley, em homenagem ao antigo alter ego de Nove, por causa de sua preferência pelo aspecto de um gato gordo como forma habitual. Se ainda estiver vivo, tenho certeza de que Nove vai adorar ver um gato gordo com uma afeição evidente por Sam batizado com seu nome.

— Desculpe — diz Sam. — Estraguei o momento?

— De jeito nenhum — responde Sarah, estendendo um dos braços para Sam. — Abraço de grupo?

— Talvez depois — diz Sam, olhando para mim. — Os outros voltaram e estão arrumando tudo lá embaixo.

Relutante, solto Sarah e vou até nossa sacola de suprimentos para checar o que temos.

— Tiveram algum problema?

Sam balança a cabeça.

— Precisaram se conformar com uns poucos geradores para acampamento. Não tinham dinheiro para algo grande. Enfim, deve ser energia suficiente.

— E quanto à vigilância? — pergunto, tirando da sacola o tablet localizador branco e seu carregador.

— Adam disse que não viu nenhum mensageiro mog — responde Sam.

— Bom, se existe alguém que sabe identificá-los, é ele — comenta Sarah.

— É verdade — respondo sem convicção, ainda desconfiado desse suposto bom mogadoriano, embora ele não tenha feito nada além de nos ajudar desde que apareceu em Chicago. Mesmo agora, enquanto ele e Malcolm montam nossos eletrônicos novos no chão da fábrica lá embaixo, tenho uma vaga sensação de inquietude por estar tão próximo de um deles. Mas reprimo essa sensação. — Vamos.

Descemos com Sam por uma escada em espiral enferrujada e chegamos ao andar da fábrica em si. O lugar deve ter sido fechado às pressas, porque ainda há prateleiras com ternos masculinos bolorentos ao estilo anos 1980 nas paredes e caixas com algumas capas de chuva abandonadas em esteiras rolantes.

Um Chimæra em forma de golden retriever que Sarah insistiu que chamássemos de Biscuit entra em nosso caminho com a manga rasgada de um terno entre os dentes, no meio de um cabo de guerra com Dust, o husky cinzento. Outro Chimæra, Gamera, que Malcolm batizou por causa de um monstro de filme de terror, vai atrás, mas tem dificuldade de acompanhá-los em forma de tartaruga. Os dois outros Chimæra — um gavião que batizamos de Regal e um guaxinim magro que nomeamos Bandit — observam a brincadeira de uma das esteiras rolantes desligadas.

É um alívio vê-los brincando. Os Chimæra não estavam em boas condições quando Adam os libertou dos experimentos mogadorianos, e ainda não iam muito bem quando os levou para Chicago. Foi um processo lento, mas consegui usar meu Legado de cura para ajudá-los. Havia algo dentro deles, algo mogadoriano, que parecia estar resistindo a meus poderes. Fez até meu Lúmen se acender brevemente, algo que nunca tinha acontecido quando estava usando a cura. Mas, no fim, meu Legado eliminou qualquer coisa que os mogs tivessem feito.

Eu nunca tinha usado o Legado de cura em um Chimæra. Por sorte funcionou, porque naquela noite um deles estava em um estado ainda pior que todos os nossos novos amigos.

— Você viu BK? — pergunto a Sam, procurando-o pelo ambiente. Eu o encontrei no telhado do John Hancock Center, ferido pelo fogo das armas mogadorianas, prestes a morrer. Usei a cura nele, rezando para que funcionasse. Embora esteja melhor agora, ainda o estou observando, provavelmente porque o destino de tantos dos nossos outros amigos é desconhecido.

— Ali — responde Sam, apontando.

Em uma das extremidades do ambiente, junto a uma parede coberta de pichações, há três enormes cestos de roupa suja transbordando com calças cáqui. É no topo de uma dessas pilhas que Bernie Kosar descansa, parecendo cansado das brincadeiras de Biscuit e Dust. Apesar da cura, ele ainda está fraco por causa da luta de Chicago — e também sem um pedaço de uma das orelhas —, mas com a telepatia animal sinto emanar dele uma espécie de satisfação enquanto observa os outros Chimæra. Quando BK nos vê entrar, levanta nuvens de poeira da pilha de roupas velhas ao abanar o rabo.

Sam coloca Stanley no chão, e o gato anda devagar até a pilha de roupas onde BK está, acomodando-se no que imagino ser a área oficial de cochilo dos Chimæra.

— Nunca achei que teria meu próprio Chimæra — diz Sam. — Muito menos meia dúzia deles.

— E eu nunca imaginei que trabalharia com um *deles* — respondo, pousando

o olhar sobre Adam.

No centro do andar há bancadas de aço parafusadas ao chão. Adam e o pai de Sam, Malcolm, estão montando o equipamento de computação que acabaram de comprar depois de trocar alguns de meus parcos suprimentos de pedras lóricas. Como não há eletricidade nesta velha fábrica, tiveram que comprar pequenos geradores a pilha para os três laptops e o modem portátil. Observo Adam conectar uma das baterias de laptop — a pele morbidamente pálida, o cabelo preto liso e os traços angulosos lhe dão uma aparência um pouco mais humana que a dos mogadorianos em geral — e lembro a mim mesmo que ele está do nosso lado. Sam e Malcolm parecem confiar nele; além disso, ele tem um Legado, o poder de criar ondas de choque, que herdou de Um. Se eu não o tivesse visto usar o Legado com meus próprios olhos, não sei se consideraria possível. Parte de mim quer acreditar, talvez até precise acreditar, que um mog não conseguiria simplesmente roubar um Legado, que ele tem que merecê-lo. Que isso aconteceu por uma razão.

— Olhe por esse lado — sussurra Sam quando vai até os outros. — Humanos, lorienos, mogs... temos o primeiro encontro das Nações Unidas Intergalácticas aqui. É um acontecimento histórico.

Solto um som de desdém e vou até o laptop que Adam acabou de conectar. Ele me dá uma olhada e provavelmente detecta alguma coisa — talvez eu não esteja escondendo muito bem meus sentimentos conflitantes — porque baixa os olhos e se afasta, abrindo espaço para mim e indo para o laptop seguinte. Ele mantém os olhos fixos na tela, digitando com rapidez.

— Como foi? — pergunto.

— Conseguimos a maior parte dos equipamentos necessários — responde Malcolm enquanto mexe em um roteador sem fio. Mesmo com a barba começando a ficar muito malcuidada, Malcolm parece mais saudável do que quando o conheci. — E aqui? Alguma novidade?

— Nada — digo, balançando a cabeça. — Seria preciso um milagre para a Garde que está na Flórida nos localizar. E Ella...

Fico esperando que sua voz apareça em minha cabeça e me diga para onde a levaram, mas ela não fez contato.

— Ao menos saberemos onde estão os outros quando o tablet for conectado — diz Sarah.

— Com os equipamentos que compramos, acho que podemos invadir a rede telefônica do John Hancock — sugere Malcolm. — Assim, se tentarem ligar da estrada, podemos interceptar a chamada.

— Boa ideia — respondo, conectando o tablet de localização branco ao laptop e esperando que se ligue.

Malcolm ajeita os óculos no nariz e pigarreia.

— Na verdade, foi ideia do Adam.

— Ah — respondo, mantendo a voz neutra.

— É uma boa ideia — comenta Sarah. Ela se aproxima de Malcolm e começa a mexer no terceiro laptop, indicando com um olhar que eu deveria tentar dizer algo simpático a Adam. Como não o faço, um silêncio constrangedor cai sobre o grupo. Houve muitos silêncios como esse desde que deixamos Chicago.

Antes de o clima ficar estranho demais, o tablet se liga. Sam olha por cima de meu ombro.

— Eles ainda estão na Flórida — diz.

Apareço como um ponto solitário no tablet, pulsando na Costa Leste, e quilômetros ao sul há quatro pontos representando os Gardes sobreviventes. Três deles estão agrupados, sobrepondo-se em um borrão brilhante, enquanto um quarto está a uma curta distância. No mesmo instante, possibilidades para esse ponto isolado começam a passar por minha cabeça. Um de nossos amigos foi capturado? Tiveram que se separar depois de ser atacados? Aquele seria Cinco, afastado dos outros? Isso prova que ele é um traidor, como mostrou minha visão?

Sou distraído desses pensamentos pelo quinto ponto no tablet, literalmente a um oceano de distância. Esse paira sobre o Pacífico, um pouco menos brilhante que os outros.

— Deve ser Ella — digo, com a testa franzida. — Mas como...

Nem termino a pergunta e o ponto de Ella pisca e desaparece. Um segundo depois, antes que eu consiga sequer processar meu pânico, Ella reaparece, agora pairando sobre a Austrália.

— O que é isso? — pergunta Sam, olhando por cima de meu ombro.

— Está se movendo muito rápido — digo. — Talvez a estejam transportando para algum lugar.

O ponto some outra vez, depois ressurge em uma localização absurda sobre a Antártica, quase fora da tela do tablet. Nos segundos seguintes, o ponto some e aparece, ricocheteando pelo mapa. Bato na lateral do tablet com a palma da mão, frustrado.

— Estão interferindo no sinal de algum jeito — digo. — Não temos nenhuma chance de encontrá-la enquanto estiver assim.

Sam aponta para os outros agrupados na Flórida.

— Se fossem machucar Ella, já não teriam machucado?

— Setrákus Ra a quer — diz Sarah, olhando para mim. Contei a todos sobre o cenário de pesadelo em Washington e sobre Ella no comando ao lado de

Setrákus Ra. Ainda é difícil para qualquer um de nós acreditar, mas ao menos isso nos dá uma vantagem. Sabemos o que Setrákus Ra quer.

— Detesto deixá-la lá — digo em um tom sombrio. — Mas não acho que ele vá machucá-la. Por enquanto.

— Pelo menos sabemos onde estão os outros — insiste Sam. — Precisamos ir até lá antes que outra pessoa...

— Sam está certo — decido, motivado pela sensação angustiante de que um daqueles pontos pode se apagar a qualquer momento. — Eles podem precisar de nossa ajuda.

— Acho que seria um erro — diz Adam. Sua voz é hesitante, mas ainda guarda suficiente aspereza mog para fazer meus punhos se fecharem como reflexo. Não estou acostumado à presença deles.

Eu me viro para encará-lo.

— O que você disse?

— Um erro — repete ele. — É previsível, John. É uma atitude reativa. Por isso meu povo sempre alcança vocês.

Sinto meu maxilar se movendo, tentando formar uma resposta, mas, acima de tudo, só quero socar a cara dele. Estou a ponto de dar um passo à frente quando Sam coloca a mão em meu ombro.

— Calma — diz ele em voz baixa.

— Quer que fiquemos aqui sentados sem fazer nada? — pergunto a Adam, tentando manter a calma. Sei que deveria escutá-lo, mas essa situação toda está me fazendo sentir encurralado. E agora devo ouvir o conselho de um cara cuja espécie tem me caçado a vida inteira?

— Claro que não — responde Adam, olhando para mim com aqueles olhos mogadorianos cor de carvão.

— Então o que devemos fazer? — disparo. — Me dê uma boa razão para não irmos à Flórida.

— Darei duas — responde Adam. — Primeiro, se o restante da Garde estiver em perigo ou tiver sido capturada, como você suspeita, a sobrevivência deles depende de atraí-lo. Só são úteis como isca.

— Está dizendo que pode ser uma armadilha? — pergunto por entre os dentes.

— Se tiverem sido capturados, sim, claro que é uma armadilha. Por outro lado, se estiverem livres, de que vai servir sua intervenção heroica? Eles não são todos muito bem-treinados e perfeitamente capazes de se livrar de problemas?

O que posso dizer diante disso? Não? Seis e Nove, as duas pessoas mais duronas que conheço, não são capazes de escapar de Flórida e nos rastrear? Mas e se estiverem nos esperando aparecer para buscá-los? Balanço a cabeça, ainda

com vontade de esganar Adam.

— Então o que devemos fazer enquanto isso? — pergunto. — Ficar aqui sentados e esperar por eles?

— Não podemos fazer isso — interrompe Sam. — Não podemos abandoná-los sem mais nem menos. Eles não têm como nos encontrar.

Adam vira seu laptop para me mostrar a tela.

— Depois de raptar Ella e matar o Garde na Flórida, meu povo vai acreditar que os fez fugir de novo. Não vão esperar um contra-ataque.

No laptop, Adam abriu fotos de satélite de parte do subúrbio. Parece um condomínio rico qualquer. Quando olho com um pouco mais de atenção, noto uma quantidade paranoica de câmeras de segurança no imponente muro de pedra que contorna toda a propriedade.

— Esta é Ashwood Estates, perto de Washington — continua Adam. — É o lar da elite mogadoriana designada para a América do Norte. Com a unidade de Plum Island destruída e os Chimæra recuperados, acho que devemos focar o ataque aqui.

— E quanto à base nas montanhas de West Virginia? — pergunto.

Adam balança a cabeça.

— É uma instalação exclusivamente militar, mantida fora de vista para que as forças de meu povo possam se concentrar lá. Teríamos dificuldade em derrubá-la agora. E, de qualquer forma, o verdadeiro poder, os mogadorianos nascidos naturalmente — os líderes — moram em Ashwood.

Malcolm pigarreia.

— Tentei transmitir tudo o que você me contou sobre os nascidos naturalmente, Adam. Mas talvez seja melhor você mesmo explicar.

Ele olha para nós um pouco apreensivo.

— Não sei por onde começar.

— Pode pular todo o discurso de passarinhos e abelhinhas mogadorianos — diz Sam, e eu reprimo um sorriso.

— Tem a ver com linhagens, não é? — digo, estimulando-o.

— Sim. Os nascidos naturalmente são as linhagens puras. Mogadorianos nascidos de pais mogadorianos. Como eu — diz Adam, e seus ombros se curvam um pouco. Seu status de nascido naturalmente não é grande motivo de orgulho. — Os outros, nascidos artificialmente, são os soldados com os quais vocês lutaram na maioria das vezes. Não nascem, são cultivados graças à ciência de Setrákus Ra.

— É por isso que se desintegram? — pergunta Sarah. — Porque não são, tipo, mogs de verdade?

— Eles são criados para o combate, não para enterros — responde Adam.

— Não parece uma vida muito boa — digo. — Vocês, mogs, idolatram Setrákus Ra por *isso*?

— Segundo as histórias do Grande Livro, nosso povo estava quase extinto antes da chegada do suposto Adorado Líder. Os nascidos artificialmente e a pesquisa genética de Setrákus Ra salvaram nossa espécie. — Adam faz uma pausa, e um sorriso de escárnio se forma enquanto ele reflete sobre o que acabou de dizer. — Mas foi Setrákus Ra que escreveu o Grande Livro, então quem sabe?

— Fascinante — diz Malcolm.

— Sim, sem dúvida é mais sobre a reprodução mogadoriana do que eu queria saber — digo, voltando-me para o laptop. — Se esse lugar está cheio de mogs importantes, não será muito bem-defendido?

— Haverá guardas, mas não o suficiente para fazer a diferença — responde ele. — Vocês precisam entender que meu povo se sente seguro ali. Estão acostumados a ser os caçadores, não a caça.

— E então? — continuo. — Matamos alguns mogs nascidos naturalmente e só? Que diferença isso faz?

— Qualquer baixa entre a liderança de nascidos naturalmente terá um grande impacto nas operações mogadorianas. Os nascidos artificialmente não sabem comandar a si mesmos. — Adam percorre com o dedo os gramados imaculados de Ashwood Estates. — Além disso, há túneis sob essas casas.

Malcolm vem para nosso lado da mesa, cruzando os braços enquanto observa as imagens.

— Achei que você tivesse destruído esses túneis, Adam.

— Eu os danifiquei, sim — responde Adam. — Mas eles vão muito além das salas onde estávamos. Nem eu sei ao certo o que podemos encontrar lá embaixo.

Sam olha de Adam para o pai.

— Foi aí que...?

— Foi onde me prenderam — responde Malcolm. — Onde extraíram minhas lembranças. E onde Adam me salvou.

— Talvez pudéssemos achar um jeito de recuperar suas lembranças — diz Adam, parecendo querer ajudar Malcolm. — Se o equipamento não estiver muito danificado.

O que Adam está dizendo faz sentido, mas não consigo me forçar a admitir. Passei a vida inteira fugindo e me escondendo de mogadorianos, lutando contra eles, matando-os. Eles me tiraram tudo. E agora aqui estou eu, fazendo planos de batalha ao lado de um deles. Não me parece certo. Sem contar que estamos conversando sobre um ataque direto a um complexo mogadoriano sem nenhum Garde para me dar cobertura.

Como se tivesse aproveitado a deixa, Dust se aproxima e se senta perto dos

pés de Adam. Ele se abaixa e coça as orelhas de Dust, distraído.

Se os animais confiam nele, eu não deveria fazer o mesmo?

— O que quer que encontremos naqueles túneis... — continua Adam, provavelmente sabendo que não estou convencido. — Tenho certeza de que vai fornecer informações valiosas sobre os planos deles. Se seus amigos tiverem sido capturados ou estiverem sendo seguidos, saberemos quando eu acessar os sistemas mogadorianos.

— E se algum deles morrer enquanto estivermos nessa sua missão? — pergunta Sam, com a voz falhando um pouco diante da ideia. — E se morrerem porque não os resgatamos quando tivemos a oportunidade?

Adam faz uma pausa, refletindo.

— Sei que deve ser difícil para vocês — diz ele, olhando de mim para Sam. — Admito que é um risco calculado.

— Risco calculado — repito. — Você está falando de nossos amigos.

— Sim — responde Adam. — E estou tentando ajudar a mantê-los vivos.

Claro, sei que Adam está realmente tentando ajudar. Mas estou tenso. Fui criado para não confiar na raça dele. Antes de me dar conta do que estou fazendo, dou um passo em sua direção e encosto um dedo em seu peito.

— É melhor isso valer a pena — digo a ele. — E se alguma coisa acontecer na Flórida...

— Vou assumir a responsabilidade — responde ele. — Vai ser culpa minha. Se eu estiver errado, John, você pode me matar.

— Se você estiver errado, acho que não vou precisar — digo, encarando-o. Adam não desvia os olhos.

Sarah assobia alto entre os dedos, chamando a atenção de todos.

— Se pudermos dar um tempo na pose de machão por um segundo, acho que vocês deviam ver isto.

Contorno Adam, dizendo a mim mesmo para me acalmar, e olho por cima do ombro de Sarah para o site que ela abriu.

— Eu estava olhando notícias sobre Chicago e achei isto — explica ela.

É um site legal, com exceção das manchetes todas em maiúsculas e da quantidade de GIFs de discos voadores atravancando as barras laterais. As matérias listadas em Mais Populares, cujos links são de um verde-neon que imagino ter a intenção de parecer alienígena, incluem: MOGADORIANOS ENFRAQUECEM O GOVERNO e PROTETORES LORIENOS OBRIGADOS A SE ESCONDER. A página que Sarah abriu tem uma foto do incêndio no John Hancock Center e a manchete ATAQUE MOG EM CHICAGO: ESSA É A HORA ZERO?.

O site se chama *Eles Estão Entre Nós*.

— Ah, meu Deus — resmunga Sam, juntando-se ao aglomerado ao redor do computador de Sarah. — Esses malucos.

— O que é isso? — pergunto a Sarah, tentando ler a matéria na tela.

— Antigamente esses caras só se interessavam por zines antiquadas em preto e branco — diz Sam. — Agora estão na internet? Não sei se isso os torna melhores ou piores.

— Os mogs os mataram — comento. — Como é que isso ainda existe?

— Acho que há um novo editor — diz Sarah. — Vejam isto.

Sarah clica nos arquivos do site, voltando à primeira matéria postada. A manchete diz ATAQUE NA PARADISE HIGH SCHOOL É COMEÇO DE INVASÃO ALIENÍGENA. Abaixo há uma foto pixelada de celular da destruição do campo de futebol americano da escola. Passo os olhos pela matéria. O nível de detalhes é impressionante. É como se quem quer que tenha escrito estivesse lá conosco.

— Quem é JollyRoger182? — pergunto, vendo o autor da postagem.

Sarah olha para mim com um sorriso estranho, de confusão misturada com algo semelhante a orgulho.

— Você vai achar que estou louca — diz ela.

— Afinal, o que é Jolly Roger? — pergunta Sam, pensando alto. — A bandeira pirata?

— Sim — responde Sarah, assentindo. — Como a do time Paradise High Pirates. Cujo antigo quarterback é uma das únicas pessoas fora de nosso grupo que sabe o que aconteceu na escola.

Arregalo os olhos para Sarah.

— Não pode ser.

— Sim, pode — reponde ela. — Acho que JollyRoger182 é Mark James.

CAPÍTULO TRÊS

— SUPÕE-SE QUE OS mogadorianos e seus camaradas dos ramos corruptos da agência de Segurança Nacional travaram uma longa batalha no Novo México contra a heroica Garde — lê Sam em voz alta. — Minhas fontes acreditam que os mogadorianos foram forçados a se retirar depois que seu líder foi ferido. A localização da Garde permanece desconhecida.

— Ele acertou em cheio — diz Malcolm, virando-se para mim. — Mas onde está conseguindo essas informações?

— Não faço ideia — respondo. — Não mantivemos contato depois de Paradise.

Eu me inclino sobre o ombro de Sam para ver a matéria seguinte. Estou perplexo com a quantidade de informação que Mark James — ou seja lá quem for — publicou no *Eles Estão Entre Nós*. Há detalhes de nossa batalha na base de Dulce, especulações iniciais sobre o ataque em Chicago, e ensaios assustadores sobre a aparência dos mogs e do que são capazes, e postagens convocando a humanidade a apoiar os lorienos. Também há artigos que falam de assuntos que eu nunca tinha considerado, até especulando quais membros do governo dos Estados Unidos formaram uma aliança com os mogadorianos.

Sam clica até chegar a uma matéria na qual Mark acusa o secretário de defesa, um homem chamado Bud Sanderson, de usar sua influência política para abrir caminho a uma invasão mogadoriana. Outro clique abre um segundo artigo sobre Sanderson, com a manchete SECRETÁRIO CORRUPTO USA TRATAMENTOS GENÉTICOS MOGADORIANOS. A matéria traz uma imagem de Sanderson de cinco anos antes justaposta a outra de poucos meses atrás. Na primeira, Sanderson é um homem abatido de quase oitenta anos — seu rosto tem manchas senis e ele exibe queixo duplo e barriga. Na segunda, ele perdeu peso e está com um brilho saudável e a cabeça coberta de cabelos grisalhos. É quase como se tivesse viajado no tempo. Na verdade, aposto que a maioria das pessoas acharia que a foto é uma fraude, uma imagem de Sanderson de vinte anos atrás com uma data falsa. Mas, se acreditássemos em Mark, não havia dúvida de que algo mudara no secretário de defesa — algo muito maior que dieta e exercícios, ou até cirurgia plástica.

Sam balança a cabeça, incrédulo.

— Como Mark pode saber tudo isso? Quer dizer, Sarah, vocês dois saíam juntos. Ele ao menos sabia ler?

— Sim, Sam — responde Sarah, revirando os olhos. — Mark sabia ler.

— Mas ele nunca teve, hã, inclinações jornalísticas, não é? Isto aqui parece a

WikiLeaks.

— Em geral as pessoas mudam quando descobrem que alienígenas existem — responde Sarah. — Para mim, parece que ele está tentando ajudar.

— Não temos certeza de que é o Mark — digo, franzindo a testa.

Olho para Adam. Ele está quieto desde que começamos a explorar o site *Eles Estão Entre Nós*, ouvindo-nos com a mão no queixo, pensativo.

— Isto pode ser algum tipo de armadilha? — pergunto, chegando à conclusão de que é melhor consultar o especialista.

— Claro — diz ele sem hesitar. — Mas se for, é elaborada. E mesmo para capturar vocês acho difícil acreditar que Setrákus Ra admitiria ter sido forçado a deixar a base de Dulce.

— O que ele escreveu sobre o secretário de defesa é verdade? — pergunta Malcolm.

— Não sei — responde Adam. — Mas é plausível.

— Vou mandar um e-mail para ele — anuncia Sarah, abrindo uma nova aba no navegador.

— Espere — diz Adam de imediato, com um pouco mais de educação do que quando criticou minha ideia de tentar resgatar os outros. — Se esse Mark tem mesmo acesso a toda essa informação ultrassecreta...

Sam ri.

— ... meu povo certamente estará monitorando suas comunicações — conclui Adam, erguendo uma das sobrancelhas para Sam. Ele se volta para Sarah. — E sem dúvida também estarão monitorando seu e-mail.

Devagar, Sarah afasta as mãos do teclado.

— Você não pode fazer nada em relação a isso?

— Sei como funcionam os sistemas de rastreamento cibernético deles. Foi algo em que eu... me sobressaí durante o treinamento. Eu poderia escrever um código de encriptação, redirecionar nosso endereço de IP por servidores de várias cidades. — Adam vira-se para mim, como se quisesse permissão. — Em algum momento, eles decifrariam. Por segurança, teríamos que sair daqui a vinte e quatro horas.

— Vá em frente — digo a ele. — De qualquer forma, é melhor ficarmos em movimento.

No mesmo instante, Adam começa a digitar comandos no laptop. Sam esfrega as mãos e se observa por cima do ombro de Adam.

— Você devia redirecioná-los para os lugares mais loucos possíveis. Faça-os achar que Sarah está na Rússia ou coisa do tipo.

Adam abre um sorriso malicioso.

— Pode deixar.

Adam leva vinte minutos para escrever um código que vai redirecionar nosso endereço de IP por uma dezena de lugares distantes. Penso no elaborado sistema de computadores que Henri sempre tinha montado e a rede ainda mais complicada que Sandor construíra em Chicago. Então imagino uma centena de mogadorianos iguais a Adam debruçados sobre teclados, perseguindo-nos. Nunca duvidei de que nossos Cêpans tinham motivos para ser paranoicos, mas ao ver Adam trabalhar finalmente me dou conta de como essas medidas eram necessárias.

— Uau — diz Sarah quando enfim pode abrir sua conta. A lista de e-mails não lidos em negrito consiste só de mensagens de Mark James. — É ele mesmo.

— Ou os mogs invadiram o e-mail dele — sugere Sam.

— Duvido — responde Adam. — Meu povo é meticuloso, claro, mas isso parece meio... complicado.

Passo os olhos pelos títulos dos e-mails — muitos pontos de exclamação e letras maiúsculas. Alguns meses antes, a ideia de Mark James entupindo a caixa de entrada da minha namorada me irritaria, mas agora parece que nossa rivalidade foi algo que aconteceu a outra pessoa, algo de outra vida.

— Quando foi a última vez que você checou isso? — pergunto.

— Faz semanas. Não lembro — responde Sarah. — Ando meio ocupada.

Ela abre a mensagem mais recente de Mark e todos nos aproximamos para examinar o conteúdo.

Sarah,

Não sei por que continuo enviando estes e-mails. Parte de mim espera que você os esteja lendo, usando-os para ajudar os lorienos, e que não possa responder por segurança. Outra parte teme que você nem esteja aí, que tenha morrido. Eu me recuso a acreditar nisso, mas...

Preciso de notícias suas.

Pensei que tinha uma pista sua no Novo México. Tudo o que encontrei lá foi uma base militar. Parecia ter havido uma batalha imensa. Muito maior e mais violenta que a de Paradise. Espero que vocês tenham saído em segurança. Torço muito para não ser o único que sobrou para combater esses babacas. Seria uma droga.

Uma pessoa amiga minha me arranjou um esconderijo. Bem longe da civilização. Um lugar onde podemos trabalhar para expor aquelas aberrações pálidas para o mundo. Se você puder entrar em contato, vou encontrar um jeito de mandar as coordenadas. Estamos a ponto de descobrir algo grande. Algo internacional. E nem sei o que fazer com isso.

Se está lendo este e-mail, se ainda está em contato com John, este seria um

ótimo momento para aparecer. Preciso de sua ajuda.

Mark

Sarah volta-se para mim com o rosto determinado e os olhos arregalados de entusiasmo repentino — já vi essa expressão, conheço-a bem. É assim que ela fica pouco antes de me dizer que quer fazer algo perigoso.

Sem que ela diga nada, já sei que Sarah quer encontrar Mark James.



O relógio do painel marca 7h45. Temos quinze minutos até o ônibus sair para o Alabama.

Tenho só mais quinze minutos com Sarah Hart.

Quinze minutos foi mais ou menos o tempo que Adam levou para criptografar o e-mail de Sarah contra qualquer hacker mogadoriano.

Ela mandou uma rápida mensagem para Mark, que respondeu quase de imediato com o endereço de um restaurante em Huntsville. Ele disse a Sarah que ficaria observando o lugar nos próximos dias e, se ela fosse mesmo Sarah Hart, ele a pegaria lá e a levaria para seu esconderijo secreto. *Ao menos Mark está sendo cuidadoso*, eu disse a mim mesmo. Isso me dá confiança de que Sarah vai estar segura. Logo após essa breve comunicação, Adam apagou ambas as contas da internet.

Agora, aqui estamos.

Estacionamos diante da rodoviária no centro de Baltimore, e o lugar é movimentado mesmo no final da tarde. Estou ao volante, com Sarah no banco do carona. Nós passamos despercebidos, apenas dois adolescentes sentados em um carro velho, despedindo-se.

— Fico esperando a parte em que você tenta me convencer a não ir — diz Sarah, com um sorriso meio triste. — Você vai dizer que é perigoso demais, nós vamos discutir, você vai perder e vou acabar indo de qualquer jeito.

— É perigoso — respondo, virando-me para ela. — E eu não quero que você vá.

— Agora sim.

Ela pega minha mão, entrelaçando nossos dedos. Com a outra mão, passo os dedos por seu cabelo, acabando por pousá-los sobre sua nuca. Eu a puxo um pouco mais para perto.

— Mas não é mais perigoso que ficar aqui comigo — termino.

— Esse é o John superprotetor que eu conheço e amo — responde ela.

— Não sou... — tento protestar, mas me interrompo quando vejo seu sorriso

irônico.

— Essas despedidas nunca ficam mais fáceis, não é?

Balanço a cabeça.

— Não. Não ficam mesmo.

Em silêncio, nos abraçamos com força, observando os minutos no relógio do painel passarem devagar.

Na fábrica de tecidos, não precisamos ter uma discussão enorme sobre Sarah viajar para encontrar Mark James ou não. Todo mundo concordou que era a coisa certa a fazer. Se Mark tinha mesmo conseguido informações cruciais sobre os mogadorianos, se estava arriscando a vida para nos ajudar, precisávamos retribuir o favor. Mas o restante da Garde ainda estava desaparecido. E o plano de Adam de atacar a fortaleza mogadoriana em Washington parecia cada vez mais a melhor jogada, um golpe necessário para reunir informações e mostrar àqueles desgraçados que ainda estávamos na luta. Havia coisas demais acontecendo para dedicarmos todos os nossos recursos a botar o papo em dia com Mark.

Sarah tornou tudo mais fácil quando se ofereceu para ir.

Claro, não gosto muito da ideia de mandá-la sozinha em uma missão potencialmente perigosa envolvendo um ex-namorado, mas não consigo deixar de lado a sensação de que o futuro terrível que vi no sonho de Ella está cada dia mais próximo. Precisamos de toda a ajuda que pudermos arranjar. Se houver a mínima possibilidade de que mandar Sarah ao Alabama vá nos auxiliar a vencer esta guerra, é um risco que temos que correr, e que se danem meus sentimentos egoístas.

E ela não vai viajar completamente sozinha, de qualquer forma.

No banco de trás, Bernie Kosar está em pé com as patas apoiadas na janela fechada, abanando muito o rabo enquanto observa as pessoas entrarem e saírem da rodoviária. Meu velho amigo ficou muito abatido depois da batalha em Chicago, mas parte de sua energia voltou quando pegamos a estrada. Um dia, em Paradise, ele foi meu protetor. Agora fará o mesmo por Sarah.

— Não quero que você pense em mim como sua namorada agora — diz Sarah de repente, recomposta.

Eu me afasto um pouco, olhando para ela.

— Vai ser difícil.

— Quero que pense em mim como um soldado — persiste ela. — Um soldado que está fazendo o que precisa ser feito nesta guerra. Não sei bem o que vou encontrar no sul, mas tenho uma sensação estranha de que vou poder ajudá-lo melhor de lá. No mínimo, nas batalhas, não estarei por perto para atrasar você.

— Você não me atrasa — insisto, mas Sarah ignora essa objeção com um

gesto.

— Está tudo bem, John. Quero ficar com você. Quero garantir seu bem-estar, quero vê-lo ganhar. Mas nem todo soldado pode estar na frente de batalha, sabia? Alguns são mais úteis quando estão longe da ação.

— Sarah...

— Estou com meu telefone — continua ela, indicando a mochila arrumada às pressas a seus pés. Ali dentro há um celular descartável que Malcolm comprou, além de algumas mudas de roupa e um revólver. — Vou dar notícias a cada oito horas. Mas se não der, você tem que continuar em frente, continuar lutando.

Entendo o que ela está tentando fazer. Sarah não quer que eu saia correndo para o Alabama se ela não der notícias no horário combinado. Ela quer que eu me concentre. Talvez também sinta que estamos nos aproximando do final desta luta, ou ao menos passando por um ponto sem volta.

Sarah fita meus olhos.

— Isto é maior que nós, John.

— Maior que nós — repito, sabendo que é verdade, e mesmo assim desejando lutar contra isso. Não quero perdê-la e não quero dizer adeus. Mas preciso.

Olho para nossas mãos entrelaçadas e me lembro de como as coisas foram simples, ao menos por um tempo, quando me mudei para Paradise.

— Sabe, a primeira vez que minha telecinesia começou a funcionar foi durante aquele dia de Ação de Graças em sua casa.

— Você nunca me contou isso — responde Sarah, com uma das sobrancelhas erguida, sem saber por que estou ficando sentimental de repente. — A comida da minha mãe o inspirou?

Solto uma risada.

— Não sei. Talvez. Foi na mesma noite em que Henri teve uma briga com a equipe original do *Eles Estão Entre Nós*, junto com os mogadorianos que os estavam usando. Depois ele quis ir embora de Paradise, e eu me recusei. Na verdade, não apenas me recusei, usei a telecinesia para prendê-lo ao teto.

— É sua cara fazer isso — diz Sarah, balançando a cabeça e sorrindo. — Teimoso.

— Eu disse a ele que não podia voltar a viver fugindo. Não depois de Paradise. E de você.

— Ah, John... — Sarah encosta a testa em meu peito.

— Eu achava que não valia a pena entrar nesta guerra se eu não pudesse estar a seu lado — digo a ela, erguendo seu queixo com delicadeza. — Mas agora, depois de tudo o que aconteceu, depois de tudo o que vi, percebo que estou

lutando pelo futuro. *Nosso* futuro.

Pelo canto do olho, vejo o relógio do painel com uma clareza impressionante. Só faltam cinco minutos. Concentro-me em Sarah, desejando ter um Legado que congelasse o tempo ou guardasse este momento. Lágrimas descem pelas bochechas dela, e eu as enxugo. Ela coloca a mão sobre a minha, apertando com força, e vejo que está tentando ser forte. Ela respira fundo, trêmula, e suprime mais lágrimas.

— Preciso ir, John.

— Confio em você — sussurro com urgência. — Não só para encontrar Mark. Se as coisas ficarem ruins, confio que vai ficar viva. Confio que vai voltar para mim inteira.

Sarah segura a frente de minha camisa e me puxa para mais perto. Sinto suas lágrimas em minha bochecha. Tento me desligar de tudo — dos amigos desaparecidos, da guerra, da partida dela — e viver por um instante em seu beijo. Gostaria de poder voltar a Paradise com ela, não com as coisas do jeito que estão agora, mas como eram há alguns meses — nos beijar sorrateiramente em meu quarto temporário enquanto Henri ia ao supermercado, trocar olhares durante a aula, aquela vida fácil e normal. Mas isso acabou. Não somos mais crianças. Somos guerreiros — soldados — e devemos agir como tal.

Sarah se afasta de mim e, em um movimento fluido, sem querer arrastar mais esse momento doloroso, abre a porta e salta da van. Põe a mochila nas costas e assobia.

— Venha, Bernie Kosar!

BK passa para o banco da frente e vira a cabeça para mim, como se estivesse se perguntando por que também não saí da van. Acaricio sua orelha saudável e ele solta um leve ganido.

Proteja-a, digo a ele usando a telepatia.

Bernie Kosar apoia ambas as patas dianteiras em minha perna e me dá uma lambida molhada na lateral do rosto. Sarah ri.

— Quantos beijos de despedida — diz ela quando BK pula da van. Sarah prende a coleira dele.

— Isto não é uma despedida — digo. — Não de verdade.

— Você está certo — responde Sarah, com o sorriso vacilando e uma nota de incerteza na voz. — Vejo você em breve, John Smith. Cuide-se.

— Vejo você em breve. Amo você, Sarah Hart.

— Também amo você.

Sarah vira as costas, correndo em direção às portas automáticas da estação rodoviária com Bernie Kosar em seus calcanhares. Ela olha para mim apenas uma vez, pouco antes de desaparecer porta adentro, e eu aceno. Então ela some

— dentro da rodoviária e, depois, em algum lugar secreto no Alabama, procurando um jeito de nos ajudar a vencer esta guerra.

Tenho que me controlar para não correr atrás dela, então seguro o volante até os nós de meus dedos ficarem brancos. Brancos demais — o Lúmen começa inesperadamente, e minhas mãos brilham. Não perdia o controle assim desde... bem, desde Paradise. Respiro fundo e me acalmo, olhando em volta para ter certeza de que ninguém do lado de fora da rodoviária percebeu. Giro a chave na ignição, sinto o motor da van roncar e me afasto da estação.

Sinto saudades dela. Já sinto saudades dela.

Sigo na direção de um dos bairros mais violentos de Baltimore, onde Sam, Malcolm e Adam estão me esperando, planejando um ataque. Sei para onde estou indo e o que estou fazendo, mas mesmo assim me sinto perdido. Lembro-me de minha breve briga com Adam na cobertura destruída do John Hancock, quando quase caí da janela. Aquela sensação de vazio abaixo de mim, de pender bem na borda, é como me sinto agora.

Mas depois imagino as mãos de Sarah me puxando de volta. Imagino como será quando nos reencontrarmos, como será quando Setrákus Ra for derrotado e os mogadorianos forem expulsos para o frio espaço sideral. Imagino o futuro e abro um sorriso sombrio. Só existe uma forma de fazer isso acontecer.

É hora de lutar.

CAPÍTULO QUATRO

CAMINHAMOS NO ESCURO por uma estrada enlameada escavada no pântano. Nossos tênis pisando o solo úmido e o zumbido incessante dos insetos são os únicos sons. Passamos por um poste de madeira solitário, torto e quase caído, com a luz apagada e cabos de força pendurados sob as árvores frondosas, desaparecendo entre os galhos. É uma visão bem-vinda da civilização depois de dois dias no pântano, quase sem dormir, ficando invisíveis ao menor ruído, abrindo caminho pela lama.

Cinco nos levara para dentro do pântano. Ele conhecia o caminho, claro. Era sua emboscada. Não foi fácil encontrar a saída. Afinal de contas, não podíamos voltar para o carro que nos trouxe até aqui. Sem dúvida os mogs o estariam observando.

Alguns passos à frente, Nove dá um tapa na nuca, matando um mosquito. Ao ouvir o barulho, Marina estremece, e o campo de frio que tem emanado dela desde a luta com Cinco se intensifica imediatamente. Não sei se ela está tendo dificuldade de controlar seu novo Legado ou se está resfriando o ar à nossa volta de propósito. Considerando a umidade dos pântanos da Flórida, não tem sido tão ruim andar com um ar-condicionado portátil.

— Você está bem? — pergunto a ela em voz baixa, sem querer que Nove nos ouça, mas sabendo que é impossível por causa de sua audição acentuada. Ela não fala com Nove desde que Oito foi morto, e mal trocou uma palavra comigo.

Marina olha para mim, mas no escuro não consigo ver bem sua expressão.

— O que você acha, Seis? — pergunta ela.

Aperto seu braço e noto que a pele está fria.

— Vamos pegá-los — digo. Não sou fã desses discursos de líder, são coisa de John, então sou direta. — Vamos matar todos eles. Ele não vai ter morrido em vão.

— Ele não deveria ter morrido e ponto final — responde ela. — Não deveríamos tê-lo deixado lá. Agora estão com ele, fazendo Deus sabe o que com seu corpo.

— Não tivemos escolha — retruco, sabendo que é verdade. Depois da surra que levamos de Cinco, não estávamos em condições de combater um batalhão de mogadorianos e uma de suas naves.

Marina balança a cabeça e se cala.

— Sabe, eu sempre quis que Sandor me levasse para acampar — intromete-se Nove sem mais nem menos, olhando-nos por cima do ombro. — Odiava morar naquela cobertura cheia de frescuras. Mas, cara, depois disto? Tô até com

saudades de lá.

Marina e eu não respondemos. Nove está agindo assim desde a batalha com Cinco — contando essas anedotas forçadas sem sentido, estranhamente animadas, como se nada de grave tivesse acontecido. Quando não estava tagarelando, Nove adquiriu o hábito de caminhar à nossa frente, usando sua velocidade para se distanciar de nós. Quando o alcançávamos, ele já tinha capturado algum animal, em geral uma cobra, e o estava cozinhando sobre um pequeno fogo que fizera sobre um raro trecho de terra seca. É como se quisesse fingir que estávamos apenas em uma divertida viagem para acampar. Não sou fresca; comia qualquer coisa que Nove pegasse. Mas Marina nunca comia. Não acho que as criaturas do pântano assadas a incomodassem tanto quanto o fato de que era Nove quem as caçava. Ela deve estar quase sem forças, mais ainda que Nove e eu.

Depois de mais um quilômetro e meio, noto que a estrada fica um pouco mais firme e usada. Vejo luz à frente. Logo, o interminável zumbido dos insetos dá lugar a algo igualmente irritante.

Música country.

Eu não chamaria esse lugar de cidade. Tenho certeza de que ela não aparece nem nos mapas mais detalhados. Parece mais um acampamento do qual as pessoas se esqueceram de partir. Ou talvez seja apenas um lugar onde os caçadores locais vêm para ficar com os amigos e escapar das esposas, penso, notando um excesso de picapes no estacionamento de cascalho ali perto.

Há umas vinte cabanas rudimentares espalhadas por essa clareira nos limites do pântano, e todas lembram um alpendre antigo. As cabanas consistem de algumas tábuas de compensado presas com pregos, e imagino que bastaria um vento forte para derrubá-las. Acho que quando se constrói à margem de um pântano da Flórida, nem adianta se esforçar demais. Pendurados entre as cabanas, iluminando a cena sombria, há pisca-piscas natalinos e algumas lanternas a gás. Depois das cabanas, onde o solo firme afunda outra vez para dentro do pântano, há uma doca instável com alguns barcos pontoon amarrados.

A fonte da música — o centro dessa “cidade” — e a única estrutura sólida construída ali é o Trapper’s, um bar nojento em uma cabana de troncos, que exibe seu nome com orgulho no telhado em um faiscante letreiro verde-neon. Há uma fileira de crocodilos empalhados na varanda do bar, com as mandíbulas abertas e ávidas. Lá dentro, mais alto que a música, ouço homens gritando e estalos de bolas de sinuca.

— Tudo bem — diz Nove, unindo as mãos. — Meu tipo de lugar.

O local me lembra um pouco os pontos isolados que eu frequentava quando estava fugindo sozinha, lugares onde o grupo fechado de habitantes

desgrenhados facilitava a identificação de mogadorianos. Mesmo assim, quando noto um homem magro de meia-idade com um mullet e uma regata olhando para nós, fumando um cigarro atrás do outro na varanda mal-iluminada, eu me pergunto se deveríamos encontrar um lugar mais seguro para nos mostrar.

Mas Nove já está subindo a escada de madeira com degraus que rangem sob seu peso, seguido por Marina, então vou também.

Espero que este lugar tenha um telefone para enfim podermos entrar em contato com os outros em Chicago. Ver como estão John e Ella — um pouco melhores, espero, ainda mais porque agora sabemos que a cura milagrosa que Cinco alegou ter em sua arca não existe. Precisamos avisar os outros sobre ele. Quem sabe que informações ele pode estar passando aos mogadorianos?

Quando empurramos as portas estilo saloon do Trapper's, a música não para de repente como nos filmes, mas todos os clientes viram a cabeça para nos encarar, quase ao mesmo tempo. O lugar é apertado, não tem muito mais que o bar, uma mesa de sinuca e alguns móveis velhos de jardim. Fede a suor, querosene e álcool.

— Uau — diz alguém, depois assobia alto.

Logo me dou conta de que Marina e eu somos as únicas mulheres no recinto. Quem sabe as primeiras mulheres a pisar no Trapper's. Os bêbados que nos observam vão de muito acima do peso a preocupantemente magros, e todos usam camisas xadrez meio abertas ou regatas manchadas de suor. Alguns abrem sedutores sorrisos banguelas, outros alisam barbas malcuidadas enquanto nos avaliam.

Um homem com camiseta de heavy metal rasgada, mascando rapé, afasta-se da mesa de sinuca e se aproxima de Marina.

— Esta deve ser minha noite de sorte — diz o homem com a voz arrastada. — Porque vocês du...

A cantada é interrompida porque no instante em que o homem tenta passar o braço ao redor dos ombros dela, Marina segura seu pulso com força. Ouço a umidade de seu braço estalar quando congela de repente, e um segundo depois o homem grita quando Marina torce seu braço até as costas.

— Não se aproxime de mim — diz ela em um tom deliberado, alto o bastante para o bar inteiro saber que o aviso não vale apenas para o homem cujo braço ela está quase quebrando.

O lugar fica muito silencioso. Reparo que um homem deixa a garrafa de cerveja escorregar, segurando-a pelo gargalo para poder usá-la melhor como arma. Alguns homens corpulentos na mesa do fundo trocam olhares e se levantam, encarando-nos. Por um instante, temo que o bar inteiro possa tentar nos atacar. Eles levariam a pior, e é o que tento dizer com o olhar. Nove, que

com seu cabelo preto embaraçado e rosto sujo se encaixa muito bem ali, estala os dedos e inclina a cabeça de um lado para o outro, observando o grupo.

— Mike, seu idiota, peça desculpas e venha para cá — grita enfim um dos outros caipiras na mesa de sinuca. — É sua vez!

— Desculpe — choraminga Mike para Marina, e seu braço adquiriu um tom azulado. Marina o empurra e ele volta para perto dos amigos, esfregando o braço e tentando evitar nos olhar.

A tensão simplesmente desaparece. Todos voltam ao que estavam fazendo, ou seja, beber cerveja. Imagino que cenas como essa — pequenas brigas, olhares desafiadores, talvez uma facada ou outra — são comuns no Trapper's. Não é grande coisa. Como imaginei, este é um daqueles lugares onde ninguém faz perguntas.

— Controle-se — digo a Marina quando vamos até o bar.

— Estou controlada — responde ela.

— Não parece.

Nove chega ao bar um passo antes de nós, abrindo espaço entre dois bêbados curvados e dando um tapa na superfície de madeira lascada.

O barman, que parece apenas um pouco mais sóbrio e limpo que os clientes, talvez por estar usando avental, nos examina com entediada desaprovação.

— Saibam que tenho uma espingarda embaixo do bar. Não quero problemas — avisa o barman.

Nove sorri para ele.

— Tudo bem, velho. Tem alguma coisa para comer aqui? Estamos famintos.

— Posso fazer uns hambúrgueres para vocês — responde o barman depois de pensar por um instante.

— Não é carne de gambá ou coisa parecida, é? — pergunta Nove, depois ergue as mãos. — Deixe para lá, não quero saber. Traga três dos melhores, companheiro.

Eu me inclino sobre o bar antes que o barman vá para a cozinha.

— Você tem um telefone?

Ele vira o polegar para o canto escuro do bar, onde reparo em um telefone público meio torto na parede.

— Pode tentar aquele. Funciona às vezes.

— Parece que tudo aqui só funciona às vezes — resmunga Nove, olhando para a TV em um suporte acima do bar. A recepção está ruim, o noticiário quase desaparecendo em meio à estática, e a antena torta que sai do aparelho não cumpre sua função.

Quando o barman entra na cozinha, Marina se senta a alguns bancos de distância de Nove. Ela evita contato visual, absorta pela estática da TV.

Enquanto isso, Nove tamborila sobre o balcão, olhando em volta, quase desafiando um dos bêbados a dizer alguma coisa. Nunca me senti tanto como uma babá.

— Vou tentar ligar para Chicago — digo a eles.

Antes que eu me afaste, o fumante compulsivo magro lá de fora se espreme no espaço a meu lado no bar. Ele abre um sorriso malicioso que provavelmente tem a intenção de ser sedutor, embora lhe faltem alguns dentes, e que não chega aos olhos, loucos e desesperados.

— Oi, docinho — diz ele, por não ter testemunhado a demonstração de Marina sobre o que acontece quando bêbados tentam flertar conosco. — Pague uma bebida para mim e lhe conto minha história. É demais.

Eu o encaro.

— Fique longe de mim.

O barman volta da cozinha, trazendo o cheiro de carne cozinhando, o que faz meu estômago roncar. Ele repara no homem magro a meu lado e estala os dedos diante de seu rosto.

— Achei que tinha avisado para não voltar aqui a não ser que tivesse dinheiro, Dale — dispara o barman. — Dá o fora.

Ignorando-o, Dale me lança um último olhar de súplica. Vendo que não vou ceder, ele se afasta furtivamente do bar para implorar uma bebida a um dos outros clientes. Balanço a cabeça e respiro fundo; preciso sair deste lugar, preciso de um banho e preciso bater em alguma coisa. Estou tentando manter a calma e ser racional, sobretudo porque meus companheiros não estão muito estáveis, mas estou furiosa. Furiosa mesmo. Cinco me derrubou, quase decepou minha cabeça. Enquanto fiquei inconsciente, o mundo inteiro mudou. Sei que não podia ter imaginado — nunca esperei que um de nós se tornasse um traidor, nem mesmo um esquisito como Cinco. Ainda assim, não consigo deixar de sentir que teria sido diferente se eu estivesse alerta. Se tivesse sido rápida o bastante para me esquivar daquele primeiro soco. Oito poderia estar vivo. Nem tive a chance de lutar, e isso me faz sentir traída e inútil. Controlo a raiva, guardando-a para a próxima vez que vir um mogadoriano.

— Seis — diz Marina, com a voz frágil de repente, não tão distante e fria. — Veja isso.

A TV do bar começou a pegar. Uma faixa móvel de estática interrompe a imagem de vez em quando, mas fora isso um noticiário é bem visível. Nele, um repórter está diante de um cordão de isolamento policial em meio a uma ventania, com o John Hancock Center ao fundo.

— Que droga é essa? — digo entre os dentes. O telhado balança com um repentino estrondo de trovão do lado de fora. Fui eu, deixando escapar um pouco

da raiva.

O noticiário passa do repórter a uma filmagem dos andares superiores do John Hancock Center em chamas.

— Não é possível — diz Marina, com os olhos arregalados, olhando-me em busca da confirmação de que aquilo é apenas uma piada de mau gosto. Tenho tentado ser a mais estável, mas não consigo encontrar nada tranquilizador para dizer.

O barman estala a língua, também observando a TV.

— Que loucura, não é? Malditos terroristas.

Eu me jogo por cima do bar e o agarro pela frente do avental antes que ele sequer consiga pensar em pegar sua espingarda escondida.

— Quando isso aconteceu? — pergunto com rispidez.

— Caramba, garota — diz o barman, vendo algo em meus olhos que o desestimula a resistir. — Sei lá. Há uns dois dias? Passou em todos os noticiários. Onde vocês estavam, afinal?

— Tomando uma surra — murmuro, e o empurro. Tento me controlar, dominar o pânico. Nove não deu um pio desde que a notícia começou. Quando olho para ele, seu rosto está inexpressivo. Ele olha para a televisão, assistindo ao vídeo de nosso quartel-general na cobertura, seu antigo lar, pegando fogo, com a boca entreaberta, o corpo totalmente imóvel, quase rígido. Parece que está pifando, como se seu cérebro não fosse capaz de processar mais esse golpe.

— Nove... — arrisco, e minha voz quebra seu transe. Sem dizer uma palavra a mim ou a Marina, sem sequer um olhar, ele se vira e vai até a porta. Um dos jogadores de sinuca não é rápido bastante para sair do caminho de Nove e leva um encontrão, caindo.

Confiando que Marina não vai congelar ninguém em minha ausência, vou atrás dele. Quando chego à varanda do Trapper’s, Nove já está no estacionamento, andando a passos largos em direção à estrada de cascalho.

— Aonde você está indo? — grito para ele, pulando o guarda-corpo da varanda e correndo para alcançá-lo.

— Chicago — responde ele em um tom brusco.

— Vai andar até Chicago? — pergunto. — É esse seu plano?

— Bem-pensado — responde ele, sem diminuir o ritmo. — Vou roubar um carro. Vocês vêm ou não?

— Deixe de ser idiota — disparo, e como isso não diminui seu ritmo, uso a telecinesia para agarrá-lo. Viro-o para mim, e seus tornozelos escavam o cascalho enquanto ele tenta resistir.

— Me solte, Seis — rosna Nove. — Me solte agora.

— Pare e pense por um segundo — insisto, percebendo que não estou apenas

tentando convencer Nove, mas também a mim mesma. Minhas unhas perfuram as palmas da mão. Não sei se é pela concentração necessária para segurar Nove com a telecinesia ou pelo esforço de manter o controle. No telhado do John Hancock Center, eu disse a Sam que estávamos em guerra e que haveria baixas. Achei que estava preparada para isso, mas perder Oito, e agora talvez ter perdido os outros em Chicago... não, não consigo aguentar. Aquela não pode ter sido minha última conversa com Sam. Não pode.

— Eles não devem mais estar em Chicago — continuo. — Devem ter fugido. É o que nós faríamos. E sabemos que John ainda está vivo, ou teríamos outra cicatriz. Ele está com o tablet, está com a arca. Eles têm mais chance de nos encontrar que nós de encontrá-los.

— Hã, na última vez que vi John ele estava em coma. Não está em condições de encontrar ninguém.

— Em geral a explosão de um prédio acorda as pessoas — retruco. — Ele conseguiu sair. Saberíamos se não tivesse saído.

Após um instante, Nove assente com relutância.

— Está bem, está bem, pode me soltar.

Eu o libero da telecinesia. Ele desvia os olhos, observando a rua escura com os ombros largos curvados.

— Sinto que estamos ferrados, Seis — diz Nove, com a voz rouca. — Como se já tivéssemos perdido e ninguém nos contou.

Vou até ele e coloco a mão em seu ombro. Estamos de costas para as luzes neon do Trapper’s, e não consigo ver direito o rosto de Nove, mas tenho certeza de que seus olhos estão cheios de lágrimas.

— Bobagem — respondo. — Nós não perdemos.

— Diga isso a Oito.

— Nove, qual é...

Nove passa as mãos pelo cabelo preto embaraçado, quase como se fosse tirar alguma coisa dali, depois as coloca sobre o rosto, esfregando-o. Quando as deixa cair outra vez para as laterais do corpo, vejo que está tentando ser firme.

— Também foi minha culpa — continua ele. — Eu o fiz ser morto.

— Não é verdade.

— É, sim. Cinco me deu uma surra e não consegui me segurar. Tive que continuar falando, tive que levar a melhor na discussão. Deveria ter sido eu. Você sabe, eu sei, Marina com certeza sabe.

Tiro a mão do ombro de Nove e soco seu maxilar.

— Ai! Droga! — grita ele, cambaleando para longe de mim e quase perdendo o equilíbrio. — O que foi isso?

— É o que você quer? — pergunto, aproximando-me com os punhos

cerrados e prontos. — Quer apanhar um pouco? Ser punido pelo que aconteceu com Oito?

Nove ergue as mãos.

— Pare com isso, Seis.

— Não foi culpa sua — digo calmamente, abrindo os punhos e atingindo-o com força no peito. — Cinco matou Oito, não você. E os mogadorianos são os culpados. Entendeu?

— Sim, entendi — responde Nove, mas não sei se acredita em mim ou se só quer que eu pare de atacá-lo.

— Que bom. Chega desse chororô. Precisamos decidir o que fazer agora.

— Eu já decidi — interrompe Marina.

Eu estava tão concentrada em enfiar à força um pouco de bom senso na cabeça de Nove que não a ouvi se aproximar. Nem ele, e vejo por sua expressão envergonhada que está se perguntando quanto Marina entreouviu. No momento, ela não parece interessada no colapso de Nove. Está ocupada demais arrastando o homem magro do bar, Dale, que queria me contar sua incrível história em troca de uma cerveja. Marina o conduz até nós pelo estacionamento, segurando sua orelha como uma professora má que leva um aluno bagunceiro à sala do diretor. Noto uma camada muito fina de gelo se formando na lateral do rosto de Dale.

— Marina, solte-o — digo.

Ela obedece, empurrando Dale para a frente e fazendo-o tropeçar no cascalho, acabando de joelhos bem diante de mim. Lanço um olhar a ela — entendo o motivo do rompante violento, mas não gosto dele. Marina me ignora.

— Conte a eles o que me contou — ordena Marina. — Sua história *fantástica*.

Dale olha para nós três, querendo agradar e mesmo assim apavorado, provavelmente achando que vamos matá-lo se não obedecer.

— Há uma velha base da NASA no pântano. Foi desativada nos anos 1980 quando o nível da água começou a subir — começa Dale, hesitante, esfregando a lateral do rosto para aquecê-la. — Fui até lá algumas vezes em busca de coisas para vender. Em geral, é deserta. Mas ontem à noite, cara, juro que vi óvnis voando por lá. Os guardas eram homens assustadores de aparência estranha com armas que eu nunca tinha visto. Vocês não estão com eles, estão?

— Não — respondo. — De jeito nenhum.

— Dale se ofereceu para nos levar até lá — diz Marina, cutucando o homem com a ponta do tênis. Ele engole em seco depois assente com vigor.

— Não fica muito longe — diz ele. — Algumas horas pelo pântano.

— Acabamos de passar dois dias caminhando para sair do pântano — diz Nove. — Agora você quer que a gente volte?

— *Estão com ele* — sussurra Marina, apontando para a escuridão. — Você

ouviu Malcolm contar o que fizeram com a Número Um. Roubaram seus Legados.

Lanço um olhar severo a Marina. Mesmo que a maior parte daquilo não faça sentido para ele, Dale está ouvindo nossa conversa com atenção.

— Deveríamos mesmo estar falando sobre isso?

Marina faz um som de desdém.

— Está preocupada com *Dale*, Seis? Eles estão nos matando e explodindo nossos amigos. Guardar segredos desse bêbado é a menor de nossas preocupações.

Dale ergue uma das mãos.

— Juro que não vou contar nada sobre... o que quer que vocês estejam falando.

— E quanto a Chicago? — pergunta Nove. — E quanto aos outros?

Marina concede a Nove apenas um rápido olhar. Ela me encara ao responder.

— Você sabe que estou preocupada com eles. Mas não sabemos onde estão John e os outros, Seis. *Sabemos* onde Oito está. E não vou, nem morta, deixar aqueles desgraçados ficarem com ele.

Seu tom deixa claro que vai ser impossível fazer Marina mudar de ideia. Se não formos, ela irá sozinha. Não que eu tenha considerado não ir. Estou tão ávida por uma briga quanto ela. E se houver uma chance de o corpo de Oito ainda estar lá — nas garras dos mogadorianos que continuam na Flórida, talvez com Cinco — precisamos ao menos tentar recuperá-lo. Não deixar nenhum Garde para trás.

— Dale — digo. — Espero que você tenha um barco para nos emprestar.

CAPÍTULO CINCO

A FATIA DE carne diante de mim parece um pedaço mole de peixe cru, mas não tem textura alguma. Cutuco com o garfo e a fatia sem cor treme como gelatina. Ou talvez ainda esteja viva, tentando escapar, e esses tremores pouco apetitosos sejam sua tentativa de serpear devagar para fora de meu prato. Se eu desviar os olhos, será que essa coisa vai acelerar o passo e tentar rastejar para dentro de um dos tubos de ventilação?

Tenho vontade de vomitar.

— Coma — ordena Setrákus Ra.

Ele se denominou meu avô. A ideia me deixa mais enjoada que a comida. Não quero acreditar nele. Talvez isso seja como as visões, um jogo doentio para me afetar.

Mas por que se dar a todo esse trabalho? Por que me trazer aqui? Por que não apenas me matar?

Setrákus Ra está sentado diante de mim, na outra extremidade de uma mesa de banquete ridiculamente grande que dá a impressão de ter sido esculpida em lava. A cadeira dele parece um trono, feita da mesma pedra escura que a mesa, mas nem de longe grande o bastante para acomodar o enorme líder militar que combatemos na base de Dulce. Não, em algum momento em que eu não estava olhando, Setrákus diminuiu, chegando à altura mais razoável de dois metros e meio para poder se debruçar com conforto sobre seu prato da culinária mogadoriana.

Será que a mudança de tamanho podia ser um Legado? Funciona de um jeito muito parecido com a minha habilidade de mudar de idade.

— Você tem perguntas — diz Setrákus Ra com sua voz retumbante, observando-me.

— O que você é? — deixo escapar.

Ele inclina a cabeça.

— Do que está falando, menina?

— Você é mogadoriano — digo, tentando não parecer frenética demais. — Eu sou loriena. Não podemos ser parentes.

— Ah, que ideia simplista. Humano, lorieno, mogadoriano... são apenas palavras, minha querida. Rótulos. Séculos atrás, meus experimentos provaram que nossa genética pode ser alterada. Pode ser aumentada. Não precisamos esperar que Lorien nos presenteie com Legados. Podemos tomá-los quando precisarmos, usando-os como qualquer outro recurso.

— Por que fica dizendo *nós*? — pergunto, com a voz falhando. — Você não é

um de nós.

Setrákus Ra abre um leve sorriso.

— Um dia fui lorieno. O décimo Ancião. Até que eles me expulsaram. Então me tornei o que você vê: os poderes de um Garde combinados à força de um mogadoriano. Um avanço evolutivo.

Minhas pernas começam a tremer sob a mesa. Mal escuto depois que ele menciona o décimo Ancião. Lembro-me da carta de Crayton. Ele disse que meu pai era obcecado pelo fato de que nossa família tivera um Ancião. Podia ter sido Setrákus Ra?

— Você é louco — digo. — E um mentiroso.

— Não sou nada disso — responde ele com paciência. — Sou um realista. Um futurista. Alterei minha genética para me tornar mais parecido com eles, para que me aceitassem. Em troca dessa lealdade, ajudei sua população a crescer. Eu os salvei quando estavam à beira da extinção. Ao juntar-me aos mogadorianos, tive a chance de continuar os experimentos que tanto assustavam os lorienos. Agora, meu trabalho está quase terminado. Logo, toda a vida do universo, seja mogadoriana, humana e até mesmo o que restou da lórica, será aprimorada sob minha mão gentil.

— Você não aprimorou a vida em Lorien — retruco. — Você matou todos eles.

— Eles se opuseram ao progresso — explica Setrákus Ra, como se a morte de um planeta inteiro não fosse nada.

— Você é doente.

Não tenho medo de desafiá-lo. Sei que não vai me ferir — pelo menos ainda não. Ele é vaidoso demais para isso, quer muito converter outro lorieno à causa. Quer que as coisas sejam exatamente como em meu pesadelo. Desde que acordei aqui, ele selecionou algumas mogadorianas para me servir. Elas me colocaram neste longo vestido formal preto, muito semelhante ao que eu usava em minha visão. O tecido pinica muito, e não paro de puxar a gola.

Sem nem tentar disfarçar, encaro seu rosto medonho, odiando-me por tentar encontrar alguma semelhança. Sua cabeça é bulbosa e pálida, coberta com intricadas tatuagens mogadorianas; seus olhos são vazios e pretos, idênticos aos dos mogs; seus dentes são lixados e afiados. Olhando com bastante atenção, quase vejo a aparência lórica de seus traços, como uma arquitetura em ruínas enterrada sob a palidez e a grosseira arte mogadoriana.

Setrákus ergue os olhos de sua comida, encontrando meu olhar. Encará-lo ainda causa um calafrio e tenho que me forçar a não virar o rosto.

— Coma — repete ele. — Você precisa se manter forte.

Hesito por um momento, sem saber até onde devo ir, mas também sem querer

provar aquele sushi mogadoriano. Faço questão de deixar meu garfo cair para que faça barulho ao bater na lateral do prato. O som ecoa pela sala de teto alto — a área privativa de refeições de Setrákus Ra — que é apenas um pouco mais mobiliada que as outras salas frias a bordo da *Anúbis*. As paredes são cobertas de pinturas de mogadorianos entrando com bravura em combate. O teto é aberto, fornecendo uma vista estonteante da Terra, que gira imperceptivelmente sob nós.

— Não me teste, menina — rosna Setrákus Ra. — Obedeça.

Empurro meu prato.

— Não estou com fome.

Ele me avalia com um olhar condescendente, como um pai tentando mostrar que sabe ser paciente com uma criança malcriada.

— Posso colocá-la para dormir outra vez e alimentá-la por um tubo, se preferir. Talvez se comporte melhor na próxima vez que eu a acordar, quando a guerra estiver ganha — diz ele. — Mas aí não poderíamos conversar. Você não poderia desfrutar em primeira mão a vitória de seu avô. E não poderia alimentar suas esperanças inúteis de fuga.

Engulo em seco. Sei que em algum momento desceremos para a Terra. Setrákus Ra não vai deixar sua frota orbitar o planeta por algum tempo e depois partir em paz. Haverá uma invasão. Tenho dito a mim mesma que quando aterrissarmos terei uma chance de fugir. Claro, Setrákus Ra sabe que eu preferiria morrer a ser sua prisioneira, corregente, ou seja lá o que ele tiver na cabeça. Mas, a julgar por sua expressão presunçosa, ele não se importa. Talvez ache que pode fazer uma lavagem cerebral em mim antes de voltarmos à Terra.

— Como espera que eu coma olhando para esse seu rosto horrível? — pergunto a ele, esperando ver sua expressão convencida vacilar. — Ele me faz perder o apetite.

Setrákus Ra me encara como se estivesse tentando decidir se vai pular por cima da mesa e me esganar. Após um instante, ele estende a mão para a lateral da cadeira onde seu bastão está apoiado. Esculpido com maestria em um reluzente metal dourado com um agourento olho preto no cabo, é o mesmo bastão que o vi usar durante a luta na base de Dulce. Preparo-me para um ataque.

— O Olho de Thaloc — diz Setrákus Ra ao notar que observo o bastão. — Assim como a Terra, um dia fará parte de sua Herança.

Antes que eu consiga fazer mais uma pergunta, o olho de obsidiana no cabo do bastão reluz. Eu me retraio, mas logo vejo que não estou em perigo. Pelo contrário, é Setrákus Ra que começa a convulsionar. Feixes de luz vermelha e roxa se projetam do Olho de Thaloc e percorrem seu corpo. Mesmo sem saber como, sinto a energia ir do bastão para ele, que estremece e se contorce enquanto sua pele se desprende do corpo, expandindo-se e se transformando como uma

bolha de cera.

Quando termina, Setrákus Ra tem aparência humana. Na verdade, parece um astro de cinema. Ele assumiu a forma de um belo homem mais velho de quarenta e poucos anos, com cabelo grisalho imaculado, olhos azuis expressivos e uma leve barba por fazer. Ele é alto, mas seu tamanho não intimida mais, e está usando um elegante terno azul e uma camisa de botão passada com a gola casualmente aberta. De sua aparência anterior, restam apenas os três pingentes lóricos, cujas joias cor de cobalto combinam com sua camisa.

— Melhor assim? — pergunta ele, com a habitual voz áspera substituída pelo suave barítono desse homem.

— O que...? — Olho para ele, perplexa. — Quem é você?

— Uso esta forma para os humanos — explica ele. — Nossa pesquisa mostra que eles têm uma atração natural por homens caucasianos de meia-idade com essas características. Ao que parece, eles os consideram poderosos e dignos de confiança.

— Por que... — tento organizar meus pensamentos. — O que quer dizer com *para os humanos*?

Setrákus Ra indica meu prato.

— Coma e responderei a suas perguntas. Não é absurdo, certo? Acredito que os humanos chamam isso de toma lá, dá cá.

Olho para meu prato e para a gosma esbranquiçada que me aguarda. Penso em Seis, em Nove e no restante da Garde e me pergunto o que fariam se estivessem no meu lugar. Parece que Setrákus Ra quer se abrir, então talvez seja melhor permitir. Talvez, enquanto tenta sutilmente me conquistar, deixe escapar o segredo para derrotar os mogadorianos. Se é que isso existe. De um jeito ou de outro, comer um pedaço da lesma cozida em meu prato é um preço pequeno a pagar se isso vai me ajudar a reunir informações importantes. Eu não deveria me considerar uma prisioneira, mas sim alguém que está em uma missão por trás das linhas inimigas.

Sou uma espiã.

Pego garfo e faca, corto um pequeno pedaço da ponta da carne e enfio na boca. É meio sem gosto, como se eu estivesse mastigando uma bola de papel. O que me incomoda mesmo é a textura, pois a carne começa a efervescer e derreter assim que toca minha língua, desfazendo-se com tanta rapidez que nem sequer mastigo. É impossível não pensar na forma com que os mogadorianos se desintegram ao morrer, e preciso me controlar para não vomitar.

— Não é o que você está acostumada, mas é o melhor que a *Anúbis* está equipada para produzir — diz Setrákus Ra, quase em tom de desculpas. — A comida vai melhorar depois de conquistarmos a Terra.

Eu o ignoro. Não ligo para os detalhes da culinária mogadoriana.

— Eu comi, agora responda a minha pergunta.

Ele inclina a cabeça, parecendo encantado com minha franqueza.

— Uso esta forma porque os humanos a consideram reconfortante. É a que usarei para aceitar a rendição de seu planeta.

Eu o encaro, boquiaberta.

— Eles não vão se render a você.

Ele sorri.

— Claro que vão. Ao contrário dos lorienos, que lutaram em vão até o fim, os humanos têm uma longa história de submissão. Sabem reconhecer demonstrações de força superior e aceitarão com prazer os princípios do progresso mogadoriano. E os que não aceitarem vão perecer.

— Progresso mogadoriano. — Eu cuspo as palavras. — Do que está falando? Vai fazer todos gostarem de você? Um mon...

Não termino a pergunta. Ia chamá-lo de monstro, mas pensei outra vez na visão. Ordenei sem remorso a execução de Seis bem diante de John, Sam e de uma multidão. E se algo semelhante a Setrákus Ra já estiver espreitando dentro de mim?

— Acho que havia ao menos uma pergunta em toda aquela causticidade — diz Setrákus Ra. Ele continua com o sorriso odioso, ainda pior agora que está usando o rosto de um belo humano, e aponta para meu prato. Eu me obrigo a engolir outra garfada daquela comida horrível. Ele pigarreia como se estivesse prestes a fazer um discurso.

— Você é sangue do meu sangue, minha neta, e por isso será poupada do destino daqueles Gardes tolos que se opõem a mim. Ao contrário deles, você pode mudar — explica Setrákus Ra. — Posso já ter sido um lorieno, mas, ao longo dos séculos, me tornei algo melhor. Quando controlar a Terra, terei o poder necessário para mudar a vida de bilhões. Eles só precisam aceitar o Progresso Mogadoriano. Então enfim meu trabalho dará frutos.

Eu o encaro, incrédula.

— Poder? De onde?

Setrákus Ra sorri para mim, tocando os pingentes em seu pescoço.

— Você verá quando chegar a hora, menina. Aí vai entender.

— Eu já entendo — respondo. — Entendo que você é um louco genocida que resolveu se passar por mogadoriano com uma transformação tosca.

O sorriso de Setrákus Ra desaparece e por um instante me pergunto se abusei demais da sorte. Ele suspira e passa os dedos pela garganta. A pele de seu disfarce se abre, revelando a grossa cicatriz roxa que tem no pescoço.

— Pittacus Lore me deixou esta marca quando tentou me matar — diz ele,

com a voz fria e calma. — Eu era um deles, mas ele e os outros Anciões me expulsaram. Baniram-me de Lorien por causa de minhas ideias.

— O quê? Não quiseram elegê-lo regente supremo ou coisa parecida?

Setrákus Ra passa outra vez a mão pela garganta e a cicatriz desaparece.

— Eles já tinham um regente — responde Setrákus, baixando a voz, como se a lembrança o deixasse furioso. — Só se recusavam a admitir.

— Do que está falando?

Desta vez, ele não me obriga a comer mais uma garfada. Já está envolvido na conversa.

— Minha querida, os Anciões eram regidos pelo próprio planeta. Lorien fazia as escolhas por eles. Quem seria Garde e quem seria Cêpan. Eles acreditavam que devíamos viver como cuidadores e deixar a natureza determinar nosso destino. Eu discordava. Os Legados dados por Lorien são apenas um recurso, como qualquer outra coisa. Você deixaria os peixes do mar ditarem quem merece comê-los, ou permitiria que o ferro do solo decidisse quando ser forjado? Claro que não.

Tento digerir toda essa informação e compará-la ao que aprendi com Crayton e sua carta.

— Você só queria estar no controle — digo após um instante.

— Eu queria progresso — retruca ele. — Os mogadorianos entenderam. Ao contrário dos lorienos, eles eram um povo pronto para ascender.

— Você é louco — digo, empurrando o prato, farta daquele jogo de perguntas e respostas.

— E você é uma criança ignorante — responde ele, de novo com aquela paciência condescendente. — Quando seus estudos começarem, quando vir o que realizei para você e o que os lorienos lhe negaram, entenderá. Passará a me amar e respeitar.

Eu me levanto, embora não tenha para onde ir. Setrákus Ra foi gentil comigo até agora, mas deixou bem claro que só posso andar pelos corredores sem vida da *Anúbis* porque ele permite. Se quiser, pode me obrigar a ficar aqui e terminar o jantar. Provavelmente seria mais fácil não questionar todas as suas distorções e meias-verdades, mas não consigo. Penso em Nove, em Seis e nos outros — sei que nunca ficariam calados se estivessem diante desse monstro.

— Você destruiu nosso planeta e tudo o que conseguiu foi machucar as pessoas — digo, tentando imitar a falsa paciência de meu avô. — Você é um monstro. Nunca vou deixar de odiá-lo.

Setrákus Ra suspira, e seu belo rosto assume uma expressão consternada por um segundo.

— A raiva é o último refúgio do ignorante — diz ele, erguendo a mão. —

Deixe-me mostrar algo que eles lhe negaram, minha neta.

Uma espiral de energia vermelha começa a girar ao redor de suas mãos erguidas. Nervosa, dou um passo para trás.

— Os Anciões escolheram os que escapariam de Lorien, e você não deveria estar entre eles — continua Setrákus. — Você não teve as vantagens do restante da Garde. Vou reparar esse erro.

A energia se torna um orbe crepitante diante das mãos de Setrákus Ra, paira ali por um instante e depois chispa em minha direção. Jogo-me no chão e o orbe altera o curso, vindo direto para mim como se tivesse vontade própria. Caio encolhida no chão frio e tento evitar a energia, mas ela é rápida demais. Atravessa a barra de meu vestido e se prende a meu tornozelo.

Eu grito. A dor é excruciante; como se um fio desencapado estivesse sendo arrastado por minha pele. Dobro a perna, aproximando-a de mim, e tento bater no ponto que o orbe tocou, como se minha pele tivesse pegado fogo e eu precisasse apagar as chamas.

É quando a vejo pela primeira vez. A sinuosa energia vermelha sumiu, deixando uma cicatriz rosada e irregular ao redor de meu tornozelo. Parece com as tatuagens que vi gravadas em dúzias de crânios mogadorianos, mas também tem algo perturbadoramente familiar.

É uma cicatriz muito similar às que indicam o encantamento lórico na Garde.

Quando olho para Setrákus Ra, tenho que morder o lábio para não gritar. A metade inferior da perna de sua calça queimou, e em seu tornozelo há um encantamento idêntico recém-queimado.

— Agora, assim como eles, estamos ligados — diz ele, com um sorriso exultante.

CAPÍTULO SEIS

ACHO QUE, DE certa forma, sequestramos Dale. Ele não parece se importar. O caipira magrelo está se divertindo como nunca deitado na traseira de seu barco pontoon com décadas de idade, tomando goles de seu cantil cheio de bebida caseira e olhando de forma descarada para mim e Marina. A manutenção do barco é feita, literalmente, usando fita adesiva e cadarços, e não podemos percorrer rápido demais os sinuosos córregos do pântano por medo de superaquecer o motor. Além disso, toda hora Nove tem que usar um balde para tirar a água marrom-escura do pântano do barco antes que se acumule no chão e nós afundemos. Não é viajar com estilo, mas Marina continua convencida de que Dale achou um acampamento mogadoriano. Então, por enquanto, ele é nosso guia.

Ontem à noite, Dale insistiu que estava escuro demais para tentar atravessar o pântano, mas prometeu nos levar à base desativada da NASA de manhã. O barman do Trapper's alugava as cabanas que cercavam seu bar a qualquer morador do pântano que estivesse de passagem. Ele nos cedeu uma por quase nada, também não cobrou a refeição, talvez por sentir que não nos ajudar só criaria mais problemas.

Ninguém acreditava que Dale não fugiria na primeira oportunidade, então decidimos nos revezar para vigiá-lo. Nove ficou com o primeiro turno e acabou sentado com Dale do lado de fora de nossa pequena cabana, ouvindo histórias sobre todas as coisas interessantes que ele tinha recolhido no pântano.

Marina e eu ficamos deitadas lado a lado em um colchão decrépito jogado no chão da cabana, onde os únicos outros móveis eram um fogareiro, uma pia enferrujada que não devia estar ligada a nenhum cano e um lampião a óleo. Considerando que tínhamos passado os últimos dias caminhando pelos pântanos quase sem parar para descansar, eu não me sentia tão confortável havia dias. Enquanto estávamos ali deitadas, notei que Marina tinha parado de irradiar a aura de frio que vinha emanando desde a morte de Oito. Achei que talvez tivesse caído no sono, mas ela começou a sussurrar para mim no escuro.

— Eu o sinto, Seis.

— Como assim? — sussurrei em resposta, sem entender. — Oito está... — hesitei, sem conseguir me forçar a dizer o óbvio.

— Eu *sei* que ele está morto — respondeu ela, virando-se para mim. — Mas ainda consigo sentir sua... não sei, sua essência ou coisa do tipo. Ele está me chamando. Não sei por quê, nem como, só sei que está acontecendo e é importante.

Fiz silêncio. Eu me lembrava de Oito contar que conhecera um velho misterioso enquanto estava escondido na Índia. Acho que seu nome era Devdan. O velho lhe ensinara sobre hinduísmo e artes marciais e no fim tinha voltado para o lugar de onde viera. Oito valorizava muito o que havia aprendido sobre hinduísmo — acho que o ajudava a lidar com a morte de seu Cêpan. Bom, talvez toda essa coisa de reencarnação tenha um fundo de verdade. Oito sem dúvida era o mais espiritual entre nós, e se alguém mandaria uma mensagem do além, provavelmente seria ele.

— Vamos encontrá-lo — falei em voz baixa, embora não estivesse muito confiante. Pensei no que Nove dissera durante seu surto mais cedo, que já tínhamos perdido a guerra, mas ninguém havia nos contado. — Só não sei o que vamos fazer depois.

— Isso vai se revelar para nós quando chegar a hora — respondeu Marina com serenidade, apertando minha mão, a carinhosa Marina que eu conhecia reapareceu, substituindo a pessoa furiosa e com sede de vingança com quem eu vinha sobrevivendo nos últimos dias. — Sei que vai.

Então, hoje de manhã, voltamos ao pântano. Há muitas árvores nas margens e com frequência precisamos diminuir a velocidade para contornar as raízes ávidas retorcidas que se chegaram à água. A cobertura de galhos sobre nossas cabeças é densa, deixando passar a luz do sol de forma irregular. Troncos podres passam boiando, e suas cascas nem sempre são distinguíveis das escamas irregulares dos crocodilos que vagam pela água escura. Ao menos os insetos pararam de me picar. Ou talvez eu só tenha me acostumado a eles.

Marina está na proa do barco, com o olhar fixo à frente e o rosto e o cabelo molhados por causa da umidade do ar. Olho para suas costas, perguntando-me se ela enlouqueceu ou se esse sexto sentido sobre o corpo de Oito é a manifestação de um novo Legado. É em momentos como este que um Cêpan faz falta; Marina está tendo muita dificuldade para controlar o Legado de congelamento. Nove e eu não tocamos no assunto — ele deve estar com medo da reação dela, e eu acho que ela só vai aprender a controlá-lo quando conseguir lidar com toda essa raiva. Então este retorno ao pântano está acontecendo por causa de um novo Legado fora de controle, da boa e velha intuição, do sofrimento com a morte de Oito ou de um contato real com o mundo espiritual. Talvez uma combinação dos quatro.

Na verdade, não importa. Estamos indo.

Faz poucos dias que Cinco nos guiou por águas como estas. Estávamos mais felizes então — eu me lembro de Marina e Oito agarrados um ao outro, com algo acontecendo entre eles, e Nove gritando e agindo como um idiota toda vez que via um crocodilo. Passo a mão pelo cabelo — está molhado pela umidade e embaraçado depois de dias aqui — e me dou conta de que este não é o momento

para pensar no passado. Estamos indo em direção ao perigo, mas ao menos desta vez sabemos disso.

— Falta muito? — pergunto a Dale.

Ele dá de ombros. Está muito mais à vontade conosco desde que Marina quase congelou seu rosto ontem à noite. Talvez por causa do conteúdo de seu cantil.

— Mais ou menos uma hora — diz ele.

— É melhor não estar de brincadeira com a nossa cara — aviso. — Se estiver nos enganando, vamos deixar você aqui.

Isso o faz corrigir a postura.

— É verdade, dona, eu juro. Vi uns aliens estranhos lá. Pode acreditar.

Olho feio para ele. Nove, que já terminou de jogar água para fora do barco, pega o cantil da mão de Dale.

— Afinal, o que você tem aqui? — pergunta Nove, cheirando o cantil. — Tem cheiro de solvente de tinta.

— Bom, não é só solvente de tinta — retruca Dale. — Prove um pouco.

Nove revira os olhos e devolve o cantil, depois volta-se para mim.

— Sério? — pergunta ele, baixando a voz, mais preocupado que Marina ouça do que Dale, que está sentado bem a nosso lado. — Estamos confiando nesse cara?

— Não só nele — respondo, lançando um olhar na direção de Marina. — Ela está sentindo alguma coisa.

— Desde quando ela...? — Nove se cala, pensando melhor antes de falar, pela primeira vez na vida. — É só que me parece meio louco. Só isso, Seis.

Antes que eu possa responder, Marina acena para nós, chamando nossa atenção.

— Desliguem o motor — sussurra ela.

Dale cai em si e desliga o motor, ainda sem querer irritar Marina. Nosso barco continua a flutuar em silêncio.

— O que foi? — pergunto.

— Tem alguém à frente.

Também estou ouvindo. O som de um motor — que engasga muito menos que o de Dale — aumenta e se aproxima cada vez mais. Por conta do ziguezague que o afluente faz entre as árvores, ainda não conseguimos ver o outro barco.

— Tem mais ralé do pântano por aqui? — pergunta Nove, olhando para Dale.

— Às vezes — responde Dale. Ele olha para nós como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer. — Ei, esperem aí. Estamos em perigo? Porque não concordei com isso.

— Você não concordou com nada — relembra Nove.

— Quietos — dispara Marina. — Aí vêm eles.

Eu poderia nos deixar invisíveis. Penso em segurar Marina e Nove, usar meu Legado e dar a impressão de que Dale está sozinho aqui. Mas não faço nada. Marina e Nove também não parecem estar com vontade de ficar de mãos dadas.

Se houver mogadorianos por aqui, queremos lutar.

Observo a silhueta escura passar pelo aglomerado de árvores e surgir na água diante de nós. É um barco pontoon igual ao nosso, embora seja muito mais bonito e deva ter bem menos vazamentos. Assim que nos vê, o segundo barco também desliga o motor. Ele flutua a cerca de trinta metros à frente, fazendo-nos oscilar sobre leves ondulações ao movimentar a água.

O barco é guiado por três mogadorianos. Por causa do calor, tiraram o sobretudo idiota de couro preto e estão de regata, deixando à mostra os braços com um brilho pálido e as armas e adagas, claramente visíveis nos cintos. Eu me pergunto o que estão fazendo aqui, em plena vista, e então me dou conta de que devem estar nos procurando. Afinal, o pântano é nossa última localização conhecida. Esses azarados mensageiros mogs devem ter sido escolhidos para trabalhar no pântano.

Todos estão imóveis. Olhamos para os mogs, e imagino se vão nos reconhecer neste estado.

Os mogs também nos encaram, sem fazer qualquer menção de religar o barco e sair do caminho.

— Amigos seus? — diz Dale com a fala arrastada.

Sua voz quebra o impasse. Ao mesmo tempo em que dois dos mogs fazem menção de pegar as armas, o terceiro se vira para ligar o motor novamente. Uso minha telecinesia, atingindo a frente do barco deles com toda a minha força, fazendo a proa se erguer da água. O mog que estava indo para o motor cai pela lateral, e os outros dois cambaleiam para trás.

Uma fração de segundo depois de meu ataque telecinético, Marina inclina-se sobre a amurada e enfia a mão na água do pântano. Uma camada de gelo se espalha dela em direção ao barco dos mogs, fazendo a água crepitar e estalar enquanto congela instantaneamente. O barco deles fica enviesado, meio para fora da água, quando o gelo se forma a seu redor.

Nove sai de nosso barco, corre com graça pela água congelada e pula por cima da lateral do barco dos mogs. Ele agarra o mog mais próximo pelo pescoço, tropeçando com ele para a popa por causa de seu movimento e do convés inclinado. O segundo mog ergue a arma e mira em Nove, mas antes que possa disparar, Nove firma seus pés e joga o primeiro mog sobre o companheiro.

O mensageiro cai na água e tenta subir no caminho de gelo de Marina. É um

erro. Um pingente de gelo denteado ergue-se da banquisa, empalando o mogadoriano. Antes que esse mog vire cinzas, uso a telecinesia fazer o pingente de gelo terminar de atravessá-lo e sair voando até atingir um dos mogs do barco. O último mog, com a adaga em punho, ataca Nove, mas ele segura seu pulso, torce-o para trás e o apunhala no olho com a própria lâmina.

De repente, a luta acaba. Todo o confronto durou menos de um minuto. Mesmo desequilibrados como estamos, ainda conseguimos matar mogs.

— Bom, isso foi revigorante! — grita Nove, sorrindo para mim do outro barco.

Ouço som de água atrás de mim e viro-me bem a tempo de ver Dale nadando como um louco no pântano. Ele deve ter pulado do barco, e agora se afasta de nós em estilo cachorrinho o mais rápido que seus braços magros e a bebedeira permitem.

— Aonde está indo, idiota? — grito para ele.

Dale chega a um afloramento enlameado de raízes e sobe ali, ofegante. Ele olha para mim e para os outros com olhos arregalados e frenéticos.

— Vocês são umas aberrações! — grita ele.

— Isso não foi muito simpático — diz Nove, rindo, enquanto volta com cuidado ao barco de Dale, pois a camada de gelo de Marina já começa a derreter sob o calor da Flórida.

— E quanto ao barco? — grito para Dale. — Vai voltar nadando para o Trapper’s?

Ele me olha, incrédulo.

— Vou dar um jeito que não envolva poderes mutantes, muito obrigado.

Suspiro e ergo a mão, com a intenção de usar a telecinesia para arrastar o idiota do Dale para seu barco, mas Marina toca meu ombro e me impede.

— Deixe-o em paz — diz ela.

— Mas precisamos dele para encontrar a base — respondo.

— Já estamos bem perto — diz Marina, balançando a cabeça. — E além disso...

— Putz... — interrompe Nove, protegendo os olhos e olhando para o céu.

— Acho que podemos simplesmente seguir aquilo — termina Marina.

De repente, o dia fica muito escuro. Olho para cima quando uma sombra nos cobre, extinguindo a luz limitada que passava entre as copas das árvores do pântano. Através das folhas, tudo o que consigo ver é o revestimento encouraçado de uma nave mogadoriana que começa a descer. Não se parece em nada com as insignificantes naves semelhantes a discos voadores que consegui derrubar do céu com alguns raios bem posicionados. Essa nave é enorme, do tamanho de um porta-aviões com ferozes canhões giratórios brotando de seu

bojo. Os pássaros locais grasnam e levantam voo, fugindo desse gigante assustador.

Por instinto, estendo as mãos e seguro Nove e Marina, tornando nós três invisíveis. Um barco de mogadorianos é uma coisa. Não acho que estejamos prontos para algo tão grande. Mas a nave de guerra não se importa. Não nos nota. Para uma nave desse tamanho, somos tão insignificantes quanto insetos. Conforme passa, flutuando sobre o pântano e permitindo que aos poucos a luz volte, sinto que encolhi, como se fosse pequena de novo.

Como se fosse uma criança.

E então me lembro daquele último dia em Lorien. Nós nove e nossos Cêpans correndo para a nave que nos levaria à Terra. Os gritos, o calor do fogo na cidade, tiros assobiando pelo ar. Eu me lembro de olhar para o céu e ver naves como aquela passando sobre nós, escondendo as estrelas, com os canhões giratórios atirando e as portas de carga se abrindo para liberar hordas de pikens sedentos de sangue. Acima de nós, percebo, está uma nave de guerra mogadoriana. É o que usarão para conquistar a Terra de uma vez por todas.

— Eles estão aqui — digo, quase sem fôlego. — Está começando.

CAPÍTULO SETE

AOS POUCOS, OS subúrbios que cercam Washington começam a mudar. As casas ficam maiores e mais afastadas, até deixarem de ser visíveis da estrada. Do lado de fora das janelas da van, há imaculados campos ou miniparques onde as árvores são espaçadas em intervalos obsessivamente regulares, projetadas para esconder de olhos curiosos as casas que estão atrás delas. Todas as ruas secundárias que se originam da estrada principal têm nomes pomposos, como Oaken Crest Way ou Goldtree Boulevard, todas protegidas por severas placas de ÁREA PARTICULAR.

No banco de trás, Sam assobia.

— Não acredito que eles moram aqui. Como ricos.

— Nem eu — respondo, com as mãos suando no volante. Eu estava pensando a mesma coisa que Sam, mas não queria dizer, por medo de não conseguir esconder o tom de inveja. Passei a vida inteira fugindo, sonhando em viver em lugares como este, lugares estáveis e tranquilos. E aqui estão os mogs, criando uma vida normal para a classe alta dos nascidos naturalmente, vivendo em grande estilo em um planeta que só querem explorar e destruir.

— A grama do vizinho é sempre mais verde — diz Malcolm.

— Eles não apreciam o que têm, se serve de consolo — diz Adam em voz baixa, falando pela primeira vez desde que começamos a nos aproximar de Ashwood Estates, seu antigo lar. — São ensinados a não gostar de nada que não possam ter.

— O que isso quer dizer? — pergunta Sam. — Tipo, se um mogadoriano fosse ao parque...?

— Não há satisfação no que não se pode ter — recita Adam, suprimindo um risinho irônico quando termina a citação. — É do Grande Livro de Setrákus Ra. Um mogadoriano não se importaria com o parque, Sam, não até que as árvores fossem suas e ele pudesse cortá-las.

— Parece um *grande* livro — digo em um tom seco.

Dou uma olhada para Adam, a meu lado no banco do carona. Ele está olhando pela janela com uma expressão distante. Eu me pergunto se é estranho para ele — é quase um retorno ao lar, embora Adam não seja da Terra. Ele vira a cabeça, nota que o estou observando e fica constrangido. Logo assume uma expressão com a qual estou familiarizado — a fria compostura mogadoriana.

— Pare aqui — instrui ele. — Só falta um quilômetro e meio.

Paro a van no acostamento e desligo o motor. Sem o barulho, os constantes pios atrás de mim ficam ainda mais altos.

— Nossa, gente, calma — diz Sam para a caixa de agitados Chimæra que está entre ele e Malcolm no banco.

Eu me viro para olhar os Chimæra, todos em forma de pássaro. Regal, cuja forma habitual é um imponente gavião, está empoleirado junto a três pássaros mais comuns — um pombo, uma rolinha e um torno. Há também um lustroso falcão cinzento que deve ser Dust e uma coruja rechonchuda que só pode ser Stanley. Todos usam coleiras leves de couro presas delicadamente ao pescoço.

Esse é o primeiro passo de nosso plano.

— Está tudo funcionando? — pergunto a Sam, que ergue o rosto do laptop em seu colo e sorri.

— Olha só isso. — Sam sorri orgulhoso, virando o laptop para mim. Usar os Chimæra dessa forma foi ideia dele.

Meia dúzia de vídeos granulados aparece na tela do laptop, cada um exibindo meu rosto de um ângulo um pouco diferente. As câmeras estão funcionando.

Na viagem de Baltimore a Washington, paramos em uma lojinha escura chamada SpyGuys, especializada em câmeras e aparelhagem de segurança residencial. O vendedor não quis saber por que Malcolm precisava comprar mais de uma dúzia das menores câmeras sem fio que eles tinham; ele pareceu grato pela venda e até nos mostrou como instalar o programa necessário em nossos laptops. Depois disso, compramos as coleiras em uma pet shop. Os outros prenderam as câmeras com cuidado a elas enquanto eu dirigia para o sul em direção a Washington.

Os mogadorianos se esforçaram tanto para nos vigiar, nos perseguir. Agora vamos virar o jogo.

— Espalhem-se por Ashwood Estates — digo aos Chimæra, pontuando o comando com uma imagem mental das fotos de satélite de Ashwood que venho estudando desde ontem e enviando-as aos pássaros por telepatia. — Tentem cobrir cada ângulo. Concentrem-se sobretudo na localização dos mogadorianos.

Os Chimæra respondem piando e batendo as asas com entusiasmo.

Assinto para Sam e ele abre a porta lateral da van. O que se segue é um frenético alvoroço, nossa meia dúzia de pássaros espiões metamorfos alça voo ao mesmo tempo, criando uma formação triangular de grasnados e asas batendo quando eles saem voando da van. Por mais séria que seja nossa situação, a imagem tem algo de legal; Sam sorri abertamente e até Adam se permite um sorriso discreto.

— Vai funcionar — diz Malcolm, dando um tapinha nas costas de Sam, cujo sorriso se abre um pouco mais.

A imagem na tela do laptop é desorientadora, pois cada Chimæra mergulha e paira em direções diferentes. Os primeiros a pousar nas árvores posicionam-se

bem acima dos portões de ferro de Ashwood Estates. O portão fica em um muro de tijolos que se estende por alguns metros e depois, quando deixa de ser visível da estrada, deve se transformar em uma cerca de arame farpado de aparência mais sinistra.

— Guardas — digo, indicando três mogadorianos, dois deles sentados na guarita, um andando diante do portão.

— Só? — pergunta Sam. — Apenas três? Isso não é nada.

— Eles não esperam um ataque direto. Ou qualquer ataque, na verdade — explica Adam. — Estão de guarda principalmente para intimidar motoristas que tenham ido parar ali por engano.

Quando os Chimæra remanescentes pousam em galhos e telhados, e os vídeos entram em foco, começo a ter uma ideia mais clara da organização espacial de Ashwood Estates. Depois do portão principal há uma rua de acesso curta, mas sinuosa, e com poucos pontos onde se esconder. A rua leva a um enorme beco sem saída com balão de retorno com cerca de vinte casas abastadas dispostas ao redor de uma área de recreação central. Ao que parece, os mogadorianos têm mesas de piquenique, aros de basquete e uma piscina. No geral, é um pedaço idílico de subúrbio, mas não há ninguém à vista.

— Está quieto — digo, olhando os vídeos. — É sempre assim?

— Não — admite Adam. — Está acontecendo alguma coisa.

Um dos Chimæra levanta voo e se reposiciona, mostrando uma das casas que não víamos antes. Um caminhão de lixo está parado no meio-fio com o motor desligado.

— Tem alguém ali — diz Sam, ampliando o vídeo.

Um único mogadoriano com um tablet está parado perto do caminhão. Ele parece entediado enquanto clica alguma coisa na tela.

Adam se esforça para enxergar a tatuagem do couro cabeludo do mogadoriano.

— Um engenheiro — diz ele.

— Consegue ver isso? — pergunto.

— Está nas tatuagens. Para os nascidos naturalmente, são símbolos de honra e realizações. Os nascidos artificialmente recebem profissões — explica Adam. — Fica mais fácil comandá-los.

— Há outros — indica Sam.

Quatro guerreiros mogadorianos saem da casa carregando um equipamento de computação do tamanho de uma geladeira. Eles o levam em direção ao meio-fio e o colocam diante do engenheiro, então esperam enquanto ele contorna a máquina e a inspeciona.

— Parece um servidor — observa Malcolm. Ele se volta para Adam. — Será

que estão substituindo o equipamento que você destruiu?

— É possível — responde Adam, mas não parece ter certeza. Ele aponta para um sobrado com varanda a duas casas de onde os mogadorianos estão trabalhando. — Aquela é minha antiga casa. Sei que existe um acesso aos túneis por ali, mas as outras também devem ter.

Enquanto Adam fala, o engenheiro termina a inspeção do servidor. Ele balança a cabeça e os outros mogs erguem outra vez o equipamento. Eles o jogam no caminhão de lixo, depois voltam para a casa.

— Acho que não são muito fãs de reciclagem, hein? — diz Sam.

Antes que o primeiro grupo de mogs entre de novo na casa, um segundo grupo sai. Estão carregando o que parece uma cadeira de barbeiro de um filme de ficção científica ruim, ao mesmo tempo futurista e assustadora, com fios soltos e protuberâncias. O engenheiro corre para encontrar esse segundo grupo, ajudando-o a colocar o equipamento no jardim com delicadeza.

— Eu reconheço aquilo — diz Malcolm com a voz tensa.

— A máquina do Dr. Anu — diz Adam, virando-se para mim. — Foi o que usaram em Malcolm. E em mim.

— O que vão fazer com ela agora? — pergunto, observando o engenheiro começar a inspeção.

— Parece uma equipe de recuperação — explica Adam. — Causei alguns danos aos túneis na última vez em que estive aqui. Agora estão recuperando os equipamentos que podem e jogando o resto fora.

— E quanto aos nascidos naturalmente que deveriam estar aqui?

Adam faz uma careta.

— Devem ter sido evacuados até o lugar voltar ao normal.

Arregalo os olhos para Adam.

— Então dirigimos até aqui para nada? Os nascidos naturalmente já partiram e as máquinas foram destruídas.

— Não — diz ele, e vejo que está raciocinando. — Se conseguirmos eliminar essa equipe de recuperação antes que eles peçam ajuda, teremos acesso completo ao que restou de Ashwood. Podemos entrar na rede deles...

— E o que ganhamos com isso?

— É como se alguém de meu povo pudesse abrir uma de suas arcas, John. Saberemos os segredos deles. O que estão planejando.

— Estaremos um passo à frente — digo.

— Isso — assente Adam, observando o engenheiro avaliar a máquina do Dr. Anu. — Mas é melhor entrarmos. O que a equipe de resgate decidir destruir ainda pode ser útil para nós.

— Está bem — digo, observando a equipe de recuperação mog voltar para

dentro da casa. — Então, existe alguma entrada secreta ou coisa do tipo?

— A esta altura, acho que um ataque direto é nossa melhor aposta. — Ele olha para mim. — Se você concordar.

— Com certeza — respondo. Tínhamos planejado usar nossa rede de vigilância de Chimæra para observar os mogs por algum tempo e decidir a melhor abordagem de ataque. Mas agora que estamos aqui, estou ansioso para lutar. Preciso de uma vingança por tudo o que fizeram. Por levar Ella, destruir a casa de Nove, matar um de meus amigos. Se Adam diz que precisamos entrar logo, estou pronto.

Malcolm pega uma caixa sob o banco. De dentro dela, tira dois fones de ouvido, um para mim e outro para Adam. Os aparelhos estão conectados a dois walkie-talkies que Sam e Malcolm vão usar. Enfio o meu no ouvido e Adam faz o mesmo.

— Devemos nos preocupar com as autoridades locais? — pergunta Malcolm. — Uma troca de tiros em plena luz do dia pode atrair atenção.

Adam balança a cabeça.

— Eles são subornados — diz ele, depois olha para mim. — Mas é melhor sermos rápidos. Matá-los antes que peçam reforços. Se eu conseguir passar por eles e entrar em minha antiga casa, acho que posso cortar suas comunicações.

— Eu posso ser rápido — respondo.

Prendo a adaga lórica à canela, escondida sob a calça. Depois, coloco o bracelete vermelho no pulso. No centro, a joia âmbar que se expande para formar um escudo, cintila ao sol do meio-dia. No mesmo instante, o bracelete emite alfinetadas geladas, avisando-me que há mogs por perto. Claro — há um mog sentado a meu lado. A presença de Adam vai deixar meu sensor de perigo perdidinho.

— Pronto? — pergunto a ele.

A meu lado, Adam veste um coldre axilar, encaixando um revólver com silenciador sob cada braço. Ele assente.

— Ei, esperem aí — diz Sam. — Vejam este cara.

Adam e eu nos viramos outra vez para o laptop, observando outro mogadoriano sair da casa que a equipe de recuperação está esvaziando. Alto, de ombros largos, ele é maior que os outros e tem uma postura mais altiva. Ao contrário dos demais, usa uma enorme espada presa às costas. Enquanto olhamos, ele vocifera ordens ao engenheiro, depois volta para dentro da casa. Quando olho para Adam, seu rosto está mais pálido que de costume.

— O que foi?

— Nada — diz ele, rápido demais. — Só tenha cuidado com aquele. É um general nascido naturalmente, um dos homens em quem Setrákus Ra mais

confia. Ele... — hesita Adam, observando o ponto que o general ocupava no monitor. — Ele já matou Gardes.

Minhas mãos ficam mais quentes. Se já não estivesse pronto para uma luta, sem dúvida estou agora.

— Vou matá-lo — digo, e Adam apenas assente, abre a porta e sai da van. Olho para Sam e Malcolm. — Vamos nos aproximar a pé, matar os guardas, e depois vocês nos dão cobertura.

— Eu sei, eu sei — diz Sam. — Vou observar o monitor e gritar em seu ouvido quando vir problemas.

Malcolm já começou a tirar seu rifle com mira a laser do estojo. Eu o vi usá-lo no Arkansas — ele salvou a minha pele. Não há ninguém melhor do que os Goode para me dar cobertura.

— Cuidado — diz Malcolm, erguendo a voz para Adam poder ouvir. — Vocês dois.

Bato minha mão contra a de Sam.

— Acabe com eles — diz ele.

E então saio da van e sigo a passos rápidos para a fortaleza mogadoriana. Adam mantém o ritmo a meu lado.

— John — diz ele, enquanto nossos pés esmagam o cascalho do acostamento. — Você precisa saber mais uma coisa.

Claro, quando eu estava começando a baixar a guarda com esse cara, bem quando estamos indo juntos para a batalha, ele vai me contar alguma surpresa.

— O que é?

— O general é meu pai.

CAPÍTULO OITO

QUASE PARO DE repente, mas Adam não diminui o passo, então mantenho o ritmo.

— Você está de brincadeira.

— Não. — Adam franze a testa, concentrando-se na estrada à frente. — Não nos damos muito bem.

— Você vai... — Nem sei como dizer isso. — Vai conseguir...?

— Lutar? Matar? — responde Adam. — Vou. Não tenha misericórdia com meu pai, porque ele não terá conosco.

— Seu próprio pai, cara? Quer dizer, até para um mogadoriano é muita frieza.

— A esta altura, derrotá-lo em batalha talvez seja o único jeito de fazer com que se orgulhe de mim — responde Adam. Depois acrescenta, mais baixo: — Não que eu me importe.

Balanço a cabeça.

— Vocês são muito esquisitos.

Nós nos calamos ao ver a entrada de Ashwood Estates. O mogadoriano que está diante dos portões nos vê e protege os olhos do sol, tentando enxergar melhor. Mantemos um passo constante e não fazemos nenhuma tentativa de nos esconder. Estamos a cerca de cinquenta metros dos portões e nos aproximamos rapidamente, mas para o mog podemos parecer apenas duas pessoas fazendo exercício. Ele ainda não nota as armas presas a Adam.

— Espere até chegarmos um pouco mais perto — digo entre dentes cerrados, e Adam assente.

A trinta metros de distância, o mog vira a cabeça, dizendo alguma coisa a seus dois companheiros da guarita. Avisando-os que algo pode estar acontecendo. Eu os vejo se levantar e olhar para nós, delineados na janela. O mog da frente recua um pouco, aproximando a mão da arma que sem dúvida está escondida sob seu casaco. Mas hesita, deve achar que está sendo paranoico.

De fato, eles nunca imaginaram que viríamos pegá-los. Não estão preparados.

Faltando vinte metros, acendo o Lúmen, e chamas rugem de minhas mãos. A meu lado, a passos largos, Adam saca ambas as armas e mira.

O mog mais próximo tenta pegar sua arma, mas é lento demais. Adam dispara um tiro de cada arma, ambos abafados por silenciadores. Atingido duas vezes no peito, o mog cambaleia por um momento e depois explode em uma nuvem de cinzas.

Jogo uma bola de fogo na guarita. Os guardas tentam sair, mas, assim como o companheiro, são lentos demais. A bola de fogo explode pela janela, lançando vidro para todos os lados e incendiando um dos mogs. O outro consegue se jogar porta afora com as costas em chamas. Ele está bem diante da entrada de Ashwood, então projeto a telecinesia e arranco o portão de ferro forjado das dobradiças, esmagando o mog.

— Acha que os outros nos ouviram? — pergunto a Adam quando contornamos o portão de metal retorcido e entramos em Ashwood Estates.

— Nossa entrada não foi lá muito sutil — observa Adam.

A voz de Sam crepita em meu ouvido.

— Quatro deles estão subindo a rua de acesso — avisa ele. — Com armas em punho.

A rua de acesso é um aclive com uma leve curva no topo, depois da qual chegaremos ao condomínio. Não há muita cobertura pelo caminho.

— Fique atrás de mim — digo a Adam.

Os mogs dobram a curva. Eles não fazem nenhuma pergunta antes de lançar uma saraivada de tiros. Adam pula para trás de mim no instante em que o escudo se arma — quando o ondulante material vermelho se expande para absorver os tiros, é como se um paraquedas saísse de meu braço. Adam segura as costas de minha camisa.

— Vá em frente — diz ele.

É o que faço, e o escudo absorve mais tiros conforme avanço em direção aos mogs. Agora o bracelete emite uma vibração constante e dolorosa em meu pulso. Seguindo meus passos com cuidado para evitar os tiros, Adam sai de trás do escudo e mata dois mogadorianos de uma só vez. Vendo que não estão fazendo progresso, os outros dois tentam recuar. Baixo o escudo e lanço uma bola de fogo que explode entre eles, jogando-os no chão. Adam os abate com tiros bem-mirados. Como estou fora de perigo por enquanto, meu escudo volta para dentro do bracelete.

— Nada mau — digo.

— Estamos só começando — responde ele.

Corremos pela rua de acesso, fazemos a curva, e enfim as opulentas casas de Ashwood Estates aparecem. Não há ninguém do lado de fora, e todas as janelas estão escuras; o lugar parece uma cidade-fantasma. À nossa direita, vejo o antigo lar de Adam, e algumas casas depois dela estão o caminhão de lixo e a cadeira tecnológica que o engenheiro inspecionava. As equipes de recuperação, o engenheiro e o general sumiram.

— Estão vindo pelo quintal! — grita Sam.

Adam e eu nos viramos a tempo de ver um esquadrão de guerreiros

mogadorianos aproximando-se sorrateiramente por entre duas das casas. Teria sido uma ótima emboscada se não tivéssemos batedores pousados nas árvores. Quando erguem as armas, Adam está pronto. Ele bate com o pé no chão e uma violenta onda de força rola na direção deles, levantando asfalto e pedaços de grama. Os mogs mais próximos caem, outros cambaleiam e um dispara por acidente nas costas de outro.

— Eu cuido destes! — digo a Adam. — Vá ver se não estão pedindo reforços.

Adam assente, depois corre pelos gramados em direção a sua antiga casa. Enquanto isso, perto dos mogadorianos aturdidos, noto um tanque de metal que se desprendeu de seu nicho em uma casa. Com a audição focada, ouço um leve chiado vindo do tanque. Quase solto uma risada ao perceber minha sorte.

É um cano de gás.

Lanço uma bola de fogo na direção dos mogs antes que consigam se recuperar. Ela passa bem ao lado do líder que, nos dois segundos antes que o tanque de gás exploda e incinere todos eles, chega a abrir um sorriso sarcástico para mim, achando que errei. A força faz as janelas das duas casas adjacentes explodirem para dentro, grandes marcas pretas chamuscadas se formam do lado de fora e a grama queima. Tenho que me controlar para não apreciar a destruição — é quase catártico destruir este lugar, derrubar o que os mogs construíram depois que destruíram tantas vezes minhas tentativas de ter uma vida normal.

— Nossa, cara — diz Sam em meu ouvido. — Sentimos isso daqui.

Tiro o walkie-talkie das costas da calça jeans.

— Como estão as coisas, Sam?

— Você está desimpedido — diz ele. — Estranho. Achei que haveria mais mogs.

— Eles podem estar nos túneis — respondo, indo para a casa na qual Adam entrou. Observo as janelas vazias enquanto me aproximo, atento a qualquer mog à espreita. Está calmo demais.

— E aquele general enorme não estava entre os que você explodiu — diz Sam.

Estou atravessando o gramado em direção à casa de Adam quando a janela da frente se quebra e o corpo dele sai voando por ela. Suas pernas batem com força contra o guarda-corpo da varanda e ele vira de cabeça para baixo, caindo no jardim como uma boneca de trapos. Corro até ele enquanto tenta se levantar, trêmulo.

— O que aconteceu? — grito.

— Meu pai... não está contente — geme ele, olhando para mim quando me agacho a seu lado. Há um enorme caco de vidro saindo de sua bochecha, fazendo

um fio de sangue escuro descer por seu pescoço. Ele o arranca e joga para longe.

— Consegue se levantar? — pergunto, segurando seu ombro.

Antes que Adam responda, uma voz estrondosa grita:

— Número Quatro!

O general sai a confiantes passos largos pela porta da frente, olhando-me da varanda. Ele é enorme e musculoso. As tatuagens em seu crânio pálido são muito mais intricadas que as de qualquer mog que já vi, com exceção de Setrákus Ra. Sinto alguém se movimentando atrás dele — outros mogadorianos, não sei quantos. Eles não saem da casa. É quase como se o general quisesse lidar com a gente sozinho.

Eu me levanto e o encaro, com as mãos brilhantes e quentes, e uma bola de fogo flutuando na palma.

— Sabe quem eu sou, hein? — pergunto a ele.

— Sim. Há muito espero conhecê-lo.

— Ahan. Se me conhece, então sabe que não tem nenhuma chance contra mim. — Estico o pescoço, procurando olhar para trás dele. — Nenhum de vocês tem.

O general chega a sorrir.

— Muito bem. Corajoso. Uma mudança bem-vinda. O último lorieno que encontrei fugiu. Tive que apunhalá-lo pelas costas.

Chego à conclusão de que já conversei bastante e jogo a bola de fogo na direção dele. O general percebe a tempo, abaixa-se e, em um movimento surpreendentemente fluido, tira a espada da bainha. Ele corta o ar à sua frente quando a bola de fogo se aproxima, e a brilhante lâmina mogadoriana absorve meu ataque.

Nada bom.

O general pula da varanda com a espada acima da cabeça, e a brande em um arco feroz em minha direção. Ele é rápido — muito mais rápido que os outros mogs com quem já lutei — e meu escudo mal tem tempo de se expandir antes que sua espada me parta ao meio. O escudo ressoa ao rechaçar a lâmina, mas mesmo assim a força é suficiente para me derrubar para trás.

— John! — grita Adam, e o general, tendo parado bem ao lado dele, tira um instante para chutar com força o rosto do filho. Adam grita, rolando para longe.

— Você é uma eterna decepção — diz o general a Adam em um tom furioso, tão baixo que mal consigo ouvir. — Se continuar deitado, talvez eu ainda tenha misericórdia.

Logo me ponho de joelhos, formando outra bola de fogo. O general aponta a espada para mim e sinto algo semelhante a uma corrente de ar, quase como se a lâmina absorvesse a energia a seu redor. Minha bola de fogo murcha e encolhe, e

preciso me concentrar mais para aumentá-la. Enquanto isso, a grama ao redor do general seca, a lâmina drenando sua vida. Não vejo um mog com uma arma dessas desde a luta no bosque perto da Paradise High.

— Não deixe que o atinja — avisa Adam, cuspindo sangue.

Mas o aviso chega tarde demais. Um raio de energia em forma de adaga se desprende da lâmina do general e chispa em minha direção; a energia é preta, ou melhor, parece destituída de qualquer cor, e muda a textura do ar que atravessa, absorvendo vida e oxigênio, como um miniburaco negro.

Não tenho chance de me esquivar. Meu escudo se arma, expandindo-se na habitual forma de guarda-chuva, mas no mesmo instante se torna preto e quebradiço quando o golpe do general o atinge. Congelado, meu escudo começa a se despedaçar aos poucos, sendo carregado pelo vento como tantas cinzas mogadorianas. Veios escuros semelhantes a ferrugem começam a se espalhar vagarosamente pelo bracelete, e eu o tiro às pressas antes que entrem em contato com minha pele. Quando cai no chão, o bracelete se quebra ao meio.

O general sorri outra vez para mim.

— E agora, vai fugir?

CAPÍTULO NOVE

OS MOGADORIANOS QUE se protegiam dentro da casa começam a rir. Um por um, saem para a varanda, ávidos para ver de perto seu grande general liquidar um Garde. São mais de vinte, a equipe de recuperação e mais alguns guerreiros e mensageiros, todos nascidos artificialmente. Não são bem os alvos importantes que tínhamos esperança de encontrar, mas isso não importa mais. Há apenas dois mogs nascidos naturalmente em Ashwood Estates — um é Adam, caído na grama a poucos metros, com sangue escuro pingando do rosto.

O outro está vindo direto para mim.

Quando o general avança com a espada apontada para minha garganta, por um momento penso que eu e Adam demos um passo maior que as pernas ao tentar tomar uma cidade mogadoriana inteira.

Mas depois me lembro de que não estamos sozinhos.

Com um guincho, Dust, ainda em forma de falcão, mergulha sobre o general. Suas garras se enfiam fundo no rosto dele, e o enorme mogadoriano grunhe de dor antes de conseguir espantar o Chimæra.

É a distração de que preciso. Com rapidez, formo outra bola de fogo e a jogo na direção do general. Desta vez ele não consegue erguer a espada, e o fogo o atinge bem no peito. Espero no mínimo vê-lo desabar no chão, mas ele apenas cambaleia alguns passos para trás. A parte da frente de seu uniforme é queimada, revelando a carapaça da armadura mogadoriana de obsidiana por baixo.

Dust, atordoado pelo golpe, cai na grama aos pés do general. Ele brande a espada violentamente contra o Chimæra, mas, no último segundo, Dust se transforma em uma cobra e desliza pela grama, fugindo da lâmina. Com marcas de garras no rosto, o general volta o olhar para mim.

— Escondendo-se atrás de seus animais de estimação! — vocifera o mog. — Vergonhoso. Lute com honra, menino. Chega de truques.

Ergo a mão e sorrio para ele ao notar os pássaros chegando de todas as direções.

— Espere. Só mais um truque.

É então que o rinoceronte cai do céu.

Em um momento, o Chimæra — nem sei qual — é um tordo que voa inocentemente acima dos mogadorianos; no seguinte, é um rinoceronte africano de meia tonelada que cai de barriga sobre eles. Alguns mogs da varanda são esmagados de imediato, a madeira quebra e se estilhaça e a frente da casa chega a afundar um pouco sob o peso do animal. Outro mog é espetado pelo chifre do rinoceronte, que começa a correr de um lado para o outro. Os outros mogs saem

para o jardim, atirando. Eles não estão mais rindo. A nobre execução organizada pelo general foi arruinada por nosso pequeno exército de Chimæra.

É um caos. Por todos os lados, pássaros se metamorfoseiam em criaturas mais letais — um urso, alguns gatos-da-selva e um pesado lagarto que imagino ser um dragão-de-komodo — e perseguem os mogadorianos. Vejo alguns dos Chimæra levarem tiros que os mogs frenéticos disparam contra eles enquanto tentam desesperadamente se reagrupar. Não vão conseguir aguentar muito tempo. Pelo menos uma vez, temos o elemento surpresa.

— Parece que é você quem deveria estar fugindo — grito para o general quando me preparo para lutar com ele. Para ser sincero, não sei bem o que fazer. Afinal de contas, é o pai de Adam. Ele me disse para não ter misericórdia, mas ainda parece errado matar o pai na frente do filho, mesmo que sejam mogadorianos. Olho para Adam, esperando que me dê ao menos sua aprovação ou reprovação, mas ele ainda está encolhido na grama, tentando se levantar. Dust está a seu lado em forma de lobo, também parecendo meio ferido, lambendo seu rosto com delicadeza.

— Meu nome já está escrito na História como assassino de Gardes! — urra o general em resposta, sem se importar com a dizimação de seus homens atrás de si. — Se hoje for o dia de minha morte, eu o levarei comigo.

Ele ataca, tentando atingir meu esterno com a espada; ergo o braço, esperando que o escudo se expanda e defenda o golpe. Levo uma fração de segundo para me lembrar de que não há nada em meu pulso, que o escudo foi destruído. O general quase me acerta por causa de meu excesso de confiança no bracelete. Sou obrigado a girar para o lado no último segundo e percebo que escapei por pouco quando sua lâmina rasga a parte de trás de minha camisa.

A espada do general pode ter errado o alvo, mas seu cotovelo, não. Aproveitando o impulso, ele se vira e me atinge bem na têmpora. Deve estar usando aquela armadura mogadoriana no corpo inteiro, porque seu cotovelo mais parece um martelo. Tropeço para o lado, vendo estrelas. O general investe outra vez contra mim, e mal consigo revidar com a telecinesia, empurrando-o para trás. Seus calcanhares arrancam tufos da grama, pois ele se recusa a cair.

Em vez de avançar outra vez, o general aponta a espada e outro miniturbilhão se desenvolve na ponta da lâmina. Sou pego desprevenido — sem escudo nem proteção — e sei que não posso deixar aquela energia letal me atingir. Preparo-me, pronto a pular para o lado.

Antes que a espada dispare, a mão direita do general explode. Ele urra e solta a arma, erguendo a palma para ver o buraco do tamanho de uma moeda que um segundo antes não estava ali.

— Meu pai disse “de nada” — ouço a voz de Sam em meu ouvido.

Olho por sobre o ombro e vejo nossa van estacionada na rua de acesso. Malcolm Goode está ao lado da porta do motorista, usando-a como cobertura enquanto olha pela mira de seu rifle.

— Intrusos — rosna o general. Antes que Malcolm dispare outro tiro, o general sai correndo, usando o caminhão de lixo como cobertura. Considerando seu tamanho e a armadura completa, ele é surpreendentemente rápido.

Bem, eu disse que queria que ele fugisse de mim, não disse?

Vou atrás dele, e pensar sobre como ele perseguiu e matou Gardes me dá forças. Com o canto do olho, vejo um guerreiro mog apontar a arma para mim. No segundo em que dispara, um Chimæra em forma de pantera negra pula em suas costas. A arma perde o controle e o tiro acaba cortando ao meio a cadeira que o Dr. Anu usava em seus experimentos. Sei que nosso objetivo era manter essa tecnologia mog intacta, mas no momento não me importo. Estou furioso. O general — tão orgulhoso de matar Gardes. De matar crianças.

Vou escrever o último capítulo de sua preciosa história. Agora.

Quando contorno o caminhão de lixo, vejo que o general foi até as quadras de basquete e parou. O mog me chama, esperando no meio da quadra. Vou correndo, ignorando a parte de mim que sabe que ele está me levando para uma armadilha. Seja o que for, não vai me deter.

O general resmunga alguma coisa em mogadoriano. Parece um comando. Sob meus pés, abaixo do asfalto, algum tipo de gerador é ligado.

Sinto uma mudança no ar quando um campo de força em forma de domo se ergue sobre a quadra de basquete, prendendo-me com o general. De repente, tudo fica muito silencioso, e até o som dos Chimæra surrando os mogadorianos é bloqueado pelo campo de força.

Afasto-me da parede mais próxima, sentindo o mesmo tipo de choque elétrico que encontramos na base de West Virginia. Lembro-me de como fiquei doente depois daquilo — levei dias para me recuperar — e sei que não posso chegar perto demais.

Enquanto penso sobre isso, um impulsivo Chimæra em forma de tigre se lança sobre o general. A energia azul o repele, dando-lhe um choque e deixando-o caído se contorcendo no chão, ainda fora do campo de força.

— Promovíamos lutas de pikens aqui — reflete o general, indicando o espaço fechado com um gesto. — Era uma recompensa para os nascidos artificialmente. Pena que a maioria deles não esteja aqui para ver a disputa de hoje.

— Quer ficar a sós comigo, é isso? — zombo do general, ainda me afastando do campo de força.

— Quero matá-lo em paz — responde ele. — Com seus muitos amigos

assistindo sem poder fazer nada.

— Boa sorte.

Sem hesitar, parto para cima do general lançando bolas de fogo. Ele absorve cada uma delas. Enormes pedaços de seu uniforme são queimados, mas acho que não estou causando dano algum à armadura que fica por baixo. Sem demonstrar dor, corre em minha direção como se fosse colidir contra mim.

Ele deve pesar uns bons noventa quilos a mais que eu com aquela armadura. Mas que se dane.

Colidimos e perco o fôlego, mas consigo me manter de pé. Pressiono a mão, ainda envolvida pelas chamas do Lúmen, no rosto do general. Ele solta um gemido de dor, mas essa é sua única reação enquanto queimo seu rosto e a pele pálida fica preta e cria bolhas. Ele envolve minha garganta com as mãos, que são grandes o bastante para que os dedos se entrelacem em minha nuca.

Ele aperta meu pescoço e de imediato pontos negros surgem em minha visão. Não consigo respirar. Com a mão livre, tento abrir os dedos do general. Parece que minha garganta vai ceder se eu deixá-lo apertar mais.

É difícil me concentrar enquanto ele me enforca, mas consigo manter a intensidade do Lúmen ao mesmo tempo em que uso a telecinesia. Tiro minha adaga da bainha sob a perna da calça. Com as duas mãos ocupadas, reúno o máximo de força telecinética que consigo e lanço a lâmina em direção ao coração do general.

Minha adaga ricocheteia em sua armadura. Antes que consiga apunhalá-lo outra vez, ele aperta mais minha garganta e perco o controle da telecinesia. Tonto, tudo o que posso fazer é manter o Lúmen ardendo contra seu rosto.

— Quem você acha que vai morrer primeiro, menino? — zomba o general, cuspindo fumaça do próprio rosto queimado ao falar. Tento recuar, afastar-me, mas ele usa todo o seu peso, forçando-me a ficar de joelhos.

De repente, uma espada mogadoriana é apontada para meu rosto. Incapaz de mover a cabeça, apenas me retraio. A ponta da lâmina brilhante para a centímetros de meus olhos. O aperto do general se afrouxa e ele me larga. Caio de lado, ofegante, tentando entender o que aconteceu.

— Pelas costas. Não é assim que você faz, pai?

Adam segura a espada com ambas as mãos — é quase pesada demais para ele — e a arranca das costas do pai. Ele a enfiou no peito do general, e a lâmina brilhante perfurou a armadura mogadoriana como se fosse feita de papel-alumínio. Eu estava ocupado demais lutando pela minha vida para notar que o campo de força fora baixado. Por sorte, o general também estava. Ele encara Adam, atônito. O general deve perceber seu erro — todos os mogadorianos conhecem o comando de voz que baixa o campo de força, mas um deles não

estava lutando a seu lado.

O general toca o ferimento de seu peito e por um instante acho que vai continuar me atacando. Mas ele cambaleia, estendendo a mão para tentar segurar Adam, quase como se quisesse abraçá-lo. Ou talvez esganá-lo. Não há como saber.

Adam dá um passo para o lado com uma expressão distante, e deixa o general cair de cara no chão. Fora da quadra, a luta terminou, todos os mogadorianos estão mortos. No jardim de Adam, Sam se ajoelha ao lado de um Chimæra ferido. Malcolm está a alguns metros de nós, ao lado da quadra, observando-nos com uma expressão preocupada. Eu me levanto e fico ao lado de Adam.

— Adam, você está...? — Minha voz está rouca por causa da garganta machucada e dolorida.

Ele ergue a mão, interrompendo-me.

— Olhe — diz ele em um tom monótono.

A nossos pés, o general começa a se desintegrar. Não é um processo rápido, como vi acontecer aos muitos mensageiros e guerreiros nascidos artificialmente que matei. O general se decompõe devagar, algumas partes murcham mais rápido que as outras. Em alguns pontos, a carne se desfaz, mas não o osso abaixo dela, deixando um cotovelo esquelético projetando-se do chão ao lado de uma caixa torácica, tudo ligado a um crânio meio desintegrado.

— Dá para ver as modificações que Setrákus Ra fez — diz Adam, explicando com um tom de voz quase clínico. — Fechou ferimentos, curou doenças, melhorou sua força e velocidade. Ele prometeu a imortalidade. Mas as partes falsas se desintegram, como nos nascidos artificialmente. O restante, o que sobrou, é natural, carne verdadeira.

— Não precisamos falar disso agora — consigo dizer, ainda tentando recuperar o fôlego. Sou grato pelas informações. Mas o pai de Adam está morto a nossos pés, e ele dá uma aula sobre genética mogadoriana como se nada tivesse acontecido.

— Já é tarde demais para eles perceberem, mas este é o destino que Setrákus Ra oferece a meu povo. Cinzas e partes avulsas — diz Adam, observando os restos do pai. — Eu me pergunto quanto mais sobraria se o *Grande Líder* nunca tivesse envenenado o corpo e a mente dele.

Adam solta a espada, que bate com força no chão. Coloco a mão em seu ombro, esquecendo a repugnância que senti por ele nos últimos dias. Adam acabou de salvar minha vida e, para isso, matou o próprio pai.

— Adam, está tudo bem — arrisco, sem saber o que dizer nesta situação louca.

— Eu o odiava — responde ele, sem olhar para mim. Ele observa o uniforme queimado, as pilhas de cinzas e os ossos soltos que antes eram o general. — Mas ele era meu pai. Queria que as coisas tivessem terminado de um jeito diferente. Para todos nós.

Eu me agacho ao lado dos restos do general e pego com cuidado a bainha de couro preto simples que ele usava nas costas. Está meio chamuscada, mas ainda inteira. Recolho a espada do chão, onde Adam a deixou cair, coloco-a na bainha e entrego a ele.

— Não quero isso — diz Adam, observando a arma com um olhar de nojo.

— As coisas *podem* terminar de um jeito diferente — digo. — Use isto de uma forma que seu pai nunca usou. Ajude-nos a ganhar esta guerra e mude o destino de nossos povos.

Adam hesita por um momento antes de aceitar a espada. Ele segura a lâmina com ambas as mãos e a observa. Após um longo instante de contemplação, Adam passa a bainha por cima do ombro. Ele solta um grunhido por causa do peso, mas consegue continuar de pé.

— Obrigado, John — diz ele em voz baixa. — Eu juro, esta lâmina nunca mais será usada contra um lorieno.

Sam se aproxima de nós.

— Vocês estão bem?

Adam assente. Eu toco minha garganta, que já está inchada no ponto em que o general me estrangulou.

— É, estou bem — respondo, depois olho para Adam. — Mas terminou? Ou chegarão mais soldados?

Ele balança a cabeça.

— Cortei as comunicações pouco antes que meu... pouco antes que o general me encontrasse. Não mandarão reforços.

— Que bom — responde Sam, observando as janelas vazias de Ashwood Estates. — Então acabamos de tomar uma base mogadoriana.

Antes que eu tenha a chance de apreciar a conquista, noto uma expressão sombria no rosto de Adam. Ele não está mais olhando para o pai. Seus olhos perscrutam o horizonte como se esperasse ver algo ruim vindo em nossa direção a qualquer momento.

— O que foi? — pergunto.

— Havia mais uma coisa — diz ele devagar, escolhendo as palavras com cuidado. — Só passei alguns instantes na rede de comunicações, mas ouvi conversas. Movimentações de tropas. Relocações em massa de nascidos naturalmente para a fortaleza de West Virginia. Envio de grupos de guerreiros para centros populacionais.

— Ei, ei — digo, erguendo as mãos. — O que isso quer dizer?
— Invasão — responde Adam. — A invasão é iminente.

CAPÍTULO DEZ

SETRÁKUS RA MANDA alguns de seus lacaios me largarem em um quarto frio e sem janelas. Acho que é o fim das conversas educadas durante jantares nojentos. O lugar é tão pequeno que posso ficar de pé no centro do cômodo, esticar os braços e quase roçar as paredes opostas com as pontas dos dedos. Há uma pequena protuberância em forma de domo no meio do teto. Aposto que é uma câmera. Junto a uma das paredes fica uma escrivaninha de metal com uma cadeira que parece ter sido projetada para ser o mais desconfortável possível. Sobre a mesa está um exemplar de *O Grande Livro do Progresso Mogadoriano*.

Esperam que eu me sente aqui e estude a obra-prima de meu avô. Devo ler três capítulos e passar ao menos vinte minutos refletindo sobre cada um.

Não, obrigada.

Não sei se é o mesmo exemplar que usei para golpear aquela mogadoriana em meu primeiro dia. Há muitos exemplares pela *Anúbis*. É como se fosse a única coisa que os mogs leem. Enfim, eles prenderam este à escrivaninha com uma corrente para se certificar de que eu não o use como arma.

Em vez de estudar, encosto-me à parede oposta à da escrivaninha e espero os mogs perderem a paciência. Tento ignorar a coceira no encantamento mogadoriano recém-queimado em meu tornozelo. Se estiverem me observando — e tenho quase certeza de que *sempre* estão me observando — não quero que me vejam desconfortável.

Definitivamente não quero que vejam como a ideia de estar ligada a Setrákus Ra me enoja. Os mogs odeiam os lorienos, mas fazem de tudo para agradar a seu "Adorado Líder", embora ele seja um de nós. Com base no que me contou durante o jantar, Setrákus Ra se transformou em uma espécie híbrida bizarra formada pelos poderosos Legados de um Ancião e os avanços tecnológicos dos mogs. Ou é o que ele diz. É difícil saber se fala a verdade ou não. O que quer que seja agora — lorieno, mog ou algo entre os dois —, Setrákus Ra passou séculos para fazer os mogs o verem como seu salvador. Seu deus. A origem dele não importa mais para os mogadorianos. E mesmo que alguns dos soldados a bordo da *Anúbis* me olhem meio torto, para a maior parte da tripulação estou no nível de Setrákus Ra.

Sou a neta do autoproclamado deus. Até agora, isso me manteve em segurança.

Como se já não bastassem os laços de sangue, agora estamos ligados por sua versão de um encantamento lórico. Lembro que me senti excluída ao descobrir que todos os outros Gardes eram conectados da mesma forma, que todos um dia

haviam sido protegidos pela mesma força. Eu queria ser parte daquilo. Agora tenho duas cicatrizes grossas e irregulares ao redor do tornozelo.

Cuidado com o que deseja, Ella.

Estou distraída, tentando imaginar uma forma de testar o que o encantamento faz sem me machucar, quando começo a ouvir um barulho. É quase igual a um alarme de incêndio. A princípio, é um retinir em meus ouvidos, mas segundos depois aumenta tanto que mal consigo raciocinar. Cubro os ouvidos, mas o som só fica mais alto. Vem de todas as direções.

— Desliguem isso! — grito para os mogs que sei que estão me observando. Em resposta, o volume aumenta. Parece que minha cabeça vai explodir.

Afasto-me da parede cambaleando e o volume diminui de imediato, de um uivo ensurdecedor a um assobio alto. Quando dou outro passo em direção ao Grande Livro, o barulho diminui mais um pouco. Entendo a dica. Quando enfim abro o livro, o som se torna um zumbido irritante.

Então é assim que Setrákus Ra pretende me "educar" — de forma que meus únicos momentos de paz estejam literalmente nas páginas de sua enciclopédia mogadoriana.

Talvez eu deva tentar aproveitar a oportunidade. Talvez possa usar alguma informação daquele livro chato de Setrákus Ra contra ele. Não pode fazer mal folhear um pouco. Jamais vou acreditar nas mentiras dessas páginas.

O zumbido silencia por completo quando começo a ler a primeira página. Embora isso me irrite, é inevitável soltar um pequeno suspiro de alívio.

Não existe conquista maior para uma espécie que assumir a responsabilidade pelo próprio destino genético. É por essa razão que a raça mogadoriana deve ser considerada a mais elevada entre todas as formas de vida do universo.

Eca. Não acredito que esse negócio continua por quinhentas páginas, ou que se tornou leitura obrigatória para uma espécie inteira. Não vou encontrar nada de útil aqui.

Assim que meus olhos se desviam da página, o barulho infernal recomeça, mais alto que antes. Cerro os dentes e volto ao livro, passando os olhos por mais algumas frases até que algo me ocorre.

Agarro as primeiras trinta páginas e as arranco. O som penetrante chega ao nível de sirene, meus olhos lacrimejam, mas me obrigo a continuar. Mostro as páginas para qualquer mogadoriano que esteja vendo, e depois as rasgo ao meio. E aí rasgo em quatro, e então pedaços menores, até ter dois punhados de confete do Grande Livro para jogar no ar.

— Como vou ler agora? — grito.

A sirene continua por alguns minutos. A tal ponto em que meu pescoço e costas começam a doer porque os ombros se contraíram como se estivessem

tentando tapar meus ouvidos. Continuo arrancando mais páginas do livro. Nem consigo ouvir o papel se rasgar.

Então, de repente, o barulho cessa. Os ossos de meu rosto, meus dentes — tudo dói. Mas os venci, e o silêncio naquele quarto minúsculo e desconfortável é o melhor que já experimentei.

Minha recompensa são algumas horas sozinha. Não que eu consiga acompanhar a passagem do tempo. Sento-me na beirada da cadeira desconfortável, apoio a cabeça na mesa e tento tirar um cochilo. O som de meus pensamentos dentro da cabeça é mais alto do que deveria, e o zumbido nos ouvidos não me deixa dormir. Além da sensação de estar sendo observada. Quando abro os olhos, parece que o quarto ficou ainda menor. Sei que é apenas minha imaginação, mas estou começando a me desesperar um pouco.

Meu tornozelo coça demais. Puxo a bainha do vestido mogadoriano escuro — um novo, não o que Setrákus Ra queimou — e observo a pele em carne viva de minha perna. Meu objetivo de não deixar transparecer nada está fracassando, mas não consigo me segurar. Eu me abaixo para massagear o tornozelo, soltando um longo suspiro. Cubro a marca com a palma da mão e desejo que a cicatriz tenha sumido quando a retirar. Claro que ainda está lá, mas ao menos o suor pegajoso da palma é agradável contra a pele queimada.

Então algo me ocorre. E se eu usar o Aeternus para voltar a uma idade anterior? Será que a pele de meu tornozelo se curaria?

Decido tentar. Fecho os olhos e me imagino como era há dois anos. A sensação de ficar menor é semelhante à de soltar o fôlego. Pelo menos desta vez, quando abro os olhos o quarto parece ter aumentado.

Olho para baixo. Diminuí alguns centímetros, fiquei mais magra, os músculos que começara a desenvolver nos últimos meses desapareceram. E ainda assim o irregular símbolo mogadoriano continua em minha perna, rosado e dolorido como sempre.

— Aeternus. Temos isso em comum.

É Setrákus Ra. Ele está à porta, agora aberta, de meu pequeno quarto de estudos. Ainda naquela irritante forma humana perfeita. Ele me observa com um sorriso natural, apoiado ao batente de braços cruzados.

— É inútil — respondo em um tom amargo, cobrindo o tornozelo. Fecho os olhos e volto à minha idade verdadeira. — É o que ganho por nosso parentesco. O Legado mais idiota de todos.

— Você não pensará assim quando tiver a minha idade — diz Setrákus, ignorando meu insulto. — Vai ser jovem e linda para sempre, se quiser. Será uma inspiração para seus súditos ver a líder radiante e imune à passagem do tempo.

— Não tenho nenhum súdito.

— Ainda não. Mas terá em breve.

Sei exatamente quem Setrákus Ra quer que eu lidere, mas me recuso a admitir em voz alta. Arrependo-me de ter usado o Aeternus. Agora ele sabe algo novo sobre mim, tem outro meio de tentar encontrar um ponto em comum comigo, como se fôssemos iguais.

— O encantamento a está incomodando? — pergunta ele em um tom gentil.

— Está tudo bem — respondo com rapidez. — É como se nem existisse.

— Hmmm. A irritação deve passar em um ou dois dias. — Ele faz uma pausa com a mão no queixo, refletindo. — Sei que agora dói, Ella. Mas com o tempo você passará a apreciar as lições que está aprendendo. Vai me agradecer pela benevolência.

Olho para ele com a testa franzida, certa de que não posso fazer nada para impedi-lo de tagarelar. Então fico calada.

Eu o olho com raiva.

— E daí? Você está, tipo, me protegendo com isso? É esse o objetivo?

— Eu não permitiria que nenhum mal lhe acontecesse, menina — responde Setrákus.

— Esse encantamento funciona como o da Garde funcionava? — Dou um passo na direção dele e da porta. — Se eu fugir daqui e um de seus lacaios tentar impedir, os ferimentos que ele provocar vão se voltar contra ele?

— Não. Nosso encantamento não funciona assim — responde Setrákus com paciência. — E eu a impediria, minha neta. Não um de meus *lacaios*.

Dou mais um passo em sua direção, perguntando-me se ele vai recuar. Não recua.

— Se eu chegar perto demais, o encantamento vai se quebrar?

Setrákus não se move.

— Assim como todo feitiço funciona de uma forma diferente, cada um tem a própria fraqueza. Se tivesse descoberto mais cedo que reunir a Garde quebraria o covarde encantamento dos Anciões, já os teria eliminado. — Ele toca os três brilhantes pingentes lóricos pendurados em seu pescoço. — Mas, devo admitir, gostei da caçada.

Tento ao máximo falar em um tom natural e sincero.

— Eu não deveria saber qual é a fraqueza? Não quero quebrar nossa conexão por acidente, avô.

Setrákus Ra chega a sorrir para mim. Estou começando a perceber que gosta quando sou falsa. Então, seus olhos veem as páginas rasgadas de seu livro e o sorriso vacila.

— Talvez em breve, quando você estiver pronta, quando confiar na pureza de

minhas intenções — responde ele, depois muda de repente de assunto. — Diga-me, minha neta, além do Aeternus, que outros Legados você desenvolveu?

— Só o que usei para feri-lo na base de Dulce — minto, concluindo que é melhor manter a telepatia em segredo. Tentei usá-la para fazer contato com a Garde, mas a distância entre a *Anúbis* e a Terra deve ser grande demais. Quando pousarmos tentarei outra vez. Até lá, quanto menos Setrákus Ra souber sobre mim, melhor. — E não consigo controlá-lo direito. Não sei nem o que é.

— Não cheguei a me ferir — zomba Setrákus Ra. — Seus outros Legados vão se desenvolver em breve, querida. Enquanto isso, gostaria que eu lhe mostrasse o tamanho de seu poder?

— Sim — respondo, quase surpresa por minha avidez. Digo a mim mesma que é sábio aprender a usar meus Legados, mesmo que meu professor seja o maior monstro do universo.

Em resposta, Setrákus Ra sorri. Quase como se achasse que conquistou meu interesse. Não é verdade, mas é bom deixá-lo pensar que estou me tornando uma aluna aplicada. Ele aponta para a bagunça que fiz com seu livro.

— Primeiro, limpe esta bagunça — comanda ele. — Vou providenciar para que você tenha a chance de praticar seus Legados quando seu prometido chegar.

Meu *o quê*?

CAPÍTULO

ONZE

O PÔR DO sol nos Everglades seria lindo se não fosse pela enorme nave de guerra mogadoriana tapando o horizonte. Seja qual for o metal alienígena usado na construção da nave, não reflete nada, e o rosa e o laranja do dia que termina são imediatamente absorvidos pelo casco. O monstro não aterrissa — não há espaço suficiente no pântano para que pouse, a não ser que queira esmagar as naves mogadorianas menores paradas na estreita pista de pouso abaixo. Em vez de descer, a nave de guerra paira e rampas de metal saem de sob o casco, desdobrando-se e baixando até o chão. Mogadorianos correm para baixo e para cima pelas rampas, carregando equipamentos para a nave.

— Devíamos eliminá-los — diz Marina com toda a naturalidade.

Nove olha para ela, surpreso.

— Está falando sério? Contei pelo menos cem mogs e a maior nave que já vi.

— E daí? — retruca Marina. — Você não adora lutar?

— Adoro, mas quando tenho chances de *ganhar* — responde Nove.

— E se não puder ganhar você só provoca, não é?

— Chega — sussurro irritada antes que Nove consiga dizer mais alguma coisa. Não sei quanto tempo Marina vai guardar rancor contra ele ou o que será preciso para aliviar a tensão, mas sem dúvida esta não é a hora de lidar com isso. — Brigar não vai nos levar a lugar algum.

Estamos deitados de barriga para baixo na lama, escondidos dos mogadorianos no mato alto, bem no ponto onde o pântano começa a invadir a clareira artificial. Há dois prédios diante de nós; um deles com um único andar, feito de vidro e aço, que mais parece uma estufa, e o outro, um hangar de aeronaves com uma estreita pista de pouso, perfeita para pequenos aviões bimotores ou para as naves mogadorianas em forma de disco, nem de longe grande o bastante para a nave de guerra que paira acima de nós. Como Dale nos contou antes de fugir, o lugar parece ter ficado abandonado até pouco tempo atrás. O pântano está começando a retomar o espaço e rachar o asfalto, as estruturas de metal da estufa estão enferrujadas, e o logo da NASA desapareceu quase por completo da lateral do hangar. Claro, essas condições não parecem ter impedido os mogs a montar uma pequena base aqui.

Mas agora parece que estão partindo.

— Marina, está sentindo alguma coisa? — pergunto. A esta altura, não temos nada para nos guiar além de sua intuição, que nos trouxe até aqui, um ninho de

mogadorianos. Então pode continuar nos guiando mais um pouco.

— Ele está aqui — diz ela. — Não sei como eu sei, mas ele está aqui.

— Então vamos entrar — digo. — Mas faremos isso de forma inteligente.

Estendo as mãos e seguro as deles, deixando nós três invisíveis. Se um mogadoriano olhasse para cá agora, não passaríamos de três estranhos buracos na lama. Nós nos levantamos juntos, confiantes de que os mogs não conseguirão nos ver.

— Marina, mostre o caminho — sussurro.

Quando saímos do pântano, Nove tropeça em uma raiz e quase cai para a frente, ameaçando quebrar nossa corrente. Teria sido a missão secreta mais curta da história. Aperto sua mão com força.

— Desculpe — diz ele em voz baixa. — É estranho não conseguir ver minhas pernas.

— Isso não pode acontecer de novo — aviso.

— Estou reconsiderando aquele plano de entrar de repente e matar todos — responde Nove. — Ser furtivo não é bem meu forte.

Marina faz um barulho irritado, então também aperto sua mão com força.

— Precisamos nos mover juntos — digo, com os dentes cerrados, esperando que possamos recuperar parte daquele instinto de trabalho em equipe que manifestamos durante a primeira luta com os mensageiros mogs. — Vamos com calma, façam silêncio e não esbarrem em nada.

Assim, começamos a avançar aos poucos. Não estou muito preocupada com o som de nossos passos sobre o asfalto irregular; os mogadorianos estão ocupados levando equipamentos pesados da estufa para a nave de guerra, e as rodas de seus carrinhos de transporte guincham e rangem. Estou acostumada a me deslocar estando invisível, confiando em meus instintos, mas sei que pode ser difícil para os outros. Nós nos aproximamos devagar, segurando-nos uns aos outros, fazendo o máximo de silêncio possível.

Marina nos leva primeiro em direção à estufa. Os mogs estão reunidos nessa área, saindo com carrinhos carregados de aparelhos bizarros que poderiam pertencer a um cientista louco; observo um mog empurrar uma estante de rodinhas cheia de plantas em vasos — flores, grama, mudas —, coisas encontradas na Terra, e ainda assim todas com nervuras cheias de um estranho fluido cinza. Estão murchas, a ponto de morrer, e me pergunto que tipo de experimentos os mogs têm feito com elas.

Há um mogadoriano alto parado na base da rampa que leva à nave de guerra. Seu uniforme é diferente do traje habitual dos guerreiros, que ao menos parecem tentar se encaixar na Terra, mesmo que estejam vestidos como esquisitões góticos. Sem dúvida, esse homem é algum tipo de militar. Sua roupa é formal e

severa, toda preta, coberta de medalhas brilhantes e dragonas cravejadas. As tatuagens de seu couro cabeludo são muito mais elaboradas que quaisquer outras que já vi. Ele segura um tablet, marcando itens com um movimento do dedo quando os mogs os colocam na nave. Ele vocifera uma ordem ocasional para os outros no áspero idioma mogadoriano.

Marina tenta nos aproximar da estufa, mas aperto sua mão e firmo os pés. Nove esbarra em minhas costas, soltando um grunhido irritado quando paramos. O caminho à nossa frente parece uma pista de obstáculos mogadorianos — eles estão por todos os cantos. Se chegarmos mais perto, corremos o risco de levar um encontrão de um deles. Se Oito está na estufa com os experimentos e carga deles, nossa única chance de pegá-lo seria um ataque direto. Ainda não estou pronta para seguir esse caminho. Sentindo minha relutância, a mão de Marina esfria.

— Ainda não — sussurro para ela, e minhas palavras são um sussurro quase inaudível. — Vamos verificar o hangar primeiro.

Damos mais uns dez passos antes que o gemido de um animal nos faça parar. Da estufa, uma equipe de mogs empurra uma grande jaula. Ali dentro está uma criatura que pode ter sido uma vaca em algum momento, mas que foi transformada em algo terrível. Os olhos do animal são úmidos e amarelados, chifres de aparência dolorosa projetam-se de seu crânio e seu úbere está muito inchado e coberto das mesmas veias acinzentadas que notei nas plantas. A criatura parece letárgica e deprimida, moribunda. Sejam quais forem os experimentos que os mogs estão realizando aqui, são mesmo repulsivos e, como Nove, estou começando a reconsiderar a ideia de Marina de eliminar todos esses desgraçados, com ou sem a enorme nave de guerra.

— Espere — sussurra Nove em meu ouvido. — Tenho uma ideia.

Expostos como estamos, não sei se é uma boa hora para uma das ideias malucas de Nove. Mas um instante depois que ele nos faz parar, o animal geme outra vez e se levanta com dificuldade. Ela cambaleia para o lado e joga todo o seu peso na lateral da jaula, obrigando os mogs que a empurram a gritar por ajuda quando tudo ameaça virar. Então o monstro impele um de seus enormes cascos fendidos contra as barras, quase esmagando o rosto de um mog.

— Pedi a ela para nos dar uma distração — sussurra Nove enquanto mais mogs se aproximam da jaula para tentar sedar o experimento. — A coitada ficou feliz em ajudar.

A telepatia animal de Nove funciona com perfeição. Como se enfim tivesse encontrado um propósito na vida, a vaca se debate, forçando as laterais da jaula e até atingindo o ombro de um mog com o chifre. O caos cria uma abertura para nos esgueirarmos através da aglomeração diante da estufa e irmos até o hangar.

Todos nós paramos ao ouvir uma arma mog ser disparada. Virando-me, vejo o oficial guardando a arma no coldre, e um buraco fumegante na lateral da cabeça da vaca. Ela cai na jaula, imóvel. Ele grita algumas ordens e os mogadorianos começam a levar o corpo para a nave de guerra.

— Foi melhor assim. Ela estava sentindo muita dor — sussurra Nove quando estremeço.

Com distância suficiente entre a gente e a maior concentração de mogs, sinto-me confortável para responder.

— O que estavam fazendo com ela? — sussurro.

Nove faz uma pausa antes de responder.

— Não consegui, tipo, ter uma conversa profunda com o bicho. Mas acho que estavam tentando descobrir um jeito de torná-la mais eficiente. Estão, hã, experimentando com a ecologia.

— Dementes — murmura Marina.

Aceleramos o passo ao nos dirigirmos para o hangar. À direita, na extremidade da pista de pouso, há três naves mogadorianas menores em forma de disco. Uma equipe de manutenção de cinco mogadorianos se reúne em torno de uma delas, tirando placas de circuito da parte inferior e parecendo confusos de forma geral. Parece que mogadorianos também podem ter dificuldades técnicas. Com exceção desses caras, a barra está limpa.

As imensas portas de metal do hangar, grandes o bastante para um pequeno avião conseguir passar, só estão abertas alguns centímetros, apenas o suficiente para permitir a entrada de uma pessoa. As luzes lá dentro estão acesas, mas tudo o que consigo ver através do vão é espaço vazio.

Marina diminui o ritmo quando chegamos às portas e depois se detém por completo para olhar lá dentro. Enquanto ela está fazendo isso, olho por cima de meu ombro. Nada mudou — os mogs continuam levando materiais para dentro da nave de guerra, sem imaginar que passamos sorrateiramente por entre seus soldados.

— Alguma coisa? — sussurra Nove, e sinto que ele está esticando o pescoço, tentando ver através da abertura nas portas do hangar. Antes que eu possa responder, ouço Marina arfar. Minha mão arde, trespassada de frio, como se de repente eu segurasse um bloco de gelo.

— Nossa, Marina! — sussurro, desesperada, mas ela não ouve. Pelo contrário, passa correndo pelas portas. Considerando que minha mão está dormente, preciso de toda a força de vontade que tenho para continuar segurando a dela. Puxo Nove atrás de mim e seu ombro bate na porta de aço. Seu grunhido é acobertado pelo eco metálico.

O hangar está quase vazio, os mogadorianos já tiraram quase todo o

equipamento. Grandes refletores brilham nas vigas, iluminando a mesa de metal e a cadeira no centro do ambiente. São as únicas coisas que sobraram no hangar, e as luzes acima lançam longas sombras sobre o chão de concreto.

O corpo de Oito está na mesa.

Ele está embrulhado em um saco mortuário preto aberto até a cintura. Está sem camisa, com a punhalada de Cinco no coração, do tamanho de uma moeda, bem visível no peito. Sua pele morena está pálida, mas Oito ainda se parece consigo mesmo, como se a qualquer momento fosse se teleportar da mesa e fazer alguma brincadeira irritante comigo. Há eletrodos pretos com antenas curtas de aparência frágil ligados a suas têmporas e mais alguns descendo pelo esterno. Os eletrodos geram algum tipo de campo que os olhos mal conseguem ver, como se uma corrente baixa e constante de eletricidade atravessasse seu corpo. Acho que é algo que os mogs ligaram a Oito para manter seu corpo intacto para os experimentos. Além dos eletrodos, limparam o sangue em sua pele e, por incrível que pareça, deixaram em seu pescoço o pingente lórico, que brilha contra seu peito. É muito doloroso vê-lo assim, mas Oito parece quase tranquilo.

Claro, não foi por causa de Oito que Marina empurrou as portas do hangar, nem é por ele que está congelando minha mão.

Sentado ao lado de Oito, com a cabeça entre as mãos, está Cinco.

Cinco está sentado curvado para a frente, quase como se desejasse se enfiar dentro de si mesmo. Há um grosso curativo de gaze cobrindo o olho que Marina apunhalou no pântano, e uma mancha rosada muito leve começa a aparecer. Seu olho saudável está vermelho; parece que esteve chorando, não tem dormido, ou ambos. A cabeça de Cinco foi raspada desde a última vez que o vimos, e me pergunto quanto falta para que ele receba as próprias tatuagens mogadorianas. Cinco usa roupas formais mogadorianas similares às do oficial que comandava o transporte do carregamento para a nave de guerra. Mas seu uniforme está muito amarrotado, os botões da gola estão abertos, tudo parece um pouco apertado demais.

É impossível o traidor caolho não ter nos ouvido entrar. Graças a Marina, fizemos uma barulheira tremenda ao passar pela porta, e o vazio do hangar amplifica tudo a tal ponto que de repente fico muito consciente de minha respiração. O pior é que consigo ouvir um longo rosnado de Marina, como se tentasse controlar um grito intenso, pronta para se jogar sobre Cinco. Atrás de mim, sinto Nove quase prendendo a respiração.

O olho saudável de Cinco se vira de relance em nossa direção. Sem dúvida nos ouviu, mas não consegue nos ver. Ainda há esperança de ele achar que foi um barulho dos mogs lá de fora. Também quero outra chance de enfrentar o Garde renegado — na qual ele não me deixe inconsciente com um soco antes

que a luta sequer comece —, mas temos de escolher nossas batalhas. Lutar contra Cinco em um espaço fechado com uma nave de guerra mogadoriana a nossas costas não é nem de longe a batalha que queremos. Teremos que encontrar outro jeito de recuperar o corpo de Oito.

Puxo o braço de Marina na tentativa de fazê-la entender que atacar seria uma ideia terrível, sentindo as agulhadas geladas na mão sendo substituídas por uma dormência total. Ela resiste a mim por um instante, mas depois noto que começa a se acalmar porque minha mão vai se aquecendo.

Mas quando Marina solta um lento e silencioso suspiro, vejo-o se condensar diante dela, pois o ar a seu redor está frio demais. A nuvem de respiração de uma garota invisível flutuando sob as fortes luzes do hangar.

Cinco a vê, estreitando o olho. Ele se levanta da cadeira e olha direto para o ponto onde estamos.

— Foi sem querer — diz ele.

CAPÍTULO

DOZE

APERTO AS MÃOS de Marina e de Nove, torcendo para que isso seja suficiente para impedi-los de responder a Cinco e entregar por completo nossa posição. Ainda não estou pronta para perder nossa única vantagem — a invisibilidade. Por sorte, ambos conseguem se controlar, deixando as palavras de Cinco sem resposta.

— Sei que não vão acreditar em mim — continua Cinco. — Mas não era para ninguém morrer.

Seu olhar de súplica ainda está voltado para nós, então lenta e silenciosamente começo a guiar os outros para o lado.

Só nos movemos centímetros de cada vez, tomando cuidado uns com os outros, sem fazer barulho. Aos poucos, escapamos ao olhar de Cinco, e nos posicionamos a seu lado. Agora ele está olhando para um espaço vazio de fato, esperando uma resposta como um idiota.

Com um grunhido, Cinco se vira. É como se não tivesse falado conosco. Então começa a falar com o corpo de Oito.

— Você não deveria ter feito o que fez, se colocar na frente de Nove — repreende Cinco com a voz quase melancólica. — Achei heroico. Meio que o admiro por isso. Mas não valeu a pena. Os mogadorianos vão ganhar de um jeito ou de outro, sabia? Um cara sensato como você deveria ter aprendido seu lugar. Você poderia ter ajudado com a reconstrução e a unificação. Já Nove... ele é idiota demais para perceber quando perdeu. Ele não é útil para ninguém.

Sinto os músculos do braço de Nove se contraírem, mas por enquanto ele resiste à vontade de se jogar sobre Cinco. Isso é bom — ele está aprendendo. Ou talvez, assim como eu, esteja perplexo com o que está acontecendo, Cinco tagarelando assim, fingindo que não estamos aqui.

Com delicadeza, Cinco coloca a mão no ombro de Oito. A manga de seu uniforme se ergue e noto uma bainha de couro presa ao braço, a mesma que protege a adaga em forma de agulha com mola que ele usou para matar nosso amigo.

— Ele me disse...

A voz de Cinco falha quando continua a falar com Oito.

— Ele me disse que eu teria uma chance de convencer vocês a se juntarem a nós. Ninguém ia se machucar se vocês aceitassem o progresso mogadoriano. Ele já tinha cumprido sua palavra antes. Digo, eu sou a prova viva, não é? Quando o

encantamento foi quebrado, ele poderia ter me matado, mas não matou.

Cinco deve estar falando de Setrákus Ra, do acordo que fez com o líder mogadoriano. Ele anda ao redor da mesa, dando as costas para nós. Marina dá um passo em sua direção, mas não a deixo continuar.

Não sei por que Cinco está falando tanto, mas é claro que sabe que estamos aqui. Não sei se é uma armadilha, se ele está tentando nos enganar ou o que está acontecendo. Mas quero escutar.

— Não esperava que vocês tivessem sofrido uma lavagem cerebral tão forte — diz Cinco, parado ao lado de Oito, com as costas curvadas apresentando um alvo perfeito. — Pensassem em tudo em preto e branco, heróis e vilões.

Cinco estende a mão e segura o pingente de Oito, apertando a joia em seu punho. Seu Legado — Externa, como ele chamou, que possibilita que sua pele assuma as características do que estiver tocando — ativa-se, e a mão de Cinco exibe por um instante o reluzente tom cobalto da loralite. Logo depois ele solta o pingente com um suspiro, e sua pele volta ao normal.

— Mas talvez tenha sido eu quem sofreu uma lavagem cerebral, não é? Não foi isso que vocês disseram?

Cinco solta uma risada baixa, depois ajusta com cuidado a gaze que cobre o olho destruído.

— Enchem a nossa cabeça com toda essa bobagem... os Anciões, o Grande Livro. Todas essas regras sobre quem devemos ser. Mas não ligo para nada disso. Só estou tentando sobreviver.

Sinto a mão de Nove suando na minha; ele deve estar se controlando para não atacar. Enquanto isso, Marina já não irradia o frio violento de instantes atrás, talvez porque a cena que se desenrola diante de nós seja tão errada e patética. Se o discurso de Cinco — feito para nós — revelou alguma coisa, é que ele enlouqueceu.

Cinco limpa a testa de Oito, depois balança a cabeça.

— Enfim, a questão é que sinto muito, Oito — diz Cinco, ainda com aquele tom sabe-tudo, mas misturado a uma sinceridade latente. — Sei que não significa nada. Serei um covarde, um traidor, um assassino pelo resto da vida. Isso não vai mudar. Mas quero que saiba que eu gostaria que as coisas tivessem acabado de um jeito diferente.

Atrás de nós, alguém pigarreia. Estávamos tão concentrados no monólogo desvairado de Cinco — inclusive ele mesmo — que não notamos o oficial mogadoriano entrar. Ele observa Cinco atentamente, com a postura rígida e formal. Ao olhar para ele, parado ali como um soldado pronto a fazer um relatório, me ocorre que talvez esse mogadoriano receba ordens de Cinco. Se for esse o caso, ele parece enojado por isso.

— Terminamos de carregar a nave — diz o oficial.

O mog espera que Cinco reconheça sua presença, mas ele fica em silêncio por um longo e constrangedor momento. Ele continua curvado sobre o corpo de Oito, respirando devagar. Fico tensa e me pergunto se esse estranho jogo terminou e se agora Cinco está pensando em dar o alerta.

O oficial mogadoriano não consegue esconder muito bem sua inquietação diante do silêncio de Cinco.

— Uma das equipes de caça não voltou — continua ele. — E os mecânicos não estão conseguindo consertar uma das naves de reconhecimento.

Cinco suspira.

— Tudo bem — diz ele. — Vamos deixá-los para trás.

— Sim, essas foram minhas ordens — responde o oficial, afirmando seu poder de um jeito não muito sutil. — Está pronto para partir?

Cinco volta-se para o oficial com uma cintilação maliciosa no olho restante.

— Estou. Vamos sair daqui.

Cinco vai até as portas do hangar com movimentos lentos deliberados. Ficamos ao lado, observando tudo acontecer em silêncio. O oficial arqueia uma das sobrancelhas, sem sair do caminho de Cinco.

— Não está esquecendo alguma coisa? — pergunta o oficial quando fica quase cara a cara com Cinco.

Ele coça a cabeça.

— Hã?

— O corpo — diz o oficial, irritado. — Suas ordens são levar o corpo do lorieno. E o pingente.

— Ah, isso — responde Cinco, e olha para a mesa de metal onde jaz Oito. — O corpo se foi, capitão. Os Gardes devem ter entrado aqui sem ser notados e o levado. É a única explicação.

O capitão mogadoriano não sabe o que dizer. Ele faz questão de esticar o pescoço, olhando de Cinco para a mesa, onde Oito claramente ainda está. Depois analisa o rosto de Cinco com os olhos apertados de impaciência.

— Isto é algum tipo de brincadeira, lorieno? — sussurra o capitão. — Ficou cego dos dois olhos? O Garde está *bem ali*.

Cinco ignora o insulto e balança a cabeça para o capitão, estalando a língua.

— E aconteceu sob sua vigilância — diz Cinco. — Você os deixou roubar um trunfo de guerra bem debaixo de seu nariz. É praticamente traição, meu caro. Você sabe qual é a punição para isso.

O mogadoriano abre a boca para fazer outro protesto incrédulo. É interrompido por um raspar de metal quando a lâmina de Cinco sai de baixo de sua manga. Sem hesitar, ele enfia a lâmina sob o maxilar do oficial, direto no

cérebro. Antes de começar a se desintegrar, o rosto do mog mostra uma expressão de total surpresa.

Cinco fica imóvel enquanto o mog se transforma em cinzas. Ele se desintegra mais devagar que a maioria dos mogs que já vi morrer, e, quando termina, ossos irregulares saem de seu uniforme amassado. Cinco recolhe a lâmina para o mecanismo de seu antebraço e chuta os restos do oficial para longe das portas. Então se espana com cuidado e alisa o casaco.

De onde estamos, vemos Cinco de perfil, e o olho visível está coberto pelo curativo de gaze. Por causa disso, não é fácil ter uma noção de sua expressão.

— Boa sorte — diz Cinco, depois passa pelas portas do hangar, fechando-as atrás de si.

Ninguém diz nada ou sequer se move por cerca de um minuto, todos meio preocupados que um esquadrão mog entre a qualquer instante. Enfim, Nove larga minha mão, reaparecendo no mundo visível.

— Tudo bem. Que *maluquice* foi aquela? — exclama ele. — Aquele cara está tentando ser nosso amigo agora ou é só lelé?

— Não faz diferença — repondo. — Temos Oito, é o que importa. Podemos lidar com Cinco em outro momento.

— Ele está sozinho e perdido — diz Marina, em um tom suave, também me soltando.

Ela nota que esfrego a mão para aquecê-la, pois a sensação gelada perdura, e franze a testa.

— Desculpe, Seis. Ele causou isso em mim.

Aceno indicando que podemos deixar isso para lá, pois não quero falar do controle de Marina sobre o Legado agora. Vou até as portas do hangar na ponta dos pés e abro só uma fresta, bem a tempo de ver Cinco desaparecendo rampa acima e entrando na nave de guerra, o último a embarcar. Quando ele entra, a rampa se recolhe outra vez para dentro do casco e a enorme nave começa a se erguer com os motores ronronando com uma suavidade que parece quase impossível para algo tão gigantesco. Quando atinge certa altura, a nave de guerra passa a tremular e começo a ter dificuldade de distinguir sua silhueta das nuvens roxas. Enorme, silenciosa e equipada com algum tipo de mecanismo de disfarce — como vamos combater algo assim?

— Do jeito que você fala, parece que está com pena dele — diz Nove a Marina.

— Não estou — retruca ela, mas ouço dúvida em sua voz, aquela fachada dura começa a desmoronar. — Eu... você viu o olho dele?

— Vi um buraco coberto por um Band-Aid na cabeça dele — responde Nove. — Aquele cara merece isso e muito mais.

— Acha que Oito ia querer isso? — pergunto, sinceramente em dúvida. — Ele morreu tentando impedir a gente de matar uns aos outros.

Quando a nave de guerra some de vista, eu me viro para os outros. Nove morde o lábio e olha para o chão, considerando o que acabei de dizer. Marina se senta na cadeira onde Cinco estava ao lado de Oito. Hesitante, ela toca os eletrodos e agita os dedos pelo campo energético. Como nada acontece, Marina passa os dedos pelos cachos do cabelo dele com delicadeza. Seus olhos brilham com novas lágrimas, mas ela as controla.

— Sabia que ia encontrar você — sussurra ela. — Desculpe por tê-lo abandonado.

Eu me aproximo para me juntar a Marina na mesa, olhando para Oito. Talvez seja minha imaginação, mas parece que ele tem um levíssimo sorriso nos lábios.

— Gostaria de ter conhecido você melhor — digo a Oito, colocando a mão em seu ombro. — Queria que nossas vidas tivessem sido diferentes.

Nove hesita, mas no final junta-se a nós na mesa ao lado de Marina. A princípio, evita olhar para o corpo de Oito, com os lábios franzidos e os músculos do pescoço contraídos como se estivesse tentando levantar algo pesado. Percebo que está envergonhado. Nove parece fazer um grande esforço, mas após um momento consegue olhar para Oito. Na mesma hora, ele puxa o zíper do saco mortuário o suficiente para cobrir o ferimento de Oito.

— Ah, cara — diz ele em voz baixa. — Desculpe por... — Nove balança a cabeça, passando a mão pelo cabelo. — Quer dizer, obrigado por salvar minha vida. Cinco estava certo, hã, você não devia ter feito isso. Se eu tivesse calado a boca talvez você ainda estivesse... droga, sinto muito, Oito. Sinto muito mesmo.

Nove solta um suspiro trêmulo, obviamente segurando as lágrimas. Marina coloca a mão em suas costas com suavidade e se apoia nele.

— Ele o perdoaria — sussurra ela. — Eu perdoo você — acrescenta.

Nove coloca o braço em torno de Marina e a puxa para um abraço apertado o bastante para fazê-la guinchar. Ele enfia o rosto em seu cabelo, escondendo as lágrimas. Minha mente está acelerada como sempre — pensando em John, Sam e os outros, em como vamos reencontrá-los, se estão vivos e livres —, mas ver Marina e Nove assim, fazendo as pazes, começando a se curar, me dá esperança. Somos um povo forte. Podemos superar qualquer coisa.

— Precisamos ir — digo com delicadeza, relutando em acabar com esse momento, mas sabendo que é preciso.

Enfim, Nove solta Marina, e fecho com cuidado o saco mortuário de Oito. Ele se abaixa e, com o mesmo cuidado, pega o corpo de Oito.

Quando nos voltamos para as portas do hangar, elas se abrem com um estrondo.

O grupo de mogadorianos que estava trabalhando na nave de reconhecimento. Eu tinha me esquecido totalmente deles. Estão na porta, empurrando a nave quebrada para dentro do hangar. Parecem tão surpresos por nos ver quanto estamos por vê-los.

Antes que possamos fazer qualquer coisa, ouvimos um rangido mecânico vindo da nave. A frente — ou ao menos o lado do disco voltado para nós — se abre, uma arma giratória aparece e se liga com um chiado elétrico. Deve haver um mog lá dentro.

— Abaixem-se! — grita Nove.

Não há cobertura neste hangar vazio, com exceção da mesa de metal, e é tarde demais para ficar invisível. Marina vira a mesa, Nove se agacha ainda com o corpo de Oito nos braços, e eu me jogo para o lado quando a arma abre fogo, torcendo para sermos rápidos o bastante.

CAPÍTULO

TREZE

— O NOME GRAHISH Sharma diz alguma coisa para você? — pergunta Sarah.

Penso por um instante, tentando puxar o nome da memória.

— Não me é estranho. Por quê?

Estou no quintal da antiga casa de Adam, e a voz de Sarah chega pelo celular descartável em uma chamada de longa distância. Atrás da quadra de basquete vazia, o sol começa a mergulhar no horizonte. Um pássaro grande cruza o céu laranja e me pergunto se é um dos nossos — mandamos sentinelas Chimæra contornar toda a área de Ashwood Estates, com ordens de nos avisarem se algum intruso aparecer. Por enquanto, está tudo tranquilo. Se eu fosse um desavisado, acharia que este é um subúrbio muito quieto e que todos os moradores ainda estão no trabalho.

— Ele é da Índia — explica Sarah. — É o comandante de algo chamado os Oito Nacionalistas de Vishnu.

Tudo se encaixa quando ouço o "Oito", e estalo os dedos.

— Ah, sim. É o cara do exército que protegia Oito no Himalaia.

— Hmmm — diz Sarah. — Então a história é verdadeira.

Ando pelo gramado, imaginando Sarah com seu cabelo louro preso em um cuidadoso coque, com canetas e lápis enfiados nele, olhando documentos no novo escritório do *Eles Estão Entre Nós*. Não importa se esse escritório fica em um rancho abandonado a oitenta quilômetros de Huntsville, Alabama. Não importa se Sarah foi até lá com o ex-namorado, Mark, que, por incrível que pareça, acabou se mostrando bom nessa coisa toda de espionagem. É na imagem de Sarah que me concentro.

— Que história?

— Bom, encontramos vários rumores e esquisitices na internet e estamos tentando filtrar. Mas parece que esse Sharma alega ter derrubado uma nave alienígena e capturado sua tripulação.

— Deviam ser dos mogs que estavam atrás de Oito — respondo.

— Entendi. Ele os capturou com vida e tudo. Mesmo que isso tenha acontecido na Índia, deveria ter sido notícia nos Estados Unidos, mas não foi. Alguém encobriu isso. Mark está tentando falar com Sharma. Ele quer publicar a matéria no *Eles Estão Entre N*ós na esperança de expor os mogadorianos para o público.

— Hmmm — digo, esfregando a nuca e pensando em voz alta. — Pode ajudar a conseguir apoio se as coisas ficarem feias.

— E quão feias as coisas vão ficar, John?

Engulo em seco. Embora eu tenha usado o Legado de cura logo depois da batalha, ainda sinto os dedos do general apertando minha garganta.

— Não sei — digo, sem saber ao certo por que ainda não contei a Sarah a teoria de Adam sobre a iminente invasão. Acho que continuo tentando protegê-la. Mudo logo de assunto. — Enfim, como está Mark?

— Está bem — responde Sarah. — Ele mudou muito.

— Mudou como?

Sarah hesita.

— Eu... É difícil explicar.

Não perco muito tempo falando sobre o atual estado de Mark James. Não é sobre isso que quero conversar. Na verdade, depois de quase morrer esta tarde, só quero ouvir a voz dela.

— Estou com saudades — digo.

— Eu também — responde Sarah. — Depois de passar o dia inteiro lutando contra invasores alienígenas e revelando conspirações internacionais, tudo que eu queria era me aninhar com você no sofá velho do meu porão e assistir a um filme.

Eu rio, tomado por uma sensação agridoce ao imaginar a vida normal que Sarah e eu poderíamos levar se não estivéssemos tentando salvar o mundo.

— Falta pouco — digo a ela, tentando parecer confiante.

— Espero — responde ela.

Sinto algo se mover atrás de mim e me viro, vendo Sam parado na varanda em frangalhos da casa de Adam. Ele está me chamando.

— Tenho que ir, Sarah — digo, relutando em desligar o telefone. Temos dado notícias um ao outro a cada oito horas, como planejado, e sinto um alívio enorme toda vez que ouço sua voz. Sempre que desligo, começo a pensar na próxima vez, temendo que em algum momento ela não atenda. — Tome cuidado, ok? As coisas podem ficar muito feias em breve.

— As coisas já não estão feias? — pergunta ela. — Tenha cuidado também. Amo você.

Eu me despeço de Sarah e inclino a cabeça para Sam. Ele parece quase entusiasmado, como se tivesse ouvido boas notícias nos últimos cinco minutos.

— O que foi?

— Venha aqui — diz ele. — Descobrimos uma coisa.

Passo pelo que restou da varanda depois da luta da tarde e sigo Sam por uma entrada em parte destruída até a sala de estar. O interior da casa combina com o

exterior — a ideia perfeita de um subúrbio humano —, a não ser pelos móveis, que parecem ter sido dispostos exatamente como nas páginas de uma revista de decoração. A sensação é de que ninguém nunca nem pôs os pés ali. Tento imaginar como foi para Adam crescer naquele lugar, tento imaginá-lo batendo bonequinhos de piken uns contra os outros, e não consigo.

No fundo da sala há uma porta de metal maciça fechada por uma série de cadeados ligados a um teclado coberto de símbolos mogadorianos. A porta é a única coisa que quebra a ilusão suburbana, e fiquei surpreso ao ver que os mogs não tentaram escondê-la atrás de uma estante de livros ou coisa parecida. Acho que nunca imaginaram que seus inimigos chegariam tão longe. A porta já está aberta, destrancada por Adam mais cedo, e é por ali que Sam e eu chegamos aos túneis que ficam sob Ashwood Estates.

Descemos uma longa escada de metal, e imediatamente o falso caráter acolhedor lá de cima é substituído por aço inoxidável estéril e o zumbido de lâmpadas halógenas. A rede labiríntica de túneis tem muito mais a ver com a minha ideia dos mogadorianos — funcional e fria. Não é tão vasta quanto a montanha oca de West Virginia, mas sem dúvida deixa a base de Dulce no chinelo. Eu me pergunto quanto tempo levaram para cavar tudo isso, abrindo túneis na Terra durante todos aqueles anos em que eu estava fugindo com Henri, expandindo seu alcance sem que sequer percebêssemos.

Mais ou menos na metade da escada, começa uma longa rachadura denteada na parede que segue para dentro dos túneis. Sam estende a mão para percorrê-la, cobrindo os dedos de poeira.

— Com certeza esse lugar não vai desmoronar, né?

— Adam acha que não — responde Sam, batendo as palmas para limpar as mãos e criando um eco. — Isso aqui é apavorante. Minha claustrofobia não aguenta.

— Não se preocupe. Não vamos ficar muito tempo.

Passamos por outra rachadura ao avançar pelos corredores sinuosos: lugares onde a fundação se deslocou, pedaços quebrados de concreto amontoados em cima de outros. O dano foi causado na última vez em que Adam esteve aqui, quando usou seu Legado de terremoto para resgatar Malcolm. Em certos corredores, o teto caiu por completo.

Mais à frente, atravessamos uma sala grande e bem-iluminada que parece ter sido um laboratório algum dia, cheia de bocais e alavancas, mas sem equipamentos. O ataque de Adam deve ter destruído tudo, e a equipe de recuperação mog não teve chance de substituir. Ao lado do laboratório, passamos por uma fileira de opressivas salas de dois metros e meio quadrados com portas de vidro grossas à prova de balas. Celas. Todas desocupadas.

— Os arquivos têm que estar aqui — diz Sam. — Meu pai ficou lá por muito tempo. Os mogs registraram *tudo*.

Paramos em uma pequena sala — quase um escritório — com uma enorme parede coberta por monitores. Malcolm está sentado atrás do único computador da sala, com os olhos pesados de assistir a Deus sabe quantas horas de filmagem. Na tela, um mensageiro mogadoriano fala diretamente para a câmera.

"Faz três dias que ouvimos rumores de uma presença lórica em Buenos Aires", relata o mensageiro. "Ainda não há sinal da Garde, mas continuaremos alertas..."

Malcolm pausa o vídeo quando nos vê, esfregando os olhos.

— Encontrou algo útil? — pergunto.

Ele balança a cabeça e abre uma lista de arquivos no computador. Passa o dedo na tela, e os arquivos começam a rolar interminavelmente. São milhares, e todos os títulos estão em mogadoriano.

— Pelo que entendi, isto cobre quase cinco anos de inteligência mogadoriana — Malcolm explica. — Preciso de uma equipe para olhar tudo. Mesmo com Adam traduzindo os títulos, que não passam de datas e horas, é difícil saber por onde começar.

— Podemos contratar uns estagiários, talvez — Sam sugere, e depois puxa meu braço. — Venha, precisamos ver Adam.

— Faça o que puder — digo a Malcolm antes de Sam me arrastar dali. — Qualquer informação, por menor que seja, já pode ajudar.

Mais alguns passos corredor adentro e chegamos à sala que Adam descreveu como centro de controle. O cômodo está quase intacto, então é ali que nos acomodamos. Os monitores espalhados pelas paredes exibem a filmagem das câmeras de segurança de Ashwood, mas também a de outros lugares, incluindo a de uma câmera de segurança hackeada que mostra a área externa do John Hancock Center, que foi cercada. Sob os monitores há uma fileira de computadores, não muito fáceis de usar, já que todas as teclas estão em mogadoriano.

Apoio as mãos nos quadris e examino o lugar, observando vídeos de câmeras que pouco tempo antes estariam voltadas para mim. É estranho estar do outro lado. Assim como Sam, fico apreensivo neste lugar.

— Estamos seguros aqui? — pergunto. — Todas essas câmeras... Não tem nenhuma apontada para nós?

— Eu desliguei todas — responde Adam. Ele está em uma cadeira giratória diante de um dos computadores, digitando uma sequência de comandos. Ele se vira para mim. — Usando a senha do general, enviei um código para o comando mogadoriano em West Virginia relatando que a equipe de recuperação descobriu

um vazamento tóxico e que vai levar algum tempo para limpar tudo. Eles vão presumir que as câmeras desligadas têm algo a ver com isso.

— Quanto tempo ganhamos com isso?

— Alguns dias? Uma semana? — sugere Adam. — Eles vão ficar desconfiados quando o general não der notícias, mas vamos passar despercebidos por um tempo.

— O que procuramos nesse meio-tempo?

— Seus amigos — responde Adam. — Na verdade, acredito que já os encontrei.

— É, na Flórida — digo. — Estamos sabendo.

— Não, ele os *encontrou*. Tipo, exatamente — responde Sam, sorrindo. — É por isso que fui buscar você. Olhe.

Sam aponta para uma das câmeras, que exibe um mapa dos Estados Unidos coberto de triângulos de vários tamanhos. Há um pequeno triângulo sobre nossa localização, e indicadores de tamanho semelhante espalham-se pelo país. Triângulos maiores brilham sobre centros populacionais. Nova York, Chicago, Los Angeles, Houston — todas essas cidades estão marcadas no mapa. O maior triângulo de todos está a oeste de onde estamos, na montanha que os mogs usam como base secreta em West Virginia.

— Isto é um, hã... — Sam olha para Adam. — Como você chamaria isso?

— Visão geral de recursos táticos — responde Adam. — Mostra onde meu povo tem operações em andamento.

— Eles estão se reunindo nas maiores cidades — digo, estudando o mapa.

— Sim — responde Adam em tom sombrio. — Preparando-se para a invasão.

— É melhor a gente não se concentrar na palavra com “i” agora, ok? — diz Sam. — Olhem aqui.

Sam conecta o tablet que mostra a localização dos outros Gardes a um dos computadores. Ele o passa para mim e imediatamente meus olhos se dirigem para a Flórida. Meu coração para; há apenas um ponto piscando no mapa. Levo um instante para me dar conta de que os quatro pontos que simbolizam cada um dos Gardes restantes se aproximaram tanto que se sobrepõem com perfeição.

— Estão quase uns em cima dos outros — digo. — Todos os quatro.

— Sim — responde Sam, pegando o tablet de volta. — Dê uma olhada nisto.

Ele segura o tablet ao lado do mapa de atividade mogadoriana. Os quatro pontos se alinham com perfeição aos triângulos menores na Flórida.

— Os mogs estão com eles — digo, cerrando os dentes. — Adam, isso é algum tipo de base?

— Uma estação de pesquisa — responde ele. — Os registros mostram que

havia experimentos genéticos sendo realizados lá. Não é o tipo de lugar onde normalmente manteríamos prisioneiros, muito menos Gardes.

— Por que fazer prisioneiros a esta altura? — questiona Sam. — Digo, sei que Setrákus Ra tem essa obsessão estranha por Ella. Mas os outros...

— Eles não são prisioneiros — digo, batendo no braço de Sam, entusiasmado ao me dar conta do que estava acontecendo. — Eles estão tramando alguma coisa. Estão atacando.

— Estou tentando conseguir imagens da base — diz Adam, os dedos correndo pelo teclado.

— E como você vai fazer isso? — pergunto.

Eu me sento na cadeira giratória ao lado dele e observo seus dedos movendo-se com rapidez pelo teclado mogadoriano. O que quer que ele esteja fazendo, é quase automático.

— Bloqueei uma nave de reconhecimento para que não possam operá-la. Essa foi a parte fácil. Acessar e isolar a vigilância de bordo enquanto mantenho a nave inoperante está sendo mais complicado.

— Você está invadindo o sistema da nave? — pergunta Sam, inclinando-se sobre a cadeira de Adam.

Observo o monitor diante de Adam crepitar por causa da estática.

— Como isso vai nos ajudar?

— Esta sala de controle é um centro nervoso, John — explica Adam, parando de digitar por um momento para indicar a sala com as mãos. — Informações de todas as outras bases vêm direto para cá. Basta acessá-las.

— Acessar como?

— Caçar os lorienos por tantos anos deixou meu povo paranoico, sempre com medo de perder alguma pista potencial. Todas as operações são gravadas. Há vigilância em todo lugar. — Adam aperta uma tecla com um ar triunfante. — Até a bordo de nossas próprias naves.

Os monitores tremeluzem por um segundo e depois exibem a imagem granulada de uma pista de pouso no meio de um pântano.

— Se a Garde estiver por perto, talvez consigamos vê-los — explica Adam.

— Isso se não estiverem invisíveis — digo, olhando o monitor com atenção.

A câmera mostra um punhado de mogadorianos frustrados enquanto arranca partes do motor do casco da nave de reconhecimento. Eles limpam as peças, recolocam-nas e, como nada acontece, começam a desmontar outra coisa.

— O que eles estão fazendo? — pergunta Sam.

— Tentando consertar o que eu fiz — responde Adam, animado, parecendo contente por ter passado a perna em seu povo. — Acham que foi uma falha no motor, não uma anulação dos sistemas automáticos. Vão levar algum tempo para

entender.

Um mogadoriano com uniforme imponente parecido com o do general aproxima-se deles. Ele grita com os mecânicos, depois some da tela, furioso.

— A câmera se move? — pergunto.

— Claro.

Adam aperta um botão e a câmera começa a se mover para o lado, seguindo o mogadoriano bem-vestido. A princípio, não há muito para ver além do asfalto e, a distância, parte do pântano. Entretanto, após uma curta caminhada, ele entra em um hangar de aviões.

— Acha que eles estão lá? — pergunto.

— Essa câmera deve ser equipada com visão térmica, eu só tenho que entender como acessá-la — responde Adam, hesitando ao apertar as teclas.

Antes que ele consiga resolver o problema, Cinco passa pelas portas do hangar. Ainda que, por causa da visão de Ella, eu achasse que ele fosse o traidor, vinha me apegando a uma esperança tola de que isso não fosse verdade. Ou, por mais sombrio que possa parecer, que Cinco tivesse morrido em batalha. Mas ali está ele, em um uniforme mogadoriano amarrotado e com um curativo cobrindo o olho direito.

Ouço Sam perder a respiração; ele está perplexo. A única parte da visão que não contei a ninguém foi ter visto Cinco, porque não queria deixá-lo em maus lençóis se estivesse errado.

— Ele é... — Sam balança a cabeça. — Aquele traidor filho da mãe. Deve ter sido ele quem contou aos mogs sobre Chicago.

— Um dos seus — diz Adam em voz baixa. — Por essa eu não esperava.

Tenho que desviar os olhos da imagem de Cinco antes que meu sangue ferva.

— Você não sabia disso? — pergunto a Adam com os dentes cerrados.

— Não — diz ele, balançando a cabeça. — Eu teria contado. O próprio Setrákus Ra deve ter mantido Cinco em segredo.

Eu me obrigo a olhar para a tela de novo. Mantenho a calma, estudando meu novo inimigo. Os ombros curvados, a cabeça recém-raspada, a expressão sombria do olho restante. O que pode ter levado um dos nossos a fazer algo tão terrível?

— Eu sabia que tinha alguma coisa estranha com aquele babaca — diz Sam, agora andando de um lado para outro. — Cara, o que vamos fazer com ele?

Não respondo, sobretudo porque a única solução em que consigo pensar no momento, vendo Cinco usando o uniforme do inimigo, é matá-lo.

— Para onde ele está indo? Siga-o — peço a Adam.

Adam o segue. A câmera acompanha Cinco pela pista de pouso e até uma rampa que leva à maior nave espacial que já vi, tão enorme que a câmera não

consegue mostrá-la por inteiro.

— Nossa — suspiro, arregalando os olhos. — O que é aquilo?

— Uma nave de guerra — responde Adam, com um toque de admiração na voz, olhando atentamente para a tela. — Não sei qual delas.

— Qual *delas*? — pergunta Sam, indignado. — Quantas dessas vocês têm?

— Dúzias? Talvez mais, talvez menos. Funcionam com o antigo combustível de Mogadore e com o que meu povo conseguiu extrair de Lorien. Não são naves lá muito eficientes. E são lentas. Quando eu era criança e aprontava alguma, minha mãe ameaçava me deixar de castigo até a chegada da frota... — Ele percebe que está divagando e se cala, olhando para nós. — Vocês não se importam com isso, não é?

— Talvez não seja o melhor momento para relembrar o passado — respondo, observando Cinco embarcar na nave. — O que mais pode nos contar sobre a frota?

— Estão viajando desde a queda de Lorien — continua Adam. — Estrategistas mogs acreditam que eles têm poder de fogo suficiente para um último cerco.

— A Terra — digo.

— Isso — responde Adam. — Depois, meu povo vai se estabelecer aqui de vez. Talvez reconstruir a frota, se Setrákus Ra quiser assim.

— Se ainda houver vida no universo para ele conquistar, você quer dizer — argumento.

Sam balança a cabeça, ainda impressionado com a imensa nave de guerra.

— Bom, elas devem ter um ponto fraco, não? Tipo a Estrela da Morte, que explode se alguém atirar no local exato?

Adam franze as sobrancelhas.

— O que é uma Estrela da Morte?

Sam joga as mãos para o alto.

— Estamos ferrados.

— Se eles foram capturados e estiverem a bordo daquela coisa... — Não concluo a frase, porque não consigo pensar no que fazer. Tomar uma base mogadoriana quase abandonada é uma coisa; encontrar um jeito de entrar em uma enorme nave de guerra é outra bem diferente.

Principalmente quando essa enorme nave de guerra ergue-se devagar em direção ao céu. Talvez Sam tenha razão e nós estejamos realmente ferrados.

Observamos a nave subir em silêncio. Antes que saia completamente da nossa vista, sua carapaça tremeluz, e então desaparece de vez. Bem, não de vez — ainda é possível ver vagamente sua silhueta, como se a luz a seu redor se dobrasse de forma estranha. É quase como tentar enxergar um objeto embaixo

d’água.

— Disfarce — diz Adam. — Todas as nossas naves de guerra fazem isso.

— Deem uma olhada no tablet — diz Sam. — Talvez nem tudo esteja perdido.

Conforme a agora invisível nave de guerra sobe, um dos pontos no tablet se afasta aos poucos dos outros.

O ponto de Cinco. Após alguns segundos, ele começa a oscilar de forma errática pela tela. Então vemos dois indicadores de Gardes ricocheteando pelo mapa.

— Do mesmo jeito que Ella — diz Sam, franzindo a testa.

— A nave de guerra deve estar entrando em órbita outra vez — diz Adam. — O que significa...

— ...que Ella já está a bordo de uma dessas coisas — concluo. — Eles a levaram para a frota.

— E como a gente vai chegar lá? — pergunta Sam.

— Não será preciso — responde Adam. — A frota virá até nós.

— Ah, claro — diz Sam. — A invasão mundial. Então o nosso plano é ficarmos sentados esperando?

Bato com o dedo no tablet, indicando três pontos ainda na Flórida.

— O plano é resgatar os outros. Eles ainda estão lá. Só precisamos... — Paro de falar ao olhar para a tela. A nave está começando a se mover. — Achei que você tivesse desligado a nave. Por que ela está se movendo?

Apertando uma série de teclas às pressas, Adam vira a câmera para baixo. Vemos a equipe de mogadorianos fazendo caretas ao empurrar a nave de reconhecimento em direção ao hangar.

— Acho que desistiram de ligá-la — observa Sam.

Um dos mogs corre na frente para abrir as portas de metal, e ali, no meio do hangar vazio, estão Nove, Marina e Seis. Sam solta um grito animado, que logo é interrompido pela percepção da dura realidade, de que há três Gardes onde deveria haver quatro, e que Nove está carregando o que obviamente é um saco mortuário.

— Oito — diz Sam, engolindo em seco. — Droga.

Eu me volto para Adam, ainda sem condições de sofrer.

— Essa nave que você invadiu tem armas?

CAPÍTULO

QUATORZE

APÓS UMA SARAIVADA de tiros quase ensurdecedora no espaço aberto do hangar, a nave de reconhecimento cai em um silêncio sinistro. Marina e eu estamos agachadas uma ao lado da outra, encolhidas atrás da mesa de metal virada. Trocamos um olhar — a mesa não levou um único tiro. Na verdade, parece que eles nem chegaram perto de nos atingir.

— Bela mira, imbecil! — grita Nove, rindo. — Ele está ao lado da mesa, deitado no chão, protegendo o corpo de Oito.

Coloco a cabeça para fora da mesa. Entre nós e a nave de reconhecimento há uma dúzia de pilhas de cinzas que antes eram os mecânicos mogadorianos. A torre giratória da nave ainda fumega, mas agora está adormecida, nem um pouco interessada em nós. Eu me levanto, hesitante. Marina faz o mesmo.

— Que diabos está acontecendo? — pergunto.

— Quem se importa? — diz Nove, erguendo o corpo de Oito. — Vamos sair daqui.

— Talvez algum defeito? — sugere Marina, aproximando-se da nave, que ainda bloqueia a saída. Nós nos dispersamos, tomando cuidado para não ficar na mira da arma.

— Só atirou nos mogs — digo. — Que defeito conveniente.

Nós três levamos um susto quando o cockpit da nave se abre com um chiado. Logo depois, uma explosão estática no microfone do cockpit, e, então, uma voz familiar.

— Pessoal? Estão me ouvindo?

— John? — pergunto, sem acreditar direito no que estou ouvindo. Na última vez que o vi, ele estava em coma com Ella. Corro em direção à nave e, com um pulo, subo, ficando de pé sobre o cockpit para ouvir melhor a voz dele.

— Sou eu, Seis — diz John. — É bom ver você.

— Ver? — pergunto, e só depois noto a pequena câmera na parte da frente do cockpit. Ela oscila de um lado para outro, quase como se estivesse me cumprimentando.

— Cara, o que aconteceu? — pergunta Nove, observando o cockpit com desconfiança. — Seu cérebro está, tipo, preso em uma nave mogadoriana agora?

— O quê? Não, não seja idiota — responde John, e imagino sua expressão de graça e irritação ao mesmo tempo. Tomamos uma base mogadoriana e usamos a tecnologia deles para invadir o sistema dessa nave.

— Legal — responde Nove, como se isso fosse tudo o que ele precisava ouvir.

Ele pula com facilidade no capô da nave, ainda segurando Oito. Seu peso faz o veículo em forma de disco baixar um pouco antes de se endireitar por completo, o trem de pouso rangendo. Nove chuta o casco de metal com o tornozelo.

— Então esta é nossa carona?

Em resposta, o motor da nave começa a vibrar sob nossos pés. Olho para o cockpit — seis assentos resistentes de plástico, além de um painel reluzente coberto de símbolos mogadorianos aleatórios e de uma série de controles semelhantes aos que se encontrariam em um avião. Não que eu já tenha pilotado um, muito menos um feito por mogadorianos.

— Vimos o que aconteceu em Chicago — diz Marina, também entrando na nave. — Está todo mundo bem?

— Sim — responde John, mas então parecendo reconsiderar: — Eles levaram Ella, mas não acho que ela esteja em perigo ainda.

Marina ergue as sobrancelhas, agitada, e sinto que começa a irradiar frio.

— Como assim *levaram*?

— Vou explicar tudo quando vocês levantarem voo — diz John. — Vamos tirar vocês daí primeiro.

— Ótimo — responde Nove, e pula para dentro do cockpit, colocando o corpo de Oito sobre dois assentos com cuidado.

— Hã, John, um problema — digo, seguindo Nove para dentro da nave mog com cheiro de antisséptico. — Como vamos pilotar esta coisa?

Há uma pausa do outro lado, e então outra voz responde, com um sotaque rouco que faz meus ombros se contraírem.

— Talvez eu consiga pilotar remotamente, mas estou com medo de que essa invasão ao computador da nave tenha danificado algum dos protocolos de navegação automática. Será mais seguro se vocês fizerem isso manualmente enquanto os oriento — explica de forma sucinta o mogadoriano. Então, como se percebesse que podemos estar assustados, adiciona: — Oi. Meu nome é Adam.

— O cara de quem Malcolm falou — digo, lembrando-me da conversa no jantar.

— Não se preocupe, Seis — interfere a voz de Sam, e não consigo evitar um sorriso ao ouvi-la. — Ele não é nem um pouco mau.

— Ah, bom, nesse caso, vamos voar — diz Nove com sarcasmo, mas mesmo assim se acomoda em um dos assentos com encosto de plástico duro. Vou para a cadeira do piloto. Marina hesita por um instante, lançando um olhar de desconfiança ao console por onde saiu a voz do mog.

— Como vamos saber se aquele é mesmo John? — pergunta ela. — Setrákus Ra pode mudar de forma. Isso pode ser uma armadilha.

Fiquei tão entusiasmada ao ouvir John e Sam que nem considerei a possibilidade de aquilo ser uma cilada. Atrás de mim, Nove grita para o comunicador.

— Ei, Johnny, lembra-se de Chicago? Quando você estava dizendo que era Pittacus Lore e tivemos um debate sobre ir ou não ao Novo México?

— Lembro. — John parece falar entredentes.

— E como resolvemos aquilo mesmo?

John suspira.

— Você me pendurou na borda do telhado.

Nove sorri como se isso fosse a melhor coisa que já ouviu na vida.

— Sem dúvida é ele.

— Marina — diz John, provavelmente achando que o pequeno teste de Nove não foi o suficiente. — Quando nos conhecemos, você curou dois ferimentos à bala em meu tornozelo. E depois quase fomos atingidos por um míssil.

Um sorrisinho se forma no rosto dela, o primeiro que vejo em dias.

— Achei você o cara mais legal que eu já tinha conhecido, John Smith.

Nove solta uma risada ao ouvir isso, balançando a cabeça. Marina entra na nave e senta-se ao lado do corpo de Oito. Ela coloca a mão de forma protetora sobre o saco mortuário e se acomoda.

— Cuidado com a cabeça — avisa Adam quando o cockpit chia e se fecha sobre nós.

Por um breve momento, sou tomada por uma sensação de pânico por estar trancada dentro de uma nave mogadoriana, mas deixo o medo de lado e seguro com força o manche. O cockpit é escuro, e o vidro nos dá a impressão de estar vendo através de óculos de sol. Torrentes de dados em símbolos mogadorianos comprimidos são projetadas no vidro, informações que só um piloto mogadoriano entenderia.

— Tudo bem — digo. — E agora?

— Espere aí — diz Nove, inclinando-se para a frente. — Por que você vai pilotar?

A voz de Adam sai clara, paciente, mas autoritária.

— Vire o manche à sua frente. Isso vai girar a nave.

Faço o que ele diz. O manche vira com facilidade, fazendo a nave girar cento e oitenta graus sem que as rodas se movam. Paro de girar quando ficamos voltados para a saída do hangar.

— Ótimo — diz Adam. — Bom, a alavanca à sua esquerda move as rodas.

Seguro a alavanca e a empurro um pouco para a frente. A nave sacoleja

quase de imediato. Os controles são sensíveis, e não é preciso fazer muita força para nos levar até a pista de pouso.

— Acelere um pouco, Seis, nossa — reclama Nove. — Dirija como se tivéssemos acabado de roubar a nave.

— Não dê ouvidos a ele — diz Marina, envolvendo a si mesma com os braços.

— Se já saiu do hangar, pode parar — instrui Adam.

Vejo apenas o céu à minha frente e solto a alavanca. A nave range até parar.

— Tudo bem — diz Adam. — Agora, segure as extremidades do manche. Achou os botões?

Pego outra vez o manche e procuro os dois botões embaixo.

— Achei — respondo, apertando o gatilho da esquerda para testá-lo. O motor da nave começa a vibrar tanto que sinto meus ossos chacoalharem, e então nos erguemos no ar.

— Cacete! — grita Nove.

A meu lado, Marina se aperta com ainda mais força e fecha os olhos.

— Tenha cuidado, Seis — sussurra ela.

Solto o botão e a nave se mantém no ar sem esforço. Pairamos a cerca de vinte metros do chão.

— Não era para você fazer isso ainda — repreende Adam.

— Hã, desculpe. Primeira vez pilotando uma nave espacial — respondo.

— Tudo bem — responde Adam. — O gatilho à sua esquerda aumenta a elevação. O da direita diminui.

— Esquerda, para cima. Direita, para baixo. Entendi.

— E vocês estão no que meu povo chama de Escumador — explica Adam. — Ela não foi construída para viagens interplanetárias, então não é exatamente uma nave *espacial*.

Nove bufa.

— Esse cara realmente vai nos dar uma aula de aviação mogadoriana? Sério mesmo?

— Sabem que eu consigo ouvir o que vocês falam, né? — responde Adam pelo microfone. — E não, não vou.

— Desculpe por Nove — digo, lançando um olhar reprovador para ele. — Por acaso essa coisa tem assentos ejetores?

— Na verdade, tem — responde Adam.

— Calma aí — diz Nove, chegando para a frente e apoiando só um pedaço da bunda no banco. — Não invente, Seis.

Mando Nove calar a boca quando ouço vários estrondos vindos da parte de baixo da nave.

— O que é isso? — pergunto.

— Não se preocupe — responde Adam. — Só recolhi o trem de pouso remotamente.

Quando o barulho cessa, dois pequenos painéis no manche deslizam para o lado, revelando botões posicionados para serem pressionados ao mesmo tempo em que os gatilhos de elevação.

— Você vai ver mais dois botões — continua Adam. — Aperte-os para acelerar. Solte-os para frear.

Hesito ao segurar o manche e aperto de leve os botões de cima, com cuidado para não pressionar os gatilhos da parte de baixo do manche. O Escumador chispa para a frente e começa a balançar, parando quando solto o botão.

— Parece um videogame — diz Nove, inclinando-se sobre o encosto do meu assento. — Qualquer idiota é capaz de pilotar esta coisa. Sem querer ofender, mog.

— Não me ofendi.

Aperto o acelerador com um pouco mais de força e a nave dispara. Na tela, algo começa a piscar — um alerta de perigo em todas as línguas — pouco antes que eu arraste a parte de baixo do Escumador na copa de uma árvore. Ouço galhos se quebrando e, esticando o pescoço, vejo-os cair no chão lá embaixo.

— Ops — digo, e olho de soslaio para Marina.

— Seis, eu juro... — diz ela, lançando-me um olhar meio apavorado.

— É melhor você subir mais — diz Adam. — E, hã, considere manobrar.

Nove ri e se recosta. Aperto o gatilho para subir e nos erguemos mais. Quando passamos das densas árvores do pântano, já é possível ver o horizonte. Uma linha de laser fina e pontilhada aparece no vidro do cockpit, acima da vista, como uma trilha.

— Tracei seu curso — diz Adam. — Agora é só seguir a linha.

Balanço a cabeça e acelero a nave, seguindo o caminho de laser em direção ao norte.

— Tudo bem, meninos — digo. — Aqui vamos nós.



O voo da Flórida a Washington leva cerca de duas horas. Seguindo as instruções de Adam, mantenho a altitude baixa o bastante para não sermos reconhecidos por satélites ou cruzarmos o caminho de algum avião, mas elevada o suficiente para não provocar nenhum frenesi, com pessoas afirmando terem visto óvnis. Se bem que, considerando a seriedade da ameaça de uma invasão mogadoriana, talvez fosse melhor deixar logo nossa nave ser vista, lançar fogos

de artifício, alertar a população.

Depois da alegria inicial de ouvir John e Sam e de saber que nossos amigos estão vivos, a conversa fica sombria. Pelo rádio, eles descrevem o que aconteceu no John Hancock Center. John nos conta o que viu no pesadelo que compartilhou com Ella e por que não acha que Setrákus Ra quer machucá-la. Ele acredita que Ella pode ter algum parentesco com Setrákus Ra, e que o regente mogadoriano talvez seja uma espécie de lorieno desvirtuado, o Ancião banido que Crayton mencionou em sua carta. Ainda não estou pronta para lidar com isso.

Quando John termina de nos atualizar, é nossa vez de contar o que aconteceu na Flórida. Mesmo pelo rádio, percebo que ele não quer nos pressionar. Penso nos dias que ele passou com uma cicatriz nova em folha no tornozelo, perguntando-se qual de nós não voltaria. Por mais que seja doloroso falar sobre isso, John merece saber o que aconteceu com Oito. Como Marina e Nove não tomam a iniciativa, restou a mim descrever o ocorrido, que Cinco nos traiu e assassinou Oito por acidente, porque era Nove quem ele estava tentando matar. Passei a maior parte da luta inconsciente, então conto a ele apenas o básico, só os fatos, sem tentar amenizar nada. Depois relato os detalhes do resgate do corpo de Oito no acampamento mogadoriano, e conto o que Cinco fez com seu companheiro mogadoriano. Quando termino de falar, um clima triste se instala no cockpit, e viajamos em silêncio até chegarmos aos subúrbios de Washington.

Pouso a nave no meio de uma quadra de basquete. Estamos em um condomínio chique do subúrbio, que agora ganha uma atmosfera extremamente lúgubre, por causa das janelas escuras e do abandono geral. A porta do cockpit abre e Marina me lança um olhar aliviado quando se levanta. Com cuidado, Nove pega o corpo de Oito e sai da nave. Ela coloca a mão no cotovelo de Nove, cuidando para que Oito não seja sacudido demais. Ainda é difícil acreditar que nosso amigo está em um saco mortuário, e parece errado ficar carregando-o de um lado para outro.

— Suas viagens estão quase terminando — entreouço Marina sussurrar para o corpo de Oito. Ela deve estar sentindo o mesmo que eu.

Marina e eu pulamos para o chão e nos viramos para ajudar Nove a descer o corpo de Oito. Em vez de entregá-lo, Nove aperta os olhos ao encarar a escuridão que nos cerca.

— Uau — diz ele. — Tem, tipo, uns bichos aleatórios nos observando.

— Bichos? — pergunto, olhando para ele.

A expressão de Nove fica vazia... Bem, mais vazia do que de costume, como quando ele está usando a telepatia animal.

— Ah, me esqueci de falar que encontramos novos amigos!

John vem correndo em nossa direção, saindo pela varanda torta de uma casa

não totalmente destruída, como se o chão houvesse tentado engoli-la, mas tivesse desistido no caminho. Sam está alguns passos atrás dele, sorrindo para mim, mas quando percebe que estou olhando para ele, logo diminui o sorriso, preferindo algo menos intenso. Atrás de John e Sam, empurrando uma maca, vêm Malcolm e um cara pálido e magro que presumo ser Adam, o cabelo preto cobrindo o rosto e o fazendo parecer meio mog, meio emo.

— Tantos Chimæra — diz Nove, balançando a cabeça, animado, enquanto observa para a escuridão. — É incrível.

— Batizamos o gorducho e preguiçoso em sua homenagem — diz Sam.

— Menos incrível.

Ao chegar até nós, John dá um abraço apertado em Marina. Está escuro, mas vejo dias de preocupação estampados em suas olheiras. Eu me lembro do garoto apavorado que encontrei lutando contra os mogadorianos na escola e me pergunto se John voltou a se sentir dessa forma, como se fosse ele contra o mundo novamente. Nosso reencontro deveria ser reconfortante, mas estamos com um a menos, e conheço John bem o bastante para saber que deve estar se culpando pela nossa perda.

— Vocês conseguiram — diz John, soltando Marina e me abraçando em seguida. — Não sei o que faria se... — diz ele em voz baixa, apenas para mim.

— Não precisa dizer nada — respondo, abraçando-o também. — Estamos aqui agora. Vamos lutar. Vamos vencer.

John me solta, e uma breve expressão de alívio cruza seu rosto, como se precisasse que alguém lhe dissesse isso. Ele assente para mim e depois vai até a nave, pegando o corpo de Oito para que Nove possa saltar. Todos ficam em silêncio quando Malcolm aproxima a maca para John colocar o corpo.

— Os mogs colocaram alguma coisa nele — diz Marina. Ela dá um passo abrupto na direção da maca. — Algum campo elétrico.

Adam se aproxima, hesitante, e pigarreia.

— Eletrodos? Sobre o coração? Nas têmporas?

— Sim — responde Marina sem olhar para Adam, com os olhos fixos no saco mortuário de Oito.

— Os mogs usam isso para, hã... — Adam faz uma pausa, e então conclui, constrangido. — Para manter os espécimes frescos. Dessa forma, os restos não são prejudicados, e eles são preservados.

— Espécimes — repete Nove em um tom seco.

— Sinto muito por seu amigo — diz Adam em voz baixa, passando uma das mãos pelo cabelo. — Só achei que vocês deviam saber...

— Está tudo bem. Obrigado, Adam — diz John. Ele coloca a mão sobre o ombro de Marina. — Venha. Vamos levá-lo lá para dentro.

— O que... — Marina engasga, para por um momento e respira fundo. — O que vão fazer com ele?

— Reservamos um quarto tranquilo lá dentro — responde Malcolm com delicadeza. — Não sei quais são os costumes lorienos para enterros...

Olho para John, que franze o cenho enquanto pensa no que faremos, depois para Nove, que também parece totalmente confuso.

— Também não sabemos — digo. — Quero dizer, quando foi a última vez que tivemos a chance de honrar direito um dos nossos?

— Mas não podemos enterrá-lo aqui — diz Marina. — Este é um lugar mog.

Malcolm assente, tocando delicadamente o ombro de Marina.

— Quer me ajudar a levá-lo para dentro?

Marina concorda. Juntos, ela e Malcolm empurram o corpo de Oito até a casa detonada. Adam os segue a uma distância respeitosa, com as mãos cruzadas para trás de uma forma desajeitada. Após um instante, Nove dá um tapão nas costas de John, quebrando a tensão.

— Então, ouvi direito no comunicador ou você mandou mesmo sua namorada em uma missão secreta supersexy com o ex dela?

— Estamos em guerra, Nove, isso não é piada — responde John, áspero. Após uma pausa embaraçosa, um sorriso relutante se abre em seu rosto. — E cale a boca. Não é supersexy. O que isso significa, afinal?

— Uau, você precisa mesmo da minha ajuda — diz Nove. Ele passa o braço sobre os ombros de John e o conduz para a casa. — Venha. Vou explicar o que é sexy.

— Eu sei o que... ugh, por que estou discutindo isso com você? — Frustrado, John empurra Nove, que o segura com ainda mais força. — Saia de cima de mim, seu idiota.

— Qual é, Johnny, você precisa do meu carinho mais do que nunca.

Reviro os olhos ao observar a cena, garotos sendo garotos. Acabo ficando sozinha com Sam, parado a alguns metros, com os olhos vidrados em mim. Vejo que está tentando decidir o que dizer ou, talvez, criando coragem para dizer. Ele deve ter repassado esse momento na cabeça várias e várias vezes, pensando em seu incrível discurso para a garota que ele não tinha certeza se veria outra vez.

— Oi. — É o que ele decide dizer enfim.

— Oi pra você também — respondo, e antes que diga outra palavra, eu o envolvo com os braços e o beijo com tanta intensidade que ele fica sem fôlego. Sam parece perplexo a princípio, mas logo retribui o beijo, tentando igualar minha paixão. Eu o puxo pela camisa, meu corpo pressionado contra a lateral do Escumador. Não é exatamente o lugar mais romântico do mundo, mas tudo bem. Pego as mãos de Sam e as levo até meus quadris, depois seguro seu rosto e passo

os dedos por seu cabelo, deixando toda a energia concentrada irradiar de mim para o beijo.

Após alguns minutos, Sam se afasta, desconcertado.

— Seis, nossa, o que está acontecendo?

A expressão no rosto de Sam não é a que eu imaginei. Sim, há uma inquietação ardente, mas, misturado a essa surpresa, um toque de preocupação. Eu desvio o olhar.

— Eu só queria muito fazer isso — respondo, sincera. — Não sabia se teria outra chance.

Pressiono o rosto contra a lateral do pescoço de Sam e sinto seu coração bater em minha bochecha. Passei os últimos dias me fazendo de forte, tentando me controlar enquanto Marina e Nove estavam a ponto de desmoronar. Pelo menos aqui, no escuro, posso me soltar um pouco. Sam está me segurando pela cintura. Eu me deixo cair em seus braços, e solto um suspiro trêmulo.

— É que tudo pode acabar tão rápido... — sussurro, dando um passo para trás para encará-lo. — Eu não queria *não* ter feito isso, sabe? Não estou nem aí se vai complicar as coisas.

— Nem eu — diz Sam. — Claro que não.

Voltamos a nos beijar, desta vez com mais delicadeza, as mãos de Sam subindo devagar por meu corpo. Quando ouço um lobo uivar — alto, ecoante, perto —, meu primeiro instinto é achar que Nove está nos espionando da casa e fazendo barulhos idiotas. Mas então mais dois lobos fazem um coro de uivos. Eu me afasto e olho para Sam.

— Que droga é essa? — pergunto. — Lobos no subúrbio?

— Não sei... — ele começa a responder, mas então arregala os olhos. — Os Chimæra. Eles estão nos alertando.

Um segundo depois, ouço o *tac-tac-tac* de ao menos três helicópteros descendo à nossa volta. Aperto os olhos e vejo as silhuetas se aproximando no céu noturno. E então aparecem luzes azuis piscando na única rua de acesso do condomínio — uma caravana de SUVs pretos, todos vindo em alta velocidade em nossa direção.

CAPÍTULO

QUINZE

AO OUVIR O som de pneus cantando e hélices de helicópteros, Nove e eu voltamos correndo lá para fora, pulando sobre a varanda quebrada da casa para o gramado. Chegamos bem a tempo de ver um raio descer do céu, cortesia de Seis. É um aviso; o raio ergue um pedaço de asfalto bem diante de um SUV preto que vem a toda pela rua de acesso, fazendo-o dar uma guinada.

— Que droga é essa? — rosna Nove. — Achei que nosso papo com o FBI já tivesse terminado.

— Adam disse que teoricamente era para eles ignorarem este lugar — respondo. — Algum acordo com os mogs.

— Acho que esse acordo acabou quando vocês mataram todos eles, não é?

Há três helicópteros no ar, circulando como abutres. Algum sinal deve ter sido transmitido entre eles, porque todos ligam os holofotes ao mesmo tempo. Um deles mira em Nove e em mim, outro, na entrada da casa atrás de nós, e o terceiro, em Seis e Sam. Sob a luz forte, vejo Sam, desarmado, entrar às pressas no Escumador para se proteger. Seis está com as mãos espalmadas no ar, tentando convocar algum fenômeno climático terrível para nossos hóspedes indesejados. Ela fica invisível antes que o holofote consiga visá-la.

Enquanto isso, sem se deixar abater pelo raio, uma série de SUVs pretos se enfileira na rua de acesso, as luzes azuis piscando sob os para-brisas. Eles param cantando pneus um ao lado do outro, criando uma barreira intransponível de vidros à prova de balas e latarias brilhantes resistentes a pancadas. As portas se abrem e vários agentes com casacos azul-marinho idênticos saem. Os que não estão gritando em walkie-talkies apontam armas para nós, todos agachados atrás das portas dos carros para se proteger. Eles levam menos de um minuto para nos encurralar na rua sem saída.

— Eles acham mesmo que isso vai nos impedir? — pergunta Nove, se afastando um pouco da casa, quase desafiando os agentes a tentarem atirar nele.

— Não sei o que eles estão pensando — respondo. — Mas não sabem dos Chimæra.

Eu os sinto espreitando nas sombras perto da rua de acesso. Esses caras do governo podem achar que nos cercaram, mas os olhos cintilantes na escuridão discordam. Os Chimæra continuam escondidos, esperando por um sinal.

Ouço um rangido atrás de mim. Viro-me um pouco e vejo Marina na varanda, com pedaços de gelo pontiagudos e denteados saindo das mãos como

duas adagas. Isso é novidade. Ao lado dela, se escondendo na entrada da casa, está Adam, segurando uma arma mogadoriana.

— O que fazemos? — pergunta Marina.

Noto nuvens de tempestade se acumulando no céu. Seis está pronta para atacar, se for necessário Mas, até agora, o máximo que os caras do governo fizeram foi muito barulho. Como eles não chegaram atirando nem nada, não acendi o Lúmen.

— Não quero machucá-los sem necessidade — digo. — Mas não temos tempo para essa palhaçada. De jeito nenhum vou ser levado para interrogatório.

Ao que parece, Nove interpreta minhas palavras como um encorajamento para fazer algo louco. Ele dá passos largos para a frente e pega a base da cadeira do Dr. Anu, que foi cortada ao meio pelos tiros durante a batalha da tarde. A coisa deve pesar uns noventa quilos, mas Nove a levanta com facilidade usando apenas uma das mãos, balançando-a de um lado para outro para se exibir.

— Vocês estão em propriedade particular! — grita Nove. — E não estou vendo nenhum mandado!

Antes que eu consiga fazer algo para impedi-lo, Nove lança o pedaço de motor no ar, a alguns poucos centímetros da frente do helicóptero mais próximo. De onde estou, fica óbvio que o helicóptero não corre nenhum perigo real, mas imagino que o piloto humano não esteja acostumado a ver um Garde superforte lançando ferro-velho sobre ele. O piloto tenta levantar voo, e o helicóptero ganha altitude aos trancos e barrancos, o holofote formando rastros irregulares pelo gramado. O que restou da cadeira cai com um estrondo no meio da rua.

— Isso foi desnecessário — observa Adam da porta.

— É, vamos concordar em discordar — diz Nove.

Quando ele se abaixa para pegar outro pedaço da cadeira, ouço o característico engatilhar de armas vindo da fileira de SUVs. Onde quer que ela esteja escondida, Seis também deve ter ouvido, porque uma neblina se espalha de repente pelos gramados de Ashwood Estates, tornando-nos alvos muito mais difíceis de serem atingidos.

Acendo o Lúmen e dou um passo à frente, colocando-me entre Nove e os SUVs. Ergo as mãos para os agentes verem que estão envolvidas em fogo.

— Não sei por que estão aqui — grito para a fileira de carros. — Mas estão cometendo um erro. Esta é uma luta que vocês não têm a menor chance de vencer. A coisa mais inteligente a fazer é voltar para seus chefes e dizer que não encontraram nada neste lugar.

Para enfatizar o que estou dizendo, envio um comando telepático a nossos Chimæra. Uivos ressoam na escuridão. Apavorados, alguns agentes começam a apontar as armas para as sombras, e um dos helicópteros usa o holofote para

varrer os campos que cercam a rua de acesso. Nós os assustamos.

— Último aviso! — grito, deixando uma esfera de fogo do tamanho de uma bola de basquete flutuar sobre minha mão.

— Meu Deus! — grita a voz de uma mulher da fileira de carros. — Todos abaixem as armas!

Um por um, os agentes nos carros a obedecem. Depois, um deles passa por entre dois SUVs e vem até nós com as mãos erguidas em sinal de rendição. Através da neblina, reconheço a postura rígida e o rabo de cavalo bem puxado para trás.

— Agente Walker? É você?

A meu lado, Nove ri.

— Ah, qual é? Você vai tentar prender a gente *de novo*?

Walker faz uma careta ao se aproximar, com os traços duros mais enrugados do que me lembrava. Ela está pálida, com uma alarmante mexa grisalha no cabelo ruivo. Tento me lembrar do quanto ela se feriu na base de Dulce. Será que ainda sente os efeitos daquilo?

Antes que ela se aproxime demais, Seis aparece e a puxa pelo rabo de cavalo.

— Nem mais um passo — rosna ela.

Walker, com os olhos arregalados, para, obediente. Seis tira a arma do quadril dela e joga na grama.

— Desculpem-me pelo estardalhaço — diz Walker, com a voz meio estrangulada devido ao ângulo em que Seis segura sua cabeça. — Meus agentes viram aquela nave mogadoriana pousar e pensamos que vocês estavam sob ataque.

Deixo o Lúmen de minhas mãos se extinguir e inclino a cabeça, confuso.

— Espere aí. Vocês vieram correndo para cá porque acharam que *nós* estávamos sendo atacados?

— Sei que você não tem motivos para acreditar em mim — diz Walker, com a voz rouca. — Mas estamos aqui para ajudar.

A meu lado, Nove faz um som de desdém. Eu encaro Walker, esperando o final da piada, ou o sinal para que seus homens abram fogo.

— Por favor — diz ela. — Apenas me escute.

Eu suspiro e indico a casa.

— Leve-a para dentro — digo a Seis, me virando para Nove em seguida. — Se os outros tentarem qualquer coisa remotamente suspeita...

Nove estala os dedos.

— Ah, eu sei o que fazer.

Seis empurra Walker pelos degraus quebrados da casa de Adam e pela porta da frente. Sigo alguns passos atrás, deixando o restante de nossos amigos de olho

no pequeno exército de agentes do governo.

— Aquele que eu vi ali fora é um mogadoriano? — pergunta Walker enquanto Seis a empurra para a sala de estar. — Vocês fizeram um deles de prisioneiro?

— Ele é um aliado — digo. — No momento, *você* é a prisioneira.

— Entendido — diz Walker, parecendo mais cansada do que qualquer outra coisa. Voluntariamente, sem precisar que Seis a empurre, Walker se deixar cair em um dos sofás. Sob a luz da sala de estar, vejo que com certeza há algo estranho nela. Não sei se por causa da mecha grisalha solitária em seu cabelo, mas Walker parece exaurida. Ela nota a entrada dos túneis mogadorianos, mas não demonstra muito interesse ou surpresa.

— Ah, uma convidada — diz Malcolm ao aparecer na porta entre a sala e a cozinha, com o rifle sobre o ombro. — E trouxe um monte de amigos. Está tudo bem?

— Ainda não sei — respondo, com a voz tensa, sem baixar a guarda. Seis contorna o sofá para ficar fora da vista de Walker.

— Hmmm — diz Malcolm. — Eu ia fazer um pouco de café. Alguém mais quer? Acho que também vi chá na cozinha.

Um sorriso hesitante se forma no rosto de Walker.

— Ah, agora vocês vão bancar os bonzinhos? — Ela olha para Malcolm e depois para mim. — Ele é um de seus... como os chamam? Cêpans?

Seis ergue a mão.

— Na verdade, eu aceito uma xícara. — Eu lanço um olhar irritado em sua direção. Ela dá de ombros. — O que foi? Confie em mim. Consigo tomar café e derrubar essa moça, tudo ao mesmo tempo, se for preciso.

A agente Walker olha para Seis por cima do ombro.

— Eu acredito nela.

Dou um passo à frente e fico diante de Walker. Estalo os dedos diante de seu rosto.

— Tudo bem, chega de embromação. Diga logo o que veio dizer.

— O agente Purdy está morto — declara Walker, olhando para mim. — Teve um infarte na base de Dulce.

— Ah, eu me lembro dele — diz Seis. — Que pena.

Também me lembro do parceiro da agente Walker — um homem mais velho, cabelo branco, nariz torto. Dou de ombros, sem entender o que isso tem a ver conosco.

— Meus pêsames, acho. Mas e daí?

— Ele era um imbecil — continua Walker. — A morte dele não tem tanta importância assim, o que importa é o que aconteceu depois.

Walker me mostra uma das mãos e a enfia devagar no bolso da frente de seu casaco. Tira uma pasta de papel pardo volumosa presa com um elástico. Ela a abre, pega uma foto e me entrega. O que vejo é uma imagem detalhada do corpo do agente Purdy — ou do que restou dele. Metade de seu rosto derreteu, desintegrou-se em cinzas no concreto.

— Achei que tivesse sido infarte — digo.

— E foi — responde Walker. — Só que depois Purdy começou a se dissolver. Como os mogadorianos.

Balanço a cabeça.

— Como assim? Por quê?

— Ele vinha fazendo tratamentos — diz Walker. — Acréscimos, como os mogs chamam. A maioria dos ProMog mais velhos faz isso há anos.

O termo ProMog me lembra o *Eles Estão Entre Nós*, mas não sei como isso se relaciona aos acréscimos sobre os quais Adam nos contou.

— Volte — digo a ela. — Comece do início.

Walker toca a mecha de cabelo grisalho, pensativa, e por um instante me pergunto se está em dúvida quanto ao que acabou de nos revelar. Ela me entrega a pasta que estava segurando e me encara.

— O primeiro contato foi há dez anos — diz ela. — Os mogadorianos alegaram que estavam caçando fugitivos. Queriam usar nossa força policial e ter liberdade para se deslocar pelo país; em troca, nos forneceriam armas e tecnologia. Eu tinha acabado de me formar quando tudo isso aconteceu, então obviamente não fui convidada para nenhuma reunião com alienígenas. Acho que ninguém quis irritá-los ou recusar as armas mais poderosas que já tínhamos visto, porque nosso governo cedeu muito rápido. O próprio diretor da instituição sabia das negociações. Isso foi antes que ele fosse promovido. Talvez tenha sido *por isso* que foi promovido, na verdade.

— Deixe-me adivinhar — digo, lembrando-me do nome do site de Mark. — O velho diretor era Bud Sanderson. Agora secretário de Defesa.

Walker parece impressionada.

— Isso. Se ligar os pontos, vai ver que muita gente que negociou com os mogs há dez anos se deu muito bem.

— E quanto ao presidente? — pergunta Seis.

— Aquele cara? — Walker bufa. — Peixe pequeno. As pessoas que são eleitas, que fazem discursos na TV são apenas um rosto, celebridades para serem vangloriadas. O poder de verdade está nas mãos daqueles que são nomeados, que trabalham nos bastidores, de quem você nunca ouviu falar. Eram eles que os mogs queriam, e foram eles que os mogs mantiveram por perto.

— Mas ainda assim. Ele é o presidente — retruca Seis. — Por que não faz

alguma coisa?

— Porque não lhe contam nada — diz Walker. — E, de qualquer modo, o vice-presidente é ProMog. Quando chegar a hora, ou o presidente se alia aos mogs, ou é afastado do cargo.

— Desculpe — digo, erguendo as mãos. — Que diabos é ProMog?

— Progresso Mogadoriano — explica Walker. — É como estão chamando, abre aspas, a interseção de nossas duas espécies, fecha aspas.

— Sabe, se um dia você quiser mudar de área, conheço um site para o qual poderia escrever — digo a Walker quando começo a folhear os documentos da pasta. Há especificações de armas mogadorianas, transcrições de conversas entre políticos, fotos de membros do governo que parecem ser importantes apertando as mãos de mogs uniformizados. É o tipo de dossiê que um site como o *Eles Estão Entre Nós* mataria para ter.

Na verdade, muitas dessas coisas *já estão* no site de Mark. Será que Walker já passou informações a ele?

— Então seu chefe traiu a humanidade por armas mais modernas? — pergunta Seis, inclinando-se sobre o encosto do sofá para encarar Walker.

— Basicamente é isso. Mas não fomos o único país a concordar — continua Walker em um tom amargo. — E eles sabiam como nos manter interessados. Além das armas, começaram a prometer avanços médicos. Acréscimos genéticos, como eles chamam. Alegaram que podiam curar tudo, de gripe a câncer. Resumindo, prometeram imortalidade.

Ergo os olhos da pasta, parando na foto de um soldado com a manga enrolada para cima e as veias do braço enegrecidas, como se seu sangue tivesse se transformado em fuligem.

— Como isso funciona? — pergunto, mostrando a foto.

Walker estica o pescoço para olhar a foto e depois me encara.

— Você está olhando para uma semana de abstinência das injeções genéticas mogadorianas. É assim que funciona.

Mostro a foto para Seis e ela balança a cabeça, enojada.

— Então eles estão matando vocês aos poucos — diz Seis. — Ou transformando todos em mogs.

— Não sabíamos no que estávamos nos metendo — diz Walker. — Mas ver Purdy se desintegrar daquela forma... abriu os olhos de alguns. Os mogs não são salvadores. Eles estão nos transformando em algo inumano.

— E mesmo assim vocês ainda estão negociando com eles, não é? — questiono. — Soube que há gente tentando ir a público para falar sobre mogadorianos capturados, mas alguém está abafando a história.

Walker assente.

— Os mogs alegam que seus acréscimos genéticos só vão melhorar com o tempo. Muitos dos caras de Washington querem ir até o fim e continuar com as experiências. Acho que nunca viram um humano se desintegrar. Sanderson e alguns dos colegas ProMog de alto escalão já começaram a realizar tratamentos mais avançados. Tudo o que os mogs querem em troca é que continuemos cooperando.

— Cooperando como?

Walker ergue uma das sobrancelhas.

— Se ainda não entendeu isso, escolhi o lado errado e estamos definitivamente ferrados.

— Talvez se você tivesse escolhido o lado certo há anos em vez de ajudar a perseguir crianças... — Seis me lança um olhar e controlo minha raiva. — Não importa. Sabemos que eles estão vindo. Chega de se esconder nas sombras ou nos subúrbios. Eles estão vindo com força total, não é?

— Estão — confirma Walker. — E esperam que entreguemos a chave do planeta.

Malcolm volta da cozinha com duas xícaras de café. Ele entrega uma a Seis e a outra a Walker. A agente fica surpresa, mas agradecida.

— Desculpe, mas como vai ser isso? — pergunta Malcolm. — Sem dúvida haveria um pânico generalizado.

— Além do mais, eles são umas aberrações desbotadas — acrescenta Seis. — As pessoas vão surtar.

— Não tenha tanta certeza — responde Walker, e indica com a xícara a pasta em minhas mãos. Depois de folhear mais algumas páginas, cheguei a uma série de fotos. Dois homens de terno almoçam em um restaurante chique. O primeiro é um cara de quase setenta anos, com cabelo grisalho fino e um rosto de coruja que reconheço do site de Mark; é Bud Sanderson, o secretário de Defesa. O outro, um elegante homem de meia-idade que se parece vagamente com um ator de cinema, eu nunca vi. Há algo pendurado em seu pescoço, quase totalmente oculto pelo terno e pelo ângulo ruim da câmera. Aquilo não me é estranho. Estendo a foto para Walker.

— Eu reconheço o Sanderson — digo. — Quem é o outro cara?

Walker me olha surpresa.

— Como assim? Você não o reconhece? Bom, não me surpreende. Ao que parece ele cada hora está de uma forma. Eu mesma não o reconheci quando ele estava destruindo vocês na base de Dulce, enorme, com um chicote brilhante. Para falar a verdade, acho que foi quando decidi que o ProMog não era para mim.

Arregalo os olhos e analiso outra vez a foto. Os pingentes estão escondidos

sob o paletó, mas está claro que o homem usa três correntes no pescoço.

— Você só pode estar de brincadeira.

— Setrákus Ra — diz Walker, balançando a cabeça. — Fechando o acordo de paz entre mogadorianos e humanos.

Seis dá a volta no sofá e pega a fotografia da minha mão.

— Metamorfo desgraçado — diz ela. — Fez tudo isso enquanto estávamos fugindo. Tramando enquanto corríamos de um lado para outro.

— Ele pode estar na frente, mas ainda não chegou ao fim — diz Malcolm.

— Bom, seu otimismo é encorajador — diz Walker, e toma um gole de seu café. — Mas ele chegará em dois dias.

— O que vai acontecer agora? — pergunto.

— A ONU se reunirá — explica Walker. — Convenientemente, o presidente não poderá comparecer, então Sanderson irá em seu lugar. Vai apresentar Setrákus Ra ao mundo. Fará um belo discurso dizendo que os alienígenas bonzinhos não querem nos prejudicar. Haverá uma moção para permitir a entrada da frota mogadoriana na Terra. Deixem que pousem aqui, sejam bons vizinhos na comunidade intergaláctica. Os líderes mundiais que ele já subornou vão apoiá-lo. Podem acreditar, eles são a maioria. E quando estiverem aqui, quando os tivermos deixado entrar...

— Vimos uma de suas naves de guerra na Flórida — diz Seis, lançando-me um olhar sombrio. — Já seria bem difícil derrubá-las mesmo com um exército preparado.

— Mas não haverá batalha — digo, concluindo o pensamento dela. — A Terra nem sequer vai opor resistência. E quando perceberem que deixaram um monstro entrar, será tarde demais.

— Exato — diz Walker. — Nem todo o governo está com Sanderson. Do FBI, CIA, NSA, os militares, cerca de quinze por cento são ProMog. Eles se certificaram de angariar muitos amigos poderosos, mas a maioria das pessoas ainda não sabe de nada. Acho que os mogs estabeleceram a mesma proporção em outros países. Sabem quantos humanos precisam controlar para serem bem-sucedidos.

— E o que são vocês? O um por cento que está resistindo? — pergunto.

— Menos que isso — responde Walker. — Eles são um inimigo considerável para quem não tem superpoderes e... o que era aquilo lá fora? Um exército de lobos? Enfim, minha equipe tem vigiado Ashwood, esperando por uma chance de atacar ou, sei lá, fazer *alguma coisa*. Quando vimos que vocês tinham tomado o lugar...

— Tudo bem, Walker, já entendi — digo, interrompendo-a e largando a pasta. — Acredito em você, embora não confie muito. Mas o que devemos

fazer? Como vamos acabar com isso?

— Chame o presidente — sugere Seis. — Ele tem que poder fazer alguma coisa.

— Essa é uma ideia — diz Walker. — Mas ele é um homem só, e muito bem-protegido. E mesmo que conseguissem chegar até ele, explicar sobre os alienígenas e fazê-lo passar para seu lado, ainda haveria muitos crápulas ProMog prontos para um golpe de estado.

Eu encaro Walker, sabendo que ela já tem um plano e só está nos enrolando.

— Diga. O que quer de nós?

— Precisamos convencer as pessoas que ainda estão no escuro. Para fazer isso, precisamos de algo grande — diz Walker com a maior naturalidade, como se estivesse falando de levar o lixo para fora. — Gostaria que vocês fossem comigo para Nova York, assassinassem o secretário de Defesa e expusessem Setrákus Ra.

CAPÍTULO

DEZESSEIS

DA PLATAFORMA DE observação, vejo a nave de guerra se aproximar. A princípio, é apenas um ponto preto contra a Terra azul, mas fica cada vez maior até esconder o planeta abaixo. A nave diminui a velocidade ao chegar relativamente perto da *Anúbis* — *relativamente* porque aqui em cima, mesmo que estejam a quilômetros uma da outra, a vastidão do espaço torna a profundidade e a distância difíceis de calcular. Estou longe da Terra. Longe de meus amigos. Essa é a única distância que importa.

Um portal se abre na outra nave e um pequeno veículo de transporte aparece. É branco e esférico, como uma pérola flutuando pelo escuro oceano do espaço. A pequena nave flutua em minha direção e ouço equipamentos rangerem e ar se descomprimir. O convés de pouso da *Anúbis*, bem abaixo de meus pés, prepara-se para receber o visitante.

— Finalmente — diz Setrákus Ra enquanto aperta meu ombro. Ele parece animado com essa chegada e abre um amplo sorriso no rosto humano roubado. Estamos lado a lado na plataforma de observação bem acima do convés de pouso, com fileiras de naves de reconhecimento e uma quantidade menor de transportes esféricos sob nós.

Esperamos meu *prometido*. Só de pensar nessa palavra tenho vontade de vomitar. A mão paternal de Setrákus Ra pousada em meu ombro só piora a situação.

Mantenho o rosto inexpressivo. Estou começando a esconder melhor minhas emoções. Decidi não deixar escapar mais nada para esse monstro. Finjo que também estou animada, talvez só um pouco nervosa. Ele que pense que me venceu pelo cansaço ou que entreguei os pontos. Pode pensar que as lições sobre o Progresso Mogadoriano estão dando resultado, que estou me tornando a versão de mim mesma que era na visão do futuro.

Sei que mais cedo ou mais tarde vou conseguir escapar. Ou morrerei tentando.

Dou as costas para a janela e olho pela sacada do observatório, vendo a nave chegar às portas de nosso convés de pouso. Luzes piscam lá embaixo, alertando qualquer mog de que será sugado para o espaço se não deixar a área. Setrákus Ra já cuidou disso, dispensando os técnicos mogs para poder receber seu visitante em particular. As pesadas portas se abrem e sinto a tração do espaço mesmo através da câmara pressurizada fechada do observatório; a pressão muda, como

água saindo de meu ouvido. Então o veículo de transporte vem a bordo, as portas se fecham atrás dele e tudo volta a ficar quieto.

— Venha — ordena Setrákus Ra, deixando o observatório a passos largos, passando pela câmara pressurizada agora aberta e descendo a escada caracol que leva ao convés de pouso. Eu o sigo, obediente, e meus passos ecoam pelo convés de metal quando passamos entre as fileiras de naves de reconhecimento. Com cuidado, sem querer parecer interessada demais, saio de trás de Setrákus Ra para ter um relance da nave que se abre. Espero ver um dos jovens mogadorianos nascidos naturalmente, alguém promissor do alto escalão escolhido a dedo por Setrákus Ra, como os que vi fazer nervosos relatórios de status para seu "Adorado Líder".

Por mais que tente parecer indiferente, ofego de leve quando Cinco sai da nave.

Setrákus Ra olha para mim.

— Vocês já se conhecem, não é?

Um dos olhos de Cinco foi tapado com um curativo nojento de gaze com uma mancha de sangue marrom-escuro no centro e extremidades sujas de suor. Ele está mal-ajambrado e exausto, e quando o olho saudável se volta para mim, seus ombros compactos se curvam ainda mais. Ele para diante de Setrákus Ra com a cabeça baixa,

— O que ela está fazendo aqui? — pergunta Cinco em voz baixa.

— Estamos todos juntos agora — responde Setrákus Ra, e segura Cinco pelos ombros. — Os liberados e os iluminados à beira do absoluto Progresso Mogadoriano. Em grande parte graças a você, meu garoto.

— Tudo bem — grunhe Cinco.

Eu me lembro de Cinco em minha visão — ele escoltava Seis e Sam a sua execução, e Seis cuspiu em sua cara —, mas acho que não dei tanta importância, mais preocupada com minha desconcertante ligação com Setrákus Ra. Agora aqui está ele, recebendo do líder mogadoriano um tapinha nas costas, e o futuro já toma forma. E ao que parece fui prometida a ele para seja qual for o ritual macabro que os mogadorianos chamam de casamento. Mas no momento esse não é o assunto mais urgente. Porque se Cinco está aqui, parecendo que acabou de sair de uma luta...

— O que... o que você fez? — pergunto, com a voz mais aguda do que gostaria. — O que aconteceu com os outros?

Cinco me olha outra vez e contrai os lábios. Ele não responde.

— Você lhes deu uma chance, não deu? — pergunta Setrákus Ra a Cinco, mas vejo que está falando por minha causa. — Tentou lhes mostrar a luz.

— Eles não quiseram ouvir — responde Cinco em voz baixa. — Não me

deixaram escolha.

— E veja como o recompensaram por sua tentativa de ser misericordioso — diz Setrákus Ra, roçando os dedos contra o curativo no rosto de Cinco. — Vamos consertar isso agora mesmo.

Dou um passo surpreso para trás quando Cinco afasta a mão de Setrákus Ra com um tapa. É um golpe forte cujo impacto ecoa pelas naves a nosso redor. Não consigo enxergar seu rosto, mas vejo os músculos das costas de Setrákus Ra se contraírem, endurecendo ainda mais sua postura já rígida. Tenho a sensação de que uma enorme massa se esconde dentro daquela forma humana, só esperando para explodir.

— Não toque — diz Cinco, com a voz trêmula e baixa. — Quero deixá-lo assim.

Se Setrákus Ra ia repreendê-lo, não o faz. Ele parece quase perplexo pela insistência de Cinco em continuar metade cego.

— Você está cansado — diz, enfim, Setrákus Ra. — Quando tiver repousado falaremos mais sobre isso.

Cinco assente e passa por Setrákus Ra com um passo cuidadoso, como se não soubesse se o governante mogadoriano vai mesmo deixá-lo passar. Como Setrákus Ra não o impede, Cinco grunhe e anda curvado em direção à saída.

Ele está no meio do caminho quando Setrákus Ra o chama.

— Onde está o corpo? — pergunta, fazendo Cinco parar de repente. — Onde está o pingente?

Cinco pigarreia e percebo que suas mãos começam a tremer, pelo menos antes de fazer um esforço consciente para se controlar. Ele se volta para Setrákus Ra, que está olhando para a nave aberta, na óbvia expectativa de que haja algo esperando por ele.

— Que corpo? — pergunto, sentindo um aperto no peito. Como me ignoram, ergo a voz. — Que corpo? Pingente de quem?

— Sumiram — diz Cinco, respondendo a Setrákus Ra.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Cinco! — grito. — Que co...

Sem me olhar, Setrákus Ra move a mão em minha direção. Meus dentes batem uns contra os outros quando ele fecha minha boca com a telecinesia. É como levar um tapa, e minhas bochechas ficam quentes de raiva. Alguém morreu, eu sei. Um de meus amigos está morto e esses dois desgraçados estão me ignorando.

— Explique-se — rosna Setrákus Ra para Cinco, e mesmo sob a bela forma humana vejo que sua paciência está começando a se esgotar.

Cinco suspira como se toda essa conversa fosse uma perda de tempo.

— O comandante Deltoch decidiu vigiar o corpo por conta própria e eu não

quis questionar suas ordens. Encontrei os restos de Deltoch pouco antes de partirmos. A Garde deve ter entrado sem ser notada e fugido com o amigo.

— Você deveria tê-lo trazido para mim — diz Setrákus Ra, furioso, com os olhos que fuzilam Cinco. — Não Deltoch. *Você*.

— Eu sei — responde Cinco. — Ele não quis ouvir quando eu disse que essas eram suas ordens. Ao menos morreu por causa da insubordinação.

Observo uma nuvem escura passar pelo rosto de Setrákus Ra, vendo seus pensamentos por trás dos olhos azuis roubados, e é como se ele soubesse que Cinco o está manipulando de alguma forma, o que aumenta sua fúria. Sinto seu controle telecinético sobre minha mandíbula se afrouxar. Está distraído, totalmente focado em Cinco. Antes que diga mais qualquer coisa, coloco-me entre os dois, erguendo a voz um pouco mais. Desta vez, eles são obrigados a prestar atenção em mim.

— Que corpo? De quem estão falando?

Enfim, o olho saudável de Cinco pousa sobre mim.

— Oito. Ele morreu.

— Não — digo. Tento controlar minha reação, tarde demais, e a palavra sai quase como um sussurro. Meus joelhos ficam fracos e o rosto impassível de Cinco se embaça quando meus olhos se enchem de lágrimas.

— Sim — interfere Setrákus Ra. Toda a fúria se esvaiu de sua voz e foi substituída por algo muito mais traiçoeiro e sinistro, um tom pomposo e simpático demais. — Cinco cuidou disso, não foi, meu garoto? Tudo pelo Progresso Mogadoriano.

Dou um passo na direção de Cinco com os punhos cerrados.

— Você? Você o matou?

— Foi... — Por um momento, parece que Cinco vai negar. Mas ele olha de relance para Setrákus Ra e apenas afirma. — Sim.

De repente, todo o meu esforço de não demonstrar emoções perto de Setrákus Ra vai por água abaixo. Sinto um grito se formando dentro de mim. Quero atacar Cinco. Quero me jogar sobre ele e despedaçá-lo. Sei que não teria a mínima chance — eu via como ele se saía na Sala de Aula, sei que consegue transformar a própria pele em metal ou em qualquer outro material que tocar — mas farei o maior estrago que puder. Quebrarei as mãos em sua pele de metal mesmo que seja para dar apenas um soco.

Setrákus Ra põe a mão sobre meu ombro, interrompendo-me.

— Acredito que este seria um excelente momento para aquela lição que discutimos — diz ele para mim no mesmo tom falso.

— Uma lição de quê? — disparo, olhando com fúria para Cinco.

Cinco parece quase aliviado por Setrákus Ra voltar sua atenção para mim.

— Posso ir? — pergunta ele.

— Não — responde Setrákus Ra.

Ao lado de uma das naves, Setrákus Ra pega um carrinho cheio de ferramentas — chaves inglesas, alicates, chaves de fenda, todas produzidas para consertar naves mogadorianas, mas não muito diferentes das da Terra — e o empurra até nós. Ele olha para mim e sorri.

— Ella, seu Legado chama-se Dreynen. Ele lhe confere a capacidade de anular temporariamente o Legado de outro Garde — explica Setrákus Ra, com as mãos para trás. — Era um dos mais raros de Lorien.

Passo o antebraço sobre os olhos e tento me endireitar um pouco. Ainda encaro Cinco com ódio, mas minhas palavras são para Setrákus Ra.

— Por que está me dizendo isso agora? Eu não ligo.

— É importante conhecer a própria história — responde ele, sem se deixar abater. — Se acreditarmos nos Anciões, os Legados se originaram de Lorien para suprir as necessidades da sociedade lórica. Então me pergunto que benefício teria um poder que só é útil contra outros Gardes?

Cinco continua imóvel, recusando-se a me encarar. Distraída pela raiva, esqueço-me de medir as palavras, de manter a calma.

— Não sei — disparo com sarcasmo. — Talvez Lorien previsse que aberrações como vocês dois nasceriam e soubesse que alguém teria que impedi-los.

— Ah — reponde Setrákus Ra, com a voz cheia de afetação professoral, como se eu tivesse caído direto em sua armadilha. — Mas se for esse o caso, por que os Anciões não a selecionaram para estar entre a jovem Garde que salvaram? E, se Lorien molda os Legados de acordo com as necessidades dos lorienos, por que concederia Legados a quem não tem condições de usá-los? A mera existência do Dreynen sugere uma falibilidade de Lorien que os Anciões queriam negar. É um caos que precisa ser domado, não adorado.

Tento dar um passo na direção de Cinco, mas Setrákus Ra usa a telecinesia para me manter no lugar. Controlo a raiva e lembro a mim mesma de que sou uma prisioneira aqui. Preciso cooperar com o jogo idiota de Setrákus Ra até chegar a hora certa. A vingança terá que esperar.

— Ella — diz Setrákus Ra. — Entende o que estou lhe dizendo?

Suspiro, dando as costas a Cinco para olhar Setrákus Ra. Claro que ele já planejou todo esse discurso filosófico. Deve ser um dos capítulos de seu livro. É inútil tentar discutir.

— Então tudo é aleatório, devemos explorar isso e blá-blá-blá — digo. — Talvez você esteja certo, talvez esteja errado. Nunca saberemos, já que você destruiu o planeta.

— O que eu destruí? Um planeta, talvez. Mas não Lorien em si. — Setrákus Ra brinca com um dos pingentes de seu pescoço. — É mais complicado do que imagina, minha querida. Logo sua mente se abrirá e você entenderá. — Ele pega uma chave inglesa mogadoriana no carrinho e a joga para mim. — Até lá, nós treinamos.

Pego a chave inglesa no ar e a seguro diante de mim. Setrákus Ra volta sua atenção para Cinco, ainda parado ali em silêncio, esperando ser dispensado.

— Voe — ordena Setrákus Ra.

Cinco ergue o rosto, confuso.

— O quê?

— Voe — repete Setrákus Ra, indicando o teto elevado do convés de pouso. — O mais alto que puder.

Cinco grunhe e levita até ficar a uns doze metros de altura, com a cabeça quase roçando as vigas do convés de pouso.

— E agora? — pergunta ele.

Em vez de responder, Setrákus Ra se vira para mim. Já entendi o que ele quer que eu faça. A palma de minha mão sua em contato com o metal gelado da chave inglesa. Ele se ajoelha a meu lado e baixa a voz.

— Quero que faça o que fez na base de Dulce — diz Setrákus Ra.

— Já disse, não sei como fiz aquilo — protesto.

— Sei que está com medo. Medo de mim, de seu destino, deste lugar — diz Setrákus Ra em um tom paciente, e por um aterrorizante momento sua voz quase se assemelha à de Crayton. — Mas para você esse medo é uma arma. Feche os olhos e deixe-os fluir por seu corpo. O Dreynen virá em seguida. O Legado que vive dentro de você é ávido e se alimentará de seus temores.

Fecho os olhos com força. Parte de mim quer resistir a essa lição, minha pele se arrepia ao som da voz de Setrákus Ra. Mas outra parte quer aprender a usar o Legado, custe o que custar. Não é tão antinatural — há uma energia dentro de mim que quer sair. O Dreynen *quer* ser usado.

Quando abro os olhos, a chave inglesa emite um brilho vermelho. Consegui. Exatamente como na base de Dulce.

— Muito bem, Ella. Pode usar o Dreynen através do toque ou, como acabou de fazer, carregar objetos para ataques a distância — explica Setrákus Ra. Ele dá um rápido passo para trás quando lhe aponto a chave inglesa.

— Cuidado, querida.

Encaro Setrákus Ra sem piscar, segurando a chave inglesa como seguraria uma tocha se estivesse tentando assustar um animal selvagem. Eu me pergunto se poderia atingi-lo, drenar seus Legados, depois esmagar sua cabeça. Será que Cinco tentaria me impedir? Será que eu conseguiria? Ainda não conheço toda a

amplitude dos Legados de Setrákus Ra, nem sei que outros truques ele pode ter na manga. Ou o que pode acontecer com o encantamento que agora nos une. Mas talvez valesse a pena.

Um lento sorriso se abre no rosto de Setrákus Ra, como se ele soubesse que estou fazendo esses cálculos mentais e os apreciasse.

— Vá em frente — diz ele, voltando os olhos para o teto. — Você sabe o que fazer agora. Ele falhou comigo. E matou seu amigo, não foi?

Sei que deveria resistir, que não deveria fazer nada do que Setrákus Ra quer que eu faça. Mas sinto a chave inglesa carregada com o Dreynen quase ávida em minha mão, como se estivesse faminta e precisasse de alívio. E então penso em Oito, morto em algum lugar na Terra, assassinado pelo garoto rechonchudo que está amuado bem acima de mim, e com quem, ao que parece, meu avô quer me casar.

Eu me viro e jogo a chave inglesa em Cinco.

Não sei se o lançamento tem exatidão ou alcance, então o impulsiono com a telecinesia. Cinco deve perceber, mas não tenta sair do caminho. É o que me faz começar a me arrepender da decisão — sua resignação e disposição de receber esse castigo.

A chave inglesa o atinge bem no esterno, mas sem muita força. Mesmo assim, fica presa a seu peito como se estivesse magnetizada. Ele ofega, perdendo a expressão entediada enquanto tenta puxar a chave. Mas isso só dura um segundo, até o brilho se intensificar e Cinco desabar lá de cima.

Ele cai de mau jeito; suas pernas se embolam sob o corpo, as mãos não conseguem amparar o impacto e o ombro bate no chão. Ele acaba deitado de cara, ofegante. Tenta se levantar, mas seu braço não está funcionando direito, e ele só consegue se erguer alguns centímetros antes de tombar outra vez. A chave inglesa se solta de seu peito, o dano está feito, seus Legados foram anulados. Setrákus Ra me dá um tapinha de aprovação nas costas. Ao ver Cinco daquele jeito, começo a me sentir ainda mais culpada, mesmo sabendo o que ele fez com Oito. A ideia de que talvez ele seja tão prisioneiro quanto eu me ocorre.

— Vá para a enfermaria — ordena Setrákus Ra a Cinco. — Não importa o que vai fazer quanto a seu olho, só preciso que esteja saudável quando descermos para a Terra.

— Sim, Adorado Líder — diz Cinco com a voz rouca, forçando o pescoço para nos olhar.

— Você foi muito bem — diz Setrákus Ra ao me conduzir para a saída. — Venha. Vamos voltar a seus estudos do Grande Livro.

Embora ainda esteja furiosa pelo que ele fez com Oito, ao passar pelo corpo caído de Cinco, projeto minha telepatia. Eu me recuso a esquecer a diferença

entre certo e errado enquanto estiver presa aqui.

Desculpe, digo a ele.

Não acho que vá responder, considerando que nem conseguia me olhar antes. Quando estou a ponto de interromper o elo telepático, sua resposta chega.

Estou bem, diz ele. *Eu mereci*.

Você merece coisa pior, respondo, embora não consiga transmitir a malícia que desejo. É difícil fazer isso enquanto imagino Oito rindo e fazendo piadas comigo e com Marina.

Eu sei, responde Cinco. *Eu não... sinto muito, Ella*.

Capto outra coisa na mente dele. Isso nunca havia acontecido — talvez meu Legado esteja ficando mais forte. Não penso muito no assunto, porque estou vendo o corpo de Oito deixado para trás de propósito em um hangar vazio. Tento entender a imagem, mas os pensamentos de Cinco são uma confusão. Há muitos impulsos conflitantes em seu cérebro, e não sou uma telepata habilidosa o bastante para compreender todos.

Já passei por ele, mas depois de nossa conversa telepática arrisco um olhar por cima do ombro. Cinco consegue se erguer e desloca uma esfera de aço por entre os dedos, para cima e para baixo, esperando seus Legados retornarem. Ele olha direto para mim.

Precisamos sair daqui, pensa.

CAPÍTULO

DEZESSETE

POUCO ANTES DO nascer do sol, Ashwood Estates está quieta, e uma leve névoa saúda o dia cinzento. Mal consegui dormir, o que não é bem uma novidade. Eu me sento ao lado da janela da sala na antiga casa de Adam e uso o celular para tirar fotos dos documentos que a agente Walker entregou, enviando-as para Sarah. Vamos vazá-las na internet no *Eles Estão Entre Nós*, porque ao menos assim podemos ter certeza de que a informação será divulgada. Walker tem uma lista de jornalistas e outras pessoas de mídia que considera confiáveis, mas tem também uma lista do mesmo tamanho de repórteres comprados pelo ProMog. Não há maneira garantida de divulgar essas informações a não ser por conta própria. Será uma tarefa difícil. Nos anos que passamos fugindo, os mogadorianos avançaram demais, infiltrando-se no exército, no governo e até na mídia. O passo mais inteligente que já deram foi forçar a Garde a se esconder.

Segundo Walker, será preciso algo drástico para virar o jogo. Ela quer que cortemos a cabeça do ProMog, ou seja, que matemos o secretário de defesa. Não sei como isso vai nos angariar o apoio da humanidade. Walker disse que podemos cometer o assassinato em segredo. Não decidi se prosseguiremos com essa parte do plano, mas não vejo problema em deixar Walker pensar que concordamos em fazer seu trabalho sujo. Por enquanto.

Mais importante que Sanderson é revelar a verdade sobre Setrákus Ra, usando contra ele qualquer foto que pretenda tirar com humanos na Organização das Nações Unidas. O plano é fazer uma cena grande o bastante para que a humanidade veja quem os mogs realmente são e se una contra a invasão. Uma população que foi enganada durante uma década finalmente vai sair do escuro. Quando os humanos virem os alienígenas em primeira mão, esperamos que as pessoas levem a sério um site excêntrico como o *Eles Estão Entre Nós*. Só espero que a gente encontre uma forma de botar esse plano em prática. Sem morrer.

Pensamentos sombrios ainda me atormentam. Mesmo se conseguirmos formar uma resistência maior e mais forte que o grupo desorganizado que reunimos em Ashwood Estates, não há garantia de que podemos mandar os mogadorianos embora. Desde que cheguei à Terra, nossa guerra contra eles foi travada em segredo. Agora estamos a ponto de envolver milhões de pessoas inocentes. Parece que nos esforçamos para dar à humanidade e a nós mesmos, os lorienos restantes, a *oportunidade* de lutar uma longa e sangrenta batalha. Eu me

pergunto se foi isso que os Anciões planejaram para nós. Será que já deveríamos ter derrotado os mogs sem a humanidade saber? Ou, ao nos mandar para a Terra, o plano deles era tão desesperado quanto o nosso é agora?

Não é de estranhar que eu não consiga dormir.

Pela janela, vejo alguns agentes do FBI compartilhando um cigarro na varanda do outro lado da rua. Acho que não sou o único com insônia pré-invasão. Deixamos o pessoal de Walker se acomodar nas casas vazias de Ashwood. Eles protegeram o perímetro com guardas postados no portão que Adam e eu destruímos mais cedo, tornando este lugar a base de operações da novíssima Resistência Humano-Loriena.

Continuo não confiando muito na agente Walker ou em seu pessoal, mas a guerra iminente me forçou a aceitar muitos aliados estranhos. Até agora, funcionou. Se confiar em antigos inimigos parar de dar certo, bom, de um jeito ou de outro estamos quase condenados mesmo. Momentos de desespero exigem medidas desesperadas e tal.

As tábuas do piso rangem atrás de mim, e quando me viro, vejo Malcolm parado na porta que leva aos túneis mogadorianos. Seu rosto está cansado e ele suprime um bocejo.

— Bom dia — digo, fechando a pasta com os documentos de Walker.

— Já? — responde Malcolm, balançando a cabeça, incrédulo. — Perdi a noção do tempo lá embaixo. Sam e Adam estavam me ajudando mais cedo. Achei que tinha acabado de forçá-los a fazer uma pausa.

— Isso foi há horas — respondo. — Passou a noite inteira examinando aqueles registros mogadorianos?

Malcolm assente em silêncio e percebo que está mais que exausto. Tem a aparência atordoada de um homem que acabou de ver algo chocante.

— O que descobriu? — pergunto.

— Eu — responde ele após um instante. — Descobri a mim mesmo.

— Como assim?

— Acho melhor você chamar os outros. — É sua única resposta antes de voltar aos túneis.

Marina está dormindo em um dos quartos do segundo andar, então a acordo primeiro. Ao descer, ela faz uma pausa diante do quarto principal, que um dia foi ocupado pelo general e pela mãe de Adam, mas agora é o local de descanso temporário de Oito. Quando passa, ela pousa a mão no batente da porta com delicadeza. Ao acordá-la, percebi que agora usa o pingente de Oito. Gostaria de ter mais tempo para lamentar a morte dele com ela.

Adam está dormindo no quarto restante do andar de cima com a espada apoiada na lateral da cama, ao alcance da mão. Hesito só por um instante antes

de acordá-lo também. Agora ele é um de nós. Provou isso ontem quando salvou minha vida e matou o general. Seja o que for que Malcolm tenha descoberto nesses registros mogadorianos, o conhecimento de Adam pode ser inestimável.

Sam e o restante da Garde dormiram em outro lugar de Ashwood Estates, então mando alguns Chimæra procurá-los. Nove aparece depois de alguns minutos com o cabelo comprido todo desgrenhado, parecendo tão cansado quanto eu.

— Dormi no telhado — explica ele quando lhe lanço um olhar estranho.

— Hã, por quê?

— Alguém tinha que ficar de olho naqueles babacas do governo que você deixou acamparem aí.

Balanço a cabeça e desço com ele a escada para os túneis. Malcolm e os outros que consegui encontrar já estão reunidos no arquivo mogadoriano, quietos e nervosos, Marina senta-se o mais longe possível de Adam.

— Sam e Seis? — pergunta Malcolm quando entro.

Dou de ombros.

— Os Chimæra estão procurando por eles.

— Eu os vi entrar em uma das casas abandonadas — diz Nove, com um sorriso malicioso. Eu lhe lanço um olhar questionador e ele levanta e abaixa as sobrancelhas para mim. — É o fim do mundo. Sabe como é, Johnny.

Não entendo muito bem o que Nove quer dizer até Seis e Sam entrarem às pressas pela porta. Seis está toda séria, com o cabelo preso, parecendo que se arrumou e descansou bastante depois das dificuldades no pântano. Sam, por outro lado, está corado, com o cabelo despenteado e a camisa mal-abotoada. Ele vê que o estou analisando e fica ainda mais vermelho, dando um sorriso tímido. Balanço a cabeça, incrédulo, tendo que controlar um sorriso apesar do clima sombrio. Nove assobia e até mesmo Marina sorri de leve. Tudo isso só faz Sam corar ainda mais e Seis intensificar o olhar desafiador com o qual perfura a todos nós.

Malcolm, claro, não percebe nada disso. Ele está concentrado no computador, selecionando um dos vídeos mogadorianos.

— Bom. Estamos todos aqui — diz Malcolm, erguendo o rosto. Ele percorre a sala com os olhos, quase nervoso. — Eu me sinto um fracasso por ter que mostrar isso a vocês.

A vermelhidão pós-sexo de Sam se transforma em um olhar de preocupação.

— Como assim, pai?

— Eu... — Malcolm balança a cabeça. — Eles arrancaram essas informações de mim e nem agora, depois de ver o que estou prestes a mostrar, eu me lembro disso. Decepcionei todos vocês.

— Malcolm, por favor — digo.

— Todos nós cometemos erros — diz Marina, e noto seu olhar se deslocar para Nove. — Todos temos nossos arrependimentos.

Malcolm assente.

— Mesmo assim. Por mais tarde que seja, ainda espero que este vídeo mostre outra maneira de continuar.

Seis inclina a cabeça.

— Outra maneira em vez de quê?

— Em vez de uma guerra total — responde Malcolm. — Assistam.

Malcolm pressiona um botão no teclado e a tela da parede se liga. O rosto de um mogadoriano magro e mais velho aparece. Sua cabeça estreita preenche a maior parte da tela, mas ao fundo uma sala semelhante à que estamos é visível. O mogadoriano começa a falar em sua língua áspera, com um tom que parece formal e acadêmico, embora eu não consiga entendê-lo.

— E esperam que eu entenda esse anormal? — pergunta Nove.

— Ele é o Dr. Lockram Anu — diz Adam, traduzindo. — Criou uma máquina de memória que... bem, vocês sabem. Na verdade, você jogou um pedaço dela em um helicóptero ontem à noite.

— Ah, aquilo — diz Nove, sorrindo. — Foi divertido.

— Esse vídeo é antigo, gravado durante as primeiras experiências com a máquina. Ele está apresentando um sujeito de teste que diz ter sido mentalmente mais desafiador que os outros com quem trabalhou. Vai demonstrar como sua máquina pode ser utilizada para interrogatórios — continua Adam.

Adam se cala quando o Dr. Anu chega para o lado, revelando um Malcolm Goode mais jovem preso a uma cadeira de metal muito complicada. Malcolm está magro e pálido, com os músculos do pescoço destacados por causa do ângulo estranho que sua cabeça é obrigada a tomar. Seus pulsos estão afivelados aos braços de titânio da cadeira; uma intravenosa passa pelas costas da mão, transportando nutrientes de uma bolsa próxima. Presos a seu rosto e peito há vários eletrodos cujos fios ligam-se às placas de circuitos da máquina do Dr. Anu. Seus olhos voltam-se direto para a câmera, mas estão vidrados e sem foco.

— Ah, meu Deus, pai — diz Sam em voz baixa.

É difícil olhar para Malcolm na tela, e fica ainda pior quando o Dr. Anu começa a lhe fazer perguntas.

— Bom dia, Malcolm — diz Anu, agora em inglês, como se falasse com uma criança. — Está pronto para recomeçar nossa conversa?

— Sim, doutor — responde o Malcolm da tela, com palavras hesitantes e um brilho de saliva aparecendo no canto da boca.

— Muito bem — responde Anu, e olha para a prancheta em seu colo. —

Quero que você pense em seu encontro com Pittacus Lore. Quero saber o que ele estava fazendo na Terra.

— Estava se preparando para o que está por vir — responde Malcolm, com a voz distante e robótica.

— Seja específico, Malcolm — insiste Anu.

— Estava se preparando para a invasão mogadoriana e o renascimento de Lorien. — Na tela, Malcolm parece preocupado de repente. Sacode os braços amarrados. — Eles já estão aqui. Estão nos caçando.

— É verdade, mas agora você está seguro — diz Anu, e espera Malcolm se acalmar. — Há quanto tempo os lorienos visitam a Terra?

— Há séculos. Pittacus esperava que a humanidade estivesse pronta quando chegasse a hora.

— Quando chegasse a hora de quê?

— De lutar. De recomeçar Lorien.

Anu tamborila na prancheta com a caneta, irritando-se com a vagueza hipnotizada de Malcolm.

— Como vão recomeçar Lorien daqui, Malcolm? O planeta está a anos-luz de distância. Está mentindo para mim?

— Não estou mentindo — murmura Malcolm. — Lorien não é apenas um planeta. É mais que isso. Pode existir em qualquer lugar em que as pessoas mereçam. Pittacus e os Anciões já fizeram os preparativos. A loralite corre sob nossos pés agora, circulando pela Terra. Como sangue correndo por nossas veias, só precisa de um coração para lhe dar propósito. Só precisa ser despertada.

Anu se inclina para a frente, de repente muito interessado. Eu me vejo fazendo o mesmo, aproximando-me para a tela, com a cabeça inclinada.

— Como vão conseguir isso? — pergunta Anu, tentando controlar o entusiasmo na voz.

— Cada Garde tem o que Pittacus chama de Pedras Fênix — responde Malcolm. — Quando os Gardes tiverem idade suficiente, as pedras poderão ser usadas para recriar as características de Lorien: a vida vegetal, a loralite, os Chimæra.

— Mas e quanto aos Legados? E quanto aos verdadeiros dons de Lorien?

— Virão quando despertarem Lorien — responde Malcolm. — As Pedras Fênix, os pingentes, tudo tem um propósito. Quando forem entregues à Terra no Santuário dos Anciões, Lorien viverá outra vez.

Anu volta-se para a câmera com os olhos arregalados. Ele se recompõe e continua.

— Onde fica esse Santuário, Malcolm?

— Calakmul. Apenas a Garde pode entrar.

Nesse ponto, Malcolm pausa a gravação. Ele percorre a sala com os olhos; seus lábios estão contraídos em uma linha melancólica, mas há um brilho esperançoso em seu olhar. Todos o encaram perplexos, nenhum de nós conseguiu terminar de digerir o que acabou de ver.

Nove ergue uma das mãos, franzindo a testa.

— Não entendi. Onde fica Calakmul?

— É uma antiga cidade Maia no sudeste do México — responde Malcolm, com um toque de animação na voz.

— Por que não sabíamos de nada? — pergunta Seis, ainda olhando a tela pausada. — Por que os Anciões não nos contaram? Ou nossos Cêpans? Se isso é tão importante, por que nos deixar no escuro?

Malcolm aperta a região entre os olhos.

— Não tenho uma boa resposta, Seis. A invasão mogadoriana pegou os Anciões de surpresa. Vocês foram enviados às pressas para a Terra, e seus Cêpans também estavam completamente despreparados. Sua sobrevivência era a maior prioridade. Só posso presumir que tudo isso, as Pedras Fênix, os pingentes, o Santuário devia ser revelado quando vocês chegassem à idade adequada, quando tivessem Legados e estivessem prontos para lutar. Contar antes disso teria tornado o segredo vulnerável demais. Embora dê para ver que o sigilo não foi útil — diz Malcolm, olhando desconsolado para sua imagem na tela.

— Talvez tenha sido por isso que Henri foi a Paradise procurar você, pai — sugere Sam, olhando do pai para mim. — Talvez estivesse na hora.

Minha mente está em turbilhão. Sem perceber, comecei a andar de um lado para o outro. É preciso um olhar de Seis para me fazer parar.

— Sempre pensei que venceríamos esta guerra e voltaríamos para Lorien — digo devagar, tentando organizar meus pensamentos. Achei que era isso que Henri queria dizer quando falava em recomeço.

— Ele podia estar falando daqui — sugere Seis. — Talvez a gente deva recomeçar Lorien aqui.

— O que isso significa? — pergunta Sam. — O que aconteceria com a Terra?

— Não pode ser pior do que o que vai acontecer se os mogs vierem — responde Nove. — Digo, lembro que Lorien era incrível. Estaríamos fazendo um favor à Terra.

— Na fita você faz parecer que é um tipo de entidade — diz Marina, olhando para Malcolm.

— Eu... — Malcolm balança a cabeça. — Gostaria de me lembrar de mais coisas, Marina. Não tenho as respostas.

— Pode ser como um deus — diz Marina, com uma silenciosa reverência na voz.

— Pode ser uma arma que sai da Terra para aniquilar os mogs — sugere Nove.

Adam pigarreia, desconfortável.

— Seja o que for, Malcolm disse que precisamos das Pedras Fênix para acordá-lo — digo, tentando não deixar o grupo fugir do assunto.

— E de nossos pingentes — diz Seis. Depois, inclina a cabeça quando outra ideia lhe ocorre. — Talvez seja por isso que Setrákus Ra os guarda. Podem ser mais que troféus para ele.

— Examinamos nossas arcas em Chicago — geme Nove, talvez lembrando-se de como estava entediado ao catalogar nossa Herança. — Tenho um monte de pedras e porcarias do tipo.

— Devemos levar tudo — diz Marina em um tom decidido. — Nossas Heranças. Nossos pingentes. Levá-los para o Santuário e entregá-los à Terra, como Malcolm disse.

Malcolm assente.

— Sei que é pouco, mas é alguma coisa.

— Pode ser a vantagem que estamos procurando — digo, refletindo sobre o assunto. — Pode até ser o nosso propósito.

Nove cruza os braços, cético.

— Ontem vi a maior nave mogadoriana da minha vida. Enterrar nossas coisas em um templo empoeirado podia ser uma ideia legal há, tipo, meses, mas a gente está prestes a entrar em guerra e tenho certeza de que temos uns caras maus para matar.

Antes que eu responda, Malcolm dá um passo à frente.

— O Santuário pode ser nossa maior chance — diz ele. — Mas é melhor não apostarmos todas as nossas fichas nisso.

— Nove está meio que certo — diz Seis. — Por mais que eu odeie a ideia de nos separarmos de novo, alguns de nós devem continuar o plano de Walker de atacar os mogs e seu pessoal.

Nove soca o ar.

— Tô dentro.

— E alguns de nós devem ir ao México — digo, concluindo o que Seis ia dizer.

— Eu quero ir — diz Marina de imediato. — Quero ver esse Santuário. Se for um lugar para os lorienos, o lugar onde vivíamos, talvez seja lá que devemos enterrar o corpo de Oito.

Concordo e olho para Seis, esperando sua decisão.

— Então? Nova York ou México?

— México — diz ela após um instante. — Você lida melhor que eu com esse pessoal do governo. E se precisamos de um representante lorieno na ONU, você é a escolha óbvia.

— Obrigado. Acho.

— Ela está dizendo isso porque você é muito certinho — acrescenta Nove em um sussurro alto.

Olho para Sam, que parece fazer menção de falar. Ele é interrompido por Seis, que sutilmente balança a cabeça para ele.

— Acho que também vou ficar aqui — diz Sam após um momento constrangedor, bastante desanimado. Ele força um sorriso para mim. — Alguém precisa manter você e Nove na linha.

Assim, resta apenas Adam. Nosso aliado mogadoriano manteve um silêncio respeitoso o tempo todo, provavelmente tentando não pisar em nenhum calo enquanto os segredos de nossa raça são revelados. Eu me volto para ele, que ainda está olhando para tela. Parece perdido em lembranças, talvez recordando-se do Dr. Anu e sua máquina. Ele franze a testa quando nota que o restante de nós o observa.

— Eles vão estar esperando no México — diz Adam. — Se existe uma fonte de poder lórico lá, vocês sabem que meu povo vai ter passado os últimos anos tentando acessá-la.

— Mas só a Garde pode entrar, não é? — pergunta Sam, olhando de Adam para o pai.

— Foi o que falei — responde Malcolm com os lábios contraídos de incerteza.

— Assim como só nós podemos ter Legados? — responde Nove, observando Adam. — Está dizendo que pode ser outra armadilha, mog?

— Não é uma armadilha quando se sabe que ela existe — diz Adam, lançando um rápido olhar a Nove antes de voltar a atenção para Seis. — Não sei bem o que vocês vão descobrir lá, mas posso garantir que vão encontrar mogadorianos. Sei pilotar o Escumador melhor que você, talvez escapar deles se tiverem naves no ar.

— Bom, eu não ia andando até o México mesmo — responde Seis em um tom seco. Ela olha para mim. — Você confia neste cara, não é?

— Confio.

Ela dá de ombros.

— Então bem-vindo à Equipe Calakmul, Adam.

Ouço Marina puxar o ar por entre os dentes, mas não faz nenhum outro protesto.

— Ótimo. Vamos mandar um mogadoriano investigar um local sagrado lórico — reclama Nove, balançando a cabeça. — Ninguém mais acha isso meio desrespeitoso?

— Você não chamou o lugar de empoeirado? — pergunta Sam.

— Só estou falando a verdade — diz Nove. — Assim como toda essa história de mog bonzinho ainda é muito estranha. Sem querer ofender.

Silencio a provocação ao enfiar a mão sob a camisa e tirar o pingente lórico por cima da cabeça. Sinto uma estranha frieza contra o coração ao fazê-lo. Não consigo me lembrar da última vez que não o usei. Quando a sala volta a um silêncio repentino, entrego o pingente a Seis.

— Pegue — digo. — Cuide para que chegue ao Santuário.

Sem hesitar, Nove também tira seu pingente. E também o entrega a Seis.

— É, aqui — diz ele. — Tome meu colar favorito que, ah, também é o destino de dois mundos, ao que parece. Sem pressão.

— Sem pressão — repete Seis, com um sorrisinho irônico, quando aceita os pingentes.

— Bom — digo, olhando em volta. — Vamos ganhar esta guerra e mudar o mundo.

CAPÍTULO

DEZOITO

NÓS NOS DESPEDIMOS ainda naquela manhã, reunidos em volta do Escumador na quadra de basquete de Ashwood Estates.

É estranho usar três pingentes lóricos ao mesmo tempo. Marina também está com dois, então ao menos não carrego o peso extra sozinha. E não estou falando de um peso literal — os pingentes em si são bem leves. Mas, ao que parece, contêm todos os Legados de Lorien. Todo o poder de nosso povo quase extinto, impregnado em algumas brilhantes pedras de loralite.

É. Nada de mais.

— Isso é tudo? — pergunta Marina. Ela está ajoelhada diante de sua arca aberta, rearrumando o conteúdo com cuidado. Também temos a arca de Oito. Seu conteúdo está trancado para sempre, possivelmente destruído, mas chegamos à conclusão de que não custa nada levá-la para o Santuário com as outras.

Eu não tenho arca, então Marina precisa colocar nossa Herança na dela. Depois da reunião de hoje, John e Nove examinaram suas arcas e juntaram tudo o que não fosse uma arma, uma pedra de cura ou um item de combate. Além do punhado de pedras preciosas lóricas que ainda não tinham sido trocadas por coberturas ou equipamentos de computação, John entregou um feixe de folhas secas amarrado com um pedaço de barbante amarelo que faz o som do vento quando tocado, e Nove entrega uma bolsinha de solo macio cor de café. Com cuidado, Marina guarda essas coisas em sua arca, assim como um frasco de água cristalina, um pedaço solto de loralite e um galho sem casca.

— Então, como não sabemos o que são essas Pedras Fênix, vamos desovar tudo o que acharmos parecido, não é? — digo, depois me corrijo às pressas. — Quer dizer, não desovar. *Entregar à Terra*. Como disse o Malcolm com lavagem cerebral.

John solta uma risadinha.

— Se pensarmos em um plano melhor, eu aviso.

— Meu pai ainda está lá embaixo assistindo a mais fitas — sugere Sam. — Talvez encontre mais informações.

— Neste momento, acho que improvisar é a única opção. Em todos os sentidos — diz John. — Quero que leve mais uma coisa para o Santuário, Seis.

John se agacha ao lado de sua arca. Eu estava me perguntando por que a trouxera para a quadra de basquete depois de já a termos examinado lá dentro.

Entendo quando ele me entrega uma caixinha que logo reconheço.

As cinzas de Henri.

— John... — digo, sem aceitar a caixa de imediato.

— Leve-o — responde John em um tom gentil. — Seu lugar é no Santuário.

— Mas você não quer estar lá? Para se despedir?

— Claro que sim. Mas com tudo isso acontecendo, não sei se terei oportunidade. — Quando começo a protestar outra vez, John me interrompe. — Está tudo bem, Seis. Eu me sinto melhor sabendo que ele está com você, indo para o Santuário.

— Se é o que você quer — digo, aceitando as cinzas. — Vou cuidar dele. Prometo.

Com cuidado, guardo a caixa de cinzas de Henri na arca de Marina com o restante de nossas coisas. Todos nos calamos, o clima fica sombrio. Mas é difícil ter momentos assim quando se está sendo observado. Os agentes do governo mantêm distância, embora eu veja alguns, incluindo a própria Walker, olhando-nos de uma varanda próxima.

— Você vai ficar bem com eles? — pergunto a John.

Ele olha em volta, notando todos os olhos curiosos.

— Eles estão do nosso lado agora, lembra?

— Tenho que me convencer disso a todo momento — respondo, voltando o olhar sem querer para o Escumador. — Parece que estou fazendo muito isso ultimamente.

Adam já está a bordo com Dust, o Chimæra que se ligou a ele. Estou aceitando a palavra de John de que podemos confiar no mogadoriano magro que está checando o sistema no cockpit. Não sei se Marina fez o mesmo; ela não disse nada, mas sinto o frio irradiar dela sempre que Adam está por perto. Depois de tudo o que aconteceu, não posso culpá-la por ficar desconfiada. Já me resignei a um voo muito frio até o México.

— Deem notícias com frequência — relembra John, dando um tapinha no telefone que prendeu ao quadril do jeans, o que lhe deixou com uma aparência ridícula. Agora, eu e Marina temos telefones via satélite, grandes demais para usar como acessórios, então estão guardados com o restante dos suprimentos. Os aparelhos foram cortesia do governo dos Estados Unidos, ou ao menos da facção rebelde de Walker. Adam e Malcolm analisaram os telefones e nos garantiram que não estão grampeados.

— Sim, sim — respondo. — Você também, John. Mantenha contato. Fique vivo.

— E tome conta das nossas coisas direito — resmunga Nove. Ele está a alguns passos de distância, com as sobrancelhas franzidas, observando Marina

mexer em sua arca. — Quero algumas dessas pedras preciosas de volta, se for possível. Sabe, para depois. Preciso comprar uma casa nova graças a John, meu caseiro incompetente.

Lanço um olhar para Nove.

— Está falando sério?

Ele dá de ombros.

— O que foi? Preciso pensar no meu futuro!

Com um suspiro, Marina joga para Nove um par de luvas pretas.

— Tome. Nunca entendi o que fazer com elas.

— Legal — diz Nove, calçando-as de imediato. Ele flexiona os dedos dentro do material semelhante a couro, depois vira as palmas violentamente na direção de John. — Sentiu alguma coisa, cara?

John ignora Nove, olhando para Marina.

— Como vamos saber que elas não são importantes? E se forem uma Pedra Fênix?

— São luvas, Johnny — diz Nove, sem tirá-las. — Já ouviu falar de um ritual antigo que envolva enterrar um par de luvas estilosas? Qual é?

John balança a cabeça, desistindo. Seus olhos demoram-se na caixa com as cinzas de Henri até Marina fechar sua arca, depois seu olhar se volta para o Escumador.

— Gostaria de poder ir com vocês. Gostaria de estar lá para... para os dois.

O corpo de Oito já está na nave, preso com segurança a um dos assentos.

— Depois — diz Marina, e estende a mão para apertar a de John. Ela ainda está muito triste, todos nós estamos, mas aos poucos começo a ver sinais de que a velha e gentil Marina está derretendo todo aquele gelo. — Oito entenderia. Quando vencermos, teremos tempo para prestar uma homenagem adequada. Todos nós, juntos.

Nove para de brincar com as luvas novas e fica sério por um instante, olhando para Marina.

— Eu gostaria de fazer isso — diz ele.

— Pronta? — pergunto a Marina.

Ela assente e usa a telecinesia para fazer sua arca flutuar até a entrada do Escumador.

— Cuidem-se, todos vocês.

Um por um, Marina abraça os garotos, e eu faço o mesmo. Sam é o último, e quando ele me envolve em um forte abraço tenho a mesma sensação que tive quando estávamos todos reunidos nos túneis mogadorianos, de que todos estão nos observando e rindo do quanto somos ridículos. Faço menção de resistir, mas, quando me dou conta, o abraço durou muito mais que os outros, e nossos amigos

se afastaram alguns passos como se quisessem nos permitir um momento a sós.

— Seis — diz Sam em voz baixa em meu ouvido, e me afasto e olho para ele, interrompendo-o.

— Não faça isso ser mais estranho do que já é, Sam — sussurro, e enfio uma mecha solta de cabelo atrás da orelha, olhando discretamente para os outros.

Então passamos a noite juntos. Talvez não tenha sido muito inteligente da minha parte. Eu amo Sam, do meu jeito, e não quero lhe dar falsas esperanças ou magoá-lo. Só que ainda não acho que seja boa ideia ter qualquer tipo de relacionamento até tudo isso acabar, ainda mais sabendo como as coisas ficaram ridículas e complicadas com John depois de só um pouquinho de flerte. Mas depois de tudo o que aconteceu na Flórida, eu precisava de algo bom para variar — algo terno, seguro e próximo ao normal — e Sam foi isso. Achei que ele entendia que eu não queria começar com ele um absurdo romance fatídico ao estilo John/Sarah. Mas aqui estamos, tendo um momento romântico, e por mais que esteja tentando ser direta, também não estou me afastando.

— Não estou fazendo nada — diz Sam, contraindo o rosto para mim. — Eu só... não entendi por que não quis que eu fosse com vocês.

— Você vai ser mais útil aqui, com seu pai — digo a ele. — E vai precisar manter John e Nove na linha.

— Na última vez que parti em uma missão com John, ele me deixou dentro de uma montanha — diz Sam, sem engolir minha explicação. — Ah, Seis, fala sério. Qual é o verdadeiro motivo?

Suspiro, querendo ao mesmo tempo estrangulá-lo e beijá-lo. Por um segundo, não sei qual vontade vai prevalecer. Quero um relacionamento com Sam, acho. Talvez. Só não quero pensar nisso agora. A noite de ontem foi uma coisa, mas hoje estou de volta à guerra.

— Não quero distrações, Sam. Tudo bem?

— Ah — diz ele com uma expressão de orgulho ferido. — Quer dizer, você precisaria ficar me salvando dos mogs ou me impedindo de pisar em alguma armadilha maia antiga ou sei lá. Porque achei que já tínhamos passado desse ponto. Sei me virar, Seis. E só atirei em você por acidente uma vez no treino e...

Eu o beijo. Para calar a boca dele e provar meu argumento, mas também porque não consigo me conter. Ouço Nove soltar um gritinho ao lado e faço uma nota mental de matá-lo na próxima chance que tiver.

— Estou falando *desse tipo* de distração — digo em voz baixa, com o rosto ainda próximo ao dele.

Sam fica vermelho outra vez, e sua boca ainda se move, como se ele quisesse dizer mais alguma coisa. Deve estar tentando pensar em algum jeito charmoso de dizer adeus, mas estou cansada de despedidas que se arrastam, então dou uma

última olhada para seu rosto doce e confuso e, sem dizer mais nada, viro as costas. Segundos depois, estou presa ao assento do Escumador ao lado de Adam, ignorando a sobrancelha erguida e o sorriso malicioso que Marina me lança.

— Podemos ir? — pergunta Adam.

Fazemos que sim, e ele liga algumas chaves, lidando com os controles do Escumador com muito mais confiança que eu. Enquanto subimos lentamente, olho pela janela e vejo Sam e os outros lá embaixo, acenando para nós. Eu me pergunto se um dia me verei livre desses momentos — as dolorosas despedidas antes de todos irmos arriscar a vida. John sempre fala que mal pode esperar para ter uma vida normal e entediante, mas eu seria feliz assim? Ganhamos altitude, árvores passam rápido sob nós, e penso em Sam. Se não fosse por esta guerra, pelo caos constante, nunca teríamos ficado juntos. Como seria nossa relação sem a iminente ameaça da destruição mogadoriana?

Eu gostaria de descobrir.

CAPÍTULO

DEZENOVE

NOVE SE INCLINA sobre mim para poder dar uma boa olhada em Sam, dizendo para ele em um sussurro alto.

— Ok, cara. O que é que tá rolando entre você e Seis?

Sam faz questão de olhar pela janela da van.

— O quê? Nada.

— Pfff — faz Nove. — Qual é, cara? Essa viagem para Nova York dura umas três horas. Você precisa dar alguns detalhes.

À nossa frente, no banco do carona, a agente Walker pigarreia.

— Por mais fascinante que eu considere a vida sexual de garotos adolescentes, talvez pudéssemos usar este tempo para rever nossos parâmetros operacionais — diz ela em um tom seco.

— Concordo — digo, empurrando Nove de volta a seu lugar para que deixe Sam em paz. — Precisamos nos concentrar na missão.

Nove me olha com a testa franzida.

— Tudo bem, John. Vou me concentrar como nunca pelo restante desta viagem.

— Ótimo.

Sam me lança um sorriso agradecido e eu respondo com um aceno de cabeça. Parte de mim acha mesmo que devíamos estar pensando nos desafios que temos pela frente, mas outra parte não quer ouvir detalhes sobre Sam e Seis. Estou até feliz por eles. Acho legal terem encontrado alguma felicidade juntos. Mas não consigo esquecer a sensação de que Sam acabará de coração partido. Lembro-me de minha visão do futuro, do grito de Sam pouco antes que os mogadorianos executassem Seis. Talvez venha daí o pressentimento de que isso vai acabar mal.

Ou talvez eu esteja só com ciúmes. Não porque Sam ficou com Seis, mas porque o amor da minha vida está a quilômetros de distância. Claro, não vou dizer isso na frente de Nove, de Walker ou do cara do FBI que dirige o carro em silêncio. É, vamos nos concentrar na missão.

Estamos percorrendo a I-95, de Washington a Nova York. Malcolm ficou para trás, em Ashwood Estates, terminando de examinar os arquivos mogadorianos, na esperança de encontrar mais alguma informação que possa ser útil. A grande maioria dos agentes renegados de Walker também ficou lá. Estão protegendo o lugar, usando-o como base de operações para coordenar sua

tentativa de arruinar o ProMog. Ainda não confio muito no pessoal dela, e é provável que nunca confie, depois de tudo o que o governo nos fez passar, então deixei para trás nossos cinco Chimæra remanescentes com ordens para proteger Malcolm a todo custo.

Além de Walker e nosso motorista, há outro SUV cheio de agentes atrás de nós. No total são seis agentes, além de mim, Nove e Sam. Não chega a ser um exército, mas a guerra ainda não começou. Talvez, se tudo correr de acordo com meu plano, nem sequer comece.

— O secretário de defesa Sanderson está em um hotel em Manhattan, perto da ONU — diz Walker. Ela olha para seu telefone, no qual passou a manhã inteira digitando. — Eu tinha um espião na equipe de segurança dele, mas...

— Mas o quê?

— Eles foram afastados hoje de manhã — responde Walker. — Todos os guarda-costas foram substituídos. Por homens pálidos de sobretudo. A descrição é familiar?

— Mogadorianos — diz Nove, friccionando o punho contra a palma da mão. — Mantendo o político fantoche em segurança antes do seu grande discurso vira-casaca.

— Acho que isso vai acabar funcionando a nosso favor — diz Walker, olhando para mim. — Meu pessoal não queria lutar contra os seus para chegar a Sanderson. Afinal, alguns desses caras estão só fazendo seu trabalho.

— É, também não temos o hábito de lutar contra humanos — digo, lançando um olhar penetrante a Walker. — A não ser que eles nos obriguem.

— Então, esse é o plano? — pergunta Sam, cético. — Vamos para o hotel, lutamos contra um bando de mogs para entrar e depois matamos Sanderson?

— Sim — responde Walker.

— Não — digo.

Todos olham para mim. Até nosso estoico motorista me encara pelo retrovisor.

— Como assim *não*? — pergunta Walker, com as sobrancelhas erguidas. — Achei que tínhamos um acordo.

— Não vamos matar Sanderson — digo. — Não lutamos contra humanos. E sem dúvida não os matamos.

— Garoto, eu puxo o gatilho se você me colocar diante dele — responde Walker.

— Pode prendê-lo, se quiser — digo. — Acusá-lo de traição.

— A pena por traição é a *morte* — exclama Walker, parecendo exasperada. — Enfim, seus aliados ProMog não vão deixar a prisão se concretizar. E acha que o tribunal vai fazer alguma diferença depois que Setrákus Ra chegar?

— Você mesma disse que o importante é Setrákus Ra — respondo.

— Verdade. E em vez de Sanderson, serão vocês a recebê-lo na ONU. Vamos mostrar ao mundo a diferença entre bons e maus alienígenas. Enquanto isso, nos bastidores, meu pessoal vai desmantelar o ProMog. — Walker esfrega as têmporas. — Já tenho outros agentes em posição. Quando matarmos Sanderson, uma dezena de outros traidores ProMog vai...

— Se vai me contar sobre mais assassinatos, não quero saber — interrompo-a.

— Eu quero — diz Nove, erguendo a mão.

— Não fazemos esse tipo de coisa, Walker — continuo. — Não somos assim.

— Garoto, se quiser contar ao mundo sobre os mogs, mais cedo ou mais tarde vai ter que sujar as mãos.

— E se Sanderson contar para nós?

Walker me encara com desconfiança.

— Como assim?

— Ele vai fazer um discurso na ONU amanhã, não é? Vai falar bem de Setrákus Ra, dizer à humanidade que é seguro receber a frota mogadoriana. — Eu dou de ombros, tentando parecer indiferente, confiante em meu plano. — Talvez ele faça um discurso diferente. Talvez dê um alerta.

— Está falando de *fazê-lo mudar de lado*? — exclama Walker. — A esta altura do campeonato? Você está louco.

— Não acho — respondo, olhando para Sam e Nove à esquerda e à direita. — Meus amigos e eu somos muito persuasivos.

— É — intromete-se Nove, com um sorriso para Walker. — Sou convincente como ninguém.

Walker me encara por um bom tempo, depois se vira e volta a digitar mensagens em código no telefone.

— Não sabia que estava me aliando a alienígenas hippies paz e amor — diz ela com um suspiro. — Está bem. Se conseguirem convencer Sanderson a trocar de lado diante da ONU, vão em frente. Mas se eu não ficar convencida, vou matá-lo.

— Claro — respondo a Walker. — Você é quem manda.

Paramos em um posto de gasolina em Nova Jersey para encher o tanque dos SUVs. Como tenho alguns minutos a sós, chego à conclusão de que é uma boa hora para saber de Sarah. Pego o telefone e ando pelo estacionamento. Enquanto

isso, sinto os olhos de Walker perfurando minhas costas.

— Aonde você está indo? — grita ela para mim.

— Ligar para minha namorada — digo, erguendo o telefone. — Lembra? Você a deteve ilegalmente daquela vez.

— Ah, que ótimo — responde Walker. — Estamos contando com um bando de adolescentes escravos dos hormônios para salvar o mundo — ouço-a resmungar para o motorista.

Melhor nós do que gente como Walker, penso, mas finjo não ouvir o comentário sarcástico.

O telefone toca cinco vezes, e cada uma faz meu coração bater um pouco mais rápido, até Sarah atender, por pouco não me deixando cair na caixa de mensagens.

— Antes de mais nada — começa ela, com a voz trêmula, sem sequer dizer oi. — Quero que você saiba que estou bem.

— O que aconteceu? — pergunto, tentando esconder meu pânico inicial. Ouço trânsito ao fundo. Sarah está em um carro em movimento.

— Fomos à cidade comprar suprimentos e tivemos um confronto com alguns mogs — diz Sarah, ainda recuperando o fôlego. — Acho que nos rastrearam de alguma maneira, já que não estão muito contentes com o *Eles Estão Entre Nós*. Não se preocupe, estamos todos bem. Bernie Kosar cuidou deles.

— Você está em um lugar seguro?

— Logo, logo estaremos — responde ela. — O amigo hacker de Mark, GUARD, nos passou o endereço de sua base de operações em Atlanta.

Mark contou sobre GUARD em um de seus e-mails para Sarah. É outro fanático por teorias de conspiração, como um dos caras da versão antiga do *Eles Estão Entre Nós*. Mas também é um excelente hacker e, segundo Mark, tem acesso a uma quantidade surpreendente de informações. Fico meio nervoso por saber que Sarah e Mark estão indo encontrá-lo sem saber direito quem ele é.

— O que Mark sabe sobre esse cara? — pergunto.

Sarah repete minha pergunta para Mark. Não consigo entender bem sua resposta com todo o barulho da estrada.

— Mark disse que deve ser algum nerd escondido no porão da mãe — repete Sarah em um tom seco. — Mas é um “cara legal” e podemos confiar nele.

Reviro os olhos ao ouvir o relatório de inteligência de Mark.

— Agora sim estou tranquilo. Só por precaução, vou mandar a localização de um lugar seguro por mensagem de texto. É uma base que tomamos em Washington, cheia de caras do governo que estão do nosso lado. Se você precisar fugir, pode ir para lá.

Ouço dois motores serem ligados atrás de mim. Eu me viro e vejo todos os

agentes de Walker espremidos dentro dos carros. Nove e Sam ainda me esperam do lado de fora do SUV. Nove faz um gesto impaciente me mandando terminar a ligação.

— O que está acontecendo aí? — pergunta Sarah. — Vai fazer alguma coisa idiota que talvez salve o mundo?

— É por aí — respondo, permitindo-me um leve sorriso. — Recebeu os documentos que mandei?

— Recebi — responde Sarah. — Vamos botá-los na internet assim que chegarmos a Atlanta.

— Perfeito. Tenho a sensação de que o *Eles Estão Entre Nós* está prestes a receber muito mais visitas.

Faço uma pausa, relutando em desligar o telefone.

— Os outros estão me esperando. Tenho que ir.

— Mark lhe disse para ir dar uma surra em alguém. E eu amo você.

Sarah percebe o que disse, rindo.

— Mark não disse a última parte. Fui eu.

Nós nos despedimos e sinto a mesma mistura de saudade e medo que me invade depois de todas essas conversas por telefone. Vou me arrastando até o SUV. Todos os outros já entraram, menos Sam.

— Então você vai divulgar todos os documentos de Walker no *Eles Estão Entre Nós*? — pergunta Sam. — É uma boa ideia. Uma propaganda antimogadoriana.

— É uma ideia desesperada, isso sim — digo, mal-humorado. — Ninguém vai fuçar a internet enquanto sua cidade estiver sendo bombardeada.

— Quanto otimismo — responde Sam, franzindo a testa. — Mas, sério, é uma leitura muito pesada. Se estiver tentando trazer gente para o seu lado, não deve falar apenas dos mogadorianos. Não deve tentar assustar as pessoas. Elas já vão ficar assustadas o bastante sem você tentar. Temos que dar a elas um pouco de esperança.

— O que você sugere?

Sam reflete por um segundo, depois dá de ombros.

— Ainda não sei. Vou pensar em alguma coisa.

Eu assinto, dou um tapinha nas costas dele e nós dois entramos no carro. Sei que ele está só tentando ajudar, e é por isso que falo o que estou pensando: independentemente da ideia dele... pode ser tarde demais.

Chegamos a Nova York cerca de uma hora depois. Eu nunca tinha visitado a

cidade, nem Nove e Sam. Queria que estivéssemos aqui por outro motivo.

Conforme avançamos devagar pelo engarrafamento através de um cânion de arranha-céus, eu me vejo esticando o pescoço para olhar pela janela. Chicago é uma cidade enorme, mas o fluxo de pedestres nas calçadas daqui é completamente diferente, mais frenético. Há letreiros anunciando shows da Broadway, táxis amarelos entrando e saindo do tráfego, o som de atividade a nosso redor.

E essas pessoas não têm ideia do que vai lhes acontecer.

Enquanto seguimos na direção norte rumo ao hotel de Sanderson, passamos por um homem usando chapéu de caubói e cueca, tocando violão para uma multidão de turistas. Nove bufa.

— Olhe isso — diz ele, balançando a cabeça. — Ninguém aceitaria uma palhaçada dessas em Chicago.

Eu me inclino à frente para falar com Walker.

— Falta muito?

— Só alguns quarteirões — responde ela.

Eu me inclino para ter certeza de que a adaga lórica ainda está bem presa a minha perna. Também toco o pulso, checando por reflexo o bracelete de escudo, só que ele não existe mais, foi destruído pelo general.

— O cara que você tem lá disse quantos mogs devemos encontrar? — pergunto a Walker.

— Uns doze. Talvez mais.

— Isso não é nada — diz Nove, calçando as luvas que Marina lhe deu.

Ele fecha os punhos e eu me afasto, temendo que dispare algum tipo de arma por acidente. Por sorte, nada acontece.

— Vai usá-las para lutar? — pergunta Sam, lançando a Nove um olhar incrédulo. — Você não sabe nem o que elas fazem.

— Quer forma melhor de descobrir? — responde Nove. — Cara, essas coisas lóricas costumam ajudar só depois que a gente desiste delas.

— Bom, talvez elas só sirvam para aquecer as mãos mesmo — sugere Sam.

— Só não faça nada idiota — digo a Nove, e ele me encara com a expressão cada vez mais séria.

— John, não vou fazer — diz ele. — Sério. Pode confiar em mim.

Vejo que Nove ainda não superou o que aconteceu na Flórida e está ávido para mostrar seu valor. Limito-me a assentir para ele, sabendo que ele não gostaria que eu fizesse grande caso disso. Estou feliz por poder contar com ele.

Walker se vira para Sam.

— Esses caras lançam bolas de fogos e têm luvas mágicas, aparentemente. Mas o que você faz?

Por um instante, Sam parece perplexo, e noto que toca as cicatrizes de queimadura nos pulsos. Após um momento em silêncio, ele encara Walker.

— Já devo ter matado mais mogs que a senhora — responde Sam.

Nove me cutuca e não consigo evitar um sorriso. Para crédito de Walker, essa parece ser a resposta que estava esperando. Ela abre o porta-luvas, tira um revólver no coldre e o entrega a Sam.

— Bom, é oficial, estou armando um menor de idade — diz ela. — Deixe seu país orgulhoso, Samuel.

Um minuto depois, nosso motorista para em fila dupla em um dos quarteirões mais tranquilos de Manhattan. O outro SUV estaciona atrás de nós. Do outro lado da rua e um pouco à frente está a entrada de um hotel sofisticado. Há um amplo toldo e um tapete vermelho, um local para os hóspedes entregarem as chaves do carro a um manobrista e deixarem as malas em um dos carrinhos de bagagem.

Só que não há movimento diante do hotel. Nenhum turista passeando pela calçada, nenhum manobrista esperando gorjetas. Nada. Todos foram afastados ou intimidados pelos três mogadorianos que montam guarda à porta, com casacos descaradamente abertos revelando armas presas ao cinto.

Pelo visto, eles já nem se dão mais o trabalho de passarem despercebidos.

— Queremos que seja rápido — diz Walker para nós, abaixando-se para ver os mogs em seu espelho lateral. — Derrubem os mogs e cheguem a Sanderson antes que eles consigam dar o alarme, chamar reforços por rádio ou seja lá o que façam.

— É, entendi — respondo rapidamente. Visto o capuz do moletom para esconder o rosto. — Já fizemos isso.

— Deixem meu pessoal tomar a dianteira — diz Walker. — Vamos mostrar distintivos, talvez isso os confunda. Depois vocês os pegam com tudo.

— Claro, vocês os distraem — diz Nove. — Mas depois saiam do caminho.

Walker pega um walkie-talkie e contata os agentes no segundo carro.

— Prontos?

— Afirmativo — responde uma voz masculina. — Vamos nessa.

— Aqui vamos nós — diz um animado Nove, e bate palmas com as mãos enluvadas.

O choque de som que as mãos de Nove detonam quando ele bate palmas não é tão alto quanto um estrondo sônico, mas sem dúvida é próximo. É como uma trovoada no banco de trás; todas as janelas do SUV explodem para fora, e o carro chega a saltar alguns centímetros no ar. O SUV atrás de nós não resiste muito melhor — suas janelas também se estilhaçam, mas para dentro, caindo sobre os agentes espremidos no interior.

As vitrines das lojas próximas também se quebram, e uma pedestre que está passando é jogada no chão. A meu lado, Sam aperta as laterais da cabeça, parecendo tonto. Nos primeiros segundos, não consigo ouvir muito além de um trinado baixo que logo percebo serem os alarmes dos carros disparando por todo o quarteirão.

Eu me viro para Nove de olhos arregalados e o vejo encarando as mãos enluvadas, também de olhos arregalados. Não consigo ouvir o que ele diz, e não sei ler lábios muito bem.

Mas tenho quase certeza de que é “Oops”.

Na entrada do hotel, um dos mogadorianos está de joelhos, segurando a cabeça. Os outros dois apontam para nosso SUV, erguendo as armas.

Lá se vai o elemento surpresa.

CAPÍTULO

VINTE

MEUS OUVIDOS ESTÃO zumbindo tanto que não ouço a primeira saraivada de tiros mogadorianos. Mas a sinto. O SUV quase vira quando as descargas de energia pegam de raspão na lataria à prova de balas do carro. Walker se encolhe atrás da porta para se proteger, mantendo a cabeça baixa. Nosso motorista não tem tanta sorte; faiscando, um tiro atravessa a janela e o atinge na lateral do pescoço. Sua carne fica muito queimada e seu corpo começa a se sacudir no mesmo instante.

— Agora! — grito, incapaz de me ouvir, e sem saber se os outros conseguem. — Agora!

Nove arranca a porta de trás do SUV. Quando sai do carro, segura a porta diante de si, usando-a como escudo para absorver os tiros mogadorianos.

Eu me lanço para o banco da frente e toco o ferimento do agente do FBI, deixando a energia curativa e quente fluir para ele. Aos poucos, o ferimento começa a se fechar e ele para de se sacudir. O agente olha para mim com olhos arregalados e gratos.

Sinto algo se mover à minha direita e viro a cabeça. Do lado de fora da janela do motorista está a pedestre que foi derrubada quando Nove bateu palmas. É uma garota bonita em idade universitária com grandes olhos castanhos. Parece aturdida e paralisada — mas não tão perplexa que não tenha conseguido tirar o telefone da bolsa. Acabou de me filmar curando o motorista e grava meu rosto quando a mando fugir.

Outra saraivada de tiros ricocheteia no capô de nosso SUV, quase acertando a garota. Sam sai correndo do banco de trás e a segura. Ele a arrasta pela calçada e a coloca atrás de alguns carros estacionados para protegê-la.

Há alguns meses, um vídeo de meu rosto depois de usar os Legados teria sido um desastre. Agora não me importo. Mas não podemos deixar mais gente inocente entrar em nossa zona de guerra.

— Vire o carro! — grito no ouvido do motorista. Não sei se ele consegue me ouvir, então imito o movimento do volante com as mãos. — Bloqueie a rua!

Ele entende e sai em alta velocidade — sinto o cheiro de borracha queimada, mas não ouço nada. Ele estaciona o carro perpendicularmente no meio da rua, bloqueando o tráfego.

Salto do SUV e me viro para o hotel bem a tempo de ver um guerreiro mogadoriano cortado ao meio e transformado em cinza pela porta de nosso

carro, que Nove jogou no ar como um disco. Enquanto isso, os agentes no segundo carro conseguiram recuperar o controle. Vendo nossa manobra, o motorista deles engata a ré e logo bloqueia o acesso à rua do outro lado. Então eles saem, protegendo-se atrás do SUV, e começam a atirar nos mogadorianos restantes. Os tiros são estouros pouco audíveis em meus ouvidos danificados.

Um dos mogs cai depois de levar um tiro na testa. Em desvantagem, o mog remanescente joga-se pela porta do hotel para se proteger. Projeto a telecinesia sobre o carrinho de bagagem parado atrás do mog, impulsionando-o à frente para que atinja a parte de trás de suas pernas. Quando ele tropeça para fora da porta, os agentes de Walker o acertam.

Nove olha para mim e assente. Juntos, corremos até a entrada. Olho por cima do ombro para ver como Sam está e vejo que ainda conversa com aquela testemunha, indicando enfaticamente seu celular. Não há tempo para me preocupar com isso agora.

Do lado de dentro, o sofisticado saguão do hotel está deserto, com exceção de um funcionário apavorado, encolhido atrás da recepção. Depois das colunas de mármore e sofás de couro da área de espera ficam os elevadores. Por mais estranho que pareça, dois dos três elevadores estão em manutenção, e o terceiro está preso na cobertura. Os mogs podiam não esperar um ataque, mas sem dúvida tomaram precauções.

Aproveitando que tenho um momento para recuperar o fôlego, pressiono as mãos nas laterais da cabeça e deixo um pouco da energia de cura fluir para meus ouvidos. Eles estalam, mas aos poucos o som retorna, como se um botão de volume fosse girado pouco a pouco em minha cabeça. Lá fora, ouço sirenes, pneus cantando e o pessoal de Walker, que grita para os policiais locais manterem distância. Nosso plano de agir em sigilo já foi por água abaixo; agora teremos que ser rápidos.

Seguro a cabeça de Nove antes que ele chegue aos elevadores, curando-o também. Quando termino, ele balança a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse tentando tirar água do ouvido.

— Você é um idiota — digo a ele.

Nove sacode as luvas sônicas diante de mim antes de enfiá-las no bolso de trás.

— Pelo menos agora sabemos o que elas fazem.

Ao ver que não somos mogadorianos armados, o funcionário da recepção sai lentamente do esconderijo. É um homem magro de meia-idade, e a julgar pelo olhar cansado, parece que tem tido um dia terrível.

— O que... está acontecendo? — pergunta ele.

Antes que possamos responder, Walker passa pela porta. Ela mostra seu

distintivo ao funcionário e depois grita:

— Em que andar está Sanderson?

Atônito, ele olha de Walker para nós e depois outra vez para ela.

— Co-cobertura — gagueja ele. — Aquelas... Aquelas *coisas* que vocês mataram estão com ele. Evacuaram o hotel inteiro hoje de manhã, menos a mim e parte da equipe. E não sou nem o *gerente*.

Nove encara o funcionário, tentando entender o que ele está fazendo aqui.

— Por que deixaram *você* aqui?

— Estão pedindo serviço de quarto — responde ele, incrédulo, com a voz aguda. — Agindo como se fossem donos do hotel e nós, seus servos.

— É muita audácia — diz Nove, balançando a cabeça. — Como se já tivessem invadido ou coisa do tipo.

Walker estreita os olhos para o funcionário como se quisesse estrangulá-lo, depois se vira para mim, ainda falando muito alto.

— Droga. Não consigo ouvir esse homem.

Eu a chamo e pressiono as mãos sobre seus ouvidos. Enquanto curo Walker, olho para o funcionário.

— É melhor você sair daqui. Vá lá para fora bem devagar, com as mãos para cima. Vamos mandar embora todos que encontrarmos.

O funcionário concorda em silêncio, depois começa a dar passos curtos em direção à saída com as mãos acima da cabeça.

Walker afasta minhas mãos assim que sua audição retorna.

— O que ele disse?

— Que vamos subir — respondo, apontando para o elevador.

— Na verdade, eles estão descendo — diz Nove.

O único elevador funcional do hotel começou a descer enquanto as luzinhas acima marcam os andares. Acendo o Lúmen, com a agradável sensação do movimento das chamas. Walker segura a pistola.

— Calma, gente — diz Nove. — Eu cuido disso.

Nove pega um dos sofás de couro e o segura como um aríete. Walker e eu chegamos para o lado, dando-lhe espaço. Quando o elevador chega e as portas se abrem, os quatros mogadorianos enviados ao térreo para dar reforço aos que já despachamos são recebidos pelos gritos de Nove, que empurra o sofá na direção deles. Um dos recém-chegados consegue disparar a arma, mas o tiro chia inofensivo contra o chão. A unidade inteira está presa dentro do elevador, o do meio foi esmagado pelo peso de Nove. Walker contorna Nove com facilidade e mata os mogs com sua pistola.

— Isso ainda não compensa a luva — digo a Nove quando ele joga o sofá para o saguão sem fazer esforço.

— Qual é? — reclama Nove, sorrindo. — Foi um acidente.

— Existe algum outro dispositivo alienígena sobre o qual eu deva saber? — pergunta Walker quando entramos no elevador e apertamos o botão do último andar.

— Bom, tem este — responde Nove, tirando do bolso um cordão com três pedras verde-esmeralda. Eu me lembro disso. Quando é lançado, o cordão causa um vácuo em miniatura que suga o que estiver por perto e depois cospe com toda a força. Ele deve ter tirado da arca antes de entregar o resto de sua Herança a Marina e Seis.

— O que isso faz? — pergunta Walker.

— Você vai ver — respondo, olhando para Nove. — Sabe que vai haver mais nos esperando do lado de fora do elevador, não é?

— Foi o que pensei — responde ele, sorrindo.

Puxo Walker para perto de mim e nos encostamos à lateral do elevador, contra os botões. Nove se protege contra a parede oposta, girando o cordão de pedras preguiçosamente como uma boleadeira.

— Talvez você precise se segurar em mim — digo a Walker. — Já viu como Nove se comporta com dispositivos.

— Ei — diz Nove, magoado. — Este eu sei usar.

Segundos depois, as portas do elevador se abrem e uma saraivada de tiros martela a parede do fundo do elevador; os mogs aqui de cima adotam a estratégia de atirar primeiro e fazer perguntas depois. Sem mostrar a cabeça, Nove joga o cordão de pedras para fora do elevador.

Imagino a arma de Nove funcionando como fez na cabana — as esferas pairando em um círculo perfeito, girando devagar para a frente, sugando qualquer coisa em seu caminho. Ouço o ar sendo sugado, seguido pelos gritos dos mogadorianos e vários tiros inúteis. Vidros se quebram quando quadros emoldurados são arrancados das paredes do corredor, e os cacos são sugados para o vácuo em miniatura.

Nove estala os dedos e tudo o que o vácuo coletou explode para fora. Violentamente expelido, um dos mogadorianos entra voando no elevador. Sua cabeça bate com força na parede do fundo, e seu pescoço se quebra. Do lado de fora, tudo está silencioso.

Quando termina, enfio a cabeça para fora da porta. O ar está cheio de partículas de poeira suspensas que podem ser restos mogadorianos. Uma arma que de alguma forma ficou presa no teto cai no chão. Fora isso, o único objeto ali é um carrinho de serviço de quarto que parece ter passado por um moedor, com as pernas retorcidas. Só há uma porta no final do curto corredor, a da cobertura, que está meio solta das dobradiças.

— O que era aquela coisa? — pergunta Walker, incrédula.

— Os mogs não são os únicos que têm armas iradas — diz Nove, pegando o cordão de pedras de aparência inofensiva no chão.

— Não vá tendo ideias — digo a Walker quando a vejo esticar o pescoço para olhar as pedras. — Nossa tecnologia não está à venda.

Walker franze a testa para mim.

— Bom, a julgar por aquela palhaçada com as luvas, vocês não sabem usá-la.

Vindo de trás da porta quebrada à nossa frente, ouço o som de uma televisão. Acho que está sintonizada no canal de notícias: alguém tagarela sobre preços de ações. Fora isso, o corredor está em total silêncio. Não há sinal de mais mogadorianos. Mesmo assim, avançamos com cautela em direção à porta da cobertura.

Temendo uma emboscada, empurro a porta com a telecinesia antes de nos aproximarmos demais. Ela sai das dobradiças com facilidade e cai para dentro da cobertura com um baque. A sala de estar lá dentro está escura, com todas as cortinas fechadas, iluminada apenas pelo brilho azulado da televisão.

— Entrem — chama lá de dentro uma voz rouca. — Não há ninguém aqui que possa machucá-los.

— É o Sanderson — sussurra Walker.

Eu e Nove nos entreolhamos. Ele dá de ombros e indica a porta. Vou na frente, seguido por Nove, com Walker na retaguarda.

A primeira coisa que noto é um cheiro úmido e bolorento. Parece algo podre com um toque de creme para as juntas mentolado, do tipo que um velho usaria. Um mapa da cidade de Nova York está aberto em cima da mesa na área de jantar da suíte, com anotações em mogadoriano rabiscadas em vários lugares. Ao lado da mesa há uma cadeira caída, como se alguém tivesse se levantado às pressas. Há também um canhão mogadoriano apoiado a uma parede, além de mochilas de lona preta com equipamentos — vejo um laptop, alguns celulares e um grosso livro de capa de couro.

Nada disso chama tanto minha atenção quanto o velho sentado na beirada da cama king desfeita da suíte. Ele assiste à TV através da porta aberta do quarto, talvez fraco demais para andar até a sala da cobertura.

— Nossa, cara — exclama Nove ao ver Sanderson. — O que aconteceu com você?

Vi muitas fotos de Bud Sanderson nos últimos dias. A primeira foi no *Eles Estão Entre Nós*, de um Sanderson velho de cabelos brancos ralos, papada e barriga. No site, em uma matéria estilo tabloide para a qual não liguei muito, Mark James acusava Sanderson de usar algum tipo de tratamento anti-idade mogadoriano. Depois vi Sanderson na pasta da agente Walker, almoçando com

um Setrákus Ra disfarçado, a imagem da saúde, com o cabelo grisalho cheio e penteado para trás, parecendo capaz de correr alguns quilômetros depois de comer sua salada Cobb.

O Sanderson que está diante de mim não parece com o de nenhuma das duas fotos. Nove e eu vamos até o quarto para vê-lo melhor, enquanto Walker fica para trás. O secretário de defesa é um velho frágil curvado, vestindo um robe felpudo do hotel. O lado direito de seu rosto está flácido e caído — a pálpebra pende e o maxilar desaparece sob camadas de pele frouxa. Seu cabelo branco é muito ralo e, apesar de estar penteado para cima da careca, mal consegue esconder um punhado de manchas senis. Ele sorri para nós — ou talvez seja uma careta — com dentes amarelos e gengivas recuadas. Na gola aberta do robe e nos antebraços, noto proeminentes veias pretas desbotadas.

— Número Quatro e Número Nove — diz Sanderson, apontando um dedo trêmulo para nós. Não parece nem um pouco ofendido pela reação enojada de Nove, sequer parece tê-la notado. — Suas fotos passam por minha mesa há anos. Imagens furtivas de câmeras de segurança e afins. Praticamente os vi crescer.

O tom de Sanderson é o de um avô frágil e saudoso. Estou perplexo. Esperava um político vendido que tentasse argumentar em favor do Progresso Mogadoriano. Esse homem mal parece capaz de se levantar da cama, muito menos de fazer um discurso diante da ONU.

— E você... — Sanderson inclina a cabeça para olhar Walker. — Você é uma das minhas, não é?

— Agente especial Karen Walker — responde ela, passando pela porta. — Não sou uma das suas. Agora sirvo à humanidade, senhor.

— Bom, isso é ótimo — diz Sanderson em um tom indiferente. Não parece nem um pouco interessado nela. O jeito de seus pequenos olhos pretos se fixarem em Nove e em mim, como se fôssemos parentes reunidos depois de muito tempo em seu leito de morte, me deixa muito desconfortável. Até Nove caiu em um silêncio constrangido.

Reparo em um pequeno kit na cama ao lado de Sanderson. Contém algumas seringas finas cheias de um líquido preto que me lembra um pouco sangue de piken.

— O que fizeram com você? — pergunto em voz baixa, dando um passo para ele.

— Nada que eu não tenha pedido — responde Sanderson, triste. — Gostaria que vocês tivessem me encontrado antes. Agora é tarde demais.

— Tarde o caramba — discorda Nove.

— Mesmo que vocês me matem, não vai fazer diferença — diz Sanderson em um tom resignado.

— Não queremos matá-lo — respondo. — Não sei o que lhe disseram ou o que enfiaram em sua cabeça e em seu corpo, mas não desistimos da luta.

— Ah, mas eu desisti — responde Sanderson, e tira uma pequena pistola do bolso da frente do roupão. Antes que eu possa impedi-lo, ele encosta a pistola na têmpora e puxa o gatilho.

CAPÍTULO

VINTE E UM

SE EU TIVESSE tido tempo de pensar, provavelmente não teria conseguido fazer o que fiz.

Há cerca de um milímetro entre a têmpora de Bud Sanderson e o cano da arma. É nesse espaço que consigo parar a bala, segurando-a com a telecinesia. A precisão necessária me faz grunhir de esforço. Cada músculo de meu corpo está tenso, meus punhos se fecham e os dedos dos pés se contraem. É como se eu usasse o corpo todo para deter aquela bala.

Não acredito que consegui. Nunca tinha feito nada tão preciso.

Uma queimadura circular se forma na têmpora de Sanderson por causa do cano da pistola, mas fora isso a cabeça dele está intacta.

Só depois que o estampido da pistola cessa o secretário de defesa percebe que sua tentativa de suicídio não deu certo. Perplexo, ele volta os olhos aquosos para mim, sem entender por que ainda está vivo.

— Como...?

Antes que Sanderson puxe o gatilho outra vez, Nove avança e dá um tapa em sua mão, jogando-a no chão. Solto o ar devagar e permito que meu corpo relaxe.

— Isso não é certo — diz Sanderson em um tom de acusação, com o lábio inferior tremendo enquanto esfrega o pulso que Nove acertou. — Deixe-me morrer.

— Realmente — interfere Walker, apertando a própria arma. — Por que você o impediu? Poderia ter resolvido todos os nossos problemas de uma vez.

— Não teria resolvido nada — digo, olhando para ela ao deixar a bala inofensiva cair na cama desfeita de Sanderson.

— Ele está certo — diz Sanderson a Walker, com os ombros curvados. — Me matar não vai mudar nada. Mas me manter vivo é uma crueldade.

— Você não pode escolher a hora de partir, velho — digo a Sanderson. — Quando vencermos esta guerra, deixaremos o povo da Terra decidir como vai lidar com traidores.

Sanderson solta uma risada seca.

— O otimismo da juventude.

Eu me abaixo para encará-lo.

— Ainda há tempo de se redimir — digo. — De fazer algo útil.

Sanderson ergue uma das sobrancelhas e seus olhos parecem se focar um pouco. Mas então o lado direito de sua boca murcha e ele é obrigado a limpar a

saliva com o punho do robe. Com uma expressão derrotada, Sanderson desvia os olhos.

— Não — diz ele em voz baixa. — Acho que não.

Com um suspiro entediado, Nove pega o kit de seringas ao lado de Sanderson. Ele avalia o conteúdo gosmento cor de alcatrão, depois o agita diante do rosto de Sanderson.

— Que porcaria é essa que estão lhe dando, hein? — pergunta Nove. — Foi por esse negócio que você trocou o planeta?

Sanderson olha com melancolia para os frascos, mas depois os empurra debilmente.

— Eles me curaram — explica Sanderson. — Mais que isso. Tornaram-me jovem outra vez.

— E olhe para você agora — resmunga Nove. — Novinho em folha, hein?

— Vocês sabem, o líder deles está vivo há séculos — retruca Sanderson, olhando de mim para Nove, frenético. — Claro que sabem. Ele nos prometeu isso. Prometeu imortalidade e poder.

— Ele mentiu — digo.

Sanderson olha para o chão.

— Sim.

— Patético — diz Walker, mas seu tom não é mais tão raivoso.

Assim como eu, não acho que Sanderson seja o vilão que Walker esperava. Talvez já tenha manipulado uma conspiração mundial em favor dos mogs, mas, a esta altura, foi descartado pelo Progresso Mogadoriano. Ele não pode virar o jogo como Walker esperava. Estou com um pouco de medo de termos desperdiçado o precioso tempo que nos resta.

Sanderson ignora Nove e Walker. Por algum motivo, talvez porque o forcei a continuar vivo, ele dirige seu apelo a mim.

— As maravilhas que eles tinham a oferecer... não entende? Pensei que estava trazendo uma época dourada para a humanidade. Como podia dizer não a eles? A *ele*?

— E agora você tem que continuar tomando esse negócio, é isso? — pergunto, olhando para as seringas que, aposto, contêm algo semelhante ao preparado genético artificial que os mogs usam para criar seus soldados descartáveis. — Se parar, vai se despedaçar como um deles.

— Já é velho o bastante para virar pó, de um jeito ou de outro — resmunga Nove.

— Faz dois dias, e olhem para mim... — Sanderson aponta para si mesmo, para o corpo que parece uma lesma na qual jogaram sal. — Eles me usaram. Continuaram me dando tratamentos em troca de favores. Mas você me libertou.

Agora posso morrer.

Nove faz um gesto impaciente e olha para mim.

— Cara, que se dane. Ele é uma causa perdida. Precisamos pensar em outra coisa.

Começo a sentir certo desespero ao ver que o secretário de defesa do plano de Walker não passa de um velho arruinado, que não contribuiu em nada para nos ajudar a impedir a iminente invasão mogadoriana. Mas ainda não estou disposto a desistir. Esse inútil sentado diante de mim era um homem poderoso — os mogadorianos tinham um destacamento de proteção para ele, então ainda é. Deve haver uma maneira de consertá-lo, de deixá-lo disposto a lutar.

Preciso que ele veja a luz.

Uma mistura de desespero e intuição me faz acender o Lúmen. Não o deixo chegar ao nível de fogo; pelo contrário, produzo apenas energia suficiente para um feixe de pura luz sair de minha mão. Os olhos de Sanderson se arregalam quando ele recua sobre a cama, afastando-se de mim.

— Eu já disse, não vou machucá-lo — digo ao me aproximar dele.

Direciono o Lúmen para a parte paralisada e flácida de seu rosto, tentando examiná-la melhor. A pele está cinzenta e tem uma aparência quase morta, fina, varada de veias cinzentas. As partículas pretas sob a pele de Sanderson parecem até se afastar do Lúmen, quase como se estivessem tentando se aprofundar mais.

— Posso curar isso — digo, resoluto.

Não sei se é verdade, mas preciso tentar.

— Você... pode consertar o que eles fizeram? — pergunta Sanderson, com uma nota de esperança na voz áspera.

— Posso deixá-lo como era antes — respondo. — Não *melhor*, como eles prometeram. Nem mais jovem. Só... como deveria ser.

— Velhos envelhecem — comenta Nove. — Você tem que aceitar isso.

Sanderson me lança um olhar cético. Devo parecer os mogadorianos anos atrás, quando o convenceram a ficar do lado deles.

— O que quer em troca? — pergunta ele, como se pagar caro fosse inevitável.

— Nada — respondo. — Por mim, pode tentar se matar de novo. Ou talvez encontre o que restou de sua consciência e faça o que é certo. Depende de você.

Depois disso, toco a lateral do rosto de Sanderson.

Ele estremece quando a energia quente de cura de meu Legado flui para ele. Em geral, quando uso os poderes de cura, tenho a sensação de que o ferimento está se fechando, de células se rearranjando sob meus dedos. Com Sanderson, parece que uma força está resistindo a meu Legado, como se houvesse escuros poços celulares nos quais minha luz de cura entra e se esvai. Sinto Sanderson se

curando, mas é algo lento, e preciso me concentrar muito mais que de costume. Em certo ponto, algo chega a chiar e estalar sob sua pele quando uma das veias descoradas queima. Sanderson se retrai.

— Está doendo? — pergunto, sem fôlego, ainda com a mão em seu rosto.

Ele hesita.

— Não... não, na verdade estou melhor. Como se... mais limpo. Continue.

Eu continuo. Sinto a substância mogadoriana se enterrar mais em Sanderson, fugindo de meu Legado. Intensifico a cura, perseguindo-a por suas veias. Noto que estou apertando os olhos devido ao esforço e que um suor frio cobre minhas costas. Estou tão concentrado em expulsar a escuridão que detecto dentro de Sanderson que devo perder a noção do tempo e entrar em uma espécie de transe.

Quando enfim termino, cambaleio para trás com as pernas bambas e esbarro em Sam. Eu nem sabia que ele tinha subido. Ele segura um telefone — será que roubou daquela testemunha que derrubamos? —, gravando a cura de Sanderson. Para quando esbarro nele e, por um instante, Sam é a única coisa que me segura de pé.

— Isso foi incrível — diz ele. — Você estava, tipo, *brilhando*. Está tudo bem?

Eu me ergo com certo esforço, sem querer demonstrar nenhum sinal de fraqueza na frente de Walker ou Sanderson, embora me sinta exausto.

— Sim. Estou bem.

Vejo Walker me olhando com a mesma expressão de perplexidade que o motorista tinha depois que curei seu pescoço. Sanderson, ainda sentado à minha frente, parece estar à beira das lágrimas. As teias de aranha pretas que ziguezagueavam sob sua pele desapareceram; seu rosto não está mais caído, seus músculos não estão atrofiados. Ele continua sendo um velho, com rugas profundas no rosto, mas parece um velho *real*, não alguém que teve a vida drenada de si aos poucos.

Parece humano.

— Obrigado — diz Sanderson, em um tom pouco mais alto que um sussurro.

Nove olha para mim, verificando como estou, depois volta-se para Sanderson e desdenha ironicamente.

— Nada disso vai ter valido a pena, vovô, se você deixar aqueles babacas pálidos pousarem na Terra.

— Tenho vergonha do que fiz, do que me tornei... — diz Sanderson, com o olhar suplicante e confuso. — Mas não entendo o que esperam que eu faça. *Deixá-los*? Como posso impedi-los?

— Não esperamos que os impeça — digo. — Só que os atrase. Você precisa incitar as pessoas contra eles. Quando fizer o discurso na ONU amanhã, deve deixar claro que a frota mogadoriana não deve ter permissão de pousar na Terra.

Sanderson me encara, confuso, depois seu olhar se volta devagar para Walker.

— Foi isso o que seu espião lhe contou? É isso o que acha que vai acontecer amanhã?

— Eu *sei* o que vai acontecer — responde Walker, ainda mordaz, apesar de Sanderson estar passando para nosso lado. — Você e os outros líderes comprados pelos mogs vão subir no palanque e convencer o mundo de que devemos coexistir em paz.

— O que, na verdade, é um código para a rendição — acrescenta Nove.

— Sim, isso está planejado para amanhã — diz Sanderson, com uma risada sombria e desanimada. — Mas você entendeu mal a ordem dos acontecimentos. Acha que faço o discurso *e depois* o Adorado Líder deles pousa as naves? Acha que ele se importa com as lentas engrenagens da política humana? Ele não está esperando *permissão*. A ONU vai se reunir para salvar vidas, para acalmar uma população apavorada, porque uma resistência militar estaria condenada a fracassar *diante daquele*...

Desesperado, Sanderson aponta na direção da porta, para a televisão ainda chiando na outra sala. Aos poucos, cada um de nós se vira, saindo do quarto de Sanderson e indo para a sala de estar da cobertura, atraídos pelo rosto pálido de uma âncora do canal de notícias. Ela tropeça nas palavras enquanto tenta explicar os objetos voadores não identificados que aparecem sobre várias grandes cidades. A recepção é irregular, e as rajadas de estática são cada vez mais frequentes enquanto algo interfere no sinal.

— ... relatos de que as naves também foram avistadas no exterior, em lugares como Londres, Paris e Xangai — diz a apresentadora, de olhos arregalados ao ler o teleprompter. — Se você acabou de ligar a TV, está acontecendo algo que literalmente não é deste mundo, pois naves de origem alienígena apareceram sobre Los Angeles, Washington...

— Começou — diz Sam, perplexo, olhando para mim em busca de orientação. — As naves de guerra estão descendo. Eles estão se posicionando.

Não sei o que responder. O vídeo pixelado de uma enorme nave mogadoriana saindo das nuvens no céu de Los Angeles aparece na tela. Tudo o que eu temia está acontecendo. A frota mogadoriana aproxima-se devagar de uma Terra lamentavelmente despreparada. É a repetição do que aconteceu em Lorien.

— Eu tentei lhes avisar — Sanderson diz para nós. — Já é tarde demais. Eles já venceram. Só nos resta a rendição.

CAPÍTULO

VINTE E DOIS

— CANSEI DE FAZER o que eles mandam. O que *qualquer* um deles manda.

Meus olhos se abrem de repente. Eu estava em um sono profundo, algo que não considerava possível em minha gigantesca cama mogadoriana com seus lençóis estranhos e escorregadios. Estou ficando mais acostumada à vida a bordo da *Anúbis* do que gostaria. Achei ter ouvido uma voz enquanto dormia, mas talvez tenha sido apenas minha imaginação ou um sonho. Sem querer correr nenhum risco, fico bem quieta e mantenho a respiração estável, como se ainda estivesse dormindo. Se houver algum invasor, não quero que saiba que estou acordada.

Após alguns segundos de silêncio preenchidos apenas pelo onipresente zumbido dos motores da nave de guerra, a voz volta a falar.

— Um lado nos larga neste planeta estranho e praticamente nos força a lutar para sobreviver. O outro fala de paz através do progresso, mas são só palavras bonitas que significam matar todos os que ficarem em seu caminho.

É Cinco. Está em algum lugar de meu quarto. Não consigo vê-lo na escuridão. Só ouço sua divagação resmungada. Nem sei se está falando comigo.

— Todos eles só queriam nos usar — sussurra Cinco. — Mas não vou deixar que façam mais isso. Não vou participar dessa guerra idiota.

Então ele se move, e enfim consigo distinguir sua silhueta. Está sentado na beirada de minha cama, com a pele da textura escura e lisa dos lençóis. Ele se mimetiza com perfeição a minhas cobertas, talvez porque as esteja tocando, usando sua Externa. Isso significa que seus Legados retornaram. Também significa que está muito esquisito, como um monstro que saiu de baixo da minha cama.

— Sei que você está acordada — diz Cinco sem virar a cabeça. — A nave começou a descer, não estamos mais em órbita. Se quiser ir embora, este é o momento.

Eu me sento de imediato na cama, mantendo as cobertas perto de mim. Por um segundo, considero carregar os lençóis com meu Dreynen e deixar Cinco sem poderes outra vez. Mas de que adiantaria? Decido não atacá-lo. Por enquanto.

— Achei que você estava do lado deles — digo. — Por que está me ajudando?

— Não estou do lado de ninguém. Cansei de tudo isto.

— Como assim *cansou*?

— Por um tempo, depois que meu Cêpan morreu, fiquei sozinho. Não foi tão ruim. Gostaria de viver assim de novo — diz Cinco. — Sabe quantas ilhazinhas existem nos oceanos? Vou escolher uma e ficar lá até tudo terminar. Não estou nem aí para quem ganha, desde que fiquem longe de mim.

— Covarde — respondo, balançando a cabeça. — Não vou para uma ilha deserta com você.

Cinco faz um som de desdém.

— Não convidei você, Ella. Vou sair desta nave e achei que gostaria de ir junto. Então nos separamos.

Considero a possibilidade de que isso seja um teste orquestrado por Setrákus Ra. Mas, lembrando-me do comportamento de Cinco mais cedo, decido me arriscar a acreditar nele. Saio da cama e calço meus chinelos mogadorianos de sola fina.

— Tudo bem, qual é seu plano?

Cinco se levanta e sua pele volta ao normal. Quando as luzes automáticas se acendem em meu quarto, enfim vejo seu rosto. Ele trocou o curativo do olho, então não está mais com a crosta de sangue, mas ainda não o curou. O outro olho brilha como se ele estivesse ansioso por se meter em confusão. Vê-lo me faz duvidar da decisão de me unir a ele.

— Vou abrir uma das câmaras pressurizadas e sair — diz Cinco, resumindo seu plano brilhante.

— Isso é ótimo para você, que *voa*. O que eu vou fazer?

Cinco enfia a mão no bolso de trás e me joga um objeto redondo. Pego a pedra e a seguro entre as mãos. Vejo que é um dos objetos da arca de John.

— Pedra Xitharis — explica Cinco. — Eu, hã, peguei emprestada de nossos amigos.

— Você roubou.

Ele dá de ombros.

— Eu a carreguei com meu Legado de voo. Use-a para fugir e salvar o mundo.

Escondo a pedra dentro do vestido, depois olho para Cinco.

— Então é isso? Acha que vamos simplesmente sair desta nave?

Cinco ergue a sobrancelha para mim. Noto que não está usando sapatos nem meias, talvez para que seus pés descalços fiquem em contato constante com o revestimento de metal da *Anúbis*. Além do mais, preso a seu antebraço há uma espécie de dispositivo que parece uma arma.

— Eles não vão conseguir me impedir — diz Cinco, com uma confiança sombria na voz. Não é bem inspirador, mas é minha maior esperança.

— Tudo bem, pode ir na frente.

A porta de meu quarto se abre para Cinco. Ele enfia a cabeça para fora, verificando se a barra está limpa. Quando se dá por satisfeito, sai às pressas para o corredor, chamando-me com um gesto silencioso. Percorremos o labirinto de corredores da *Anúbis* a passos rápidos.

— É só agir com naturalidade — diz Cinco, mantendo a voz baixa. — Ele sempre tem mensageiros nos observando. Mas eles também têm medo da gente. Você, em particular, deve ser tratada como realeza. Não vão interferir se não agirmos de forma suspeita. E, mesmo que achem que algo está errado, quando criarem coragem de contar ao Adorado Líder, já teremos ido...

Ele não para de falar. Isso demonstra que está nervoso. Sem pensar muito — porque se pensar, posso ficar com nojo demais — estendo a mão e pego a de Cinco.

— Acabamos de ficar noivos e só estamos nos conhecendo melhor — digo. — Desfrutando uma bela caminhada pelos corredores aconchegantes de uma nave de guerra imensa.

A mão de Cinco está suada e fria. Ele se sobressalta e faz menção de se afastar de mim em um instinto inicial de não ser tocado, mas após um instante se acalma e me deixa segurar sua mão de peixe morto.

— Noivos? — grunhe ele. — Ele quer que a gente se case?

— Foi o que Setrákus Ra disse.

— Ele diz muitas coisas. — O rosto de Cinco está corado, e a vermelhidão vai até seu couro cabeludo. Não sei se está envergonhado, furioso ou uma combinação dos dois. — Não concordei com isso. Você é uma *criança*.

— Hã, também não concordei, claro. Você é um assassino esquisito, nojento e...

— Cale a boca — sussurra Cinco, e por um segundo acho que o ofendi. Mas depois vejo que estamos passando pela entrada aberta da plataforma de observação.

É impossível não andar mais devagar quando passamos pela plataforma. A escuridão vazia do espaço com a qual me acostumei foi substituída pela familiar atmosfera azul da Terra. A *Anúbis* ainda está descendo, mas o contorno da civilização já é visível, com ruas contornando campos verdes e casinhas arranjadas em subúrbios perfeitos. Dezenas de mogadorianos se reuniram para observar a descida à Terra, e há uma energia entusiasmada no ar enquanto eles conversam em sussurros. Devem estar debatendo que pedaço de terra vão pilhar primeiro.

Cinco me guia pela curva seguinte e esbarra com dois guerreiros mogs que vinham correndo para a plataforma de observação. O mais próximo ergue o

canto da boca em um sorriso de desdém, observando-nos.

— O que estão fazendo? — pergunta o mog.

Em resposta, eu me empertigo, tentando parecer o mais régia possível. Encaro o mog curioso com um olhar frio. Seu sorriso desaparece na hora quando ele recupera a compostura — ou, o que é mais provável, lembra-se de que não sou apenas uma loriena, mas sangue do sangue de seu Adorado Líder — e olha para o chão. Ele começa a murmurar uma desculpa quando um som metálico o interrompe.

Uma lâmina semelhante a uma agulha sai do dispositivo de couro no antebraço de Cinco. Com muita rapidez, Cinco enfia a lâmina na testa do primeiro mog, transformando-o em cinzas. Os olhos do outro mog se arregalam de pânico e ele tenta fugir. Cinco abre um sorriso satisfeito. Antes que o mog sequer se afaste alguns passos, o braço livre de Cinco ganha uma consistência emborrachada e se estica atrás dele, puxando-o para que Cinco possa matá-lo com a lâmina.

Isso acontece em cerca de dez segundos.

— Deveríamos agir normalmente — digo em um sussurro alto, consciente de que não estamos longe da sala de observação.

Cinco me olha perplexo, quase como se não soubesse o que deu nele. Com cuidado, recoloca a lâmina na bainha.

— Eu perdi a calma, está bem? — Cinco esfrega o cabelo raspado de um jeito ansioso. — Agora não importa. Estamos quase lá.

Olho para o monstro desvairado à minha frente. Ele respira fundo algumas vezes, com os ombros trêmulos e os pulsos cerrados de agitação. Minutos antes, parecia quase frágil, tagarelando na escuridão de meu quarto. Ele está perdido, confuso — preciso lembrar a mim mesma de que assassinou Oito para esmagar a onda de compaixão que sinto por ele. Compaixão, sim, mas também medo. Ele perdeu a cabeça sem qualquer provocação, e pareceu quase feliz por matar aqueles mogs.

Esse traidor problemático, violento e covarde é minha única esperança real de sair da *Anúbis*.

Balanço a cabeça.

— Vamos — suspiro.

Cinco assente e corremos, desistindo da história de ficar de mãos dadas e simplesmente disparando em direção a nosso destino. Enquanto corremos, noto Cinco fechando e abrindo as mãos. Ambas estão vazias.

— Como fez aquilo com o braço? — pergunto, pensando nas bolas de borracha e aço que ele usava para mudar a pele na Sala de Aula. — Achei que você precisava estar tocando alguma coisa...

Cinco vira a cabeça para fixar o olho saudável em mim. Ele toca o curativo recente no rosto.

— Perder o olho criou novas, hã... possibilidades de armazenamento — diz ele.

— Eca — respondo, enojada ao imaginar a bola de borracha enfiada na cavidade ocular de Cinco. — Como o perdeu, afinal?

— Marina — responde ele com naturalidade, sem malícia na voz. — Eu mereci.

— Não duvido.

Fazemos a curva seguinte e saímos do corredor para o enorme convés de pouso. Vejo o céu azul límpido pelas escotilhas, e o sol se derrama sobre as dezenas de naves mogadorianas de reconhecimento pousadas no espaço amplo. Com exceção das naves, o convés está vazio. Os mecânicos e a tripulação devem estar na plataforma de observação, olhando o mundo que planejam conquistar.

Estamos quase lá.

— Espere — digo. — Se abrirmos a câmara seremos sugados na mesma hora?

— Agora estamos na atmosfera, não no espaço — diz Cinco em um tom impaciente. Ele se inclina sobre um console próximo, estudando a interface. — O vento vai ser forte. Você não vai amarelar, vai?

— Não — digo, observando o convés de pouso. — Acha que podemos explodir algumas dessas coisas? Talvez derrubar a *Anúbis* antes que consiga fazer alguma coisa?

Cinco volta-se para mim com uma expressão levemente impressionada.

— Você tem algum Legado explosivo?

— Não.

— Nem eu. Sabe fazer uma bomba?

— Hã, não.

— Então vamos ter que nos contentar em fugir — diz Cinco. Ele aperta um botão no console e uma grossa porta de metal se fecha com um baque atrás de nós. É a câmara pressurizada — forte o bastante para proteger a nave do vácuo do espaço. Ela nos separa do restante da nave.

— Isso vai atrasá-los — diz Cinco, referindo-se aos perseguidores que ainda não temos.

— Bem pensado — admito ao olhar pela pequena janela da câmara, esperando ver mogs nos perseguindo a qualquer momento.

Cinco aperta mais algumas teclas e, com um chiado hidráulico e uma rajada de ar frio, as portas do convés de pouso na outra extremidade se abrem. O vento me puxa e solto um profundo suspiro de alívio. Enfio a mão no vestido e pego a

pedra Xitharis, segurando-a com força. Devagar, vou até o convés aberto, perguntando-me como vai ser me jogar no céu azul aberto. Muito melhor que a vida na *Anúbis*, sem dúvida.

— Então é só segurar a pedra e voar? — pergunto, olhando Cinco por cima do ombro.

— Teoricamente é isso — responde ele. — Imagine seu corpo leve como uma pluma, flutuando. Pelo menos foi assim que aprendi a usar meu Legado.

Olho o espaço aberto, onde o céu sem nuvens me espera.

— E se não funcionar?

Cinco se aproxima de mim com um suspiro.

— Venha. Nós vamos juntos.

— Vocês não vão a lugar nenhum.

Setrákus Ra sai do espaço entre duas naves. Não sei se estava ali o tempo todo nos esperando ou se acabou de se teleportar de alguma forma para a sala. De um jeito ou de outro, não importa. Fomos pegos. Ainda em sua forma humana, Setrákus Ra fica entre nós e o convés aberto, e o vento sopra com delicadeza seu cabelo castanho perfeito, balançando a lapela de seu terno. Com uma das mãos, ele segura seu bastão dourado — o Olho de Thaloc.

Cinco coloca a mão em meu ombro e tenta me empurrar para trás de si. Eu me desvencilho. Ficamos diante de Setrákus Ra, lado a lado.

— Saia da frente, velho — diz Cinco, quase rosnando. Ele está tentando parecer durão, mas mal consegue encarar o líder mogadoriano.

— Não — responde Setrákus Ra com a voz cheia de desprezo e decepção. — Esperava esse tipo de comportamento de você, Ella. Faz pouco que se juntou a nós e levará um tempo para desfazer a lavagem cerebral pela qual passou nas mãos da Garde. Mas Cinco, meu garoto, depois de tudo o que fiz por você...

— Cale a boca — diz Cinco em voz baixa, quase suplicando. — Você fala, fala e fala, mas nunca diz a verdade!

— Minha verdade é a única — retruca Setrákus Ra. — Você será punido por sua insolência.

Cinco ainda não consegue se forçar a encarar Setrákus Ra, mas seus ombros sobem e descem com rapidez, como aconteceu no corredor com os guerreiros mogs. Dentro de seu peito, um rumor baixo começa a se formar. Lembra uma chaleira levantando fervura. Dou um passo sutil para o lado, temendo que Cinco exploda.

— Chega dessa bobagem, crianças — diz Setrákus Ra, mas essa repreensão é parcialmente abafada pelo grito furioso de Cinco.

E então ele muda.

A princípio, seus pés descalços fazem um som suave sobre o convés de

metal. Mas quando ele se aproxima de Setrákus Ra seus passos se tornam metal retinindo contra metal, graças à Externa. Setrákus Ra limita-se a erguer a sobrancelha para Cinco, nem um pouco impressionado ou intimidado.

Não fico parada olhando. Enquanto Cinco ataca, corro até um dos carrinhos de ferramentas próximos. Se conseguir pegar uma chave inglesa ou qualquer outro objeto para carregar com o Dreynen, talvez possa fazer o mesmo que na lição de ontem. Só que desta vez meu alvo será Setrákus Ra.

Esse plano, assim como o que quer que Cinco pretendesse, vai por água abaixo quando Setrákus Ra balança o braço de um lado para o outro. Uma onda de força telecinética explode sobre nós, derrubando-me e jogando as ferramentas para a parede distante. A telecinesia dele é tão poderosa que algumas das naves até oscilam, os amortecedores raspam e rangem.

Caio de lado e, no mesmo instante, rolo para me reorientar. Cinco também foi jogado no ar, mas usou o Legado de voo para se estabilizar. Ele flutua a apenas alguns metros de Setrákus Ra. Sua pele não tem mais o tom cinza opaco do chão do convés de pouso. Mudou para um cromo cintilante, como o da esfera de aço que sei que carrega consigo. Então também deve estar enfiada em sua cavidade ocular.

— Pare agora — avisa Setrákus Ra, mas Cinco já não está mais ouvindo.

Ele avança na direção de Setrákus Ra, dando grandes socos com a intenção de esmagar seu belo rosto humano. Setrákus Ra desvia os golpes com facilidade usando o bastão, embora a fúria animalesca de Cinco baste para empurrá-lo para as portas do convés.

A luta entre os dois deixa meu caminho livre. Que esses dois malucos briguem. Tudo o que preciso fazer é correr, mergulhar no céu azul e torcer para que a pedra Xitharis faça o que Cinco falou.

Quando começo a me mover, noto os olhos de Setrákus Ra reluzirem. Sinto um campo de energia invisível passar por mim, quase como se a pressão do ambiente tivesse mudado. Quando está dando um soco, a pele de Cinco volta ao normal. Seu punho bate contra o bastão erguido de Setrákus Ra. No mesmo instante, ele cai do ar com um grito.

É como na base de Dulce. Setrákus Ra criou algum tipo de campo que anula Legados. Ele é um Aeternus como eu, e agora sei que Setrákus Ra e eu também compartilhamos o Dreynen. Sua técnica é diferente de qualquer coisa que já consegui aprender. É como se ele carregasse as moléculas do ar a seu redor, criando uma área onde Legados são inúteis.

Só que não funciona comigo. Ainda sinto o Dreynen espreitando dentro de mim, e sei que poderia usar o Aeternus se quisesse. De alguma forma, sou imune à versão do Dreynen de Setrákus Ra. É porque somos parentes? Ou um de meus

Legados é a imunidade a Setrákus Ra? Ele disse todas aquelas bobagens sobre nossos Legados serem aleatórios e Lorien não passar de caos. Mas e se estiver errado e meus Legados tiverem sido escolhidos com o objetivo específico de destruí-lo? E, sobretudo, será que Setrákus Ra sabe que seu poder não me afeta?

Nesse momento, Setrákus Ra não presta a mínima atenção a mim. Está concentrado em Cinco. Sei que deveria sair correndo, mas me vejo paralisada. Mesmo depois de tudo o que ele fez, serei capaz de deixá-lo para trás?

Cinco está de joelhos diante de Setrákus Ra, segurando a mão machucada junto à barriga. A forma humana pouco imponente de Setrákus Ra cresceu alguns centímetros — agora ele está mais alto e largo, inflado de um jeito meio grotesco. Ele se abaixa e segura a cabeça de Cinco com a mão anormalmente grande.

— Você só precisava seguir ordens — diz Setrákus Ra, furioso. Ele puxa a cabeça de Cinco para trás de forma que ele só possa olhar para seu rosto. — Podíamos ter entrado juntos no Santuário se você tivesse me trazido aquele maldito pingente. E agora, isso... você se *atreve* a erguer a mão contra seu Adorado Líder. Você me dá nojo, menino.

Não sei o que Setrákus Ra quer dizer com *Santuário*, mas guardo a palavra. Também dou um passo em direção a ele e Cinco, ainda dividida entre fugir e ajudar, e sem ter certeza do que posso fazer contra o regente mogadoriano.

A cabeça de Cinco está virada em um ângulo estranho, então ele só pode murmurar em resposta ao discurso irado de Setrákus Ra.

— Eu devia saber que nenhum membro da Garde podia realmente ser salvo — continua Setrákus Ra. — Você é meu maior fracasso, Cinco. Mas será o último.

Cinco grita quando a mão de Setrákus Ra aperta seu crânio com mais força. Ao perceber que ele vai esmagar a cabeça de Cinco, meu estômago se embrulha. Não posso deixar isso acontecer.

Com toda a força telecinética que consigo reunir, empurro Setrákus Ra para as portas do convés de pouso.

Ele arregala os olhos de surpresa quando cambaleia para trás. O vento puxa seu terno sofisticado que foi destruído por causa do crescimento desumano. Setrákus Ra solta a cabeça de Cinco, arrancando pele do couro cabeludo com as unhas. Ele consegue parar antes que eu o empurre da *Anúbis*, e sinto sua telecinesia lutar contra a minha.

— Ella, como... — pergunta, ao mesmo tempo surpreso e frustrado.

Mas Cinco investe contra ele, com a lâmina do antebraço estendida.

— Morra! — urra Cinco. Setrákus Ra tenta chegar para o lado, mas não consegue se esquivar por completo. A lâmina penetra em seu ombro.

Eu grito quando sou atingida por uma pontada terrível de dor.

Um buraco se abre em meu ombro e começa a escorrer sangue quente. Cambaleio até uma das naves próximas, apertando o ferimento, tentando estancar a hemorragia com os dedos.

Cinco se afasta de Setrákus Ra com os olhos arregalados. O mogadoriano parece ileso. Setrákus Ra sorri quando Cinco se vira para me olhar. Estou ferida exatamente onde ele deveria ter apunhalado Setrákus Ra.

— Olhe o que você fez — repreende Setrákus Ra.

É o encantamento mogadoriano, percebo, embora esteja prestes a desmaiar. Qualquer dano causado a Setrákus Ra é, na verdade, causado a mim.

Cinco olha horrorizado para o que fez. Antes que possa reagir, Setrákus Ra o pega pela garganta e bate a cabeça dele com força no casco da nave mais próxima. Ele faz isso várias vezes até o corpo de Cinco ficar inerte.

Depois, de forma insensível, Setrákus Ra joga o corpo inconsciente pelas portas abertas da *Anúbis*. Tento pegar Cinco com a telecinesia, mas estou fraca demais. Seu corpo mergulha e some de vista, em direção à Terra lá embaixo.

Caio no chão com sangue vazando por entre os dedos. Perdi todas as forças. Não vou fugir da *Anúbis* hoje. Meu avô venceu.

Setrákus Ra para diante de mim, outra vez na forma humana normal, embora seu terno esteja destruído. Ele balança a cabeça, sorrindo como um professor decepcionado.

— Venha, Ella — diz ele. — Devemos deixar isso para trás.

Mostro a ele a mão coberta de sangue.

— Por quê? Por que fez isso comigo?

— Era a única forma de lhe ensinar que o Progresso Mogadoriano é mais importante até do que sua própria vida — responde ele. Setrákus Ra me toma nos braços. Quando começo a perder a consciência, ele sussurra com delicadeza. — Você não vai mais desobedecer ao Adorado Líder, vai?

CAPÍTULO

VINTE E TRÊS

O PLANO DE voo de Adam é nos levar pela costa do Atlântico até a Flórida, depois voltar para oeste cruzando o Golfo e enfim chegar à extremidade sudeste do México. Com o Escumador voando à velocidade máxima e mantendo-se baixo o suficiente para evitar qualquer outra aeronave, a viagem deve levar cerca de quatro horas.

O percurso é passado praticamente em silêncio. Eu me recosto em meu assento e observo a costa sob nós. Adam não fala muito; mantém os olhos à frente, ajustando o curso às vezes, quando o sistema detecta outra aeronave. Dust cochila no chão a seus pés. Quanto a Marina, continua rígida como sempre. Seu medo de voar não diminui com um mogadoriano no controle.

— Sabe, você pode descansar por algumas horas — sugere Adam, enfim, em tom cauteloso. Eu já estava quase dormindo, então ele deve estar falando com Marina. Ela senta-se com as costas retas, irradiando um frio leve. Deve estar no limiar do campo de visão dele.

Marina parece pensar no assunto por um instante, depois se inclina para a frente, e sua cabeça quase toca o ombro de Adam. Ele ergue uma das sobrancelhas, mas mantém as mãos nos controles.

— A última viagem que Seis e eu fizemos para o sul foi há menos de uma semana — diz Marina em tom controlado. — Descobrimos tarde demais que um traidor viajava conosco. Acabei apunhalando-o no olho. Fui misericordiosa.

— Eu sei o que aconteceu na Flórida — diz Adam. — Por que está me contando isso?

— Porque quero que saiba o que vai acontecer se você nos trair — responde Marina, recostando-se. — E não me diga para *descansar*.

Adam me olha em busca de ajuda, mas dou de ombros e viro as costas. Marina ainda está decidindo quão zangada quer ficar, e não vou atrapalhá-la. Além do mais, não acho que amedrontar um pouco nosso companheiro mogadoriano seja tão ruim assim.

Imagino que vai deixar a conversa morrer, mas depois de um tempo Adam fala.

— Ontem, peguei pela primeira vez uma espada que estava em minha família havia gerações. Nunca tive permissão para tocá-la, apenas para admirar de longe. Pertencia a meu pai, o general Andrakkus Sutekh. Ele estava lutando contra o Número Quatro, John. Cravei a espada nas costas de meu pai e o matei.

Adam fala sem emoção, como se estivesse lendo as notícias. Olho para ele, perplexa, depois olho para Marina por cima do ombro. Ela está com os olhos baixos, perdida em pensamentos. Quando o frio que irradia dela começa a diminuir, Dust se levanta e se enrola a seu lado. O lobo apoia a cabeça no colo de Marina.

— Que história legal — digo a Adam quando fica bem claro que alguém precisa quebrar o silêncio. — Nunca conheci ninguém que andasse com uma espada.

— *Legal* — repete Adam, franzindo a testa. — O que estou tentando dizer é que vocês não precisam duvidar de minha lealdade.

— Sinto muito por ter precisado fazer isso com seu pai — diz Marina após um momento. — Eu não sabia.

— Eu não sinto — responde Adam em um tom brusco. — Mas obrigado.

Para quebrar a tensão, começo a mexer nos controles do console do Escumador.

— Esse negócio tem rádio ou não? Vamos ficar contando histórias de morte o caminho inteiro?

Depois que toco os controles, Adam os reajusta com rapidez. Acho que o pego sorrindo, talvez aliviado pelo fim das ameaças de morte.

— Não tem rádio — diz ele. — Posso cantarolar alguns clássicos mogadorianos se você quiser.

— Ai, eca — respondo, e Marina solta uma risadinha no banco de trás.

Percebo que Adam está me olhando de um jeito estranho, com o rosto anguloso mais aberto que nunca, sem aquele estoicismo defensivo sempre presente em sua expressão. Por um momento, parece quase confortável aqui em cima com duas de suas inimigas mortais.

— O que foi? — pergunto, e ele desvia os olhos às pressas.

Noto que sua mente estava distante.

— Nada — diz ele, quase melancólico. — Por um segundo você lembrou alguém que eu conhecia.

O restante do voo é tranquilo. Consigo adormecer uma ou duas vezes, mas nunca por muito tempo. Com Dust aninhado a si, parece que Marina enfim consegue relaxar. Adam não cantarola clássicos mogadorianos.

Estamos sobrevoando a floresta tropical de Campeche, México, a apenas mais uma hora de distância do Santuário lórico supostamente escondido em meio às ruínas de uma antiga cidade maia, quando uma luz vermelha de alerta começa a piscar no para-brisa do Escumador. Só a percebo quando Adam fica tenso.

— Droga — diz ele, e começa a ligar chaves no painel de controle.

— O que foi?

— Estamos na mira de alguém.

As câmeras do Escumador mandam imagens para nossa tela. Imagens da parte de baixo e da traseira da nave aparecem. Não vejo nada além de um céu azul sem nuvens e das densas copas da floresta abaixo de nós.

— Onde? — pergunta Marina, esforçando-se para enxergar ao olhar pela janela.

— Ali — diz Adam, apontando para a tela. Nela, uma nave de reconhecimento mogadoriana igual à nossa sobe devagar em nossa direção. Seu teto está pintado em tons de verde, para se camuflar à floresta de onde saiu.

— Podemos escapar dela? — pergunta Marina.

— Posso tentar — responde Adam, puxando para baixo a alavanca e dando mais potência ao Escumador.

— Ou podemos apenas derrubá-la — sugiro.

Quando ganhamos um pouco mais de velocidade, surgem mais três luzes vermelhas piscantes. Há mais deles. Dois Escumadores idênticos erguem-se da selva bem à nossa frente, e outro ao lado. O primeiro ainda está na retaguarda. Cercado, Adam não tem escolha a não ser parar. Os outros Escumadores nos rodeiam.

— Eles também têm armas, não é? — pergunta Marina.

— Têm — responde Adam. — Estamos em clara desvantagem.

— Não exatamente — digo, e concentro-me no céu lá fora. O que era um céu limpo há um instante começa a escurecer aos poucos, graças às nuvens que se formam a meu sinal.

— Calma — avisa Adam. — Não devemos deixá-los perceber que vocês estão a bordo.

— Tem certeza de que não vão nos derrubar?

— Noventa por cento — diz Adam.

Libero a tempestade que estava formando, deixando as nuvens deslizarem pelo céu em seu curso natural. Um segundo depois, ouvimos um bipe agudo vindo de nosso painel.

— Eles estão nos saudando — diz Adam. — Querem conversar.

Outro plano me ocorreu, algo que não envolve uma batalha aérea com poucas chances de vitória.

— Você falou que é filho de um general, não é? — digo a Adam. — Então não pode, tipo, usar sua influência ou coisa assim?

Enquanto Adam considera isso, o comunicador do painel apita de novo.

— Aviso que não sou muito popular entre meu povo — diz ele. — Talvez não me ouçam.

— Bem, é um risco — admito. — Na pior das hipóteses, eles o prendem, não é?

Adam faz uma careta.

— É.

— Então deixe que nos levem para onde estamos indo. Não se preocupe. Vamos resgatar você.

— Hã, você precisa fazer *alguma coisa* — diz Marina, indicando o para-brisa. A nave à nossa frente, impaciente ou desconfiada, apontou para nós a arma giratória.

— Tudo bem, fiquem invisíveis — diz Adam. Seguro a mão de Marina atrás de mim, fazendo-nos desaparecer. Vendo isso, Dust vira um minúsculo rato cinzento e corre para baixo do banco de Adam.

O mog aperta um botão no console e um vídeo aparece na tela. Um mensageiro mogadoriano horroroso, com olhos vazios muito juntos e dentes curtos e pontiagudos encara Adam com uma expressão irritada. Ele vocifera alguma coisa no áspero mogadoriano.

— O protocolo de imersão exige que falemos apenas inglês enquanto estivermos na Terra, seu cretino nascido artificialmente — responde Adam com frieza. Ele se enrijece na cadeira, de repente tão régio que sinto até vontade de estapeá-lo. — Você está se dirigindo a Adamus Sutekh, filho legítimo do general Andrakkus Sutekh. Estou em uma missão urgente para meu pai. Leve-me ao sítio mogadoriano imediatamente.

Tenho que tirar o chapéu para Adam, ele é um excelente mentiroso. A expressão do mensageiro vai de aborrecimento a confusão e, enfim, passa a medo evidente.

— Sim, senhor, agora mesmo — responde o mensageiro, e Adam corta a comunicação no mesmo instante. Um por um, os Escumadores desfazem o círculo no qual tinham nos prendido e nos deixam voltar a nosso curso.

— Funcionou — diz Marina, parecendo meio perplexa ao largar minha mão.

— Por enquanto — responde Adam, franzindo as sobrancelhas, não muito seguro. — Ele era de baixo escalão. Quem estiver no comando não vai cair tão fácil.

— Você não pode dizer que seu pai o mandou aqui para checar o progresso deles? — pergunto.

— Presumindo que não saibam que traí nosso povo e que meu pai basicamente me sentenciou à morte? É, pode dar certo.

— Só precisa distraí-los por um tempinho — digo. — Apenas o bastante para Marina e eu darmos um jeito de entrar no Santuário.

— Ali está — diz Marina, olhando pela janela quando o Escumador começa

a descer para Calakmul.

Lá embaixo, há diversos prédios antigos pequenos, todos construídos com um calcário que vem se erodindo há séculos enquanto a selva se insinua para reivindicar a área. Meus olhos são atraídos para o imenso templo em forma de pirâmide que eleva-se sobre todos os outros; construído em uma colina baixa, o templo é feito de blocos, coberto de ruínas de escadas íngremes esculpidas na pedra. Não consigo distinguir bem a distância, mas parece haver algum tipo de porta no topo da pirâmide.

— Quer apostar quanto que precisamos subir aquela coisa? — digo.

— É o Santuário — responde Marina. — Tenho certeza.

— Meu povo também, pelo visto — diz Adam.

Os mogadorianos derrubaram a vegetação ao redor do Santuário em um círculo perfeito. Todas as árvores foram cortadas e uma frota inteira de naves de reconhecimento mogadorianas está pousada no solo exposto. Além das dezenas de Escumadores, vejo diversas barracas onde os mogs devem estar acampados. Há também pesados lança-mísseis e armas giratórias, todos apontados para o templo, e mesmo assim a estrutura parece intocada. Por mais estranho que pareça, na base e nas laterais do templo ainda existem árvores e trepadeiras, abandonadas há anos. Fazem contraste com a organização severa do perímetro mogadoriano, onde tudo o que é natural foi eliminado.

— É como se algo os tivesse impedido de se aproximar demais — diz Marina, notando o mesmo que eu.

— Malcolm disse que apenas a Garde podia entrar — respondo.

Nossa escolta de naves mogs desce para a pista de pouso improvisada e Adam aterrissa a alguns metros deles. Vemos o Santuário a distância. A única coisa que nos separa do templo lórico é uma faixa de terra desmatada e um pequeno exército de mogadorianos, muitos dos quais começaram a se reunir no campo de pouso, armados.

— Que comitê de boas-vindas — digo, olhando para Adam. Pelo monitor, ele observa a aglomeração, engole em seco e solta o cinto do assento do piloto.

— Tudo bem. Vou na frente. Darei um jeito de afastá-los. Entrem no Santuário.

— Não estou gostando disso — diz Marina. — Eles são muitos.

— Vou ficar bem — diz Adam. — Entrem e façam o que têm que fazer.

Ao dizer isso, Adam abre o cockpit e salta para a fuselagem do Escumador. Cerca de trinta mogadorianos o esperam, e mais vêm das barracas. Marina e eu nos abaixamos. Minha mão está próxima à dela para o caso de precisarmos ficar invisíveis.

— Quem está no comando aqui? — grita Adam, empertigado e rígido, outra

vez com ares de nascido naturalmente.

Uma guerreira alta de sobretudo preto sem mangas dá um passo à frente. Ela usa duas tranças grossas que começam nas laterais da cabeça e enrolam-se sobre ela, envolvendo as tradicionais tatuagens mogadorianas do couro cabeludo. Suas mãos estão cobertas por bandagens brancas empoeiradas, como se tivessem sido feridas ou queimadas há pouco tempo.

— Sou Phiri Dun-Ra, filha legítima do honrado Magoth Dun-Ra — grita a guerreira para Adam. Sua postura é quase tão imponente e rígida quanto a dele. — Por que veio até aqui, Sutekh?

Adam pula de nossa nave, jogando a cabeça para tirar o cabelo dos olhos.

— Ordens do próprio Adorado Líder. Devo inspecionar este sítio e preparar o local para a chegada dele.

Um tremor percorre a multidão quando Adam menciona Setrákus Ra. Muitos mogs trocam olhares nervosos. Mas Phiri Dun-Ra parece confusa. Ela se aproxima, deixando sua arma pender de seu quadril. Sinto um nó no estômago ao vê-la. Seus movimentos predatórios, o brilho de seu olhos, como se pudesse causar problemas a qualquer momento. Ela é muito mais perspicaz que outros guerreiros mogs que já encontrei.

— Ah, o Adorado Líder. Claro — diz Phiri. Ela aponta para o templo a distância. — O que gostaria de ver primeiro, senhor?

Adam dá um passo em direção ao acampamento mog e faz menção de falar. Suavemente, sem aviso, Phiri ergue a arma e atinge sua boca com o cabo. Quando ele cai no chão, todos os outros mogadorianos apontam as armas ao mesmo tempo.

— Que tal uma cela, traidor? — diz Phiri, quase rosnando, parada diante de Adam com a arma apontada para seu rosto.

CAPÍTULO

VINTE E QUATRO

ESTENDO A MÃO para Marina e ela a agarra na hora. Invisíveis, saímos da nave com cuidado, sincronizando nossos movimentos. Atrás de nós, ouço asas batendo de repente. Dust levanta voo na forma de um pássaro tropical com asas salpicadas de cinza. Nenhum dos mogs o vê sair do cockpit ou nos ouve pular para o chão.

Estão distraídos com a cena que Phiri Dun-Ra e Adam estão fazendo.

— Conheço seu pai, Sutekh — diz Phiri, projetando a voz para que todos os mogs reunidos em volta deles escutem. — É um desgraçado, mas ao menos é nobre. Ele acredita no Progresso Mogadoriano.

Não consigo ouvir a resposta de Adam, se é que ele bolou alguma, porque sua voz é abafada pelo murmúrio de concordância que os outros mogs emitem. Vejo-o de relance por entre a multidão — está caído aos pés de Phiri, arrastando-se na sujeira, tentando ficar de pé, mas ainda deve estar vendo estrelas.

— Na verdade, foi seu pai quem me deu esta missão — continua Phiri. — Eu era responsável pela equipe que deixou a Garde escapar do forte de West Virgínia. A punição era a morte ou a viagem para cá. Como você pode ver, não tive muita escolha. Sabe, se falharmos, todos seremos executados, de um jeito ou de outro. A única chance de continuarmos vivos é entregar o *Santuário*.

Ao dizer *Santuário*, as mãos enfaixadas de Phiri indicam o templo de forma dramática e exagerada. Paro por um momento para ouvir o que mais ela tem a dizer.

— Não se passa um dia sem que eu me pergunte se tomei a decisão errada. Talvez uma morte rápida tivesse sido melhor. Sabe, Sutekh, todos nós fomos enviados para cá como punição — explica Phiri.

Parece que ela não está falando apenas com Adam, mas também tentando animar suas tropas. Talvez o moral fique abalado na selva.

— Fomos enviados a este lugar no meio do nada para derrubar o escudo impenetrável que cerca sabe-se lá que espólios os lorienos escondem lá dentro. Para todos nós, é a última chance de impressionar o Adorado Líder. É o lugar perfeito para um traidor como você.

Phiri se agacha diante de Adam.

— Então, me diga: você sabe o segredo do Santuário? Veio aqui para enfim se redimir?

— Sei, sim — responde Adam, grogue. — Se for um campo de força, tente

se jogar nele.

Phiri chega a rir da tirada de Adam. E é essa risada que me põe em movimento novamente — tem um ar de ameaça, como se o showzinho estivesse prestes a terminar. Ou seja, precisávamos correr.

Puxo Marina e passamos por trás dos mogadorianos. Adam criou uma distração e tanto — se seguíssemos o plano, entraríamos no perímetro do Santuário com facilidade. Mas não estou disposta a abandonar Adam, e também não acho que Marina esteja. Em vez de irmos para o templo, corremos até um dos canhões giratórios que os mogs têm usado para atirar em vão contra a força que protege o Santuário.

— Jogar-me nele — repete Phiri, com o riso perdendo a força. — Não é uma má ideia, Sutekh. Que tal você ir na frente?

Pelo canto do olho, noto Phiri fazer um sinal para dois guerreiros a seu comando. Eles se aproximam com rapidez e obrigam Adam a se levantar. Seguindo Phiri, os mogs arrastam Adam para a linha invisível que divide a parte de selva desmatada pelos mogadorianos da porção intocada que cerca o templo.

— Tentamos de tudo para entrar no Santuário, menos um bombardeio atômico — diz Phiri em tom casual. — Dizem que o Adorado Líder conhece um jeito de entrar. Envolve a Garde e seus pingentinhos. Como você sabe, eles se provaram... evasivos. Mas se acredita no Grande Livro, e eu acredito, sabe que nada pode interromper o Progresso Mogadoriano. Ou seja, esse maldito campo de força vai se desfazer. Vou destruir toda e qualquer magia lórica que estiver nos afastando, em nome do Adorado Líder.

— Então por que não conseguiu ainda? — retruca Adam. — Se nada pode interromper o Progresso Mogadoriano, por que você não está fazendo progresso algum?

— Talvez por nunca ter tido o rosto bonito de um garoto nascido naturalmente para usar como aríete.

Marina e eu chegamos ao canhão mais próximo e subimos os degraus na parte de trás. A coisa parece uma britadeira sobre uma base. Sobre o cano, há um painel de vidro com uma mira ao centro. Para girar a arma, há dois cabos com gatilhos que parecem freios de bicicleta.

— Você vai conseguir disparar essa coisa? — sussurro para Marina.

— Mirar, apertar, atirar — sussurra ela em resposta. — É bem intuitivo, Seis.

— Tudo bem — respondo. — Espere um pouco.

O canhão giratório precisa ser operado com as duas mãos. Embora todos os mogs estejam de costas para nós, não quero ficar visível e correr o risco de algum deles olhar para trás e estragar nossa emboscada. Com cuidado, toco a nuca de Marina antes de soltar sua mão. Assim, ela consegue operar o canhão

enquanto continuamos invisíveis. Devagar, Marina começa a mover o canhão giratório, apontando-o para os mogs. O aparelho precisa de lubrificação — solta um gemido metálico ao ser movido. Agito a mão livre no ar e convoco uma forte rajada de vento para disfarçar o barulho.

— Vou dar uma demonstração do que o aguarda — diz Phiri. Adam está diante da barreira invisível, e seus capangas o forçam a ficar de joelhos. Ela desfaz o curativo de uma das mãos, revelando a pele terrivelmente queimada. — É isso o que o escudo lórico faz quando esbarramos nele por acidente.

— Você deveria ser mais cuidadosa — responde Adam.

Phiri assente e os dois guerreiros forçam Adam a se curvar, segurando seu braço e o aproximando do campo de força.

Phiri olha para Adam.

— Existem rumores sobre você, Sutekh. Dizem que agora é parte da Garde. Talvez seja tudo de que precisamos para entrar no Santuário. Talvez uma aberração como você cause um curto-circuito no campo de força e hoje seja o dia em que entraremos no Santuário em nome do Adorado Líder.

— De um jeito ou de outro, hoje é seu último dia no Santuário — responde Adam, entredentes. — Prometo.

As palavras de Adam fazem Phiri hesitar. Ela olha para nossa nave, percebendo subitamente que talvez Adam não tenha vindo sozinho. É tarde demais.

Marina aponta o canhão para a multidão de mogs.

— Pronta? — pergunta ela.

— Fogo neles.

As mãos invisíveis de Marina apertam os gatilhos. O canhão ruge com tanta força que quase sou jogada para trás. Consigo me segurar em Marina para não deixá-la visível. Os mogs mais próximos de nós mal conseguem se virar para ver o que está acontecendo antes de as colunas reluzentes de fogo atingirem suas costas, transformando-os em cinza na hora.

Assim que Marina abre fogo, Dust desce gritando do céu. Agora na forma de um falcão-cinzento, o Chimæra usa as garras para arranhar o rosto de um dos guerreiros que segura Adam.

Os mogs se assustam e correm. Estão totalmente confusos — devem achar que o canhão foi possuído por um fantasma. Phiri Dun-Ra consegue manter a calma e dar alguns tiros, que batem no painel de vidro do canhão e são desviados, mas também corre. Marina continua a disparar contra os mogs, embora tome cuidado para não atingir a área ao redor de Adam.

Como Dust derrubou um dos guerreiros, Adam dá uma cotovelada na barriga de seu segundo captor. Quando ele se curva para a frente, Adam o empurra sobre

a fronteira invisível do Santuário. Com um clarão de energia fria e azul, o escudo que cerca o templo se revela — é como uma teia elétrica gigantesca em forma de domo. Ao encostar no campo de força, o mog pega fogo, como se fosse um palito de fósforo. Quando o escudo some outra vez, seu corpo deixa uma camada de cinzas que flutua no ar até ser soprada por uma leve rajada de vento.

Livre de seus captores, Adam se joga no chão. No mesmo instante, Marina vira o canhão e derruba os mogs aglomerados a seu redor. Alguns, incluindo Phiri Dun-Ra, conseguem alcançar uma das naves pousadas para se proteger. Mesmo que não consigam nos ver, atiram contra o canhão giratório. Logo ele começa a soltar fumaça e chacoalhar.

— Está superaquecendo! — grito. — Pule!

Marina e eu mergulhamos em direções opostas quando o canhão explode em uma nuvem de fumaça preta acre. Agora podemos ser vistas e não temos nenhuma cobertura.

Antes que os mogs sobreviventes se preparem para nos atacar, Adam dá um soco no chão. Um tremor se espalha na direção deles e os derruba. Aproveito e rolo para baixo de uma das naves, já canalizando meu Legado para chamar uma tempestade.

O céu escurece e começa a chover. Aqui na floresta, é fácil criar esse tipo de clima, mas levo alguns segundos para criar um raio, e temo não ser rápida o bastante. Phiri e suas tropas já estão com as armas apontadas em minha direção, atingindo a terra molhada à minha frente.

É quando uma pedra de granizo do tamanho de um punho atinge Phiri bem na cabeça careca. Ela cai para trás, protegendo-se.

Vejo que Marina se esconde atrás de uma pilha de engradados. Está concentrada nos pingos de chuva, transformando-os em gelo e nocauteando os mogs com granizo. Sinto a tempestade que se forma acima atingir um ponto crítico e libero-a com um raio. Phiri consegue se jogar para o lado no último segundo, mas seus últimos dois guerreiros são eletrocutados e transformados em pó.

Então, para minha surpresa, Phiri Dun-Ra foge. Sem sequer olhar para trás, a mog nascida naturalmente corre selva adentro.

Adam se levanta. Seus lábios estão cortados onde Phiri os atingiu, o sangue escorrendo pelo queixo. Fora isso, parece ileso e alerta. Ele vai atrás de Phiri, e escorrega na lama marrom-avermelhada que minha tempestade criou. Ela some de vista antes que Adam consiga ir muito longe. Ele para a alguns metros de mim.

— Deixe-a ir — digo a ele, terminando a tempestade que formei.

— Não é melhor tentarmos alcançá-la? — pergunta Adam, cuspindo sangue

na terra.

Seus olhos esquadrinham as ruínas ao redor e o limite da floresta, e percebo que ele queria uma luta justa contra outro nascido naturalmente. Dust, outra vez em forma de lobo, chega e se senta ao lado de Adam, lambendo sua mão com delicadeza. Ele olha para mim.

— Aliás, obrigado por me salvar.

— É, a ideia de distraí-los foi minha. Era minha obrigação não deixar você morrer.

— Que bom que você pensa assim, fico feliz — responde Adam, observando as ruínas que cercam o Santuário. — É melhor irmos atrás dela. Ela é perigosa.

— Esqueça essa Phiri não sei de quê — digo, dando as costas à floresta e olhando o templo à nossa espera.

— Temos coisas mais importantes para fazer do que perseguir uma mog — comenta Marina quando se junta a nós. — Por mais detestável que ela seja.

Assinto, concordando.

— Ela está sozinha lá. Talvez algum bicho a coma. Vamos deixar Dust aqui para ficar de olho nas naves caso ela tente voltar.

Adam continua a olhar a selva. Após um momento, finalmente desiste de ir atrás dela.

— Tudo bem. Vou ficar de olho em tudo aqui enquanto vocês entram.

Troco um olhar mais demorado com Marina para ter certeza de que ela não se opõe ao que vou dizer em seguida. Ela dá de ombros, andando até nossa nave para começar a descarregar. Eu me viro para Adam.

— Não quer nem *tentar* entrar conosco? — pergunto.

Adam me encara.

— Está falando sério? Viu o que o contato com aquele campo de força fez com a Phiri Dun-Ra?

— Posso curar você se isso acontecer — oferece Marina por cima do ombro.

— Não estou entendendo — diz Adam.

Ele se vira para olhar o tempo, as mãos nos quadris. Parece nervoso.

— Por que querem que eu entre? É um lugar lórico.

— Como a louca da Phiri disse, agora você é parte da Garde — explico. — Não é lorieno, mas tem Legados.

— Eu tenho um Legado — esclarece Adam. — E nem era meu, para começo de conversa. Eu... eu nem sei se deveria tê-lo.

— Não importa. Se entendi direito o que Malcolm nos contou, e existe uma boa chance de não ter entendido, há uma parte viva de Lorien dentro do templo. É de lá que vêm nossos Legados. Significa que você está conectado a ele, assim como nós.

— Tudo isso aconteceu por uma razão — diz Marina, subindo no casco de nossa nave.

Ela olha para nós pensativa, os traços do rosto contraídos.

— Vejam as profecias de Oito.

Adam não parece convencido. Ele engole em seco.

— Não sabemos o que nos aguarda lá nem o que esperar. Podemos precisar de você. Então é melhor arranjar coragem.

Não sei como Adam vai reagir. Um sorriso semelhante ao que deu no cockpit quando estava perdido em pensamentos cruza seu rosto.

— Estou dentro — diz ele. — Desde que aquela parede invisível não queime meu rosto.

Vamos até a nave para ajudar Marina. Ela tira do cockpit a arca com nossa Herança compartilhada e, com a telecinesia, a faz descer até mim. Então, com cuidado, faz o mesmo com o corpo de Oito. Ela o deixa pairando bem diante de si, quase como se o carregasse nos braços. Para minha surpresa, ela abre o zíper do saco mortuário até a metade. Ali está Oito, exatamente como era quando estava vivo, preservado pelos eletrodos mogadorianos.

— Marina? O que você está fazendo?

— Quero que ele veja o Santuário — diz ela, afastando com delicadeza o cabelo enrolado da testa dele. — Você vai para casa — sussurra para ele.

Marina desce da nave, usando ao máximo telecinesia para deixar o corpo de Oito com ela durante todo o caminho. Seu rosto demonstra uma determinação profunda e ela nem sequer nos olha antes de seguir para o templo. Percebo que esperou dias por este momento, a hora de enterrar Oito direito.

Em silêncio, Adam e eu nos juntamos a sua triste procissão.

Quando nos aproximamos do limite do terreno que os mogs desmataram, com o templo selvagem e verdejante à frente, sinto cócegas estranhas no peito. Olho para baixo e vejo os três pingentes que uso — o meu, o de John e o de Nove — brilhando e erguendo-se por dentro da blusa. Puxo a blusa e os pingentes saem flutuando diante de mim, forçando as correntes. É como se o Santuário exercesse uma atração magnética sobre eles. Os dois pingentes de Marina fazem o mesmo.

Adam olha confuso para as joias que desafiam a gravidade. Dou de ombros. Tudo isso também é novo para mim.

Marina é a primeira a ultrapassar o limiar. O campo de força reaparece, elétrico e cor de cobalto, estalando e crepitando quando ela o atravessa. Mechas de cabelo carregadas de energia flutuam ao redor de sua cabeça, mas fora isso nada acontece.

Estou poucos passos atrás dela. O campo de força provoca uma sensação

efervescente em minha pele. Só dura um segundo, e logo estou do outro lado, os degraus rachados e cobertos de trepadeiras do Santuário erguendo-se à frente.

Eu me viro para ver Adam. Ele parou bem diante do campo de força. Com cuidado, estica o indicador e toca o campo. Ele solta um estalo barulhento, e Adam pula para trás, mas não está queimado como a outra mogadoriana.

— Tem certeza de que é uma boa ideia?

— Não seja covarde — respondo.

Adam suspira, toma coragem e então toca o campo de novo, dessa vez com a mão toda. A energia crepita e faísca contra sua pele pálida, muito mais do que comigo e com Marina, mas o deixa passar sem incinerá-lo. Abro um sorriso para ele, que me lança um olhar aliviado, enxugando o suor da testa.

— E agora? — pergunta ele.

Marina parou alguns metros à nossa frente, ainda fazendo o corpo de Oito flutuar. Ela tira um dos pingentes. Solto de seu pescoço, ele oscila devagar em direção aos degraus de pedra do templo, e depois começa a subi-los.

— Nós subimos — diz Marina.

O azul de seu pingente cintila sob o sol, e me ocorre que o brilho da loralite está um pouco mais intenso. Como se estivesse carregada ou algo parecido. Eu me sinto da mesma forma.

Além do campo de força, o Santuário emana algum tipo de energia. Noto que cada célula de meu corpo foi revigorada. Olho para o céu e percebo que poderia criar a maior tempestade de minha vida. Estou mais em contato com meus Legados. E, de alguma forma, tudo isso parece muito natural — como se não fosse uma sensação nova.

Percebo que Marina estava certa. Estamos em casa.

CAPÍTULO

VINTE E CINCO

LEVAMOS CERCA DE meia hora para chegar ao topo da pirâmide maia. Tento passar o tempo contando degraus, mas me perco perto dos duzentos. Em certos trechos, a escada está despedaçada, formando rachaduras traiçoeiras e, em outras, a chuva erodiu a construção de pedra até transformá-la em rampas lisas. Usamos as grandes trepadeiras que saem da floresta para passar pelos pontos mais difíceis, segurando-nos pelas mãos para subir. Não falamos muito, a não ser para dizer uns aos outros quando uma parte especialmente complicada dos degraus se aproxima. De alguma forma, parece grosseiro perturbar o silêncio do Santuário.

Fazemos uma pausa quando chegamos ao topo do templo. Marina está suando, devido ao calor, à subida e ao esforço que fez para usar a telecinesia e carregar o corpo de Oito por tanto tempo. Deixo a arca que carregava no chão e abro e fecho as mãos. Adam observa ao redor.

— Que vista — diz ele.

— É linda — concordo.

No cume do templo, acima das copas das árvores, é possível enxergar para além da mata frondosa que cobre a pirâmide, além do anel de terra que os mogadorianos desmataram, e ver o restante das ruínas maias e a selva vicejante depois delas. Imagino um antigo regente maia parado aqui observando seus domínios. E então imagino esse mesmo regente voltando os olhos para o céu enquanto uma nave lórica desce das nuvens. A imagem parece muito real e vívida; tenho a estranha sensação de que minha imaginação não a criou. Há séculos, algo assim aconteceu mesmo aqui — os lorienos fizeram uma visita e o Santuário se lembra.

— Gente, vejam isso — chama Marina.

Adam e eu damos as costas para a vista e atravessamos o cume do templo. No centro há uma porta de pedra. A princípio, acho que é esculpida com a mesma pedra clara do restante da pirâmide, mas quando me aproximo fica óbvio que a porta é lisa e imaculada, que seu material cor de marfim não sofreu os mesmos efeitos do tempo que o restante do lugar. Talvez a porta esteja aqui há algum tempo, mas é aparente que quando foi colocada, a pirâmide já existia.

A porta não leva a lugar algum, o que Marina demonstra ao dar a volta nela. Seu pingente flutuante paira diante da porta, esperando que nós o alcancemos.

Examino a superfície da porta. É completamente lisa — sem maçanetas,

puxadores ou qualquer coisa do gênero —, com exceção de nove reentrâncias arranjadas em círculo no centro.

— Os pingentes — digo, roçando os dedos na pedra fria.

Marina pega seu pingente no ar e coloca a pedra em um dos entalhes. Ela se encaixa perfeitamente e emite um clique seco. Mas a porta não se move.

— Só temos cinco — digo, fazendo uma careta. — Não é o bastante.

— Temos que tentar — diz Marina, já tirando o pingente restante.

Ela está certa. Chegamos longe demais para voltar logo agora. Um por um, tiro os pingentes e os encaixo nos entalhes da porta de pedra.

— Não vai dar em nada — digo ao inserir o quinto e último pingente.

De imediato, as pedras de loralite começam a brilhar com a mesma energia do campo de força. O brilho se espalha entre as pedras, conectando-as, a energia preenchendo os vãos onde não há pingentes. O símbolo circular que toma forma na porta lembra as cicatrizes que aparecem em nossa perna quando um dos Gardes morre.

Então, com um ranger ancestral, a porta de pedra desliza para dentro do templo, deixando para trás apenas uma moldura fina. Em vez da selva, vemos à nossa frente uma sala poeirenta iluminada pelo brilho fraco da loralite.

— Uma maioria — digo. — Eles só precisavam de uma maioria.

— Ou talvez o Santuário saiba quanto precisamos entrar — sugere Marina.

— É um tipo de portal — diz Adam, apertando os olhos para enxergar a sala depois da porta. — Esse é o interior do templo?

— Vamos descobrir agora — digo. Pego a arca de Marina e passo pela soleira.

No mesmo instante, sou tomada pela mesma sensação desorientadora de virar de cabeça para baixo em uma montanha-russa, a mesma que tinha quando Oito usava o Legado de teleporte. Só dura alguns segundos, e pisco para ajustar os olhos à luz fraca do interior do templo. Meus ouvidos estalam por causa da mudança de pressão, e parece que acabei de passar por um portal para o centro do templo maia. Ou talvez, considerando o fato de que os sons da selva foram eliminados por completo, estejamos ainda mais fundo. Talvez o Santuário esteja sob a pirâmide.

Marina — carregando o corpo de Oito — e Adam me seguem, e ambos também apertam os olhos para se ajustar à luz mais fraca. Quando passam para o outro lado, a porta desaparece. Não há saída deste lugar, apenas uma parede sólida de calcário, embora um círculo de reentrâncias igual ao da porta esteja esculpido nela. Nossos pingentes caem no chão e eu os pego às pressas.

— O Santuário — sussurra Marina.

— Há quanto tempo seu povo o colocou aqui? — pergunta Adam.

— Não faço ideia. Sabemos apenas que vinham à Terra havia séculos — respondo, distraída, olhando em volta. — Acho que era isso o que estavam fazendo.

— Estavam se preparando para este dia — acrescenta Marina, outra vez com aquela certeza sinistra na voz.

— Mas foi isso que eles nos deixaram? — pergunto, meio decepcionada ao olhar em torno. — Uma sala vazia?

O Santuário é uma longa sala retangular com pé-direito alto e sem porta ou janela alguma. É como se nossos ancestrais tivessem se teleportado para um bloco sólido de pedra, escavado uma sala e depois esquecido de mobiliá-la. Não há nada aqui. Veios cintilantes de loralite estão entremeados às paredes de pedra e ao teto em padrões caóticos que tingem a sala inteira com um tom de cobalto. Meus olhos percorrem as voltas e redemoinhos da loralite — há algo vagamente familiar ali, algo que não estou vendo.

— É o universo — diz Adam. — É... mais do que jamais soubemos. Os mapas estelares mogadorianos não abrangem tanto.

Levo um instante para entender o que ele está dizendo. Noto que em certos pontos os veios de loralite formam círculos e, em outros, espirais de estrelas do cosmo e além. É igual ao Macrocosmo, só que muito maior e abrangendo muito mais do universo. Encontro Lorien em uma parede, mas o acúmulo brilhante de loralite no centro é muito menos intenso do que em outros pontos.

— Nossa casa — digo, e passo os dedos pelos veios de Lorien com delicadeza. Um calafrio me percorre quando a loralite pulsa em resposta, quase como se me reconhecesse.

— Minha casa — diz Adam, em um tom seco. Ele aponta para uma área facilmente identificada por causa da completa ausência de loralite, como um vazio em um universo cintilante. Ele franze a testa. — Ao menos seus ancestrais acertaram nesse lance de escuridão ameaçadora.

— Não são mais nossos lares — diz Marina, passando os dedos pela parede, seguindo a trajetória exata que nossa nave seguiu de Lorien para a Terra. — Agora esta é nossa casa.

O contorno da Terra em loralite brilha muito mais que qualquer outra parte da parede. Marina pressiona os dedos contra as cavidades e a loralite estala e vibra.

Algo se move sob nós.

Poeira se desprende do teto e as partículas faíscam à luz da loralite, de repente superenergizada. Sei que não deveria estar com medo — este é um lugar lórico, não vai nos fazer mal —, mas é inevitável recuar e se apoiar à parede mais próxima. O Santuário começa a parecer muito claustrofóbico, agora que

está tremendo à minha volta. Adam cambaleia para perto de mim, os olhos arregalados.

Com um gemido ancestral e um rangido de pedra, uma seção circular ergue-se no centro da sala. É como um altar ou um pedestal subindo do chão. A sala para de tremer quando a estrutura de pedra chega ao nível da cintura. Essa nova extensão é feita de loralite pura. Há um pedaço do piso de calcário liso sobre o cilindro de loralite, quase como um selo para reter o que houver abaixo. Com cuidado, nós três nos aproximamos.

— Parece que esse pedaço sai — digo, tocando o selo de calcário, mas não o removo ainda.

— Quase parece um poço — diz Adam, refletindo. — O que acham que tem lá embaixo?

— Não tenho a menor ideia — respondo.

— Olhem — diz Marina. — Os desenhos.

Eu os vejo. São semelhantes às pinturas rupestres que Oito nos mostrou na Índia, só que essas entalhadas nas laterais do poço de loralite. Tenho que dar uma volta no poço para ver todas as imagens.

Nove silhuetas pairam sobre um planeta que parece a Terra, e nove silhuetas menores estão no planeta abaixo.

Uma pessoa — não sei se homem ou mulher — diante de um buraco no chão despeja ali o conteúdo de uma caixa.

Mais nove silhuetas, desta vez posicionadas diante de um castelo, evitam algo que parece um tsunami ou talvez um dragão de três cabeças.

— Mais profecias? — pergunto.

— Talvez — responde Marina. Ela está parada diante do entalhe da pessoa com a caixa. — Ou podem ser instruções.

Paro ao lado dela.

— Acha que este é o lugar? Onde nós, hã, entregamos as Heranças à Terra?

Marina assente. Com cuidado, ela coloca o corpo de Oito no chão, depois usa a telecinesia para deslocar a placa de calcário que sela o poço. A velha pedra cai no chão com um baque alto, quebrando-se de imediato.

Uma coluna de luz azul bem clara flui do poço, tão brilhante que precisamos proteger os olhos. É como um holofote. Sinto profundamente seu calor nos ossos.

— Isso é... — Adam se cala, incapaz de completar o pensamento. Há uma profunda perplexidade em seus olhos negros mogadorianos.

Marina se ajoelha diante de sua arca e a abre. Com as mãos em concha, remove um punhado de pedras preciosas lóricas, depois as deixa cair no poço do Santuário. Elas cintilam e reluzem quando escorregam por entre seus dedos,

caindo em direção à luz. A sala inteira parece ficar um pouco mais clara. Os veios de loralite das paredes pulsam com mais força.

— Me ajude, Seis — diz Marina, entusiasmada.

Pego a bolsinha de terra da arca, abro-a e despejo o conteúdo no poço. Um cheiro bom semelhante ao de uma estufa enche a câmara empoeirada, e a luz fica ainda mais forte. Depois, Marina pega alguns galhos e folhas secas. Antes que ela os solte, enquanto estão banhados pela luz, posso jurar que os galhos voltam a ficar verdes e vivos. Quando caem e os perco de vista, uma brisa intensa se espalha pela câmara, refrescando-nos.

— Está dando certo — digo, embora não saiba bem *o que* estamos fazendo. Só tenho certeza de que parece ser o certo.

Quando terminamos de esvaziar a arca, pego a caixa com as cinzas de Henri. Com cuidado, tiro a tampa e as despejo na luz. Cada grão cintila brevemente quando redemoinha poço abaixo. Eu gostaria que John estivesse aqui para ver isso.

Viro-me outra vez para Marina, inclinando a cabeça de leve para Oito.

— Ainda não estou pronta, Seis.

Examino a sala por um momento, verificando se alguma coisa mudou. A luz do poço está quase tão forte quanto o sol, mas não machuca mais meus olhos. Os veios de loralite das paredes pulsam de energia. Nossa arca está vazia e as cinzas de Henri foram lançadas.

— Não há mais nada a fazer — digo a Marina. — Está na hora.

— Os pingentes, Seis — diz Marina. — Temos que entregar os pingentes.

— Espere um pouco — diz Adam, aproximando-se do poço pela primeira vez. Ele observou tudo acontecer com admiração, mas as palavras de Marina o fazem acordar. — Se você jogar os pingentes aí, não teremos como sair.

Estou segurando todos os nossos pingentes. Eu os aperto com mais força enquanto penso no que fazer.

— Precisamos ter fé, não é? — digo, dando de ombros. — Precisamos confiar no que está lá embaixo, acreditar que o que os Anciões nos deixaram vai mostrar a saída.

Marina assente.

— Sim.

Adam olha para mim por um instante, depois para a luz. Tudo o que viu hoje deve ir contra seus instintos mogadorianos. Mas ele também tem a Garde dentro de si.

— Tudo bem — diz Adam. — Eu confio em vocês.

Fico com os pingentes mais um pouco. Uso esse amuleto desde sempre. Muitas vezes, ele me lembrou de quem eu era, de onde vim e pelo que estava

lutando. É parte de quem eu sou — de quem todos nós somos —, assim como as cicatrizes em nossos tornozelos. Mas está na hora de me desapegar.

Jogo os cinco pingentes no poço.

A resposta é imediata e ofuscante. A luz que emana do poço vira uma supernova. Dou um grito e protejo os olhos, e tenho certeza de que Marina e Adam fazem o mesmo. Vem um barulho lá de baixo, como se milhares de asas levantassem voo ou um tornado em miniatura tocasse o chão. Um baque alto e grave faz meus dentes vibrarem. Segundos depois, o som se repete.

Tump, tump. Tump, tump.

O ritmo fica mais rápido e intenso. Constante.

São as batidas de um coração.

Não sei por quanto tempo me banhei naquela luz azul brilhante, por quanto tempo ouvi as sonoras batidas do coração de Lorien. Pode ter sido por dois minutos ou duas horas. A experiência é hipnótica e reconfortante. Quando a luz começa a diminuir e o som do coração se torna um tamborilar constante ao fundo, quase sinto falta de tudo aquilo. É como acordar de um sonho do qual não se quer sair.

Abro os olhos e perco o ar.

O corpo de Oito paira sobre o poço, cercado pela coluna de luz azul. Puxo a mão de Marina.

— É você que está fazendo isso? — pergunto, gritando sem querer.

Marina balança a cabeça e aperta minha mão. Há lágrimas em seus olhos.

Alguns passos atrás de nós, Adam está de joelhos. Ele deve ter caído durante o show de luz. Ele olha para Oito, completamente desconcertado.

— O que está acontecendo? O que é isso?

— Olhe para ele — diz Marina. — Olhe.

Estou a ponto de dizer a Adam que não faço ideia do que está acontecendo quando vejo os dedos de Oito se moverem. Será apenas um truque da luz? Não — Marina também deve ter visto o que acabei de ver, porque solta um gritinho e leva uma das mãos à boca, usando a outra para apertar a minha com força.

Oito agita os dedos. Sacode os braços e as pernas. Vira a cabeça de um lado para outro, como se tentasse estalar o pescoço.

Então abre os olhos. São pura loralite. Os olhos de Oito têm o mesmo brilho cobalto dos veios mais profundos das paredes. Quando ele abre a boca, expele luz azul.

— Olá — diz Oito em uma voz retumbante que não pertence a nosso amigo. É uma voz linda e melódica, diferente de tudo o que já ouvi.

É a voz de Lorien.

CAPÍTULO

VINTE E SEIS

A MAIORIA DAS pessoas tem o bom senso de fugir. esses nova-iorquinos já viram filmes suficientes para saber o que acontece quando uma nave espacial alienígena chega a sua cidade. Eles correm aos bandos pela calçada. Alguns até abandonam os carros no meio das avenidas, o que dificulta a locomoção do nosso comboio de SUVs pretos. Por sorte, no hotel de Sanderson, a agente Walker conseguiu convencer os policiais locais que apareceram por causa do tiroteio a nos ajudar. Quando o assunto são invasões alienígenas, acho que uma agente do FBI de terno preto e óculos escuros tem seu peso.

Mesmo com a ajuda das sirenes e luzes da polícia de Nova York, é difícil atravessar a cidade. Atravessar o caos.

E mesmo assim alguns não se afastam do East River, onde a nave mogadoriana paira agourenta sobre a ONU. Eles correm para lá. Gente com o telefone na mão, gravando, ávida para ver um relance de vida alienígena. Não consigo me decidir se são corajosas, loucas ou só idiotas. Talvez uma combinação dos três. Quero gritar pela janela para que deem meia-volta e fujam, mas não há tempo.

Não vou conseguir salvar todos.

— Michael Worthington, senador representante da Flórida.

A agente Walker vocifera o nome no celular, lendo-o em um bloco amarelo. Ela está no banco do carona com uma expressão preocupada e frenética. Sabe que não há tempo para suas ordens surtirem algum efeito, mas ela as dá mesmo assim.

— Melissa Croft, do Comitê dos Chefes dos Estados-Maiores. Luc Phillipe, embaixador francês. — Walker faz uma pausa, chegando ao final da lista. Ela olha para o banco de trás, onde Bud Sanderson se espreme entre mim e Sam. — São só esses?

Sanderson assente.

— Que eu saiba, sim.

Walker assente e fala ao telefone:

— Prendam todos eles. Sim, todos. Se resistirem, podem matá-los.

Ela desliga o telefone. A lista de políticos associados ao ProMog — dúzias de nomes repetidos um a um por Walker a seus contatos — foi cortesia de Sanderson. Mesmo que os agentes desgarrados que Walker comanda tenham sucesso, as prisões podem não ser muito úteis agora. O mínimo que podemos

fazer é torcer para que Walker e seu pessoal consigam tirar os traidores simpatizantes dos mogs do poder, deixando no governo apenas os membros dispostos a resistir, embora não saibamos quantos aliados eles conseguirão reunir.

Quanto tempo Henri disse que os mogs levaram para conquistar Lorien? Menos de um dia?

Pelo para-brisa, vejo a nave de guerra mogadoriana. Ela faz os arranha-céus da cidade parecerem brinquedos, e sua sombra cobre quarteirões inteiros, em todas as direções. Parece uma barata gigantesca suspensa sobre Nova York. Há centenas de canhões giratórios nas laterais e na parte de baixo, e acho que percebo aberturas onde naves mogs menores devem estar pousadas. Mesmo com toda a Garde usando seus Legados, não sei se conseguiríamos derrubar aquele monstro.

A agente Walker também está observando a nave. É impossível ignorar o imenso objeto alienígena que preenche o horizonte. Ela se vira e olha para mim.

— Pode destruir aquela coisa, não é?

— Claro — respondo, tentando imitar a presunção casual de Nove. Ele está no SUV logo atrás, provavelmente explicando à sua escolta de agentes como vai despedaçar a nave de guerra com as próprias mãos. — Vamos cuidar disso. Sem problema.

A meu lado, Sanderson solta uma risadinha sombria, mas se cala quando Walker lança um olhar ameaçador em sua direção. Do outro lado do infeliz secretário de defesa, Sam enfim ergue o rosto do celular que "pegou emprestado" com a testemunha inocente do hotel.

— Upload completo — diz ele. — Sarah recebeu o vídeo.

— Obrigado, Sam — respondo, e pego meu telefone do bolso e disco o número de Sarah.

Eu me pergunto o que Henri pensaria se nos visse enviando um vídeo meu usando os Legados para o *Eles Estão Entre Nós*. Acho que nem em meus sonhos mais loucos eu imaginaria uma situação na qual divulgaria meus poderes por vontade própria. Mas aqui estamos.

Sarah atende no primeiro toque. Ouço uma agitação ao fundo — gente falando, uma televisão alta.

— John, graças a Deus! Todos os jornais estão falando dos mogs! Você está bem?

— Sim — digo. — Estou a caminho da maior nave mogadoriana que já vi.

— John, espero que saiba no que está se metendo — responde Sarah, preocupada.

— Nada que eu não consiga resolver... — começo a tranquilizá-la, quando

uma explosão de estática me interrompe. — Sarah? Ainda está aí?

— Estou — responde ela, um pouco mais distante que antes. — Mas acho que alguma coisa está interferindo na conexão.

Devem ser as naves de guerra. Tenho certeza de que a descida daquelas coisas enormes da órbita está mexendo com as redes de celulares. Sem falar em todas as ligações apavoradas exatamente como essa que devem estar se multiplicando pelo país. Falo mais rápido para o caso de perdermos o sinal.

— Sam acabou de enviar alguns vídeos para o site de Mark. Vocês receberam? Acho que podem ser úteis. — Relembro o que Sam disse no posto de gasolina. — Não queremos só assustar as pessoas. Também queremos dar esperança a elas.

A meu lado, Bud Sanderson faz um som de desdém. Acho que o velho não tem muita fé no que estamos fazendo no *Eles Estão Entre Nós*. Também não sei se vai dar certo — assim como as prisões ordenadas por Walker ou qualquer ação nossa hoje. Talvez seja tarde demais para fazer a diferença. Mas temos que fazer tudo o que pudermos para combater os mogs.

— Estou assistindo ao vídeo agora — diz Sarah, e solta um suspiro. — John, é... você é incrível. A verdade é que eu tenho uma queda por alienígenas bonitos fazendo milagres.

Estou tentando parecer impassível diante de meus apreensivos aliados, então viro para o outro lado para poder esconder o sorriso de Sanderson.

— Hã, obrigado.

— Sem dúvida vai ser útil — diz Sarah, e ouço que já está digitando algo no teclado. — Mas o que vai fazer agora? Aquela nave parece ser *enorme*.

Observo o caos do lado de fora da janela.

— Vamos tentar acabar com essa guerra antes que ela comece.

O tom de Sarah é preocupado. Ela sabe que estou prestes dizer algo louco.

— Como assim, John? Qual é o plano?

— Estamos indo até a nave mogadoriana — digo, me forçando a acreditar no plano, que parece cada vez mais desesperado conforme nos aproximamos da nave. — Vamos atrair Setrákus Ra. E matá-lo.

Nosso comboio é obrigado a parar a dez quarteirões da ONU, e então o trânsito para por completo. As ruas estão entupidas de gente tentando ver a nave de guerra mais de perto. Alguns estão até de pé sobre os carros ou, em um caso, sobre um ônibus parado. Há policiais em todo canto fazendo o possível e o impossível para restaurar parte da ordem, mas duvido que tenham sido treinados

para esse tipo de situação; a maioria deles também não consegue tirar os olhos da nave. A multidão está frenética, e várias pessoas soltam gritinhos entusiasmados.

Mal sabem eles que são apenas alvos fáceis para os mogadorianos. Temo o momento em que os canhões nas laterais da nave vão abrir fogo contra a multidão. Quero dizer a todos para fugir, mas isso poderia criar pânico generalizado. Se é que alguém me ouviria.

— Andem! Saiam do caminho! — grita Walker ao sair do SUV. Ela ergue o distintivo, embora ninguém dê a mínima para ela.

Os agentes dos dois SUVS, assim como os policiais que Walker recrutou no hotel, se amontoam ao nosso redor. Nove abre caminho até nós aos empurrões, lançando um olhar furioso a um grupo de adolescentes que aplaude a nave espacial.

— Idiotas — rosna ele, olhando para mim em seguida. — Isso aqui está uma loucura, Johnny.

— Precisamos proteger o máximo de pessoas que conseguirmos — respondo.

— Eles precisam proteger a si mesmos — diz Nove. Ele grita por cima do ombro de um dos agentes. — Vão para casa, seus imbecis! Ou arrumem uma arma e voltem!

Walker o encara com ódio.

— Por favor, não incentive os civis a pegarem em armas.

Nove, inconformado, continua gritando.

— Isso é uma guerra, minha senhora! Essa gente precisa se preparar!

Algumas das pessoas que nos cercam param para prestar atenção ao que Nove está dizendo, ou talvez só estejam nervosas com a presença da polícia. Noto que alguns trocam olhares nervosos e começam a voltar. Walker olha feio para Nove e dá um tapa no ombro de um dos agentes.

— Em frente! — grita ela. — Precisamos seguir em frente!

Uma multidão ainda nos separa da ONU, e parece que nem tão cedo vai embora. Os agentes de Walker e os policiais começam a abrir caminho à força e somos carregados com eles.

— Cuidado, cara! Nada de furar a fila para ser levado primeiro! — grita um dos presentes.

— Nossa! São os Homens de Preto! — grita outro.

— Eles vão nos machucar? — grita para Sanderson uma mulher por quem passamos, talvez reconhecendo sua aparência importante. — Estamos em perigo?

Sanderson desvia os olhos e logo a mulher se perde na multidão. O percurso

é lento, mesmo com uma dúzia de policiais e agentes avançando à força à nossa frente. Essas pessoas precisam sair do caminho.

Um homem de olhos insanos com uma barba irregular, que parece o tipo que segura cartazes feitos à mão sobre o fim do mundo, dá um encontrão na agente Walker. Ela perde o equilíbrio, e estendo a mão para segurá-la. Walker não me agradece — há fúria e frustração em seus olhos. Cansada daquela aglomeração, ela procura a arma no coldre em seu quadril, talvez cogitando disparar alguns tiros para cima e dispersar a multidão. Seguro seu braço e faço que não com a cabeça. Ela me olha com ódio.

— Não faça isso. Vai assustar as pessoas.

— Elas já estão assustadas o bastante — responde ela.

— Pessoalmente, eu ficaria mais assustado se alguém atirasse — comenta Sam.

Walker bufa e volta a abrir caminho aos empurrões pela multidão. Cutuco Nove.

— Vamos ajudá-los — digo. — Mas não machuque ninguém.

Nove assente. Começamos a usar a telecinesia para tirar as pessoas do caminho. Ele é mais delicado do que eu esperava. Criamos uma espécie de bolha telecinética a nosso redor, que empurra as pessoas próximas. Ninguém é pisoteado, e aos poucos o caminho começa a se abrir para Walker e o restante da escolta.

Conforme nos aproximamos da ONU, ficamos sob a sombra da nave de guerra mogadoriana. Um calafrio me percorre, mas tento não demonstrar. Há bandeiras de todas as nações plantadas no chão de ambos os lados da rua que percorremos. Todos esses símbolos tremulam à leve brisa de primavera sob a nave.

Mais à frente, há um palanque, erigido às pressas, diante da entrada da ONU. Em sua volta há uma força policial mais organizada — tanto policiais locais quanto a segurança da própria ONU. Eles mantêm as pessoas afastadas do palanque e as impedem de invadir a entrada do prédio principal. Também há uma concentração de imprensa à frente, todos com câmeras ávidas viradas ora para o palco, ora para a nave.

Puxo Sanderson para perto, apontando o palanque.

— O que é aquilo? O que vai acontecer ali?

Sanderson faz uma careta para mim, mas não tenta se soltar.

— O Adorado Líder é teatral. Sabia que ele escreveu um livro?

— Ler é idiotice — resmunga Nove, mais concentrado na multidão.

— Não ligo para a propaganda dele. Fale sobre o palanque, Sanderson.

— Propaganda, como você disse — responde Sanderson. — Eu e alguns

outros do ProMog, que nossa querida amiga deve ter prendido, deveríamos dar as boas-vindas a Setrákus Ra. E ele demonstraria as dádivas que os mogadorianos podem oferecer à humanidade.

Eu me lembro do estado em que encontramos Sanderson, as veias completamente negras e quase morto, viciado nos supostos avanços médicos mogadorianos.

— Ele ia curar você — digo, compreendendo.

— Aleluia! — diz Sanderson, em um tom amargo. — Nosso salvador! Então, nós nos reuniríamos com ele no prédio principal e, amanhã, uma resolução pacífica seria adotada para permitir que os mogs entrassem no espaço aéreo de cada nação participante.

— E é isso — diz Sam. — A Terra teria se rendido.

— Ao menos seria pacífico — diz Sanderson.

— Não acha que as pessoas iam ficar apavoradas? — pergunto a Sanderson. — Olhe em volta. Consegue imaginar o que aconteceria quando os mogs se revelassem? Começassem a andar por aí? Dominando coisas? Haveria pânico, tumultos... mesmo com sua diplomacia furada. Como seu plano ia funcionar?

— Claro que ele pensou nisso — diz Sanderson. — É assim que Setrákus Ra planeja identificar os dissidentes. Os elementos problemáticos.

— Para saber quem matar — rosna Nove.

— Isso é doentio — diz Sam.

— Um pequeno preço a pagar pela sobrevivência da humanidade — argumenta Sanderson.

— Eu vi o futuro sob a regência mogadoriana — digo a Sanderson. — Acredite. É um preço maior do que você está disposto a pagar.

Sam me lança um olhar preocupado, e percebo que devo parecer indiferente, como se a guerra contra os mogadorianos na Terra fosse inevitável, como se não houvesse nada que pudéssemos fazer para evitar que as pessoas se machuquem. Na verdade, não sei se existe uma forma de resolver isso sem derramamento de sangue. A guerra é uma realidade e terá que ser travada. Por isso, preciso que os outros continuem esperançosos.

— Não precisa ser assim — acrescento. — Vamos parar Setrákus Ra antes que isso vá mais longe ainda. Mas você tem que nos ajudar.

Sanderson assente, os olhos fixos no palanque.

— Quer que eu vá até o fim.

— Atraia-o para fora, exatamente como ele quer — digo, vestindo o capuz do moletom. — E nós o mataremos.

— Vocês são poderosos o bastante para isso?

Quando me volto para Sanderson para responder, vejo o mesmo

questionamento nos olhos de Sam. Ele não participou de nossa última luta contra Setrákus Ra, mas sabe que não nos saímos bem. E a Garde inteira estava presente — agora somos só eu e Nove. Bem, e todas as armas que a agente Walker conseguir.

— Precisaremos ser — digo a Sanderson.

Quando nos aproximamos da entrada da ONU e do palanque, passamos por um homem em uma bicicleta cercado por câmeras. A cena é notável porque ele é a única coisa que chama a atenção da imprensa além da gigantesca nave de guerra mogadoriana. Concentro meus sentidos para ouvir o que está dizendo.

— Juro, o cara caiu do céu! — exclama o ciclista para um grupo de jornalistas céticos. — Ou talvez tenha descido flutuando, não sei. Ele bateu com força no chão, mas sua pele estava, sei lá, coberta com uma armadura ou algo do tipo. Ele parece estar bastante machucado.

A mão de Nove aperta meu ombro. Ele também ouviu, e está tão distraído que para de empurrar as pessoas para o lado com a telecinesia. Os agentes que nos escoltam arrastam os pés e gemem quando a multidão se aproxima, mas conseguem mantê-la afastada.

— Você ouviu, não ouviu? — pergunta Nove com um brilho sanguinário nos olhos.

— Pode ser só algum maluco — digo, referindo-me ao ciclista, embora não acredite nisso. — Eles adoram essas coisas.

— Não mesmo — diz Nove em um tom agitado. Seus olhos percorrem a multidão com interesse renovado. — Cinco está aqui, cara. Cinco está aqui, e eu vou quebrar aquela cara gorda.

CAPÍTULO

VINTE E SETE

SINTO-ME ENTORPECIDA.

No convés de pouso, vejo um relance de mim mesma no revestimento blindado cor de pérola de uma pequena nave que me levará a Manhattan. Pareço um fantasma. Há enormes bolsas sob meus olhos. Eles me enfiaram em um vestido formal, preto e cheio de fitas vermelhas, e prenderam meu cabelo em um rabo de cavalo tão apertado que parece que o couro cabeludo vai se descolar do crânio. Princesa dos mogadorianos.

Não me importo. Estou confusa, como se estivesse flutuando. Parte de mim sabe que eu deveria estar me concentrando, organizando minha mente.

Simplesmente não consigo.

A entrada da nave de transporte se abre e uma pequena escada se desdobra para que eu suba. Setrákus Ra toca meu ombro com delicadeza e me estimula a ir em frente.

— Aqui estamos, querida — diz ele. Sua voz parece distante. — Grande dia.

A princípio, não me movo. Mas então o ponto onde fui apunhalada no ombro começa a doer. Parece que pequenos vermes se movem sob minha pele. A dor só para quando coloco um pé na frente do outro, subo a escada e me deixo cair em um dos assentos da nave.

— Ótimo — diz Setrákus Ra, e também sobe na nave. Ele assume o lugar do piloto e a porta se fecha atrás de nós. Sua forma humana foi restaurada depois da luta com Cinco e agora ele está vestido com um terno preto elegante ornado de vermelho. A combinação de cores não favorece o rosto humano paternal que está usando — o faz parecer severo e autoritário. Não digo nada disso a ele, porque não quero ajudá-lo, e porque falar requer esforço demais.

Gostaria de poder dormir e só acordar quando tudo isso tivesse terminado.

Fizeram alguma coisa comigo depois que o ferimento se abriu em meu ombro. Passei algum tempo semiconsciente por causa da perda de sangue, então minha memória está enevoada. Lembro-me de Setrákus Ra me carregando para a área médica, um lugar do navio que eu ainda não tivera o azar de explorar. Lembro-me de que injetaram algo preto e viscoso no ferimento. Tenho quase certeza de que gritei de dor. Mas então o ferimento começou a se fechar. Não foi como as vezes em que Marina ou John me curaram. Naqueles casos, parecia que os ferimentos estavam se fechando, como se a carne crescesse outra vez. Com o “tratamento” dos mogs, senti que a carne estava sendo substituída por alguma

outra coisa, algo frio e estranho. Algo vivo e faminto.

Ainda sinto a substância rastejando sob a pele clara e perfeita do ombro curado.

Setrákus Ra vira algumas chaves no console e nossa pequena nave esférica se liga. As paredes ficam transparentes. Mas é a versão mogadoriana do vidro fumê — podemos ver o lado de fora, mas ninguém pode ver dentro.

Viro-me para analisar o convés de pouso cheio de mogadorianos prontos para o combate. Todos estão imóveis, centenas deles posicionadas em fileiras regulares, todos com os punhos cerrados sobre o coração. Estão saudando seu Adorado Líder que parte para a conquista da Terra. Vejo os rostos pálidos e inexpressivos e os olhos escuros e vazios. Eles são o meu povo? Estou me tornando um deles?

Parece mais fácil desistir.

Setrákus Ra está a ponto de decolar quando uma luz vermelha pisca em uma das telas de vídeo e um zumbido agudo ressoa. O barulho me acorda um pouco. Algum infeliz subalterno está tentando entrar em contato com Setrákus Ra bem no meio de seu grande dia. O maxilar do general se contrai de irritação diante da mensagem e, por um momento, acho que talvez a ignore. Enfim, ele aperta um botão e um oficial de comunicações mogadoriano abatido aparece na tela.

— O que foi? — rosna Setrákus Ra.

— Minhas profundas desculpas pela interrupção, Adorado Líder — diz o oficial, mantendo os olhos baixos. — O senhor tem uma mensagem urgente de Phiri Dun-Ra.

— É melhor que seja urgente mesmo — resmunga. Ele acena com impaciência para a tela. — Está bem. Passe para ela.

A tela pisca e aparece uma mulher mogadoriana. Ela tem duas longas tranças presas ao redor da cabeça careca e um corte considerável acima da sobrancelha. À sua volta só se vê selva. Ao que parece, uma mensagem dessa mulher nascida naturalmente importa o suficiente para atrasar nosso voo para Nova York. Tento me endireitar um pouco no banco, lutando contra a tontura para prestar atenção.

— O que foi, Phiri? — diz Setrákus Ra em um tom frio. — Por que entrou em contato direto comigo?

A mulher mog hesita antes de falar. Talvez esteja perplexa com o rosto humano à sua frente falando com tanta autoridade. Ou talvez apenas tema seu Adorado Líder.

— Eles estão aqui — diz enfim Phiri, com um toque de triunfo na voz. — A Garde ativou o Santuário.

Setrákus Ra se inclina para a frente, as sobrancelhas erguidas de surpresa. Ele entrelaça as mãos diante de si, refletindo.

— Ótimo — responde ele. — Excelente. Sua função é mantê-los lá, Phiri Dun-Ra. Com sua vida. Eu me juntarei a você em breve.

— Como quiser, Adora...

Setrákus Ra corta a conexão antes que Phiri Dun-Ra termine. A menção à Garde e ao Santuário me deixa um pouco mais alerta. Tento pensar em Seis e Marina, em John e Nove — sei que desejariam que eu lutasse para sair daqui. Só que é muito difícil impedir minha mente de ficar vazia, impedir meu corpo de relaxar.

— Durante anos os persegui — diz Setrákus Ra em voz baixa, quase para si mesmo. — Para eliminar o último resquício de resistência ao Progresso Mogadoriano. Para tomar o controle do que aqueles tolos Anciões enterraram neste planeta. Agora chegou o dia em que tudo por que lutei será meu ao mesmo tempo. Diga-me, minha neta, como pode haver alguma dúvida sobre a superioridade mogadoriana?

Ele não quer uma resposta. Setrákus Ra apenas gosta de ouvir a própria voz. Deixo um sorriso lento e dopado se formar em meu rosto. Isso parece agradá-lo. Meu avô estende a mão e me dá um tapinha no joelho.

— Está se sentindo melhor, não é? — pergunta. Ele move algumas alavancas e os motores vibram. — Vamos tomar o que é nosso.

Setrákus Ra manobra a nave para a frente. Saímos em alta velocidade do convés de pouso, passando pelas fileiras de guerreiros mogadorianos. Eles batem o punho fechado contra o peito quando saímos, gritando encorajamentos ríspidos em sua língua. Saímos pela mesma passagem que o corpo de Cinco. Essa parte — vê-lo brutalizado e depois jogado ao léu como lixo — fico feliz de perder em minha confusão mental.

Descemos sobre Manhattan. Vejo todos os humanos reunidos lá embaixo. Há milhares aglomerados diante de um conjunto de prédios sofisticado e do campus que o cerca. Também vejo um palanque lá embaixo. Tudo é construído à margem de um rio cinzento e agitado. Eu me lembro da Washington de minha visão, do cheiro de fumaça que empesteava o ar. Em breve Nova York será assim. Eu me pergunto se essa gente vai se jogar no rio quando sua cidade começar a queimar.

As pessoas lá de baixo apontam para a nave. Ouço-as gritar saudações. Esses humanos — os que chegam mais perto da *Anúbis* — não acham que estão em perigo.

Ocorre-me que estamos nos aproximando desse mar de gente sem nenhum guarda mogadoriano. Olho para o meu avô, confusa, umedeço os lábios e consigo encontrar as palavras.

— Vamos enfrentá-los sozinhos? — pergunto.

Ele sorri.

— Claro. Quero elevar essas pessoas, não prejudicá-las. Não temos nada a temer dos humanos. Meus servos na Terra arranjaram uma recepção que considero mais que adequada.

Ele está tramando alguma coisa, claro. Já deve ter planejado o evento inteiro. Ainda que os humanos lá embaixo estejam em grande número, sei que suas chances contra Setrákus Ra e todos os seus poderes são mínimas. Mesmo assim, parte de mim torce para que um deles entenda as verdadeiras intenções desse showzinho que ele planejou e dê alguns tiros no alienígena assustador.

Claro, isso significaria que meu fim chegaria antes mesmo de eles destruírem Setrákus Ra. A essa altura, quase parece valer a pena. Sinto o que os mogadorianos injetaram em mim rastejar sob a pele. Não aguento mais.

A descida terminou. Pairamos a cerca de quatro metros do palanque. Um nervoso senhor de terno, algum político, está esperando por nós. Flashes frenéticos são disparados. Pisco e tento não parecer uma sonâmbula.

— Venha, Ella. Vamos saudar nossos súditos — diz Setrákus Ra. Ele pega seu bastão dourado e a obsidiana do Olho de Thaloc capta a luz. Não sei por que o trouxe. Acho que não quer enfrentar nossos supostos súditos desarmado. Ou talvez ache que isso o faz parecer nobre — como um rei com um cetro.

Eu me levanto sem muita firmeza. Setrákus Ra me oferece o braço, que aceito.

A porta da nave se abre e uma escada brilhante se estende para fora, criando um caminho até o palanque. A multidão solta um suspiro quando saímos. Com os olhos embaçados, vejo dúzias de câmeras de TV voltadas para nós. A aglomeração de gente está em uma admiração silenciosa. O que parecemos para eles? Alienígenas... alienígenas iguais a humanos. Um belo homem mais velho e sua pálida neta.

Setrákus Ra ergue a mão e acena para as pessoas. É algo majestoso, elegante e pomposo. Quando fala, sua voz ressoa como se estivesse usando um microfone.

— Saudações, povo da Terra! — vocifera, falando um inglês perfeito e com um tom firme e tranquilizador. — Meu nome é Setrákus Ra, e esta é minha neta, Ella. Fizemos uma longa viagem para estar humildemente diante de vocês com votos de paz!

A multidão aplaude. Não sabem de nada. Setrákus Ra lança um olhar misericordioso a todos os rostos que o observam. Mas quando seus olhos pousam no senhor parado no palanque, sinto uma tensão percorrer seu braço.

— Hmmm — diz Setrákus Ra em voz baixa.

Algo está errado. O anfitrião não é quem ele esperava. Ou talvez devesse haver mais humanos de braços abertos prontos para saudá-lo. Talvez devesse

haver buquês de flores.

Sem se deixar intimidar, Setrákus Ra estufa o peito e continua a descer a escada.

— Temos muito a oferecer a seu povo! — continua ele na voz retumbante e bondosa. — Avanços na medicina para curar seus doentes, técnicas agrícolas para alimentar seus famintos e tecnologia que tornará suas vidas mais fáceis e produtivas. Tudo o que pedimos em troca, depois de nossa longa jornada, é abrigo do frio do espaço.

Observo a multidão para ver se alguém ali realmente está comprando aquele discurso. Meu olhar acaba se fixando no de um garoto na primeira fila, bem ao lado de câmeras de TV, cujos olhos escuros buscam os meus. Ele usa um moletom com capuz, de onde sai seu longo cabelo preto, e ele é alto e atlético, e...

Em meu estado, levo um momento para reconhecê-lo. Não faz muito tempo, eu me equilibrava em seus ombros e ele me ensinava a voar.

Nove.

Vê-lo, saber que não estou sozinha, que tudo ainda não está perdido, me faz recobrar os sentidos. A dor de meu ombro aumenta muito, como se alguma coisa tentasse sair de dentro de mim. O que quer que esteja dentro de mim não quer que eu use meus Legados. Ignoro e projeto a telepatia.

Nove! O bastão! É assim que ele muda de forma! Pegue o bastão e esmague-o!

Um sorriso selvagem se abre no rosto de Nove e ele assente para mim. Meu coração acelera.

A meu lado, a postura de Setrákus Ra se enrijeceu. Minha mão está presa na dobra de seu braço. Ele sabe que alguma coisa está acontecendo, mas mesmo assim prossegue com o show.

— Esperava ver mais gente aqui nesta ocasião tão importante, mas vejo que um de seus líderes veio me saudar! — Setrákus Ra estende a mão para o velho. — Venho em paz, senhor! Que isto sele a amizade entre nossas grandes raças.

Em vez de apertar a mão de Setrákus Ra, o velho recua. Há um medo profundo em seus olhos, mas não é um medo histérico. É um medo de animal acuado. O velho tem um microfone e, quando as câmeras de TV se voltam para ele, começa a gritar.

— Este homem, esta *coisa*, é um mentiroso!

— O que... — Setrákus Ra dá um passo agressivo na direção do velho e aproveito para tirar minha mão de seu cotovelo. Pela primeira vez desde que comecei a conviver com ele, o líder mogadoriano parece surpreso.

Surpreso e furioso.

Um burburinho de incerteza percorre a multidão. O velho grita outras coisas — ouço as palavras *escravidão* e *morte*, mas não consigo escutar muito mais. Ninguém consegue. Setrákus Ra usou a telecinesia para esmagar o microfone do velho.

— Você deve estar confuso, meu amigo — diz Setrákus Ra, entredentes, ainda tentando salvar sua farsa. — Minhas intenções são pu...

De repente, Setrákus Ra perde o equilíbrio. Eu sei por quê. Um ataque telecinético. Observo o bastão dourado ser arrancado de sua mão. Nove o pega no ar quando pula sobre o palanque, sorrindo para Setrákus Ra.

Sinto algo se mover à esquerda. Viro a cabeça e vejo que John também sobe no palanque. Eles o estão flanqueando como treinamos na Sala de Aula. Espalhados pela multidão, vejo homens e mulheres de ternos pretos, todos pegando armas furtivamente. A multidão está começando a se agitar enquanto alguns civis — os mais espertos — afastam-se do palanque.

É uma armadilha, percebo, alegre. A Garde está aqui!

Agora Setrákus Ra parece mesmo surpreso. E até meio assustado.

— Vocês foram ludibriados! — grita Setrákus Ra, apontando as mãos agora vazias para Nove e John. — Esses garotos são fugitivos! Terroristas de minha terra natal! Não sei o que lhes disseram...

— Não dissemos nada a eles — diz John, interrompendo. Sua voz não se projeta como a de Setrákus Ra, mas as pessoas da multidão esticam o pescoço para ouvir. — Vamos deixá-los tirar as próprias conclusões. É fácil reconhecer um maníaco genocida.

— Mentira!

Agora!, peço a Nove por telepatia.

— O que será que vai acontecer se eu fizer isto? — pergunta Nove, brincando com o bastão. Antes que Setrákus Ra invista em sua direção, Nove ergue o bastão acima da cabeça e o estraçalha contra o palanque. O olho de obsidiana no centro explode em uma nuvem de cinzas.

Depois disso, tudo acontece muito rápido.

O corpo de Setrákus Ra passa a se debater e a se contrair. A bela forma humana à qual estava tão apegado começa a se desprender dele, como uma cobra trocando de pele. O verdadeiro Setrákus Ra — pálido, quase sem sangue, velho e horrendo, com tatuagens no crânio careca, uma grossa cicatriz no pescoço e uma armadura mogadoriana — revela-se.

Muitos na multidão gritam. Outros tantos, apavorados, dão meia-volta, tentando fugir. Um tiro é dado — ouço a bala passar por meu ouvido antes de ricochetear inofensiva contra a nave mogadoriana atrás de mim. Os tiros só assustam ainda mais as pessoas, e há um pânico generalizado diante do

palanque. Mais tiros são disparados, agora para o ar. Um dos agentes que mira em Setrákus Ra cai, derrubado pelos espectadores apavorados.

É um caos.

Com um urro monstruoso, Setrákus Ra atinge uma altura de quatro metros e meio. O palanque range a seus pés. O velho que estava ali com a Garde tenta correr para a multidão, mas Setrákus Ra o segura com a telecinesia e o lança como um míssil sobre Nove. Os dois caem sobre o palanque.

Bolas de fogo saem das mãos de John. Elas se apagam de imediato quando Setrákus Ra forma seu campo de Dreynen. Isso não impede John de atacar, tirando a adaga lórica da bainha.

— Sim! — grita Setrákus Ra, chamando John. — Corra para a morte, menino!

Como não sou afetada pela versão de Setrákus Ra do Dreynen, pego um caco de seu bastão. Meus dedos estão desajeitados e quase o deixo cair duas vezes antes de conseguir segurá-lo com força suficiente. Eu me concentro, ignorando a dor lancinante sob a pele e carrego o estilhaço com o Dreynen.

Quando o caco ganha um brilho vermelho vivo, eu o enfio na parte de trás da perna de Setrákus Ra.

O chefe mogadoriano grita e volta a seu tamanho normal. Sinto que o campo de Dreynen que cancela os Legados se desfaz. Tarde demais, Setrákus Ra cambaleia para a frente em uma tentativa inútil de se afastar de mim. O bastão carregado com o Dreynen está enfiado mais de dois centímetros na parte de trás de sua panturrilha. Quando Setrákus Ra o arranca, um fio de sangue negro tinge sua calça. Agora que foi retirado, não sei quanto tempo os efeitos do Dreynen vão durar.

Espere um pouco. Ele está sangrando. O dano não foi transferido para mim. Cada encantamento tem uma fraqueza, foi o que meu avô me disse pouco depois de gravar aquela coisa terrível em meu tornozelo.

Eu posso feri-lo. Sou a única que pode ferir Setrákus Ra.

Mal tenho tempo de processar essa informação antes que meu avô se volte contra mim com os olhos arregalados de ultraje. Ele me dá um tapa e sou jogada no ar. Perco o fôlego quando caio no palanque, outra vez com a cabeça girando. Ele devia saber que mesmo que eu descobrisse a falha do encantamento mogadoriano não seria forte o bastante para combatê-lo.

Setrákus Ra para diante de mim, com os traços horrendos contraídos de fúria. Ele estende a mão, procurando meu pescoço.

— Sua traidora desgra...!

John derruba-o com o ombro. Setrákus Ra cai com força de lado e no mesmo instante sinto contusões aparecerem em meu cotovelo. Aceito a dor. Há mais por

vir.

Não sou forte para combatê-lo, mas fiz minha parte. Drenei seus Legados.

Agora, os outros podem fazer o que deve ser feito.

John não para. Ele se lança sobre Setrákus Ra, que tenta se desvencilhar. Agora o regente mogadoriano não parece mais tão assustador, tentando se arrastar para longe de John. Estou feliz por vê-lo tão patético e desesperado. É bom que saiba como é antes de morrer.

Antes de *nós* morrermos.

John fica sobre ele e ergue a adaga acima da cabeça. Respiro fundo e me preparo.

— Isso é por Lorien! E pela Terra!

Sei o que acontece depois. John vai apunhalar Setrákus Ra e eu vou morrer. Isso vai quebrar o encantamento mogadoriano, e depois a Garde conseguirá matar Setrákus Ra de verdade. Vale a pena. Morrerei com prazer se isso significar dar um fim à vida desprezível de Setrákus Ra.

Mate-o! Grito para John com a telepatia. *Aconteça o que acontecer! Mate-o!*

Quando John baixa a adaga, ouço um movimento. Algo voa em sua direção. Rápido.

Uma gota de sangue desce por minha garganta. Um pequeno corte se abre. Essa é a proximidade que a lâmina de John atinge antes que uma bola de canhão cromada voe pelo ar, tire-o de cima de Setrákus Ra e o jogue pelo palanque.

Cinco. Ele está vivo e acaba de salvar minha vida.

Salvou minha vida e condenou a todos nós.

Antes que eu consiga reagir, o palanque range e despenca. Escorrego pela tábua de madeira inclinada e sou jogada contra o asfalto. A meu redor, as pessoas correm e gritam.

Setrákus Ra cai a meu lado.

Ele estende a mão e me pega pelo cabelo, colocando-me de pé sem dó nem piedade.

— Você vai morrer por ter feito isso, menina — rosna ele, e começa a me arrastar pelo palanque arruinado em direção à nave.

Nove se põe em seu caminho.

CAPÍTULO

VINTE E OITO

MEU OMBRO FOI deslocado, disso eu tenho certeza. Estou caído de costas com pedaços pontiagudos do palanque destruído me espetando. Estou com visão dupla e dificuldade de respirar. Parece que fui atropelado por um carro.

Não um carro. Cinco.

O traidor está diante de mim, sem fôlego. Sua pele está metálica, mas mesmo assim ele parece muito machucado. Para começar, usa um tapa-olho. Um lado de seu rosto está inchado, e acho que a carapaça de metal que cobre seu crânio está marcada. Ele perdeu alguns dentes. Não sei onde conseguiu esses ferimentos, e não me importo.

O desgraçado me pegou de surpresa. Eu estava tão perto. Setrákus Ra estava praticamente morto.

A adaga ainda está presa a meu pulso, mas no braço deslocado. Tento pegá-la, para trocá-la de mão. Antes que consiga, Cinco me levanta pela frente do moletom esfarrapado.

— Ouça! — grita ele em meu rosto.

— Vá para o inferno! — respondo.

Com o braço que está funcionando, agarro o braço de metal de Cinco e aqueço o Lúmen ao máximo. Seja qual for o metal em que Cinco se transformou, aposto que tem um ponto de fusão. Eu me pergunto se consigo derreter essa casca antes que ele faça o que planejou.

— Pare com isso, John! — grita Cinco, sacudindo-me.

— Você assassinou Oito, seu desgraçado!

Um vapor com um cheiro horrível sobe por entre meus dedos. O olho de Cinco se arregala um pouco, mas ele não me solta nem recua. Eu o estou ferindo e ele está aguentando.

— Seu idiota arrogante — dispara Cinco, e ergue o punho como se fosse me socar. Não sei se tenho forças para impedi-lo. Seu punho cerrado treme e ele parece pensar melhor. — Ouça, John! Se ferir Setrákus Ra, o dano será causado a Ella!

Deixo o calor do Lúmen diminuir um pouco. Minha mão está pegajosa por causa do metal derretido.

— O quê? Do que está falando?

— É um encantamento, como o que os Anciões colocaram em nós — diz Cinco. — Ele deu um jeito de distorcê-lo.

Apago por completo o Lúmen. Agora Cinco está tentando nos *ajudar*? Ele me tirou de cima de Setrákus Ra não para proteger seu Adorado Líder, mas para salvar Ella? Não sei o que pensar.

— Como quebramos o encantamento? — grito para ele. — Como o *matamos*?

— Não sei — responde Cinco, olhando por cima do ombro. Sua expressão volta a ficar sombria, e aquela fúria que vi quando estava a ponto de me socar volta de repente. — Maldito!

Cinco se afasta de mim e levanta voo. Fico de pé bem a tempo de ver Nove atacar Setrákus Ra. Ele segura um pedaço do palanque quebrado como uma lança.

— Nove! Não!

Nove não me ouve, talvez por estar ocupado demais sendo atacado por Cinco. Os dois batem nos destroços do palanque, lançando pedaços de madeira para todos os lados. Depois do impacto, parece que Cinco tenta levantar voo de novo, mas Nove agarra seu tornozelo.

— Aonde pensa que vai, gorducho? — grita Nove.

Ele se levanta, ainda segurando o tornozelo de Cinco, depois o gira com toda a força. Cinco agita os braços em uma tentativa inútil de ganhar impulso, mas Nove é mais forte. Ele bate o rosto de Cinco no asfalto. Pedaços de concreto voam por causa da força do impacto, e a cabeça de Cinco emite um tinido metálico. Noto que sua casca metálica volta à pele normal por um instante — o golpe deve doer o suficiente para ele ter dificuldade de se concentrar na Externa.

— Nove! Chega! — grito, saindo da pilha de madeira quebrada.

No momento em que Nove olha para mim, Cinco lhe dá um direto no queixo. Com um urro, Nove pula sobre ele e os dois caem juntos. Socam um ao outro em um emaranhado confuso de membros que perco de vista quando atravessam os painéis de vidro do prédio da Organização das Nações Unidas.

Não posso me preocupar com eles agora. Preciso chegar até Setrákus Ra.

Preciso salvar Ella. Não vou deixá-la ser levada outra vez.

Meu braço esquerdo pende inútil na lateral do corpo. Eu precisaria encaixar o ombro antes de poder me curar, mas não tenho tempo. Sacudo os flocos de metal presos à minha mão e prendo a adaga ao pulso do braço que está funcionando.

Terei que me virar com uma mão só.

Por incrível que pareça, Setrákus Ra não está nem um pouco interessado em ficar e lutar. Ele arrasta Ella pelos destroços em direção à nave em forma de pérola na qual chegaram. A aparência dela é muito semelhante à da visão que compartilhamos sobre Washington — como se tivessem lhe drenado algo essencial. Eu me pergunto o que fizeram com ela na nave de guerra.

Aconteça o que acontecer! Mate-o!, gritara Ella em minha mente. *Aconteça o que acontecer*. Cinco deve estar falando a verdade. Ella sabia quais seriam as consequências se eu apunhalasse Setrákus Ra, e as aceitou.

Não importa o que fizeram, os mogs não a destruíram. Ela ainda tinha energia suficiente para nos ajudar. Foi como o que aconteceu na base de Dulce. Ela atingiu Setrákus Ra com um pedaço brilhante de destroço e meus Legados voltaram na hora.

Finalmente me dou conta de que ela drenou os poderes de Setrákus Ra. E, a julgar pela maneira covarde como bateu em retirada, eles ainda não retornaram.

Talvez eu não tenha como matar Setrákus Ra, mas isso não quer dizer que não possa subjugá-lo. Quero ver se os mogadorianos invadem enquanto eu tiver seu Adorado Líder como refém.

Corro pelo palanque torto e quebrado, tentando interceptar Setrákus Ra antes que ele chegue à nave. Ella me vê e firma os calcanhares. Ela resiste a Ra, atrasando-o o suficiente. Vou chegar até ele.

— Setrákus Ra!

Droga. Agora não.

O líder mogadoriano nem sequer reconhece a presença da agente Walker, que chega até ele pelo outro lado. Será que ela espera que ele pare de andar? Ela e mais dois agentes conseguiram se desvencilhar da multidão apavorada e turbulenta. Sam está com eles. Param a alguns metros com as armas apontadas. Até Sam parece pronto para atirar — suas pálpebras estão semicerradas, e a boca, contraída em uma linha firme. Eu me lembro daquelas queimaduras de ácido em seus pulsos. Foram um presente de Setrákus Ra. Tenho certeza de que ele está pronto para retribuí-lo.

— Espere! — grito para Sam e Walker, mas é tarde demais.

Setrákus Ra vira a cabeça para os agentes e Sam como se fossem insetos irritantes que precisam ser esmagados. Com a mão livre, ele pega um chicote de três pontas escondido sob o uniforme rasgado. Antes que os ataque, os agentes e Sam abrem fogo.

Não acredito no que vou fazer.

Paro as balas no ar com a telecinesia. Não sei se teriam penetrado a armadura de Setrákus Ra, mas não posso correr o risco. Antes que Sam e os outros tenham a chance de perceber que erraram todos os tiros, eu empurro o grupo inteiro para trás com a telecinesia. Não uso força suficiente para machucá-los, apenas para jogá-los nos destroços do palanque destruído. Também é o suficiente para deixá-los fora do alcance do chicote de Setrákus Ra. Peço desculpas mais tarde.

Setrákus Ra não olha duas vezes para os agentes. A breve distração foi tudo de que precisava para chegar aos degraus de sua nave à frente. Ele os sobe aos

pulos, arrastando Ella atrás de si, e desaparece lá dentro.

Eu corro, determinado a não deixá-lo escapar. A nave começa a se erguer antes que a escada se recolha por completo dentro do casco liso.

Ainda posso pegá-los. Ainda posso detê-lo. Estou muito perto.

Pulo e consigo agarrar o último degrau com a mão boa.

A nave começa a subir enquanto os degraus se recolhem pela porta aberta. Eles me aproximam de Setrákus Ra e de Ella enquanto a nave levanta voo. Passo uma das pernas para cima, prendendo-me ao último degrau. Logo estamos a quase trinta metros do chão, cada vez mais perto da nave de guerra acima.

Os degraus se dobram como um acordeão para dentro de um painel na base da entrada da nave. Antes de ser esmagado pelo mecanismo, eu me solto do degrau que segurava e me jogo na direção da porta. Não é algo fácil de se fazer com apenas um braço. Acabo pendurado na borda da porta, começando a sentir o braço bom se distender. Minhas pernas pendem sobre o que agora é uma queda de sessenta metros.

Setrákus Ra para diante de mim. Seu chicote de três pontas paira sobre meu rosto, as extremidades cobertas de fogo crepitante. Duvido que ele pretenda me ajudar a subir.

Vejo um relance de Ella por entre as pernas dele. Está largada em um dos assentos do cockpit, parecendo sedada. Não vou conseguir nenhuma ajuda dela.

— John Smith, não é? — pergunta Setrákus Ra em tom casual. — Obrigado pela ajuda lá embaixo.

— Eu não estava tentando ajudar você.

— Mas mesmo assim ajudou. Esse é um dos motivos para eu deixá-lo viver.

Faço uma careta. Meus dedos escorregam um pouco. Preciso pensar em alguma estratégia logo. É difícil lançar uma bola de fogo com um braço deslocado enquanto uso o outro para me segurar com todas as forças. Vou ter que usar a telecinesia. Talvez se conseguir empurrá-lo para trás...

Sumiu. Minha telecinesia sumiu. Drenada, assim como antes.

Setrákus Ra sorri para mim. Seus Legados estão retornando. Eu falhei.

Ele se agacha para ficar diante de meu rosto.

— O outro motivo — sussurra ele. — É para que me veja *queimar* este planeta.

Setrákus Ra se levanta e agita o chicote para mim com indiferença. As três pontas atingem meu rosto. Sou imune ao fogo, mas, mesmo assim, três cortes se abrem em minha bochecha.

É o bastante para me fazer soltar. Caio.

Enquanto mergulho em direção ao rio lá embaixo, sinto meus Legados voltarem. Devo estar longe o bastante de Setrákus Ra. Projeto às pressas a

telecinesia para baixo, fazendo de tudo para desacelerar a queda.

Mesmo assim, caio com força no East River. É como levar um tapa no corpo inteiro. Água suja invade meus pulmões e, por um segundo apavorante, não sei para que lado fica a superfície, para que direção nadar. Consigo subir, engasgando, cuspindo e tentando nadar contra a corrente com apenas um braço. Acabo nadando de costas sem jeito, ofegando durante todo o percurso. Quando chego à margem, estou exausto, um pouco afastado do caos da ONU, cercado por todos os lados de lixo e peixes mortos.

— John! John! Você está bem?

É Sam. Ele se aproxima correndo pela lama. Deve ter me visto cair e me seguiu até aqui. Ele escorrega na sujeira perto de mim. Só consigo gemer como saudação. Acho que quebrei algumas costelas.

— Consegue se mover? — pergunta Sam, tocando com cuidado meu ombro ferido.

Assinto. Com sua ajuda, me levanto. Estou encharcado, machucado, com alguns ossos quebrados e três longos cortes no rosto. Não sei o que curar primeiro.

— Onde está Nove? — consigo perguntar.

— Eu o perdi na confusão — responde Sam com a voz falha. — Ele e Cinco estavam se *matando*. Walker e seu pessoal estão tentando evacuar os civis. Aquilo virou uma loucura. John, o que vamos fazer?

Abro a boca para responder, esperando que um plano me ocorra se eu começar a falar, mas uma explosão próxima me interrompe. O impacto é poderoso o bastante para fazer meus dentes baterem.

Olho para o céu bem a tempo de ver a nave de guerra mogadoriana abrir fogo contra Nova York.

CAPÍTULO

VINTE E NOVE

OS OLHOS DE Oito, brasas incandescentes de pura loralite, avaliam-nos um de cada vez. Fixam-se por um tempo maior em Adam — o bastante para fazer nosso aliado mogadoriano dar um passo para trás, nervoso. Assim como Marina, estou paralisada, olhando nosso amigo trazido a algum tipo de vida. Oito flutua sobre o poço do Santuário em uma coluna de intensa energia. Não, não só flutua na energia. A energia é parte dele.

Ou *daquilo*. Tenho certeza de que não é nosso amigo sarcástico e brincalhão flutuando ali. Seja o que for, sinto uma estranha afinidade pela entidade, quase como se a mesma energia que reanima Oito também fluísse por mim. É a mesma descarga elétrica que sinto me percorrer ao usar meus Legados. Talvez esteja olhando para a essência do que me torna loriena, do que me torna Garde.

Talvez esteja olhando para Lorien em si.

— Duas lorienas e um mogadoriano — diz enfim a entidade, depois de nos avaliar. Sua voz não se parece em nada com a de Oito. É como cem vozes falando ao mesmo tempo, todas em perfeita harmonia. As poças cintilantes de energia que antes eram os olhos de Oito pousam outra vez sobre Adam, e os lábios da entidade se contraem de curiosidade. — Só que não exatamente. Você é outra coisa. Algo novo.

— Hã, obrigado? — responde Adam, e dá outro passo para trás.

Marina pigarreia e se aproxima do poço. Seus olhos estão cheios de lágrimas. Ela estende a mão como se quisesse segurar as da entidade e ter certeza de que é real.

— Oito? É você? — É difícil ouvir sua voz por causa do pulsar rítmico sob o poço.

A entidade volta o olhar para Marina e franze a testa.

— Não. Sinto muito, minha filha. Seu amigo se foi.

Ela se curva, decepcionada. A coisa que ocupa o corpo de Oito estende a mão para reconfortá-la, mas a energia crepita entre eles e ela afasta a mão.

— Ele está comigo agora — diz a entidade em um tom tranquilizador. — Prestou um grande serviço ao me deixar falar através dele. Há muito tempo não tenho uma voz.

— Você é Lorien? — pergunto, conseguindo enfim falar. — É, tipo, o planeta?

A entidade reflete sobre minha pergunta. Através do tecido fino da camisa de

Oito, vejo o ferimento se iluminar. Brilha em azul-cobalto como o restante do corpo, todo preenchido pela energia. Está vazando dele.

— Sim, já fui chamada assim um dia — diz a entidade, apontando para os entalhes pelas paredes. — Em outros lugares, era chamada de outras coisas. E agora, neste planeta, serei chamado de algo novo.

— Você é um deus — diz Marina, ofegante.

— Não. Apenas *sou*.

Eu balanço a cabeça. Deus ou não, precisamos da ajuda dessa coisa. Não temos tempo para charadas. De repente, sinto-me cansada de pinturas rupestres, profecias e de gente reluzente.

— Sabe o que está acontecendo? — pergunto a Oito, Lorien, seja o que for. — Os mogadorianos estão invadindo o planeta.

Os olhos da entidade voltam-se outra vez para Adam.

— Nem todos eles, pelo visto.

Adam parece pouco à vontade. A entidade logo se vira. Ela olha para o teto e é como se aqueles olhos brilhantes conseguissem enxergar o lado de fora do templo. Como se pudessem ver tudo.

— Sim. Eles estão vindo — diz a entidade, com a voz ressonante parecendo refletir sobre a iminente invasão mogadoriana. — O líder deles me perseguiu por muito tempo. Seus Anciões previram a queda de Lorien e decidiram me proteger. Eles me esconderam aqui na esperança de que isso o atrasasse.

— Não deu muito certo — respondo.

Marina me dá uma cotovelada.

Devagar, os olhos da entidade voltam-se outra vez para o teto. Por um momento, sua expressão é de profunda tristeza.

— Tantos de meus filhos perdidos para sempre — reflete a entidade. — Imagino que agora vocês são os Anciões lóricos, se tal coisa ainda existir.

— Somos a Garde — digo, corrigindo a força divina de um bilhão de anos, porque chegamos até aqui, afinal de contas. — Nós viemos em busca de sua ajuda.

A entidade chega a rir.

— Isso não faz diferença para mim, filha. Anciões, Garde, Cêpan... essas são palavras que os lorienos escolheram para interpretar meus dons. Não precisa ser assim aqui. Não precisa ser de jeito *algum*. — A entidade faz uma pausa pensativa. — Quanto à ajuda, não sei o que posso oferecer, criança.

Mais confusão, mais charadas. Não que eu estivesse achando que a vinda ao Santuário seria como Nove brincou — que libertaríamos um enorme poder que eliminaria todos os mogadorianos. Mas esperava pelo menos encontrar algo que fosse capaz de *ajudar*. Nossos amigos podem estar morrendo agora na primeira

onda da invasão mogadoriana, e eu estou aqui embaixo batendo papo-furado com uma força imortal irritantemente misteriosa.

— Isso não serve — digo.

Frustrada, dou alguns passos em direção à entidade. Energia crepita a meu redor e sinto meu cabelo se arrepiar por causa da estática.

— Seis — sussurra Adam. — Tome cuidado.

Eu o ignoro, erguendo a voz para gritar com Lorien, a entidade toda-poderosa.

— Viemos de longe para acordar você! Perdemos amigos! Você precisa poder fazer *alguma coisa*. Ou não se importa se Setrákus Ra marchar sobre a Terra e destruir o planeta? Matar todos? Vai deixar isso acontecer *duas vezes*?

A entidade franze as sobrancelhas. Uma rachadura se abre na testa de Oito e começa a vazar energia por ali. Marina cobre a boca, mas consegue não gritar. É como se o corpo de Oito fosse oco por dentro e a energia o estivesse desfazendo aos poucos.

— Sinto muito, filha — diz Oito a Marina. — Esta forma não pode me conter por mais muito tempo.

Então a entidade volta-se para mim. Não há sinal de que minhas palavras a ofenderam ou que surtiram qualquer efeito. Sua voz é melódica e paciente como sempre.

— Não concordo com a destruição insensível da vida — explica a entidade. — Mas não escolho destinos. Não julgo. Se for o desejo do universo que eu deixe de existir, assim farei. Só existo para conceder meus dons àqueles que estão abertos a eles.

Abro os braços.

— Estou aberta. Vamos lá. Pode me dar Legados suficientes para destruir Setrákus Ra e sua frota e deixarei sua reluzente pessoa em paz.

A entidade sorri para mim. Mais rachaduras se formam nas costas das mãos de Oito. A energia está escapando.

— Não é assim que funciona — entoa ela.

— Então como funciona? — grito. — Diga o que a gente tem que fazer!

— Não há mais nada a fazer, filha. Vocês me acordaram e restauraram minha força. Agora pertenço à Terra, assim como meus dons.

— Mas como isso vai nos ajudar a vencer? — grito. — De que adiantou toda essa palhaçada?

A entidade me ignora. Acho que essa era toda a sabedoria que estava disposta a conceder. Então ela olha para Marina.

— Ele não vai ter muito tempo, filha.

— Quem? — responde ela, confusa.

Sem outra palavra, os olhos da entidade se fecham e o corpo de Oito começa a tremer. Para minha surpresa, a energia desaparece. As rachaduras nas costas das mãos param de brilhar e se fecham, assim como a que se abriu na testa. Após poucos segundos, a única coisa brilhante em Oito é o ferimento no coração. Ele flutua para fora da coluna de energia e acaba bem diante de Marina.

— Uau, oi — diz Oito, e quando fala é com a própria voz.

É ele. É mesmo ele.

Marina quase se dobra em um soluço deliciado. Mas logo se recompõe e segura Oito primeiro pelos ombros, depois pelas laterais do rosto. Ela o puxa para perto.

— Você está quente — diz ela, perplexa. — Você está tão quente.

Oito ri com tranquilidade. Ele coloca a mão sobre a de Marina e beija a lateral com delicadeza.

— Você também está quente — diz ele.

— Sinto muito, Oito. Sinto muito por não ter conseguido curar você.

Oito balança a cabeça.

— Pare, Marina. Está tudo bem. Você me trouxe até aqui. É... não consigo nem descrever. É *maravilhoso* lá.

Já vejo a energia se espalhando para fora do coração de Oito. Ela corre por seu corpo, abrindo fissuras nos braços e pernas. Ele não parece sentir dor. Só sorri para Marina e a olha como se tentasse memorizar seu rosto.

— Posso beijar você? — pergunta Marina.

— Eu adoraria.

Marina o beija, puxando-o para perto, apertando-o. Quando o faz, a energia se expande dentro de Oito e aos poucos seu corpo começa a se desfazer. É diferente de quando um mogadoriano se desintegra. É como se, por um instante, eu visse todas as células de seu corpo e a energia do poço que brilha entre cada uma delas. Uma por uma, as partes de Oito se dissolvem e ele se une à luz. Marina tenta se agarrar a ele, mas seus dedos atravessam a energia.

Então, ele some. A luz volta ao poço e recolhe-se para dentro da Terra. As batidas do coração que causamos ficam mais fracas. Ainda as ouço, mas só se prestar atenção. A câmara volta a ficar tranquila, iluminada apenas pelos reluzentes entalhes de loralite nas paredes. Sinto o ar fresco nas costas, viro-me e vejo que uma porta se abriu na parede. Ela leva a uma escadaria, iluminada pela luz do sol lá de fora.

Marina se apoia a mim em um pranto descontrolado. Eu a abraço com força e tento não chorar também. Adam nos observa com discrição e enxuga alguma coisa no canto do olho.

— É melhor a gente ir embora — diz Adam em voz baixa. — Os outros vão

precisar de nossa ajuda.

Assinto para ele. Eu me pergunto se conseguimos alguma coisa aqui embaixo. Foi lindo rever Oito, mesmo que por alguns segundos. Mas minha conversa com a entidade intergaláctica que nos concede os Legados não rendeu muitas respostas. Enquanto isso, o tempo que temos até a invasão mogadoriana começar está se esgotando, se é que já não se esgotou.

Marina aperta meu braço. Olho para ela.

— Eu vi, Seis — sussurra para mim. — Quando o beijei. Vi dentro da coisa... Lorien, a energia, seja lá como se chama.

— Tudo bem — digo, querendo ser delicada, mas sem saber se tenho tempo para isso. — E?

Marina sorri para mim.

— Está se espalhando, Seis. Pela Terra. Está se espalhando por *todo lugar*.

— O que isso significa? — pergunta Adam.

— Significa que não estamos mais sozinhos — diz Marina, enxugando o rosto e se endireitando.

CAPÍTULO

TRINTA

ARRANHA-CÉUS QUEIMAM.

Nós corremos.

A nave mogadoriana sobrevoa Nova York bombardeando os quarteirões indiscriminadamente com seus imensos canhões de energia. A nave de guerra já pôs para fora dezenas de naves de reconhecimento munidas de armas, que percorrem as avenidas, transportando guerreiros para terra firme, onde atiram em todos os civis que encontram.

Outras coisas também saíram da nave. Coisas furiosas e famintas. Ainda não vi nenhuma. Só ouvi seus uivos terríveis, mais altos que as explosões.

Pikens.

A cidade de Nova York está perdida, disso tenho certeza. Não há como impedir os mogadorianos a esta altura. Não sei como as outras cidades que as naves mogadorianas sobrevoavam estão se saindo. A rede de comunicações caiu em Nova York e meu telefone via satélite jaz no fundo do East River.

Tudo que podemos fazer é fugir. Como sempre fiz durante a vida inteira. Só que agora, infelizmente, há um milhão de pessoas fugindo comigo.

— Corram! — grito para qualquer um que encontramos. — Corram até não verem mais as naves! Sobrevivam, reagrupem-se e *lutaremos* contra eles!

Sam está comigo. Seu rosto está pálido e ele parece prestes a vomitar. Ele não viu o que os mogadorianos fizeram com Lorien. Passou por momentos difíceis conosco, mas nunca por nada assim. Acho que sempre acreditou que venceríamos. Nunca achou que este dia chegaria.

Eu o decepcionei.

Não sei onde estão Nove e Cinco. Nenhuma nova cicatriz surgiu em meu tornozelo, então ainda não se mataram.

Também me perdi de Walker. Ela e seus agentes estão por conta própria. Espero que consigam sobreviver. Se conseguirem, talvez sejam espertos o bastante para irem nos encontrar em Ashwood Estates.

Se é que Sam e eu conseguiremos chegar tão longe.

Corremos pelas ruas tomadas pela fumaça, desviando de carros capotados, subindo em pedaços caídos de prédios. Quando uma das naves de reconhecimento passa, nos enfiamos em becos ou nos escondemos em vãos de portas.

Eu poderia lutar. Com toda a raiva que estou sentindo, tenho certeza de que

conseguiria fazer um estrago. Poderia derrubar sozinho uma das naves de reconhecimento sem dificuldade.

Mas não estou sozinho.

Há cerca de vinte sobreviventes nos seguindo. Uma família que tirei com a telecinesia de uma varanda em chamas, dois policiais sujos de sangue que me viram matar um par de guerreiros mogs, um grupo que saiu do esconderijo em um restaurante quando acendi o Lúmen lá dentro, e ainda outros.

Não posso salvar a cidade inteira, mas farei o que puder. Isso significa não arrumar briga com os mogadorianos. Pelo menos não até conseguir levar estas pessoas para um lugar seguro.

Evito problemas sempre que posso. Não é sempre possível.

Passamos por um cruzamento onde fios de energia cortados estão caídos sobre a carcaça em chamas de um ônibus e encontramos uma dezena de guerreiros mogadorianos. Eles miram as armas em nós, mas os derrubo com uma bola de fogo antes que disparem. Os que não são incinerados de imediato levam tiros dos policiais que estão atrás de mim.

Olho por cima do ombro, assentindo para eles.

— Belos tiros.

— Conte conosco, John Smith — diz um deles.

Nem penso em perguntar como sabe meu nome.

Nosso grupo corre mais alguns quarteirões antes que eu seja atraído pelo som de gritos próximos. Virando a esquina, encontramos um casal jovem tentando escapar de um prédio em chamas pela escada de incêndio. Os parafusos parecem ter se desprendido da parede perto do telhado, e agora toda a escada pende como um dedo torto sobre a rua. Ainda a cinco andares de altura, o homem caiu pelo corrimão. A namorada tenta puxá-lo desesperadamente pela lateral.

O rosto de Sarah passa por minha mente. *Fique viva*, penso. *Sobreviva a isso, e ficaremos juntos*. Vou voltar para ela.

Corro para a escada de incêndio, segurando-a a distância com a telecinesia.

— Soltem-se! — grito para o casal. — Eu pego vocês!

— Está maluco? — responde o homem.

Nenhum de nós tem tempo para discutir, então projeto a telecinesia e arranco o casal da escada de incêndio. Quando os estou baixando, ouço passos pesados aproximando-se de mim.

— John! — grita Sam. — Cuidado!

Viro a cabeça. É um piken. A besta galopa em minha direção a toda velocidade com as mandíbulas cobertas de saliva e os dentes afiados como lâminas à mostra. Ouço gritos de meu grupo. Os policiais dão alguns tiros no monstro, mas nem sequer diminuem sua velocidade. Os outros têm o bom senso

de fugir do raivoso animal mogadoriano.

Só que a direção em que correm os coloca bem abaixo da escada de incêndio. Que, claro, escolhe este exato momento para se desprender por completo do prédio e começar a cair sobre a rua.

Ainda estou com o casal suspenso no ar, e agora também seguro a escada de incêndio com a telecinesia. Tento dividir o foco o suficiente para acender o Lúmen, mas é demais. Estou exausto, e isso é mais do que consigo aguentar.

O piken está quase me alcançando.

O rosto de Sarah me passa outra vez pela mente. Preciso tentar. Cerro os dentes e reúno mais forças.

Com um enorme *wush*, uma onda de força telecinética atinge o piken e o joga no ar. As pernas musculosas da besta se agitam freneticamente. Ele cai de costas em um sinal de trânsito e seu coração é empalado pelo pedestal.

Eu não fiz isso.

Coloco o casal no chão em segurança, jogo a escada de incêndio para o lado e me viro para o lugar de onde partiu a onda telecinética.

Sam me encara. Está imóvel. Suas mãos estão estendidas para a frente como se ele ainda não tivesse acabado de empurrar o piken. Lentamente, ele pisca. Sam olha para as próprias mãos, depois para mim.

— Minha nossa — diz ele. — Eu fiz isso?

Sobre o autor



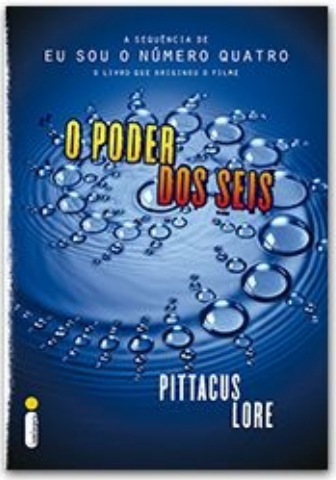
PITTACUS LORE é o Ancião a quem foi confiada a história dos lorienos. Passou os últimos anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

Conheça dos livros da série

OS LEGADOS DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro
Livro I



O poder dos Seis
Livro II

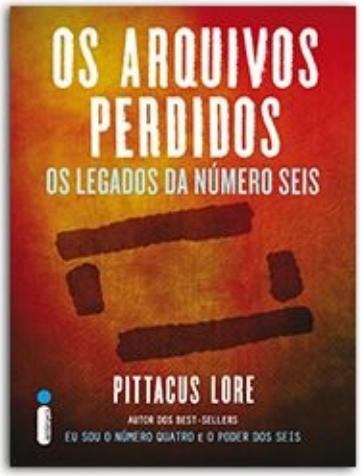


A ascenção dos Nove
Livro III



A queda dos Cinco
Livro IV

OS ARQUIVOS PERDIDOS



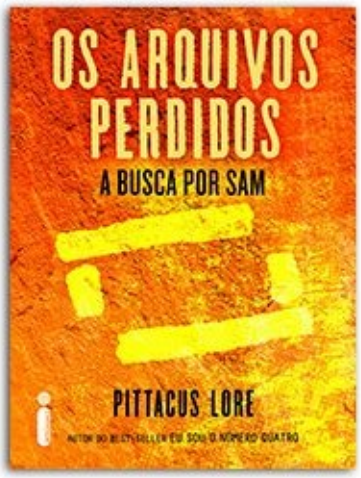
Os legados da Número Seis



Os legados do Número Nove



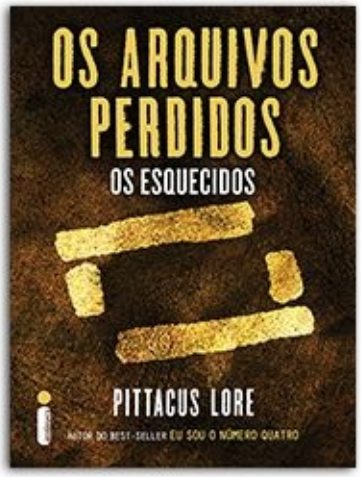
Os legados dos mortos



A busca por Sam



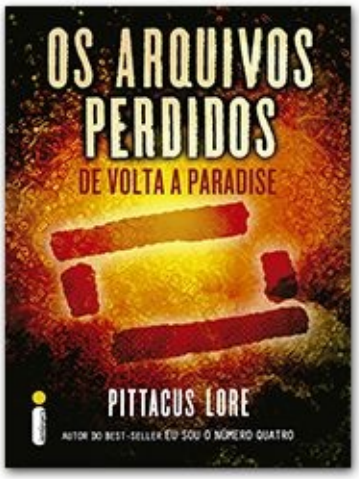
Os últimos dias de Lorien



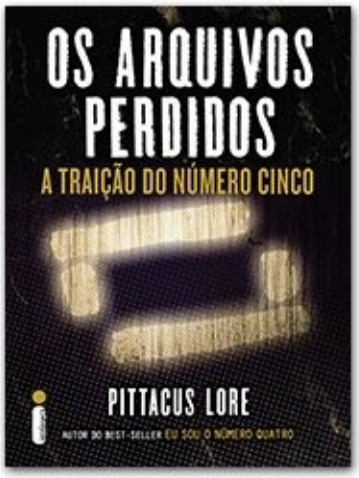
Os esquecidos



Os legados do Número Cinco

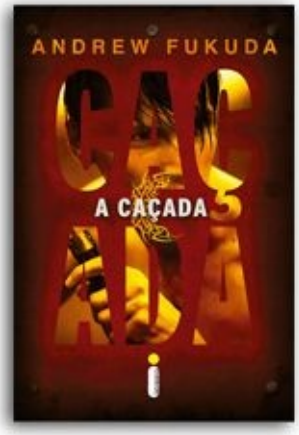


De volta a Paradise



A traição do Número Cinco

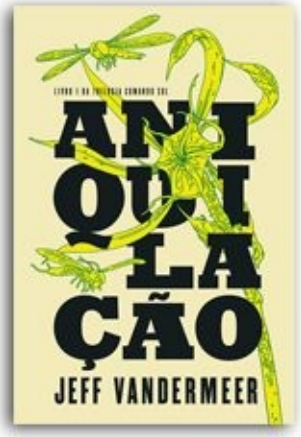
LEIA TAMBÉM



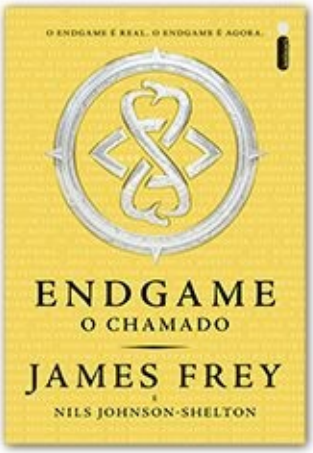
A caçada
Andrew Fukuda



Silo
Hugh Howey



Aniquilação
Jeff Vandermeer



Endgame: O chamado
James Frey & Nils Johnson-Shelton